



Elias Moraes

Contextualizando
KARDEC

Do século XIX ao XXI

 AEP HUS



Elias Moraes

Contextualizando
KARDEC

Do século XIX ao XXI

 AEP HUS

Elias Moraes

Contextualizando
KARDEC
Do século XIX ao XXI



Goiânia-GO
2020

Copyright © 2020 by Elias Inácio de Moraes

AEPHUS

Associação Espírita de Pesquisas
em Ciências Humanas e Sociais

aephusbrasil@gmail.com

Revisão

Italo Costa Dias

Capa

Júlia Costa Dias

CAPA E DIAGRAMAÇÃO

Juliano Pimenta Fagundes

CIP – Brasil – Catalogação na Fonte

Dartony Diocen T. Santos CRB-1 (1º Região)3294

M827 Moraes, Elias Inácio de. Contextualizando Kardec: do século XIX ao XXL / Elias Inácio de Moraes – Goiân

DIREITOS RESERVADOS

É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a autorização prévia e por escrito do autor. A violação dos Direitos Autorais (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

2020

As ideias religiosas, longe de perderem alguma coisa, se engrandecem, caminhando de par com a Ciência.¹

Allan Kardec

Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará.²

Allan Kardec

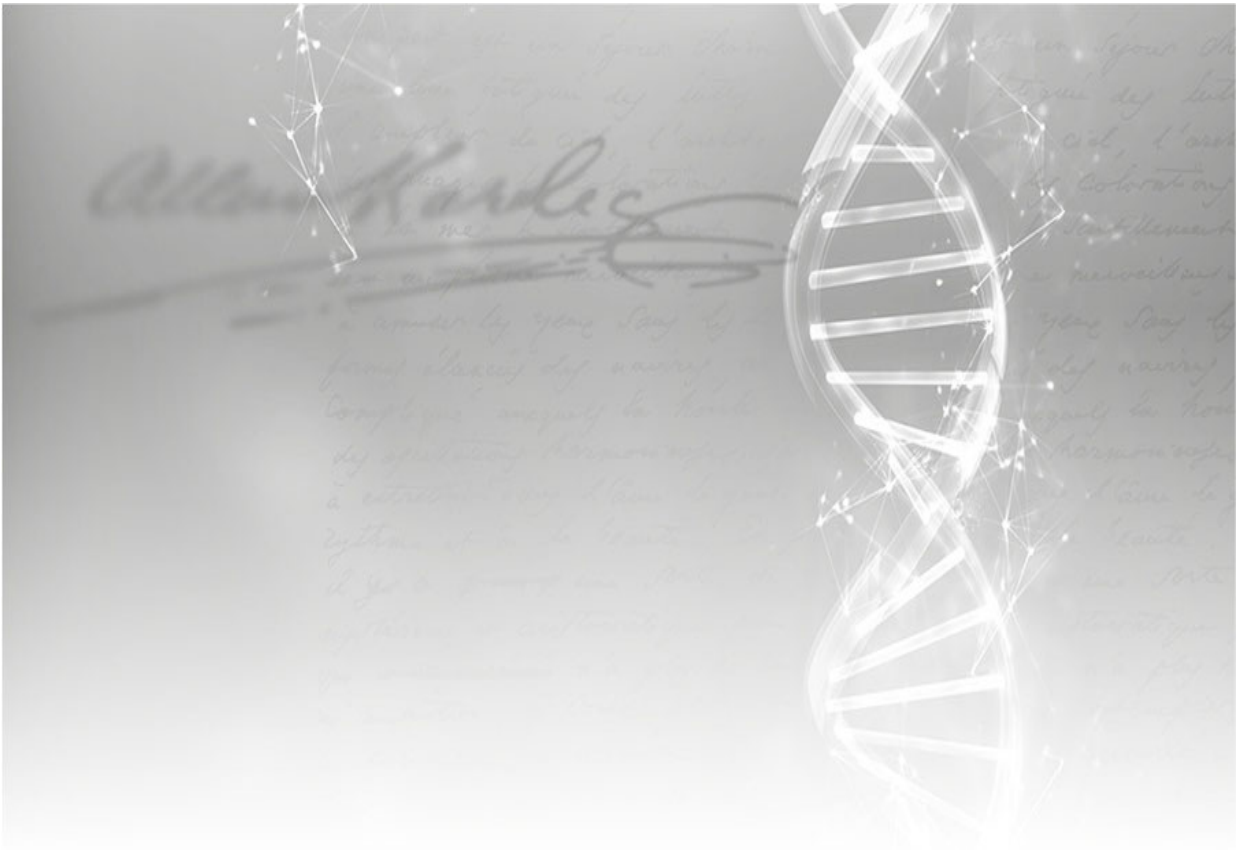
Se a Religião se nega a avançar com a Ciência, esta avançará sozinha.³

Allan Kardec

1. Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, questão 59. 54^a ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1981).

2. Idem. A Gênese, cap. I item 55. 26^a ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1984).

3. Ibidem, cap. 4 item 9.



Apresentação

Passados mais de cento e sessenta anos da primeira publicação sob o pseudônimo de Alan Kardec, é possível constatar que o Movimento Espírita ganhou solidez; muitas palavras, no campo semântico, incorporaram-se à cultura de diversas sociedades. Nessa perspectiva, é inegável que o pensamento como tal, bem como um determinado acontecimento, se dê inserido em um contexto cultural, e qualquer admissão contrária a isso, inevitavelmente, incorreria em um idealismo, seria uma tentativa de abstração que contraria os processos históricos de construção do próprio pensamento no contexto social.

É nesse sentido que temos o prazer de apresentar a produção literária de nosso amigo Elias Moraes, intitulada Contextualizando Kardec: do século XIX ao XXI que, com reconhecido esforço, promoveu um significativo levantamento histórico e flexionou diversas análises no campo sociológico, filosófico e epistemológico das ciências, colocando em relevo vários elementos que foram sólidos contributos à composição identitária de Allan Kardec. Desta feita, reforçamos um slogan muito utilizado atualmente pelo Movimento Espírita: é preciso retornar à Kardec. Essa retomada possui forças basilares, pois seria a promoção da reflexão crítica, na tentativa de desatrelar-se das ideologias; admitir os elementos como passíveis de análise e observação; resgate do exercício filosófico, capaz de colocar em cheque até mesmo as próprias construções teóricas; enfim, promover a abertura reflexiva.

Tendo por base o que já foi afirmado sobre o processo cultural e mediante a mais simples reflexão, não há como negar que o Espiritismo, enquanto movimento, pouco a pouco, se amalgamou aos mais diversos contextos culturais. Uma das mais evidentes constatações sobre isto se verifica no fato de que o Movimento Espírita não é unívoco nas suas compreensões e manifestações dentro de nossa sociedade brasileira, o que dirá pelo mundo afora. Mas é importante que algumas questões sejam postas, a fim de que não se incorra em injustas interpretações mediante o tribunal da “inquisição dogmática”. Tais afirmações significam que Kardec está ultrapassado? Essas afirmações pretendem afirmar que Kardec cometeu equívocos e, por derivação, a teoria é falha? A presente obra tem por objetivo promover uma crítica à figura de Allan Kardec? Que estas interrogações sejam lidas com toda a sua tônica, a fim de que estas questões retóricas não sejam pervertidas em frases de exclamação!

Aos leitores que, porventura, tragam qualquer receio com relação a isso, já adiantamos que a presente obra não tem tal finalidade, mas também exortamos para que “retornemos a Kardec”, pois tais análises não coadunam com construções dogmáticas e demandará abertura reflexiva.

Com toda tranquilidade do leitor crítico que fomos, a presente obra faz justiça a Kardec, valorizando sua humanidade, sua constituição histórico-cultural, retirando o peso colocado pela tradição da cristandade ocidental sob a figura do emérito professor de Lyon que, pela força e intencionalidade de

um movimento que buscava e busca o seu reconhecimento frente à sociedade, erigiu um mito. Nesse sentido, é importante afirmar que, quando uma determinada personalidade se vê subsumida pela representação mítica em que se tornou, em bem pouco tempo é possível registrar as apropriações que são impostas a esta representação, sufocando o espírito reflexivo e, no caso específico de Kardec, desrespeitando todo seu esforço para que o exercício filosófico se desse em grande medida. É injusto, e até mesmo absurdo, exigir que uma pessoa promovesse reflexões que estavam além de seu contexto histórico, pois isto seria demonstração da negação dos belos traços de humanidade. Para tanto, este é um dos esforços promovidos por esta obra, o de possibilitar uma reflexão histórica, contextualizando Kardec. No esforço de fidelidade a este objetivo, o presente trabalho está repleto de digressões, recortes, referências bibliográficas e livres reflexões em que você leitor(a) será convidado(a) a emitir sua opinião e inferências.

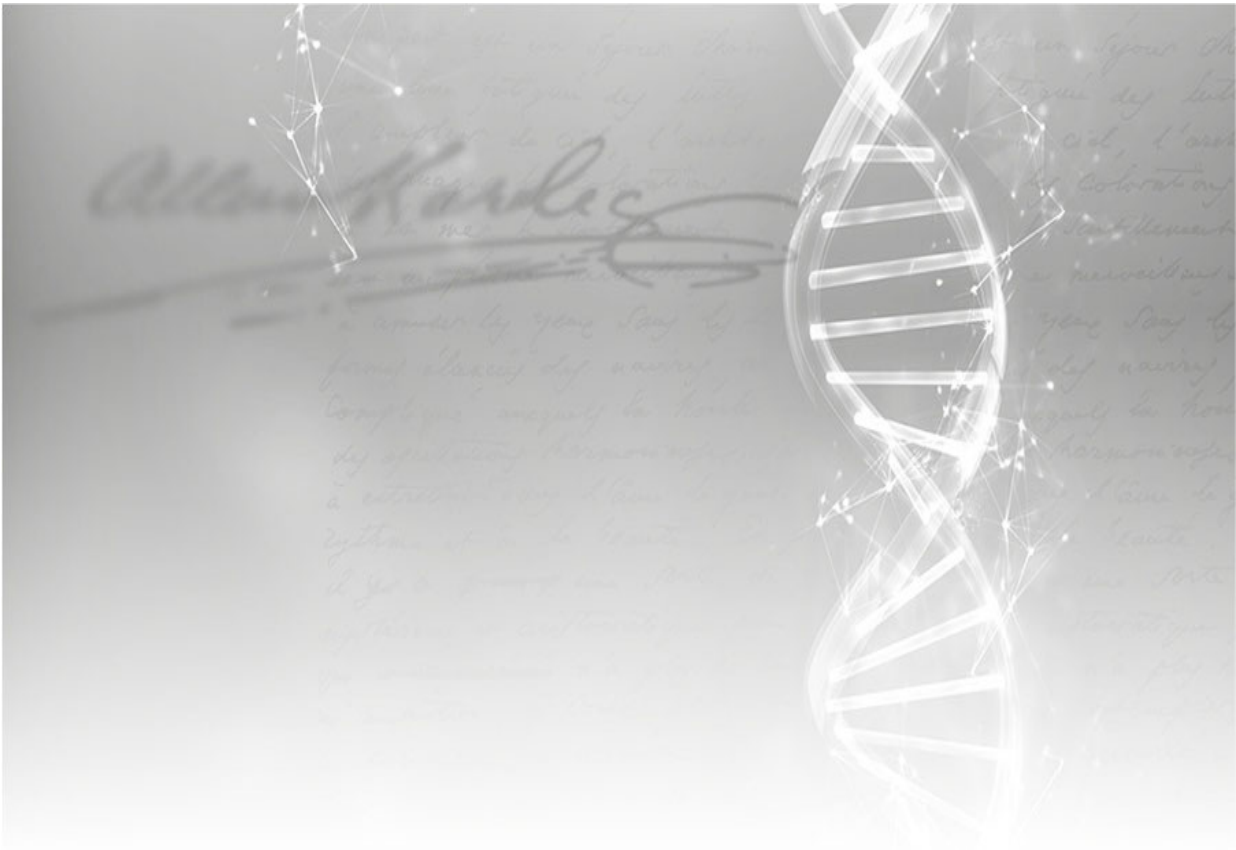
É neste cenário histórico do século XXI, em que os auspícios da razão, por vezes, se veem ofuscados por posturas dogmáticas que teimam vigorar, pelo fato de já se perceberem insólitos e sem sustentação, que a AEPHUS - Associação Espírita de Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais apresenta esta obra, somada a outros exercícios de abertura reflexiva, como alvissareira da “era de regeneração” que, sintomaticamente, se dará no coração da humanidade, em relações sincrônicas às construções de uma sociedade alicerçada na justiça, na paz e nos princípios humanitários.

Desejamos a todos e todas uma boa leitura e boas reflexões!

Saúde e paz!

AEPHUS

Associação de Estudos e Pesquisas em Ciências Humanas e Sociais



Agradecimentos

São tantos os nomes que deveriam constar desta relação...

Primeiro devo agradecer aos meus filhos Taciano, Thaís, Larissa e Danilo, e aos meus genros e noras que, nos momentos do nosso Culto do Evangelho no Lar, traziam seus questionamentos, dúvidas acadêmicas e provocações ao estudo que fazíamos de O Livro dos Espíritos e de O Evangelho Segundo o Espiritismo. Foi primeiramente ali, entre cânticos e orações, que se ampliaram as minhas questões a limites que eu nunca poderia imaginar...

À Iracilda, minha esposa, pela cumplicidade na estruturação do ambiente doméstico e pela renúncia, apoio e espírito crítico na avaliação de vários destes textos, ao longo de uns bons anos...

Aos amigos Luís Signates, Ângela Moraes, Sandro Henrique, Laísa Emanuelle e José Mota, pelo cuidado e esmero na análise de todo o texto, nas críticas muito bem fundamentadas e pelo estímulo e voto de confiança que me serviram de contraponto...

Ao Norton, meu quase irmão, pela paciência e dedicação ao analisar cada parte que trata da Física, terreno tão movediço no qual às vezes precisei pisar... Ao Alexandre, pelas correções ao capítulo sobre Kardec e Darwin... Ao Dezir Vêncio, pelas contraposições em relação ao “magnetismo”...

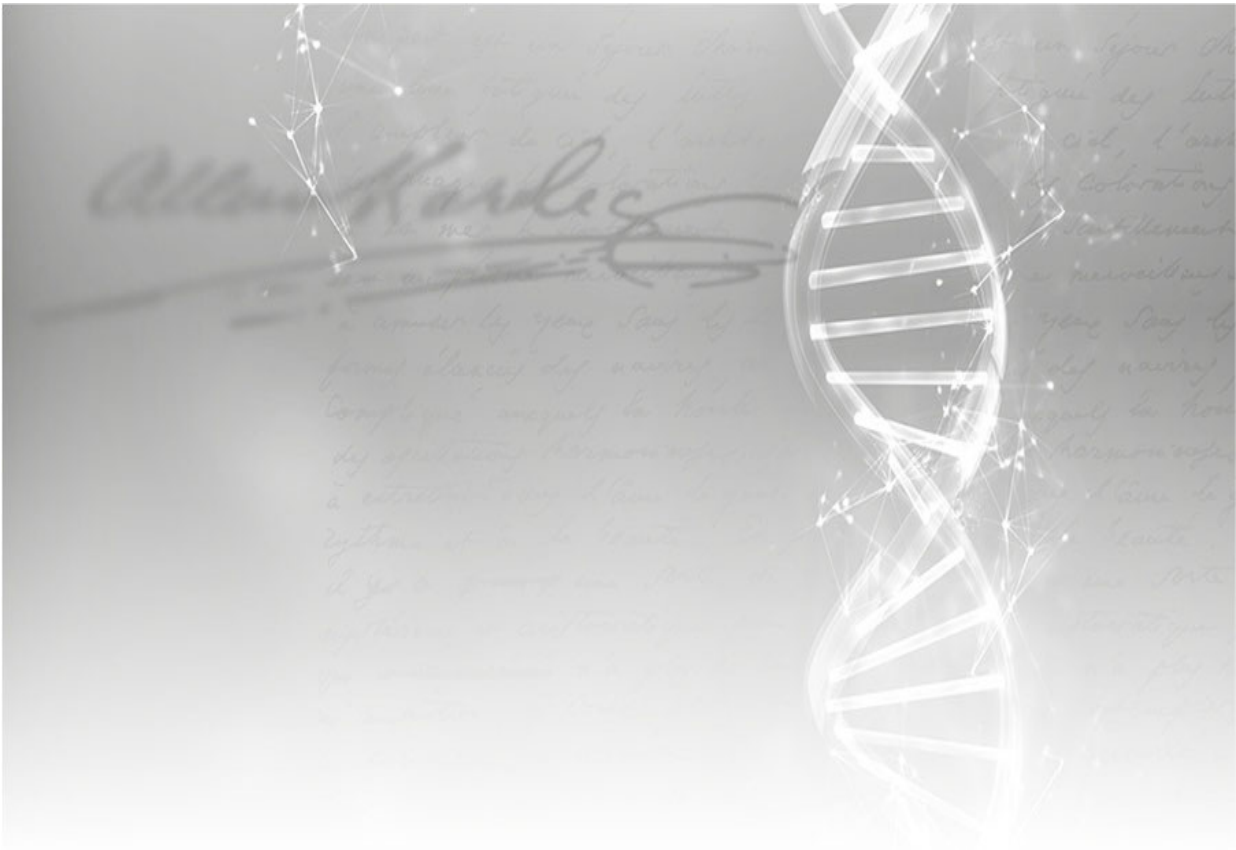
Aos espíritos amigos que, com certeza, estão envolvidos, talvez desde muito tempo, neste projeto... a estes, além de agradecer profundamente, peço desculpas pelas inúmeras falhas que sei que este trabalho apresenta, e que são devidas às minhas limitações. Fiz o melhor que consegui para lhes servir de intérprete fiel nesta oportunidade, e prometo me empenhar ainda mais nas futuras.¹

1. Taciano é hoje cientista da computação com mestrado em Gestão de Projetos de TI; Thaís é Terapeuta Natural e Raizeira, com graduação em Educação Física; Larissa é socióloga com mestrado em Diversidade e Direitos Humanos; Danilo é graduado em Direito e funcionário público do Estado de Goiás. Iracilda Messias, minha esposa, é Pedagoga, e se dedicou por décadas à formação de crianças em situação de vulnerabilidade social. Quanto aos demais amigos, trato-os de maneira íntima pelo carinho que lhes dedico, mas acrescento, a seguir, algumas informações adicionais em respeito à sua formação acadêmica e à sua atuação espírita:

- Luís Antônio Signates, Pós-doutor em Epistemologia da Comunicação, professor da UFG e da PUC/GO e consultor da Aephus – Associação Espírita de Pesquisas em Ciências Humanas e Sociais.
- Ângela Teixeira de Moraes, Pós-doutora em Comunicação, professora da UFG e fundadora da Aephus – Associação Espírita de Pesquisas em

Ciências Humanas e Sociais.

- Sandro Henrique Ribeiro, Doutor em Sociologia, professor do IFG e Diretor Geral da Aephus – Associação Espírita de Pesquisas em Ciências Humanas e Sociais.
- Laísa Emmanuelle de Oliveira Santos, Mestre em Teoria e Filosofia do Direito, advogada e médium espiritualista.
- José da Costa Mota, professor aposentado da UFG e colaborador atuante do movimento espírita, atualmente no Grupo Espírita Fraternidade.
- Norton Gomes de Souza, Pós-doutor em Teoria Quântica de Campos, professor da UFG e pesquisador em teletransporte de estados quânticos.
- Alexandre Soares é biólogo do Museu Nacional dedicado ao estudo do universo dos Lepidóptera, ordem de insetos que incorpora as Borboletas e Mariposas.
- Dezir Vêncio é médico aposentado e um estudioso praticante do “magnetismo” nos moldes dos sucessores de Mesmer, atuando como voluntário em atividades de assistência a pessoas enfermas.



Justificativa

Este projeto atende a um sentimento antigo. Desde os tempos de Mocidade Espírita da FEEGO que, coordenando estudos dos livros de Kardec, surgia uma ou outra indagação relacionada às questões atuais para a qual eu não tinha a resposta devida. Havia uma amiga que defendia que em O Livro dos Espíritos se encontravam respostas para todas as questões, e ela conseguia quase sempre encontrar uma questão que, de fato, respondia à pergunta formulada. Muitas vezes a resposta encontrada era digna de um livro de sabedoria, por se dizer universal, com uma aplicação que transcendia os limites do espaço e do tempo. Mas em alguns casos me parecia que as

respostas que ela encontrava não eram tão pertinentes; faltava algo, uma explicação mais adequada à realidade que se tentava compreender.

Várias vezes, enquanto acadêmico do curso de Física na UFG e ao mesmo tempo coordenador de estudos da obra kardequiana, senti-me embaraçado diante de uma ou outra abordagem por perceber algum descompasso entre o texto de Kardec e o que eu estudava na universidade. De outras vezes, quando externalizava essas dúvidas no meio espírita, era tido como questionador, descrente ou “revisionista”. Um amigo, espírita dedicado, chegou a me questionar certa feita se eu era fiel a Kardec; achei a pergunta curiosa, e fiquei me perguntando durante muito tempo o que poderia significar ser fiel a Kardec.

Em certa ocasião, realizando palestra em uma casa espírita de Goiânia, assisti ao comentário inicial feito por um dos trabalhadores da instituição que discorria sobre o cap. VI do livro A Gênese, de Allan Kardec. Ele lia o item 2 e, empolgado, acrescentava seus comentários pessoais explicando como teria ocorrido a criação e o “impulso inicial”. Ocorre que aquela ideia, fundamentada na Astronomia do século XIX, havia cedido espaço para a teoria do Big Bang desde a descoberta de Hubble a respeito do movimento das galáxias, cuja existência sequer era conhecida até então. Como naquela casa espírita não havia espaço para diálogo ou perguntas a respeito do conteúdo da palestra, ficou o dito pelo não dito.

Várias vezes senti essa sensação de estranhamento diante de um ou outro comentário a respeito de uma ou outra questão, e que parecia não fazer muito sentido à luz do que é entendido hoje no meio científico. Um caso marcante se deu em um estudo inicial realizado em uma grande instituição a respeito da questão 51 de O Livro dos Espíritos, que trata da época em que teria vivido Adão. O comentarista, fiel à resposta do espírito, falou de Adão como sendo alguém que teria existido por volta de 4.000 anos antes de Cristo, sem atentar que o próprio Kardec havia questionado essa posição, e que oito anos mais tarde, no item 16 do capítulo XII de A Gênese, ele mesmo havia considerado que esse personagem poderia representar não mais que um mito da tradição judaica.

Naquela ocasião eu já havia tido o insight de fazer um estudo aprofundado de toda a obra de Kardec visando compreender melhor os motivos pelos

quais algumas abordagens pareciam contraditórias e outras, pelo menos ao meu olhar, um tanto inconsistentes. Uma mudança de estilo de vida, que incluiu a realização de um mestrado em Sociologia e uma guinada na vida profissional, me proporcionaram as condições adequadas para, ao longo da última década, promover uma releitura cuidadosa da obra de Kardec, da época em que ele a produziu, dos conhecimentos então vigentes no campo científico-filosófico, bem como dos desdobramentos que algumas das ideias ali contidas sofreram ao longo dos últimos cento e sessenta anos.

Mais recentemente, um projeto da Federação Espírita do Estado de Goiás me forneceu o elemento que me faltava, que era a proposta de “estudar Kardec pelo método de Kardec”. Essa expressão me fez vislumbrar o sentido lógico de se analisar racionalmente o trabalho de Kardec a partir do seu próprio método, relacionando sua produção literária com os conhecimentos científicos atualmente vigentes. Embora não exista uma descrição detalhada do seu método de pesquisa, pistas muito consistentes podem ser encontradas na introdução de O Livro dos Espíritos, em algumas partes esparsas de O Livro dos Médiuns, na introdução de O Evangelho Segundo o Espiritismo, além de uma aplicação muito criteriosa nos livros O Céu e o Inferno, A Gênese e nas edições mensais da Revista Espírita.

Este estudo parte do entendimento de que a obra de Allan Kardec é revolucionária pela sua proposta e pelo seu método, na medida em que inaugura uma nova forma de ver a espiritualidade como um movimento que parte da filosofia e da ciência, agregando a estas o enfoque espiritual. Nela Kardec materializa o conceito kantiano de fé racional e estabelece que “fé inabalável é somente aquela que pode encarar a razão frente a frente, em todas as épocas da humanidade”.

Este estudo não tem o propósito de sacralizar a obra de Kardec e nem de defendê-la dos seus críticos, pois que a obra de Kardec fala por si só e não precisa nem de defensores e nem de bajuladores. O que se pretende é aplicar a orientação do próprio autor no sentido de dar continuidade aos seus estudos, identificando as novas explicações trazidas ao mundo pelos homens da ciência e da filosofia, bem como as novas informações trazidas pelos espíritos que continuam se comunicando pelos mais variados médiuns, sobretudo no Brasil, procurando manter vivo o diálogo entre o Espiritismo e a ciência de hoje.

Para isso se faz necessário compreender a obra kardequiana no seu tempo e no seu contexto, entendendo que, como homem de ciência, Kardec nada tinha de dogmático, aberto que era à reflexão e à discussão das questões da sua época. Todo o seu esforço se constituiu em ancorar o impulso humano de espiritualidade na ciência e na filosofia, que para ele se constituíam a única base sólida para a religião. Ao longo de toda a sua obra ele deixa claro que não estava apresentando uma verdade final, mas lançando as bases de uma nova forma de encarar a vida humana na Terra. Novos estudos e novas análises lhe seriam agregados ao longo do tempo por aqueles que o sucederiam.

Não é uma empreitada fácil e nem tem como ser realizada por uma única pessoa, uma vez que a obra kardequiana, assim como a extensa literatura científica e mediúnica produzida em seguida, envolve uma amplitude de conhecimentos que é inacessível hoje a qualquer pesquisador individual. Por envolver as mais diversas áreas do conhecimento humano, hoje tão diversificado, esse trabalho precisa ser coletivo. Portanto, este livro representa apenas um passo inicial; outros estudantes e pesquisadores do Espiritismo, com certeza, oferecerão a sua contribuição, seja mediante novos estudos, seja mediante críticas a este trabalho.

Com este estudo pretendo contribuir para manter o caráter progressivo do Espiritismo, conforme idealizado por Allan Kardec, ajudando a manter viva a sua relevante contribuição para o pensamento humano, em clima de perfeita aliança entre ciência e religião, por ele consideradas como “as duas alavancas da inteligência humana”.

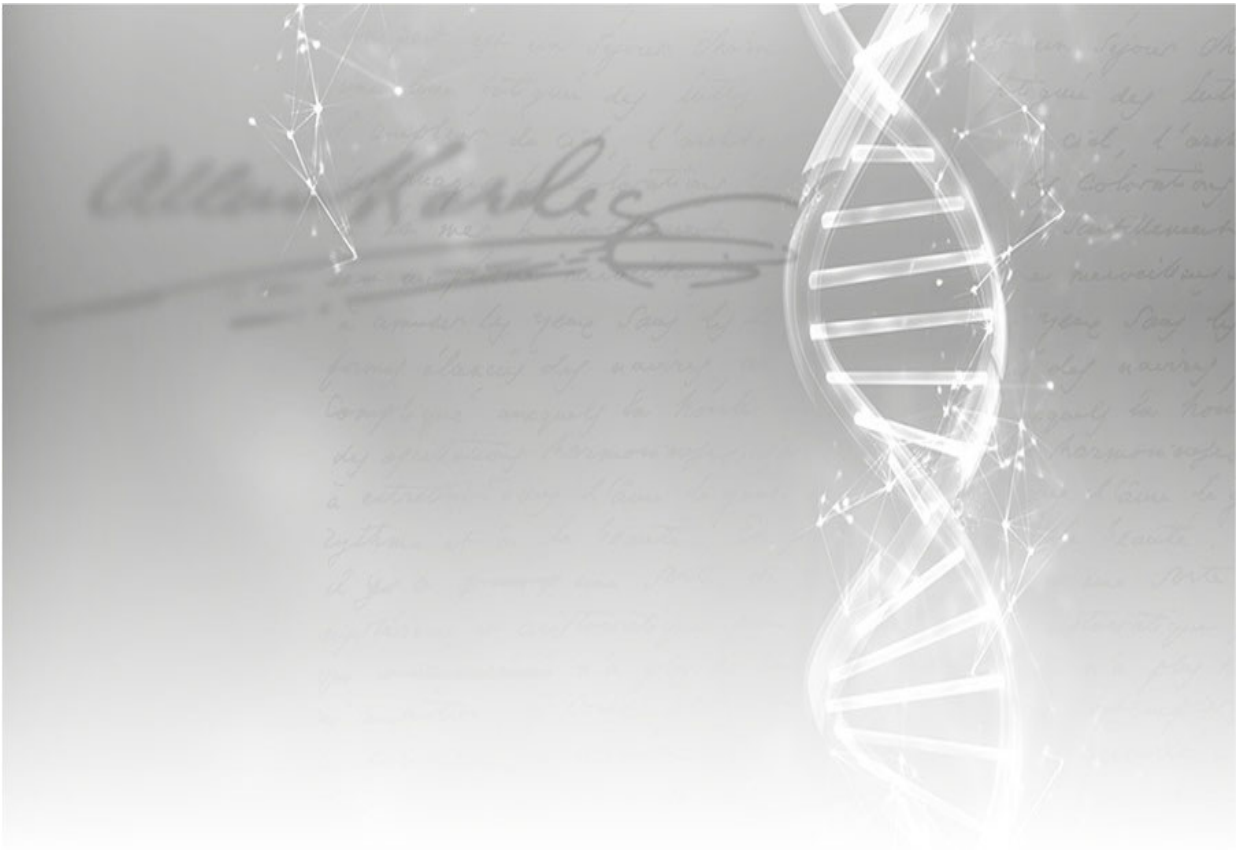
Se fossem a negação uma da outra, uma necessariamente estaria em erro e a outra com a verdade, porquanto Deus não pode pretender a destruição de sua própria obra. A incompatibilidade que se julgou existir entre essas duas ordens de ideias provém apenas de uma observação defeituosa e de excesso de exclusivismo, de um lado e de outro. Daí um conflito que deu origem à incredulidade e à intolerância.¹

O objetivo é colaborar para que o Espiritismo se mantenha em perfeita sintonia com os extraordinários avanços que se deram nas dezesseis décadas que nos separam da sua origem, de modo a manter um diálogo proveitoso com a ciência de hoje, porque, sem essa sintonia, perdem ambos, a ciência e o Espiritismo. A ciência, porque, sem uma compreensão da realidade espiritual, ela continuará presa aos estreitos limites da matéria, mantendo o vazio da falta de espiritualidade em muitas construções teóricas onde esse elemento pode possibilitar uma ampliação do olhar sobre os casos em estudo; e o Espiritismo porque, sem a ciência, ele corre o risco de submergir no fanatismo religioso.

O grande propósito de Allan Kardec, ao estruturar o Espiritismo, consistia em unir espiritualidade e razão a partir de uma racionalidade crítica que era a tradução do espírito da sua época. Seu corpo doutrinário estabelecia as bases para uma nova sociedade pautada por uma ética que levava em conta a realidade do espírito. Deste modo descortinava ele “uma nova era na humanidade” em que a ciência e a religião, “marchando combinadas, se prestarão mútuo concurso”, fundando as bases para um mundo melhor e mais feliz.²

1. Kardec, Allan. O Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. I item 8. 86^a ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (2011).

2. Kardec, Allan. O Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. I item 8. 86^a ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (2011).



Introdução

Toda literatura expressa significados inerentes ao seu tempo e ao contexto em que foi produzida. Para que ela seja devidamente apreciada em outro momento histórico é necessário que ela seja contextualizada, sem o que pode não ser adequadamente compreendida.

É o que se dá com os escritos de Platão e de qualquer outro pensador da história antiga, ou com os salmos de Davi ou de Salomão. A “sabedoria” neles contida só faz sentido se for considerada a partir do contexto no qual eles foram elaborados. Ninguém hoje, em sã consciência, tentaria justificar o modelo social da Grécia antiga, que excluía da cidadania as mulheres, os

escravos e as pessoas pobres; ou celebraria a matança dos inimigos, como se vê no livro dos Salmos, que é uma coletânea de poemas de louvor espiritual de um tempo em que se guerreava em nome de Deus. Foi assim também com a literatura produzida em torno da vida e dos ensinamentos de Jesus, e que Kardec contextualizou de maneira brilhante para a atualidade, enfatizando o seu ensinamento ético-moral.

Com a obra produzida por Allan Kardec não poderia ser diferente.¹

Houve um tempo em que a Igreja Católica, visando estabelecer a sua autoridade, procurava controlar a ciência através dos conteúdos da Bíblia, até então considerada “sagrada”. Esse tempo foi rompido com o Iluminismo e a Igreja perdeu o seu poder. Seria um equívoco sem tamanho tentar controlar hoje a ciência pelo que ensinam os espíritos.

Talvez este estudo nem fosse necessário, uma vez que a contextualização da obra de Allan Kardec já acontece todos os dias nas apresentações feitas pelos palestrantes, facilitadores ou monitores de cursos das instituições espíritas, que sempre agregam às suas explicações o seu conhecimento dentro da sua especialidade, da sua formação acadêmica. Entretanto, falta materializar na forma de texto um pouco desses conteúdos, ampliando o diálogo de maneira aberta, não dogmática, e identificando os conceitos e entendimentos cuja mudança ao longo do tempo são mais evidentes.

Diversos estudos apontam as influências decorrentes do simples fato de Kardec – ou o professor Hippolyte Léon – ter nascido, vivido e produzido sua obra durante o século XIX, um período de profundas transformações no conhecimento humano, marcado pelo Iluminismo, com toda a revolução científica e filosófica dele decorrente, e pela modernidade inspirada na razão, considerada à época como uma revolução no modo de se chegar ao conhecimento, que agora se daria mediante a “ciência positiva”. E mais, durante um período de forte turbulência social e política na Europa, especialmente na França e em Paris, que foram palco da Revolução Francesa, do império napoleônico e de diversas guerras civis na tentativa de implantar os princípios da república, entendida então como uma importante conquista civilizatória. Kardec escreveu seu último livro, A Gênese, quando já era iminente a derrocada da ditadura de Napoleão III e a instauração definitiva do regime republicano. Ao ler o último capítulo desse livro é

possível estabelecer uma interessante correlação entre o texto e o clima reinante naquele momento em que se avizinhavam essas ocorrências.

Torna-se mais fácil compreender certas questões de O livro dos Espíritos ou algumas abordagens das demais obras quando se leva em conta as transformações políticas, sociais e econômicas que estavam ocorrendo naquele período. Um bom exemplo é a questão 744, que trata da necessidade da guerra; a resposta faz muito mais sentido quando se percebe o contexto político da França naquele momento histórico. É também um tanto esclarecedor observar que foi na segunda metade do século XIX que se deu a consolidação do atual conceito de ciência, com o surgimento de várias especialidades, como a Sociologia, a Psicologia e a Antropologia, só definitivamente estabelecidas ao longo do século XX. Deu-se também naquela época uma melhor definição do campo de estudo da filosofia, bem como uma inteira reformulação do significado da religião.

Do mesmo modo, é interessante considerar as transformações tecnológicas e sociais vividas em decorrência da Revolução Industrial iniciada no século XVIII, no bojo da qual Kardec estava inteiramente inserido. Mais ainda as que vieram em seguida, a saber, a Revolução das Comunicações, já no século XX, seguida da Revolução Digital na transição para o século XXI e, por último, o que tem sido chamado de Quarta Revolução Industrial, que inaugura uma nova era baseada no uso em larga escala dos robôs autônomos e da Inteligência Artificial. Ignorar essas variáveis é condenar o Espiritismo a manter-se alheio às questões que surgem no século XXI e mantê-lo limitado ao contexto filosófico e científico da França do século XIX.

Proponho aqui um exercício de imaginação: admitamos que Kardec tivesse rompido todas as barreiras à longevidade e que estivesse ainda entre nós com seu vigor habitual, sua sagacidade, sua enorme capacidade produtiva, publicando todos os meses a Revista Espírita; que novos assuntos estaria ele explorando atualmente? Que outras abordagens da filosofia e da ciência teria ele incorporado aos seus estudos? Que posições estaria ele assumindo hoje, diante das novas questões trazidas pela sociedade cada vez mais complexa dos nossos dias? Que novas questões ele submeteria hoje aos espíritos, e de que maneira, nesse novo mundo interconectado dentro do qual nos situamos?

As mudanças que ele mesmo realizou ao longo da sua obra falam da sua enorme capacidade de adaptação, da sua flexibilidade e do seu destemor em mudar. A simples transformação de O Livro dos Espíritos, de um pequeno livro com 501 questões, na primeira edição, para um extenso volume com 1019 perguntas e respostas, ou a rápida mudança do título da Imitação do Evangelho para O Evangelho Segundo o Espiritismo, são testemunhas eloquentes do que ele entendia como progressividade da doutrina. A radical mudança de abordagem a respeito de Adão em O Livro dos Espíritos, em 1860, para A Gênese, em 1868, também fala desse mesmo espírito progressista, em constante atualização.

Isto posto, é de se pensar: como Kardec procederia, hoje, em relação aos novos desdobramentos trazidos pela teoria da relatividade de Einstein e pela Física quântica? Como ele se situaria em relação aos seus contemporâneos, como Charles Darwin, a cujos estudos tudo leva a crer que ele não teve acesso? O que ele analisaria nos domínios da Genética, que só conseguiu se afirmar trinta anos depois do seu falecimento? No seu tempo apenas estavam consolidadas a Medicina, o Direito e as Ciências Naturais, que englobavam a Física matemática, a Química e a Geologia. Como ele integraria ao Espiritismo os novos conhecimentos e as novas formas de ver o homem e o mundo trazidos por áreas que só se consolidaram um pouco mais tarde, como a Psicologia, a Antropologia, a Sociologia e a Ciência Política? Como ele aproveitaria hoje as contribuições de médiuns extraordinários que enriqueceram as prateleiras das livrarias nas últimas décadas com centenas de romances e uma leva de tratados de autoria de outros espíritos que não mais aqueles por ele entrevistados?

Chego a imaginar, neste mundo online, as análises contidas na Revista Espírita se expandindo agora para novas temáticas, transcendendo os limites da cultura europeia e contemplando a religiosidade da Índia, da China, as tradições xamânicas dos Celtas, da África e das Américas. Imagino Kardec analisando as questões econômicas e geopolíticas que se colocam como pano de fundo dos conflitos internacionais, as disputas ideológicas da atualidade, as transformações culturais experimentadas por todos os povos nessa nova era de conectividade globalizada e de manipulação midiática, quando um simples vírus desnuda todas as nossas fragilidades e coloca em discussão todos os nossos sistemas.

Nesse sentido, ele já havia apresentado algumas propostas para a continuidade da Doutrina Espírita, cujo progresso dependeria, diz ele, do seu “estabelecimento teórico”, garantindo o seu “caráter essencialmente progressivo”.²

Pelo fato de ela não se embalar com sonhos irrealizáveis, não se segue que se imobilize no presente. Apoiada tão só nas leis da Natureza, não pode variar mais do que estas leis; mas, se uma nova lei for descoberta, tem ela que se pôr de acordo com essa lei. Não lhe cabe fechar a porta a nenhum progresso, sob pena de se suicidar. Assimilando todas as ideias reconhecidamente justas, de quaisquer ordens que sejam, físicas ou metafísicas, ela jamais será ultrapassada, constituindo isso uma das principais garantias da sua perpetuidade.³

Para Kardec, “o princípio progressivo, que ela (a doutrina espírita) inscreve no seu código, será a salvaguarda da sua perenidade e a sua unidade se manterá, exatamente porque ela não assenta no princípio da imobilidade.”⁴

Mas esse trabalho, como Kardec o compreendia, não compete a um novo “messias”, nem aos médiuns ou aos espíritos, mediante novas “revelações”. O Espiritismo, por se fundamentar na racionalidade do método científico, requer que esse trabalho seja realizado mediante os congressos periódicos em que serão debatidas as questões centrais de interesse da doutrina pela coletividade dos seus estudiosos, livres pensadores, analisando as novas informações obtidas através da rica fenomenologia espírita da atualidade, comparando-as com as antigas, e tendo como base tanto o método do controle universal, por ele desenvolvido, como também as modernas metodologias da ciência oficial.

Cabe aos pesquisadores e aos estudiosos do Espiritismo da atualidade o desafio de construir as respostas que o mundo atual requer, com base nos pilares erguidos por Allan Kardec e pelos espíritos que colaboraram para a sua estruturação no passado, mas com a mente voltada para os desafios da complexa sociedade do presente.

A linguagem adotada neste estudo foi, tanto quanto possível, coloquial, de modo a possibilitar um diálogo com as pessoas que fazem o cotidiano dos estudos espíritas, sem nenhuma preocupação de natureza acadêmica. Em razão disso, até mesmo nas referências bibliográficas optou-se por seguir um modo de indicação mais prático; quase sempre as transcrições de O Livro dos Espíritos, pela sua grande quantidade, estão identificadas pelo número da questão no corpo do próprio texto; algumas questões não numeradas é porque constam assim no texto original, em especial na primeira edição. Nas transcrições das demais obras optou-se por indicar o capítulo e o item, de modo a facilitar a sua localização independentemente da edição consultada; a indicação por página só foi adotada quando não havia outra mais adequada.

Sempre que foi feita referência a um ou mais personagens tendo como objetivo situá-los historicamente, e não apenas as suas ideias, seu nome foi seguido de parênteses onde estão informados os anos de seu nascimento e morte. O mesmo foi feito em relação aos períodos históricos, onde se informam os anos de referência do seu início e final, mas de maneira comedida, visando não comprometer a fluidez da leitura.

Começaremos por estudar, na primeira parte, o contexto no qual a obra de Kardec foi produzida. Na segunda parte apresentaremos uma análise a respeito da natureza da própria obra, à qual muitas vezes se atribui um sentido de sacralidade que não corresponde às pretensões do seu autor. Nesse sentido o leitor há de nos perdoar a insistência em demonstrar que existem pontos no texto kardequiano que precisam ser compreendidos dentro do contexto científico e filosófico atual, sem o que se expõe o Espiritismo a uma situação de descrédito por apresentar-se à sociedade como um conhecimento de outra época, de um tempo que já se foi, por mais a admirem os seus seguidores da atualidade.

Somente depois de ter situado adequadamente essas questões é que analisaremos, já na terceira parte, algo a respeito do conteúdo da obra. Entendemos que só depois disso fará sentido analisar o fato de Kardec ter começado refletindo sobre Deus, a alma, o espírito e sua relação com a matéria, verificando como essas questões se situam na atualidade. Para isso resgataremos um pouco da história e dos conhecimentos vigentes nos anos 1860, como o fato de não lhe ter sido possível considerar a teoria da

evolução das espécies de Charles Darwin e de Russel Wallace⁵ na formulação da sua doutrina. Atenção especial será dedicada também à contribuição de Mesmer⁶, cujos fundamentos marcam profundamente a abordagem kardequiana, ao ponto de ele apresentar o Espiritismo e o Magnetismo como ciências irmãs.

Este estudo está longe de esgotar as principais questões que se descortinam ante o olhar do estudioso do Espiritismo. Muito pelo contrário, ele apenas propõe uma reflexão, procurando situar historicamente o texto kardequiano. Por uma questão de delimitação, nos detemos na primeira parte de O Livro dos Espíritos, de modo que o livro não ficasse muito extenso. De futuro poderemos estudar as partes que se seguem.

O mais importante neste momento é deixar claro o caráter não conclusivo deste trabalho, que mais não deseja do que provocar a reflexão e ampliar o espaço de diálogo no sentido de manter sempre acesa a chama da ciência e da filosofia no meio espírita, proporcionando base sólida à proposta sempre atual de Kardec, traduzida em uma expressão que é dele: a fé raciocinada.

1. O Livro dos Espíritos, O Livro dos Médiuns, O Evangelho Segundo o Espiritismo, O Céu e o Inferno e A Gênese, 7 livros menores ou livretos e 136 números da Revista Espírita.

[2 Kardec, Allan. Obras Póstumas, Projeto 1868, pág. 410. 26ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ \(1993\).](#)

3. Kardec, Allan. Obras Póstumas, Constituição do Espiritismo. 26ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1993).

4. Ibidem, Projeto 1868, pág. 410. 26ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1993).

5. Charles Darwin e Russel Wallace apresentaram pela primeira vez a sua teoria da evolução das espécies com base na seleção natural no dia 01/07/1059 na Linnean Society, em Londres.

6. Franz Anton Mesmer (1734-1815), influente médico austríaco autor da teoria do magnetismo animal.

Sumário

Primeira parte – O contexto em que a obra foi escrita

[Capítulo 1 – O contexto histórico](#)

[Capítulo 2 – Influências filosóficas sobre a obra de Allan Kardec](#)

[Capítulo 3 – Espiritualismo vs Materialismo](#)

[Capítulo 4 – Limites culturais da “Terceira Revelação”](#)

[Capítulo 5 – Da verdade absoluta ao sentido da Pós-Verdade](#)

[Capítulo 6 – Unidade vs Diversidade](#)

[Capítulo 7 – O mito do homem racional](#)

Segunda Parte – A obra

Capítulo 8 – Os termos e o seu contexto

Capítulo 9 – A composição dos textos por Kardec

Capítulo 10 – Texto doutrinário ou Literatura sagrada?

Capítulo 11 – Kardec: filósofo, cientista ou religioso?

Capítulo 12 – Quem são os espíritos da obra kardequiana?

Capítulo 13 – Uma análise do método de Kardec

Terceira Parte – Deus e a criação

Capítulo 14 – As visões de Deus

Capítulo 15 – A criação: dos mitos à ciência

Capítulo 16 – Do “impulso inicial” ao Big Bang

[Capítulo 17 – A “raça adâmica” e o racismo estrutural](#)

[Capítulo 18 – Geração espontânea vs seleção natural](#)

[Capítulo 19 – Evolucionismo vs design inteligente](#)

Quarta Parte – A Era do Espírito

[Capítulo 20 – Perispírito e Centros Vitais](#)

[Capítulo 21 – Centros Vitais, ou chakras](#)

[Capítulo 22 – Do magnetismo à energia biopsíquica](#)

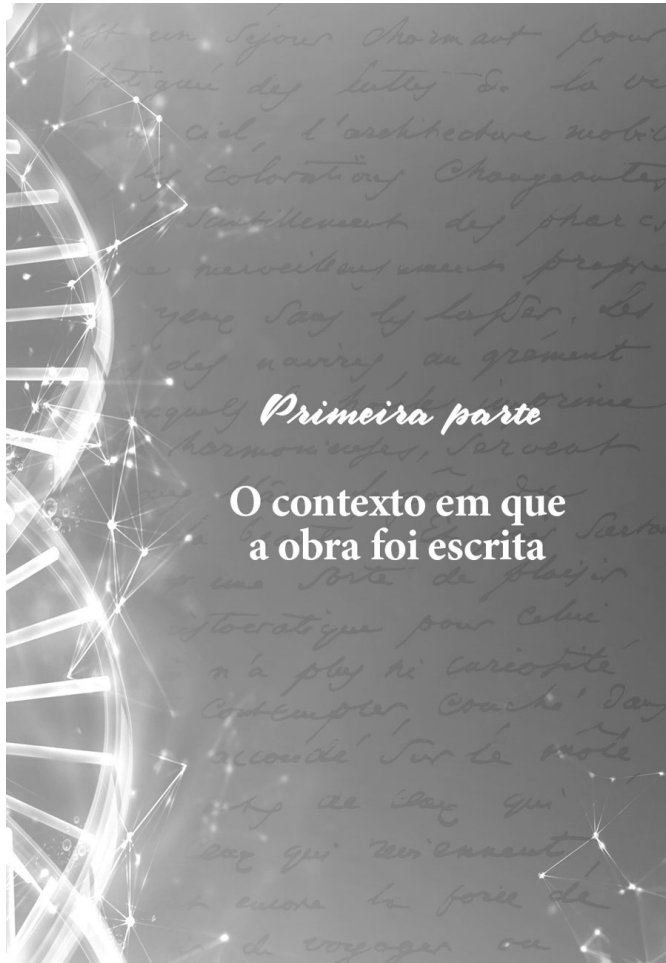
[Capítulo 23 – Kardec e o “princípio vital”](#)

[Capítulo 24 – Pensamento e energia](#)

[Bibliografia](#)

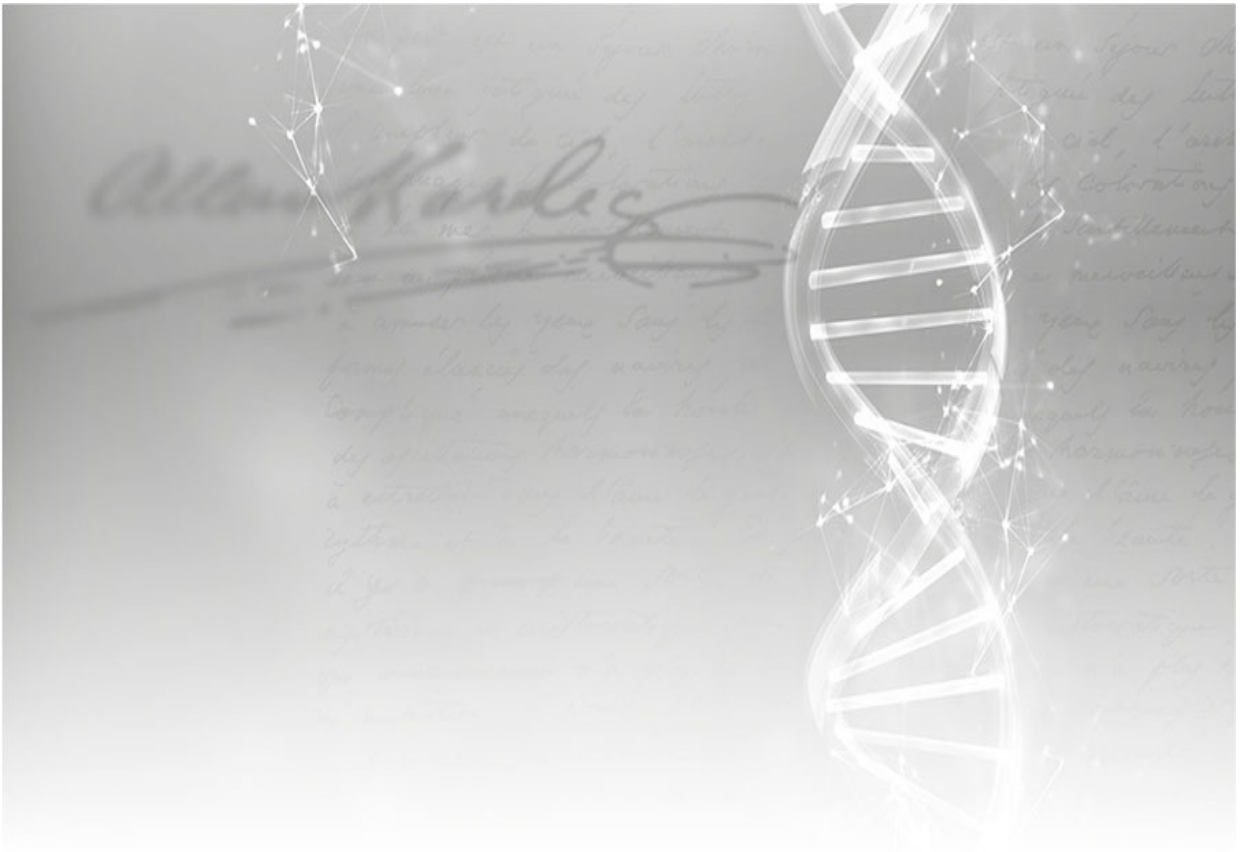
[Outras publicações da Aephus](#)

[Sobre o autor](#)



Primeira parte

**O contexto em que
a obra foi escrita**



Capítulo 1

O contexto histórico

O que nem sempre consideramos ao ler O Livro dos Espíritos é o panorama social em que ele foi concebido e dentro de cujos limites atuavam Allan Kardec e os espíritos que lhe forneceram o conteúdo.

Segundo Deolindo Amorim, pesquisador espírita carioca que viveu no século XX,

Não se pode situar bem uma figura histórica sem levar em consideração a época em que teria vivido, pois o papel ou a missão que os homens cumprem na Terra, quer na religião, quer na política, assim como nas letras ou na ciência, têm certa vinculação às condições da época. É verdade que não podemos chegar ao exagero de dizer, em todos os casos, que o homem é fruto exclusivo de sua época, mas que é condicionado pelas circunstâncias históricas, não há dúvida. Não se pode estudar a vida de nenhum líder religioso ou político, nenhum escritor, nenhum filósofo com abstração da época e do meio.¹

A França de Allan Kardec mal havia saído do que se constituiu um dos eventos mais importantes da história contemporânea, a Revolução Francesa de 1789 e a instauração da sua primeira experiência como república. A primeira metade do século XIX, que corresponde ao período em que nasceu, se formou e viveu o homem Hippolyte Léon Denizard Rivail, experimentou grave instabilidade política, caracterizada pelos regimes da Primeira República (1792-1804), seguido do Império Napoleônico (1804-1814), da monarquia absolutista (1814-1848), da Segunda República (1848-1852) e do

segundo império de Napoleão III (1852-1870). Graças ao grande impulso de desenvolvimento ocorrido durante o império napoleônico a França se consolidou como uma das principais potências europeias, além de ser considerada na época como centro cultural do mundo pela presença de importantes filósofos como Descartes, Montesquieu, Voltaire e Rousseau.²

A Encyclopédie revolucionava o mundo intelectual desde 1772 quando d'Alembert e Diderot reuniram mais de 70.000 artigos e verbetes e quase 3.000 ilustrações em uma única coleção de 28 volumes, logo ampliada para 35, consolidando em uma única fonte todo o conhecimento da época, abrangendo áreas tão distintas quanto história, matemática, ciência, filosofia, religião, artes, entre outras. Algo como o que é para nós, na atualidade, a Wikipédia e o Google reunidos em uma única plataforma.

A Revolução Industrial, capitaneada inicialmente pela Inglaterra, vivia também um forte impulso na França, iniciado por volta de 1830, e cujo vigor era ainda maior em 1850. Desde a virada do século, com a consolidação do uso da “máquina a vapor” nos mais variados setores da indústria, a produção de bens de consumo havia experimentado um salto espetacular, facilitado também pelas novas estradas de ferro que possibilitavam rápida distribuição dos produtos por todo o continente. As comunicações experimentavam a revolução proporcionada pela invenção do telégrafo, baseado no código de sinais criado por Samuel Morse, e o primeiro cabo telegráfico submarino do mundo foi lançado em 1851 para facilitar as comunicações entre Inglaterra e França, que agora se uniam em um esforço de paz depois de séculos de conflito.

Numa perspectiva atualmente denominada de “eurocentrismo”, o chamado “mundo civilizado” era compreendido no século XIX como sendo somente a Europa, que havia assumido a liderança das inovações e da produção cultural em relação ao Oriente. Este, era representado na época pelos países que se situavam à margem leste do mar mediterrâneo. As Américas, culturalmente dominadas, eram vistas como regiões em situação de “desenvolvimento recente” e começavam a ser exploradas comercialmente sob o falso argumento de levar até elas o “progresso”. Mal haviam se iniciado os grandes movimentos migratórios que haveriam de transferir grande contingente de população europeia para todas as partes do mundo, em especial para o “mundo novo”, formado pelas Américas.

Em um contexto marcado por forte preconceito racial, econômico, social e cultural, a África era percebida como um mundo selvagem e primitivo, ocupada por tribos indígenas, animais perigosos e regiões insalubres. A escravidão aprisionava ali o contingente de escravos que eram levados principalmente para o Brasil e Estados Unidos, “negócio” que vivia naquele momento o seu auge, e do qual a França de Kardec participava logo atrás de Portugal e Grã-Bretanha. Selvagem era considerada também a Austrália, ainda não colonizada. Todo o oriente, a partir do Irã até ao extremo representado pela China e pelo Japão, era compreendido como uma região um tanto lendária, conhecido apenas pelos relatos dos viajantes e pelo pouco da sua literatura que havia alcançado o ocidente.

Não é de se estranhar que essa visão de mundo esteja presente na obra de Allan Kardec, e até delimite as suas explicações. A visão de que existem “raças primitivas” ou “ainda atrasadas” e de que haveria alguma forma de superioridade da raça branca europeia em relação às demais deve ser compreendida como uma afirmação limitada àquele contexto. Atualmente já foi suficientemente comprovado que não existem diferenças genéticas entre as diferentes etnias, razão pela qual o conceito de “raça” não se aplica mais como fator de diferenciação dos seres humanos.³

Naquela época o conceito de “progresso” estava fortemente associado ao uso das tecnologias que se sucediam. O motor a vapor, o trem de ferro, o telégrafo e a eletricidade revolucionavam o modo de vida da sociedade, apontando para uma era gloriosa. Hoje esse conceito tem sido revisado com base nos atuais estudos da Antropologia, que até o final do século XIX era apenas um estudo embrionário, ainda sem o status de ciência. A partir de uma perspectiva mais aberta, não linear, sistêmica, a ideia de progresso inexorável, como era entendido no século XIX, foi colocada em cheque pelos enormes riscos de destruição em nível planetário, representados pelo enorme arsenal nuclear, pela degradação acelerada do meio ambiente e pela possibilidade de uma pandemia que pode vir a destruir toda a espécie humana. Além disso, uma nova visão de sociedades, no plural, que foi estruturada ao longo do século XX, passou a levar em conta outros saberes e culturas, sem hierarquizar uma cultura em relação a outra, o que colocou em questão a superioridade europeia e branca em relação às outras sociedades. Com isso tornou-se insustentável aquela antiga visão de um progresso na

direção de um fim dado como certo, que seria um estado de sociedade chamado de “civilização”.

Por isso que, para estudar Kardec em pleno século XXI de maneira não dogmatizada, é preciso desenvolver uma abertura de pensamento e uma visão crítica que permitam ao estudante compreender as ideias e visões de mundo presentes na obra kardequiana, buscando o entendimento espiritual em torno das questões e dos temas ali colocados para além dos limites que o século XIX e a sociedade europeia estabeleciam.

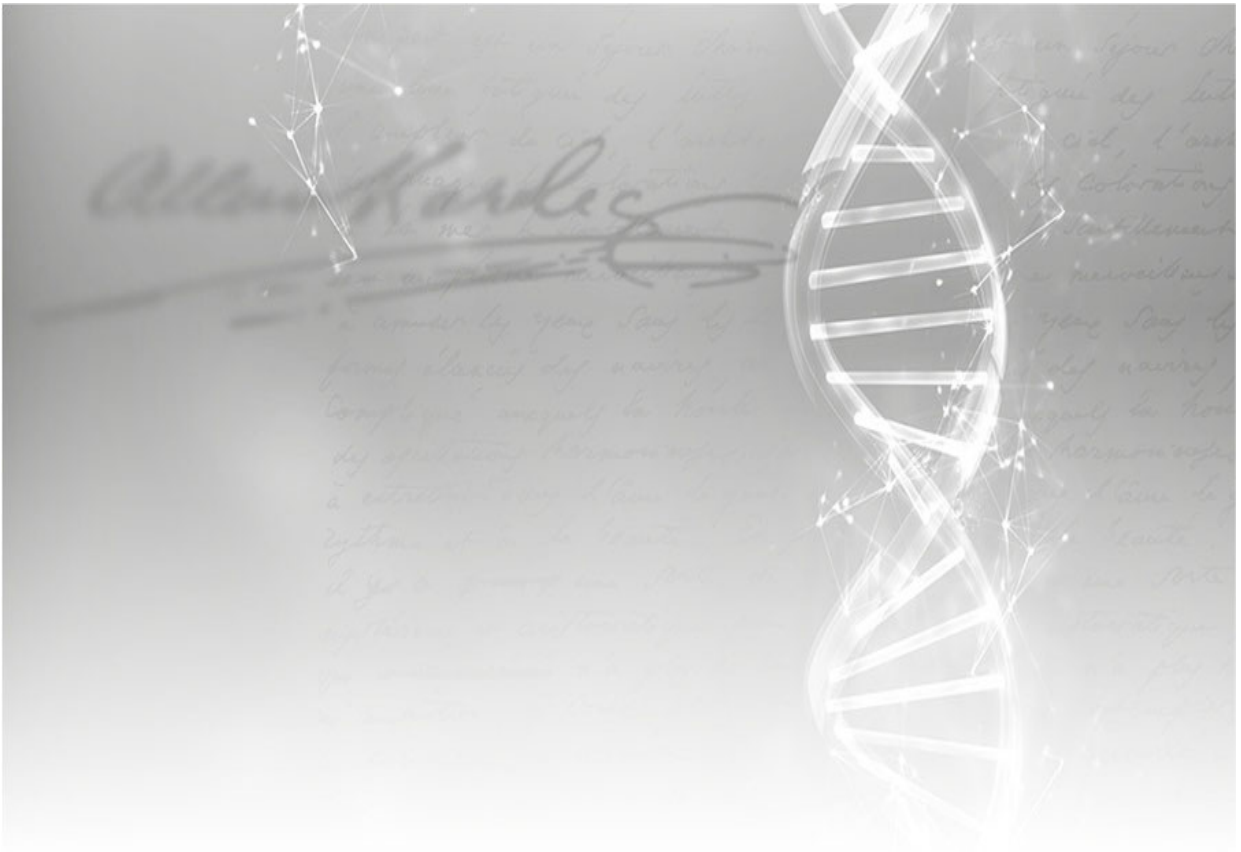
Com isso, resgata-se a grandeza do conjunto da obra e o seu aspecto transformador do pensamento e da vida, revolucionário mesmo, que inaugura um novo paradigma, uma nova forma de pensar o ser humano e sua presença no mundo, marcando o início do que Kardec compreendeu como uma Nova Era, e o Marquês de Paranaguá, falando à Terra através de Francisco Cândido Xavier em 1951, batizou de “Era do Espírito”.⁴

1. Amorim, Deolindo. Allan Kardec, pág. 24. Inst. Maria e Inst. de Cultura Espírita de Juiz de Fora/MG (2010).

2. Remond, René. O Século XIX – Introdução à História do Nosso Tempo. Ed. Cultrix, São Paulo/SP (1974).

3. Em decorrência disso houve a abertura do Procedimento Administrativo nº 1.14.000.000835/2006-12 junto ao Ministério Público da Bahia, do que resultou um Termo de Ajustamento de Conduta que obrigou todas as editoras dos livros de Kardec a inserirem uma Nota Explicativa a esse respeito demonstrando tratar-se de contexto histórico, e não de racismo, as diversas afirmações que poderiam levar a esse entendimento.

4. Xavier, Francisco C. Falando à Terra, de espíritos diversos. Ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (2010).



Capítulo 2

Influências filosóficas sobre a obra de Allan Kardec

Em fevereiro 1676 Isaac Newton escreve a Robert Hooke uma carta onde afirma: “se eu vi mais longe, foi por estar sobre ombros de gigantes”. Ele fazia uso de uma imagem criada pelo filósofo francês Bernardo de Chartres ainda no século XII, que entendia que nenhum ser humano é absolutamente original, e que todos criamos nossas explicações a partir de condições e ideias que já nos foram dadas por aqueles que viveram antes de nós.⁵

Neste sentido há pelo menos dois aspectos importantes a serem considerados se desejamos ampliar o nosso entendimento a respeito da obra de Kardec: o primeiro, a tradição milenar dos Celtas, povo que ocupou a região das Gálias, onde hoje se situa a França, e que se manteve praticamente intacta ao longo de todo o período da história antiga e da Idade Média, criando um forte elemento de tradição espiritual. É bem provável que isso esteja associado ao fato de o professor Hippolyte Léon utilizar como pseudônimo o nome Allan Kardec, que o associa a uma antiga existência como druida em meio a esse povo.⁶

Por mais racional que fosse, o professor Hippolyte apresentava um forte apelo ao espiritual e um profundo senso de humanidade. Seus principais biógrafos relatam sua vontade de encontrar um elemento unificador para as religiões católica e protestante, bem como uma vocação para a filantropia e para ações de solidariedade para com o segmento vulnerável da sociedade, apelo este que se evidenciava muito antes de sua atuação no Espiritismo, ainda aos 30 anos de idade.

De 1835 a 1840, fundou, em seu domicílio, à rua de Sèvres, dois cursos gratuitos, onde ensinava a química, a física, a anatomia comparada, a astronomia, etc, empreendimento digno de elogios em todos os tempos, mas sobretudo numa época onde um pequeníssimo número de inteligências se arriscavam a entrar nesse caminho.⁷

O segundo aspecto, e talvez o mais importante: o fato de a França estar inserida no contexto da revolução cultural representada pelo Renascimento, que marca o fim da Idade Média, pela Revolução Científica, pelo Iluminismo e pela Modernidade.

O Renascimento foi um movimento cultural que se iniciou na Itália por volta do século XIV e que se espalhou por toda a Europa até o final do século XVI. Esse movimento caracterizou-se pela ruptura com a antiga estrutura feudal, com um questionamento da visão teocêntrica vigente e com a predominância da racionalidade em detrimento de uma visão mística de mundo. Nomes como Leonardo da Vinci (1452–1519), Nicolau Maquiavel (1469–1527), Michelângelo (1475–1564) e René Descartes (1596-1650) identificam no tempo e no pensamento humano esse período de transformação que não se restringiu às artes e à filosofia, mas que passou a nortear toda a experiência de vida do mundo ocidental, culminando em uma Revolução Científica a partir da contribuição de Galileu Galilei (1564-1642) e do rigoroso estudo matemático de Isaac Newton (1643-1727).

Já o Iluminismo, caracterizou-se por um forte movimento intelectual e filosófico que dominou o pensamento vigente no século XVIII. Para os filósofos iluministas a razão é a grande ferramenta do pensar do homem. A partir da razão tudo pode ser compreendido e explicado. Junto com a razão emerge uma visão de separação entre a Igreja e o Estado, este agora entendido como um estado constitucional, ou seja, regido por um conjunto de leis, uma “constituição”. Tudo isso envolvido em ideais de igualdade, fraternidade e liberdade, que serão o mote da Revolução Francesa de 1789, evento que marca o ápice de um extenso período que passou a ser chamado de Modernidade.

Na observação de Sérgio Biagi,

A felicidade não é mais utópica, mas encontra-se atrelada ao progresso material e moral da humanidade. Conseqüentemente, o seu carro-chefe é a revolução industrial e o descobrimento de novas técnicas para transformar os bens naturais em bens úteis.⁸

É nesse contexto que se constrói a mentalidade do professor Hippolyte Léon, nascido em 1804, no mesmo ano em que Napoleão Bonaparte havia se autoproclamado imperador da França, interrompendo o sonho republicano dos franceses. Educado no colégio de um dos mais importantes pensadores da época, o filósofo e educador Johann Heinrich Pestalozzi, Hippolyte muda-se para Paris em 1822 aos dezoito anos de idade, homem feito.⁹

Pedagogo, escritor, linguista, estudioso dos diversos ramos da ciência e da Filosofia, Hippolyte manifesta desde cedo um forte espírito humanitário e uma clara vocação espiritual, fortalecidos pela origem familiar católica combinada com um idealismo protestante um tanto libertário de Pestalozzi, com quem estudara durante o período que vai dos seus dez aos dezoito anos. É com esse espírito, o sábio pedagogo Pestalozzi, que ele constrói a sua visão de vida e de mundo em um ambiente revolucionado pela luz da razão.

Zêus Wantuil admite claramente a influência de Rousseau, Pestalozzi, Mesmer e Fénelon sobre o pensamento de Allan Kardec, enquanto outros pesquisadores identificam influências de Tomás de Aquino, René Descartes e Immanuel Kant. De Fénelon, em particular, o então linguista Hippolyte traduziu para o alemão diversas obras, em especial “As aventuras de Telêmaco”, a respeito do que Wantuil afirma:

Certamente essa obra de Fénelon, que até hoje merece lida, ecoou fundo na alma do talentoso educador Denizard Rivail, tanto que ele a distinguiu entre as demais, publicando-lhe, em 220 páginas, os três primeiros livros vertidos para o alemão, sendo que no terceiro há a confrontação dos textos francês e alemão.

É possível que “Telêmaco” tenha, em certos aspectos, aprimorado o espírito de Rivail, preparando-o para que mais tarde alçasse, condignamente, à posição de chefe de uma doutrina que viria revolucionar o pensamento religioso, filosófico e, até mesmo, científico, no que diz respeito ao ser humano integral.¹⁰

Uma leitura cuidadosa da obra kardequiana deixa ainda evidente muito da influência dos pensadores liberais na formulação do seu pensamento, inclusive na sua visão de economia política, claramente pautada pelos ideais da burguesia industrial francesa de cuja Académie de l’industrie ele chegou a fazer parte.¹¹ Em um artigo publicado em Obras Póstumas ele analisa o lema da Revolução Francesa, traduzido nas palavras Igualdade, Liberdade e Fraternidade, que ele considera como sendo “o programa de toda uma ordem social que realizaria o mais absoluto progresso da Humanidade se os princípios que elas exprimem pudessem receber integral aplicação.”¹²

Deolindo Amorim, ao procurar situar o homem Allan Kardec no seu tempo, comenta que “a Doutrina Espírita guarda pontos de contato com muitos pensadores, não que Kardec neles houvesse ido buscar inspirações, mas, sem dúvida, neles buscou o confronto de ideias para melhor consolidar as suas.” E Demétrio Pável Bastos, concordando com o autor no apêndice do mesmo livro, observa que “é natural, pois, vê-los (os diversos filósofos iluministas) refletidos aqui e ali na obra codificada. Apenas no Evangelho de Jesus houve busca intencional”.¹³

É assim que podemos identificar ao longo de toda a produção literária de Kardec diversos contrapontos que ele faz com os pensadores antigos e recentes, como o idealismo de Platão que, não sem razão, pontua toda a sua obra; a teologia de Tomás de Aquino; a perspectiva da religião natural de Rousseau; o livre arbítrio, a fé racional e a moral autônoma baseada nas “leis morais” de Immanuel Kant¹⁴. É possível identificar também o racionalismo filosófico de René Descartes e até mesmo a sua crença na supremacia da razão que, na sua visão – e de Kardec em seguida – seria capaz de conduzir o ser humano à unidade do conhecimento. Podem encontrar-se ainda elementos do sonho de transformação social do socialismo-utópico de Saint Simon, Owen e Fourier junto com a contestação da proposta revolucionária

de Karl Marx e Engels. Mais ainda, o método experimental de Francis Bacon associado ao positivismo de Augusto Comte, consagrados pelo mundo científico de sua época.

Como meio de elaboração, o Espiritismo procede exatamente da mesma forma que as ciências positivas, aplicando o método experimental. Fatos novos se apresentam, que não podem ser explicados pelas leis conhecidas; ele os observa, compara, analisa e, remontando dos efeitos às causas, chega à lei que os rege; depois, deduz-lhes as consequências e busca as aplicações úteis.¹⁵

Como quem vê adiante, Kardec não se limita aos paradigmas vigentes; ao contrário, suplanta-os. Se os métodos científicos até então desenvolvidos tinham como objeto de análise os fenômenos materiais, o seu objetivo de estudo envolvia o espírito, considerado ainda hoje como situado fora do escopo de observação da ciência. Para superar essa aparente dificuldade Kardec faz uso do princípio da causalidade, de René Descartes: Se “todo efeito tem uma causa”, logo, “todo efeito inteligente há de ter uma causa inteligente”.

É assim que, tomando como base o racionalismo filosófico e científico da sua época, Kardec procura ir além. Reconhecendo que a ciência tem os seus limites, ele busca novos elementos que pudessem lhe proporcionar base sólida para o estudo de uma realidade que transcendia os limites do experimentalismo vigente no século XIX, pelo que se pode afirmar que

Kardec não participa da concepção de ciência convencional à sua época, aproximando-se mais das ideias de filósofos da ciência como Lakatos e Kuhn, que viriam apenas um século mais tarde, após a crise na filosofia da ciência causada pelo surgimento da Física Quântica e da Teoria da Relatividade de Einstein.¹⁶

Embora Kardec faça questão de deixar claro em várias passagens dos seus textos a forte influência do Positivismo em sua abordagem, o historiador Marcelo José Sousa chama a atenção para o fato de que “do Positivismo ele absorve apenas a racionalidade e a observação. No mais, ele supera a tendência ao material e ao objetivo criando um método para lidar com aquilo que o Positivismo descarta, Deus, o Espírito e toda a realidade disso consequente.”¹⁷

5. Maury, Jean-Pierre. Newton e a Mecânica Celeste. Ed. Objetiva, São Paulo/SP (2008).

6. Denis, Léon. O Gênio Céltico e o Mundo Invisível. Ed. CELD, Rio de Janeiro/RJ (1995).

7. Biografia do Sr. Allan Kardec, publicada na Revista Espírita de maio de 1869 após o seu falecimento.

8. Gregório, Sérgio Biagi. Iluminismo e Espiritismo. Disp em 07/02/2019 <https://se-novaera.org.br/iluminismo-e-espiritismo/>.

9. Wantuil, Zêus e Thiesen, Francisco. Allan Kardec o educador e o codificador, pag. 85. 2ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (2004). Zêus Wantuil observa que não há um consenso em relação a quando Hippolyte deixa o instituto de Yverdun e retorna a Lyon ou muda-se para Paris. Ele prefere a versão de que ele se muda diretamente para Paris até o ano de 1822, quando ele já reside em uma das principais referências universitárias parisienses.

10. Wantuil, Zêus e Thiesen, Francisco. Allan Kardec o educador e o codificador, pág. 140. 2ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (2004).

11. Ibidem, pág. 207.

12. Kardec, Allan. Obras Póstumas, pág. 233. 26ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1993).

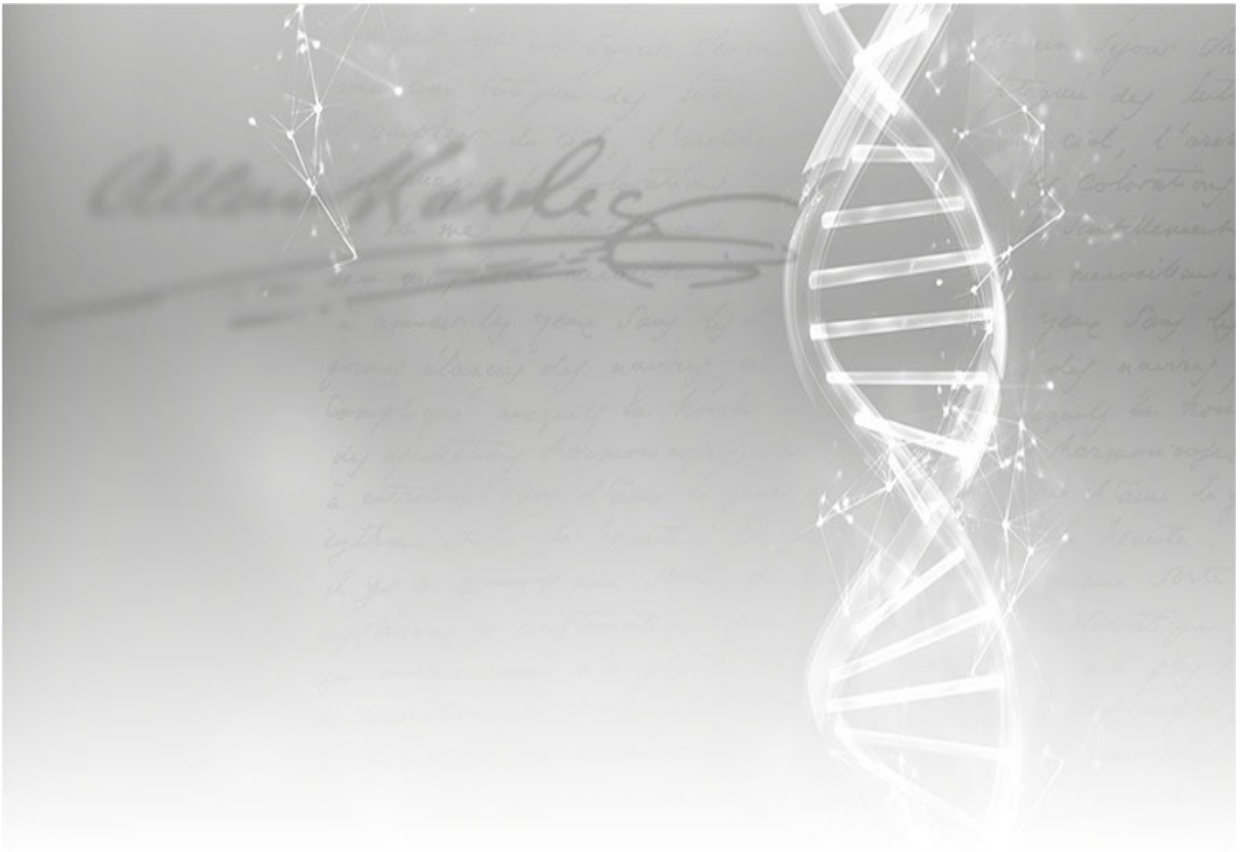
13. Amorim, Deolindo. Allan Kardec. Pág. 49 e 42, respectivamente. Inst. Maria e Inst. de Cultura Espírita de Juiz de Fora/MG (2010).

14. Figueiredo, Paulo H. Revolução Espírita, item 3.4.2. Ed. MAAT, São Paulo, SP (2016).

15. Kardec, Allan. A Gênese, cap. I item 14. 26ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1984).

16. Sousa, Marcelo J. O Espiritismo entre a Ciência e a Religião do Século XIX. UFPR/Depto de História, (2004). O autor refere-se a Imre Lakatos e a Thomas Kuhn, filósofos da ciência que viveram no século XX.

17. Ibidem.



Capítulo 3

Espiritualismo vs Materialismo

É bastante comum ouvir em palestras espíritas críticas à ciência por considerá-la “materialista”. Às vezes as pessoas chegam até mesmo a negar os estudos e as conclusões do meio científico sempre que eles não confirmam, ou divergem sob algum aspecto, da compreensão vigente em torno do Espiritismo. Fundamentam-se em Allan Kardec que, logo no seu primeiro livro, procurou demonstrar que o materialismo é o contrário do espiritualismo e, portanto, do Espiritismo e que, como consequência, o materialismo é o inimigo a ser combatido.

O Espiritismo é o mais terrível antagonista do materialismo. Não é, pois, de admirar que tenha por adversários os materialistas. Mas, como o materialismo é uma doutrina cujos adeptos mal ousam confessar que o são (prova de que não se consideram muito fortes e têm a dominá-los a consciência), eles se acobertam com o manto da razão e da ciência.¹⁸

Mas a que materialismo Kardec se referia naquela época, considerando os diferentes significados que essa expressão assume na atualidade?

Com certeza, não é ao materialismo metodológico; ao contrário disso, seus textos demonstram plena consciência da sua importância, e ele o utiliza como pressuposto para superar as antigas explicações místicas que atribuíam inúmeros fenômenos, cuja causa era exclusivamente material, a uma ação divina ou aos espíritos. Kardec tem claro que foi o materialismo metodológico que possibilitou compreender o magnetismo da Terra, as tempestades, os terremotos, e tantos outros fenômenos físicos, possibilitando

as condições necessárias ao avanço tecnológico que se verificou na sua época, como a locomotiva a vapor e a comunicação à distância através do telégrafo.

A base filosófica sobre a qual Kardec se apoia é o pensamento de Platão, um idealista, para quem é a alma que tudo move. Sócrates, em quem Platão se inspira, defendia que a alma sobrevive à morte, sendo esta apenas uma passagem para a verdadeira vida, a vida do espírito. Platão entendia que existe um mundo das ideias, independente do mundo material, do qual este seria um pálido reflexo; para ele a alma teria uma existência própria, independente da matéria. Na introdução de O Evangelho Segundo o Espiritismo Kardec apresenta um estudo detalhado dos pontos de convergência entre a doutrina espírita e a filosofia de Platão.

Em contraposição a essa corrente filosófica havia também o que ele chamou de “materialismo puro”, que representava o pensamento de alguns filósofos desde a Grécia antiga, os quais entendiam que a alma, embora existisse, não teria vida própria, aniquilando-se com o fim da vida. O maior representante dessa corrente era Aristóteles, que explicava o fenômeno da vida pela existência de uma “alma”, ou anima, o que deu a origem à ideia de um princípio vital presente nos seres vivos, mas que seria apenas uma espécie de vitalidade decorrente do fato de eles existirem. Essa alma, ou princípio vital, deixaria de existir no momento em que se desse a sua morte.¹⁹ Segundo os pensadores que deram seguimento a essa visão aristotélica, tudo se explicaria pelas propriedades da matéria. A vida com o seu complexo metabolismo, o pensamento, as emoções, seria o simples resultado de operações cerebrais.

Esse materialismo filosófico preocupava Kardec e alguns dos espíritos que com ele se comunicavam, porque ele poderia levar, segundo eles entendiam, a um vazio existencial de graves consequências do ponto de vista da ética e da moral.

Triste consequência, se fora real, porque então o bem e o mal nada significariam, o homem teria razão para só pensar em si e para colocar acima de tudo a satisfação de seus apetites materiais; quebrados estariam os laços

sociais e as mais santas afeições se romperiam para sempre. (...) Uma sociedade que se fundasse sobre tais bases traria em si o gérmen de sua dissolução e seus membros se entredevorariam como animais ferozes.²⁰

Esse vazio existencial, quando transformado em crença, poderia assumir as características de uma filosofia de vida cuja principal consequência, no entendimento de Kardec, seria o niilismo, ou seja, a negação do espiritual e até mesmo de um sentido para a existência humana, que se traduziria em um apego aos bens e gozos da vida material como única fonte de realização e de prazer. Isso seria o que caracteriza aqueles a quem ele classifica como sendo os “incrédulos de má vontade”.

A estes muito aborreceria o terem que crer, porque isso lhes perturbaria a quietude nos gozos materiais. Temem deparar com a condenação de suas ambições, de seu egoísmo e das vaidades humanas com que se deliciam. Fecham os olhos para não ver e tapam os ouvidos para não ouvir. Lamentá-los é tudo o que se pode fazer.²¹

Para essa descrença concorria também a religião, duramente combatida por muitos filósofos do seu tempo por conta de um passado de crimes hediondos cometidos em seu nome. As fogueiras da Santa Inquisição e os crimes cometidos em nome da fé e da religião haviam feito mais descrentes do que a filosofia com suas indagações. Esses descrentes, segundo Kardec,

Não o são deliberadamente e o que mais desejam é crer, porquanto a incerteza lhes é um tormento. Há neles uma vaga aspiração pelo futuro; mas esse futuro lhes foi apresentado com cores tais, que a razão deles se recusa a aceitá-lo. Daí a dúvida e, como consequência da dúvida, a incredulidade.²²

Por isso os espíritos conclamavam,

Aplicai-vos, por todos os meios ao vosso alcance, em combater, em aniquilar a ideia da eternidade das penas, ideia blasfematória da justiça e da bondade de Deus, gérmen fecundo da incredulidade, do materialismo e da indiferença que invadiram as massas humanas, desde que as inteligências começaram a desenvolver-se. O Espírito, prestes a esclarecer-se, ou mesmo apenas desbastado, logo lhe apreendeu a monstruosa injustiça. Sua razão a repele e, então, raro é que não englobe no mesmo repúdio a pena que o revolta e o Deus a quem a atribui. Daí os males sem conta que hão desabado sobre vós e aos quais vimos trazer remédio.²³

Desde o Renascimento que alguns pensadores, em sintonia como o racionalismo de Aristóteles, procuravam distinguir as explicações da realidade observável da ideia que faziam de Deus e do espiritual. Cada um a seu tempo, Galileu Galilei (1564-1642), John Locke (1632-1704), Isaac Newton (1643-1727), George Berkeley (1685-1753) e David Hume (1711-1776), dentre vários outros, entendiam que qualquer explicação para os fenômenos materiais não deveria levar em conta nada além daquilo que fosse materialmente observável.

Por isso que naquele início do século XIX, independentemente da religiosidade de cada pesquisador ou filósofo, já estava se consolidando uma visão de ciência que tinha no materialismo um pressuposto epistemológico, o que significava que para a explicação de qualquer fenômeno desprezar-se-iam todas as causas metafísicas. Se até então, sob o guante da Igreja Católica, as explicações sempre levavam em conta o espiritual, o místico, a “vontade de Deus”, a ciência que ora se estabelecia considerava que uma explicação, para ser aceita, deveria limitar-se àquilo que pudesse ser materialmente comprovado.

Constituíam-se, assim, uma proposta materialista do ponto de vista da metodologia científica, sem que isso significasse a negação de Deus e dos aspectos espirituais da vida. Havia os cientistas que se afirmavam ateus e

negavam a existência do espírito, e havia também os filósofos niilistas, que negavam até mesmo algum sentido para a vida, como ocorre ainda hoje, mas isso não se constituía regra absoluta; muitos continuavam crentes, embora distinguindo claramente suas crenças do seu método científico.

As teorias de Mesmer, carregadas de explicações místicas, ainda exerciam grande influência, e os médicos materialistas, mesmo alguns não ateus, entendiam que isso comprometia a identificação das verdadeiras causas das enfermidades, razão pela qual combatiam fortemente o Mesmerismo. Como o Espiritualismo da época se identificava bastante com o Mesmerismo, muitos pesquisadores combatiam tanto um quanto o outro.

Na introdução de O Livro dos Espíritos Kardec procura deixar claro que o Espiritismo se baseia na análise dos “fatos”. “Na ausência dos fatos a dúvida se justifica no homem ponderado”. Seu primeiro movimento é o de afastar do Espiritismo qualquer implicação que o relacione ao “maravilhoso” ou ao “sobrenatural”. Sob a perspectiva que ele adota “as comunicações entre o mundo espírita e o mundo corpóreo estão na ordem natural das coisas e não constituem fato sobrenatural”. O espírito deixa de ser uma “abstração” e torna-se, para ele, “um ser limitado e circunscrito, ao qual só falta ser visível e palpável, para se assemelhar aos seres humanos”. É, portanto, um objeto de análise como qualquer outro elemento da natureza; se os métodos das ciências convencionais não o alcançam, cria ele um novo método, de modo a manter o seu estudo compatível com os princípios da ciência “materialista” da sua época.

Valorizando e reafirmando o valor dessa metodologia baseada na observação do fenômeno e na experimentação, Kardec afirma que “a missão do Espiritismo consiste precisamente em nos esclarecer acerca desse futuro, em fazer com que, até certo ponto, o toquemos com o dedo e o penetremos com o olhar, não mais pelo raciocínio somente, porém, pelos fatos”, assim como procede a ciência.

799. De que maneira pode o Espiritismo contribuir para o progresso?

— Destruindo o materialismo, que é uma das chagas da sociedade, ele faz que os homens compreendam onde se encontram seus verdadeiros interesses. Deixando a vida futura de estar velada pela dúvida, o homem perceberá melhor que, por meio do presente, lhe é dado preparar o seu futuro. Abolindo os prejuízos de seitas, castas e cores, ensina aos homens a grande solidariedade que os há de unir como irmãos.²⁴

Ao final de sua vida, já em 1868, Kardec faz um comentário que deixa evidente o seu entendimento a respeito dessa distinção e do valor que atribuía ao materialismo enquanto critério metodológico.

O Espiritismo marcha ao lado do materialismo, no campo da matéria; admite tudo o que o segundo admite; mas, avança para além do ponto onde este último para. O Espiritismo e o materialismo são como dois viajantes que caminham juntos, partindo de um mesmo ponto; chegados a certa distância, diz um: “Não posso ir mais longe.” O outro prossegue e descobre um novo mundo.²⁵

Sem negar, portanto, as conclusões da ciência, a grande contribuição do Espiritismo para a sociedade é possibilitar ao ser humano entrever a sua realidade espiritual e a continuidade da sua existência para além da morte, com as inúmeras consequências éticas e morais daí advindas.

As comunicações com os seres de além-túmulo deram em resultado fazer-nos compreender a vida futura, fazer-nos vê-la, iniciar-nos no conhecimento das penas e gozos que nos estão reservados, de acordo com os nossos méritos e, desse modo, encaminhar para o espiritualismo os que no homem somente viam a matéria, a máquina organizada.²⁶

Com o Espiritismo descortina-se uma visão de mundo que não se restringe à visão propagada pela religião tradicional ao longo dos últimos dois milênios, tendo na Terra a única expressão da criação; por essa nova visão “o universo é, ao mesmo tempo, um mecanismo incomensurável, acionado por um número incontável de inteligências, e um imenso governo em que cada ser inteligente tem sua parte de ação sob as vistas do soberano Senhor.”²⁷

Enquanto ciência do espírito, tem como princípios o respeito à liberdade de pensamento e expressão, a livre discussão, o não dogmatismo religioso, porquanto, “se lhes apresentardes alguma coisa racional, aceitam-na pressurosos.” Daí a importância de caminhar o Espiritismo de braços dados com a ciência, acompanhando as discussões que continuam acontecendo hoje nos domínios da filosofia e da espiritualidade. Os incrédulos por recusa a aceitarem os dogmas, quando livremente esclarecidos, “nos podem compreender, visto estarem mais perto de nós do que, por certo, eles próprios o julgam”. Nestes, “há um germen latente, abafado pelas ervas más, e que uma centelha pode reavivar. É o cego a quem se restitui a vista e que se alegra por tornar a ver a luz; é o naufrago a quem se lança uma tábua de salvação.”²⁸

Portanto, não é ao materialismo metodológico que Kardec se refere quando comenta algo a respeito desse “adversário do Espiritismo”. Regra plenamente aceita no universo da ciência, ele o valida ao ponto de quase “materializar” os espíritos no seu esforço de explicar os fenômenos mediúnicos sob um olhar científico. Apenas a ele não se limita, indo além e fazendo da realidade do espírito o seu objeto de estudo.

O materialismo que o Espiritismo combate é o materialismo utilitarista, que se manifesta sob a forma do interesse material e do consumismo. Este, às vezes travestido até mesmo de religião, faz dos interesses da vida material e do imediatismo da vida terrena o objetivo da existência.

Quanto ao materialismo metodológico, o Espiritismo o assimila e defende, pois foi esse método que possibilitou o avanço tecnológico que resultou na produção de carros, eletrodomésticos, aviões, satélites, computadores, celulares e uma infinidade de bens de que grande parte da humanidade não cogita abrir mão na atualidade, nem mesmo os religiosos que muitas vezes o

criticam. E foi dele que Kardec se serviu para provar a realidade do espírito e da vida além da morte.

18. Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, conclusão, item II. 54ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1981).

19. Aristóteles. Obras Completas, vol. III tomo I, Sobre a Alma. Biblioteca de Autores Clássicos, Lisboa, Portugal (2010).

20. Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, questão 148 e comentários. 54ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1981).

21. Idem. O Livro dos Médiuns, cap. III item 22. 80ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (2011).

22. Kardec, Allan. O Livro dos Médiuns, cap. III item 21. 80ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (2011).

23. Idem. O Livro dos Espíritos, questão 1009. 54ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1981).

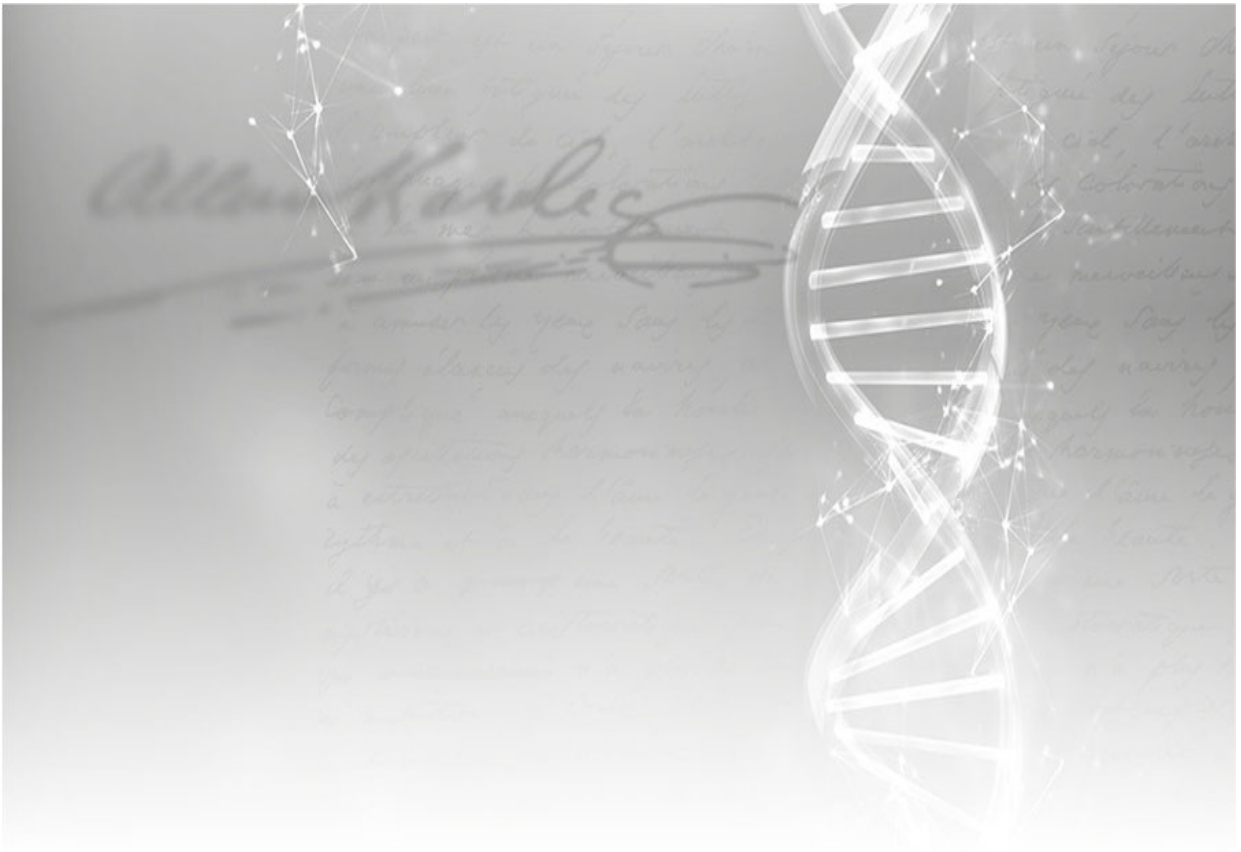
24. Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, questão 799. 54ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1981).

25. Idem. A Gênese, cap. X item 30. 26ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1984).

26. Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, conclusão, item VIII. 54ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1981).

27. Idem. A Gênese, cap. XVIII item 4, 26ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1984).

28. Idem. O Livro dos Médiuns, cap. III item 21. 80ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (2011).



Capítulo 4

Limites culturais da

“Terceira Revelação”

Revelação era o termo utilizado por diferentes filósofos cristãos anteriores a Kardec para referirem-se ao conhecimento que não era resultado da busca humana pelo saber, e que poderia ser encontrado, por exemplo, nas Sagradas Escrituras. Pelo termo “revelação” ele entendia todo o ensinamento “dado por Deus ou por seus mensageiros, quer por meio da palavra direta, quer por inspiração. (...) Considerada sob esse ponto de vista (religioso), a revelação implica passividade absoluta; aceita-se sem controle, sem exame, sem discussão”.²⁹

Uma análise atenta da obra de Kardec evidencia que ele não queria apresentar o Espiritismo ao mundo apenas como mais uma revelação do mundo espiritual para a Terra, ou mais uma religião. Cem anos antes Emanuel Swedenborg³⁰ já havia produzido um verdadeiro tratado de espiritualidade, que lhe foi “revelado” também por via mediúnica, do qual originou-se a Igreja da Nova Jerusalém. Homem de ciências que era, Kardec parece não ter achado adequado esse caminho, muito embora os próprios espíritos se referissem ao movimento que se operava como uma “revelação”.

Kardec estava, pois, diante de um dilema: o Espiritismo não era uma descoberta, ou uma invenção sua, até porque tinha como base fenômenos presentes na vida cotidiana de todas as épocas; não era resultado de um esforço seu, as circunstâncias o levaram até ali. Da maneira como processou-se a sua elaboração, ele era resultado de uma iniciativa que teria partido dos espíritos, e não dele enquanto pesquisador. Homem de ciência que era, ele procura então conformá-lo aos moldes do pensamento da sua época, e o apresenta ao mundo como uma doutrina filosófica que apresenta um duplo

caráter: ao mesmo tempo em que é uma revelação do mundo espiritual para a Terra o Espiritismo não deixa de ser também, nas suas próprias palavras, uma “revelação científica”.

Assim sendo, propõe Kardec, o Espiritismo apresenta um duplo aspecto: é uma “revelação” no sentido espiritual,

porque foi providencial o seu aparecimento e não o resultado da iniciativa, nem de um desígnio premeditado do homem; porque os pontos fundamentais da doutrina provêm do ensino que deram os Espíritos encarregados por Deus de esclarecer os homens acerca de coisas que eles ignoravam, que não podiam aprender por si mesmos e que lhes importa conhecer, hoje que estão aptos a compreendê-las.³¹

Mas é também, como ele defende, uma “revelação científica”,

por não serem os que o transmitem e os que o recebem seres passivos, dispensados do trabalho da observação e da pesquisa, por não renunciarem ao raciocínio e ao livre-arbítrio; porque não lhes é interdito o exame, mas, ao contrário, recomendado. Enfim, porque a doutrina não foi ditada completa, nem imposta à crença cega; porque é deduzida, pelo trabalho do homem, da observação dos fatos que os Espíritos lhe põem sob os olhos e das instruções que lhe dão, instruções que ele estuda, comenta, compara, a fim de tirar ele próprio as ilações e aplicações.³²

Essa revelação espiritual, que ele traduz para o mundo em linguagem filosófico científica, implica também em uma elevada dose de trabalho humano, inclusive um método próprio de pesquisa por ele mesmo elaborado. “Numa palavra, o que caracteriza a revelação espírita é o ser divina a sua origem e da iniciativa dos espíritos, sendo a sua elaboração fruto do trabalho do homem”.

Mas de onde surge o entendimento segundo o qual o Espiritismo seria uma “terceira revelação” que teria como destino toda a humanidade? Seria o Espiritismo uma terceira revelação em nível mundial, planetário, abrangendo todas as sociedades, todas as culturas, todas as crenças? A partir dessa perspectiva a própria história da humanidade seria dividida em três momentos: Moisés, Cristo e Espiritismo.

Uma pesquisa cuidadosa em toda a literatura kardequiana, em especial na Revista Espírita, que é o periódico onde se discutia tudo o que ia acontecendo ao longo da sua elaboração, nos ajuda a entender melhor essa questão. Em junho de 1861 Kardec publica na Revista Espírita uma carta do advogado francês J. B. Roustaing, residente em Bordeaux, na qual o correspondente agradece aos

divinos mensageiros por terem vindo nos ensinar que o Cristo está em missão na Terra para a propagação e o sucesso do Espiritismo, esta terceira explosão da bondade divina, em cumprimento daquela palavra final do Evangelho: unum ovile et unus pastor.³³

Interessante destacar no texto a referência a essa “terceira explosão da bondade divina”; em particular a palavra “terceira”.

Mas não é sem motivos que Roustaing faz essa observação. Em março daquele mesmo ano Kardec já havia publicado uma mensagem assinada por um espírito israelita chamado Mardochée, parente do médium que a recebeu, e que trazia essa ideia de terceira revelação embutida em uma afirmação segundo a qual “Moisés abriu o caminho; Jesus continuou a obra; o Espiritismo a concluirá”.

Em setembro do mesmo ano Kardec publica na Revista Espírita uma longa mensagem ditada em três etapas por um parente daquele espírito anterior, que assina por Edouard Pereyre, também israelita, e que é dirigida “a seus correligionários”. Nesta, ele afirma de maneira textual que “o Espiritismo é uma nova revelação”, naquele mesmo sentido que Kardec compreendia as

revelações espirituais para os homens. E acrescenta: “compreendei o alcance desta palavra em toda a sua acepção.” Essa revelação – continua o espírito,

se produz simultaneamente entre todos os povos instruídos, revelação que todavia se modifica conforme o grau de adiantamento desses povos. Tal revelação vos diz que o homem não morre, que a alma sobrevive ao corpo e habita o espaço; está entre vós, ao vosso lado.³⁴

O espírito entrevê uma relevante consequência de ordem ética e moral, com implicações para o futuro de toda a humanidade.

Eis, meus amigos, a revelação que vos deve conduzir à fraternidade universal, quando for compreendida por todos. Eis por que não deveis permanecer imutáveis em vossos princípios, mas seguir a marcha do progresso traçado por Deus, sem jamais vos deterdes.

Se Kardec já aspirava por uma nova ordem de ideias que pusesse fim ao histórico conflito entre as religiões católica e protestante, esse espírito israelita lhe afirma que

o Espiritismo é o advento de uma era que verá realizar-se essa revolução nas ideias dos povos, uma vez que haverá de destruir essas prevenções incompreensíveis, esses preconceitos imotivados, que acompanham e seguem os judeus em sua longa e penosa peregrinação.

Em se considerando as publicações contidas na Revista Espírita e nos demais livros de autoria de Kardec, origina-se desses dois espíritos israelitas,

parentes entre si, essa visão sequenciada de primeira, segunda e terceira revelação, personificadas em Moisés, Cristo e Espiritismo. E mais: todas as mensagens foram ditadas através do mesmo médium, que nos é apresentado como sendo o Sr. Rodolfo, da cidade de Mulhouse, 400 km distante de Paris. É o espírito que assina como Edouard Pereyre quem detalha de modo sequenciado cada uma dessas três “revelações”:

No Monte Sinai ocorreu esta primeira revelação...³⁵ (...) Jesus-Cristo foi, pois, a segunda fase, a segunda revelação, e seus ensinamentos levaram dezoito séculos para se espalharem e se vulgarizarem. (...) Sim, o Espiritismo é a Terceira Revelação. Revela-se a uma geração de homens mais adiantados, portadores das mais nobres aspirações, generosas e humanitárias, que devem concorrer para a fraternidade universal.³⁶

Em abril de 1864, quando Kardec anuncia na Revista Espírita que o livro Imitação do Evangelho Segundo o Espiritismo está à venda nas livrarias, se verá que ele considerou inteiramente essa abordagem. Além de detalhar cada uma dessas três “revelações” ele ainda compõe um texto único no qual transcreve, mediante ajustes e recortes, as respostas dadas por um desses espíritos, e o insere no capítulo I como uma das “instruções dos espíritos”.

Há nessa tese um aspecto que não pode ser desconsiderado: o próprio espírito estabelece um limite ao alcance dessa “terceira revelação” ao afirmar que ela “se produz simultaneamente entre todos os povos instruídos.” O local e a época onde se deu a produção dessa “revelação” é a França do século XIX, um dos principais centros culturais do mundo durante o período iluminista. Naquela época e naquele lugar, que é a Europa, todo o restante do planeta era considerado como sem instrução, ou menos desenvolvido, uma vez que o significado da palavra desenvolvimento era considerado apenas pelas suas vertentes filosófica, científica e tecnológica.

Sob um olhar antropológico, que só se tornou possível a partir de meados do século XX, observa-se que há na mensagem um certo eurocentrismo; o espírito – ou o médium? – toma a Europa e a sua cultura, os seus valores,

como referência para todo o restante do planeta. Não se leva em conta a sabedoria espiritual das tradições chinesas, japonesas ou hinduístas, e nem as tradições xamânicas das Américas, da África e mesmo dos Celtas, que viveram na própria Europa. A referência para o que era considerado ou não como “desenvolvido” era o aspecto econômico que, sob um olhar da geopolítica da atualidade, pode ser compreendido como um claro processo de dominação. Eram os dominadores considerando inferiores os povos dominados sob a força das armas, e com o objetivo exclusivo de “conquistar mercados” para o capitalismo emergente.³⁷

Se em alguns momentos Kardec chega a considerar alguns elementos da sabedoria oriental, como a reencarnação hinduísta e a história da criação chinesa, não há como negar que todos os autores espirituais presentes na obra de Kardec integram a tradição filosófica ocidental, iniciada na Grécia Antiga, passando por Roma e chegando até a Inglaterra. Nenhum dos espíritos autores é oriundo das tradições milenares da Índia ou da China, do Japão ou do Tibet. Nem mesmo espíritos sábios como Lao Tsé, Confúcio ou Buda integram o séquito dos autores espirituais que se fizeram presentes nos textos básicos do Espiritismo, muito embora muitas das suas ideias estivessem presentes na nova doutrina que ele apresenta.

Diante disso, teria essa ideia o significado universal que tem lhe sido atribuído? Faz sentido apresentar o Espiritismo como uma “terceira revelação” para todo o planeta, em vez de uma “revelação” geográfica e culturalmente localizada, adstrita à tradição judaico cristã?

É importante considerar que esse entendimento, de que o Espiritismo seria a “terceira revelação”, é apenas uma tese que foi apresentada a Kardec por dois espíritos, parentes entre si, ambos israelitas, através de um médium também israelita e membro da mesma família, e que Kardec adotou como argumento inicial para o seu livro sobre os Evangelhos. Não parece fazer sentido transformar essa tese em princípio doutrinário. Ao contrário, sustentar esse tipo de argumentação atualmente pode até ser uma atitude de fé, mas não de “fé raciocinada”, como propunha Kardec.

Não há como insistir nesse sentido em um diálogo inter-religioso e, menos ainda, com o meio acadêmico. Se à época era possível imaginar o Espiritismo como a promessa de uma revolução no conhecimento humano

envolvendo toda a humanidade, hoje o que se entende por Espiritismo é um movimento extremamente diversificado situado no Brasil, com pouquíssimas ramificações fora do país. Se na Europa a condição intelectual da sociedade facilitava a sua vinculação com a ciência, no Brasil parcamente letrado isso era impossível, o que levou o Espiritismo a assumir uma conformação mais religiosa, sem muita vinculação com o meio científico e filosófico que lhe deu origem.

O mesmo se dá com a questão de ser o Espiritismo o “Consolador prometido”. Trata-se de uma elaboração do próprio Kardec com base em mensagens cuja autoria era atribuída – e Kardec estabelece bastante reserva nesse sentido – a Jesus. Quando da elaboração de O Livro dos Médiuns ele apresentou uma mensagem “obtida por um dos melhores médiuns da Sociedade Espírita de Paris” que foi assinada “com um nome que o respeito não nos permite reproduzir senão sob todas as reservas, tão grande seria o insigne favor da sua autenticidade”. Acrescenta em seguida que “esse nome é o de Jesus de Nazaré.”³⁸

Mais tarde, ao escrever O Evangelho Segundo o Espiritismo, Kardec reuniu uma coletânea de quatro mensagens semelhantes em um mesmo capítulo, ao qual deu o título de O Cristo Consolador. Duas delas foram recebidas em Paris, uma em Bordéus e outra em Havre. Como era de seu hábito, ele eliminou alguns trechos e ajustou outros, até mesmo substituindo uma ou outra expressão, visando maior clareza. Sem especificar claramente a autoria ele atribuiu todas elas, inclusive a assinada como Jesus, ao “Espírito de Verdade”.³⁹

Argumentando, ele explica que

O Espiritismo vem, na época predita, cumprir a promessa do Cristo: preside ao seu advento o Espírito de Verdade. (...) Assim, o Espiritismo realiza o que Jesus disse do Consolador prometido: conhecimento das coisas, fazendo que o homem saiba donde vem, para onde vai e por que está na Terra; atrai para os verdadeiros princípios da lei de Deus e consola pela fé e pela esperança.⁴⁰

O Espiritismo, para Kardec, não era uma religião institucionalizada; ele o entendia como um conjunto de ideias e uma nova visão de mundo que estava sendo descortinada, um novo paradigma que se consolidava mediante um movimento partido da espiritualidade, uma “invasão organizada” do mundo espiritual para a Terra, na expressão do médico e escritor britânico Arthur Conan Doyle (1859-1930), criador do famoso personagem Sherlock Holmes. E essa “Terra” era a sociedade europeia do século XIX, predominantemente cristã, tomada como referência de civilização para o planeta inteiro.⁴¹

Dentro do atual contexto de integração cultural em nível planetário possibilitado pela internet e sob o olhar de uma Antropologia que compreende agora o mundo como uma sociedade diversificada e plural, faz sentido apresentar o Espiritismo como uma “terceira revelação”, ou mesmo como o “consolador prometido” para todas as tradições espirituais?

Esta é uma das posições que necessitam ser repensadas dentro do movimento espírita porque, em vez de facilitar o diálogo com a sociedade, esse tipo de argumento apenas equipara o Espiritismo a algumas propostas religiosas do mundo no que elas têm de pior, que é a pretensão de colocar-se como melhor do que as outras.

29. Kardec, Allan. A Gênese, cap. I item 7. 26^a ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1984).

30. Swedenborg (1788-1772) foi um cientista, político, inventor e médium sueco que inspirou a criação do movimento da Igreja Nova, que deu origem a várias ramificações, entre elas a Igreja da Nova Jerusalém.

31. Kardec, Allan. A Gênese, cap. I item 13. 26^a ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1984).

32. Ibidem.

33. Kardec, Allan. Revista Espírita, Jun/1861. Ed. IDE, Araras, SP.

34. Kardec, Allan. Revista Espírita, Jun/1861. Ed. IDE, Araras, SP.

35. Em um dos trechos de sua mensagem ele afirma que “a religião israelita foi a primeira que formulou, aos olhos dos homens, a ideia de um Deus Espiritual.” O grifo é de Kardec, que se apropria desse raciocínio no seu texto em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, e passa a considerá-lo a partir daí nos seus demais escritos.

36. Kardec, *Revista Espírita* Set/1861. Ed. IDE, Araras, SP.

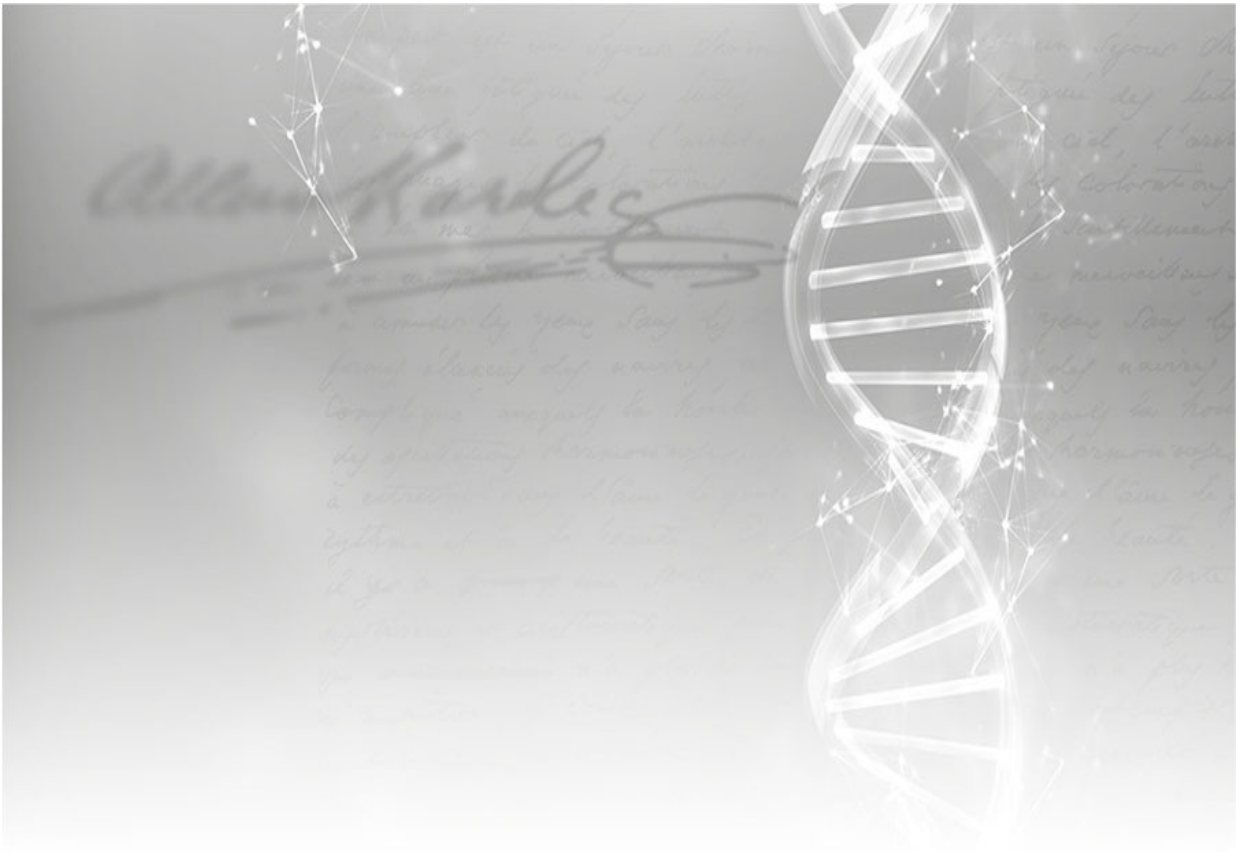
37. Hobsbawn, Eric J. *A Era do Capital (1848-1875)*. 10ª ed. Paz e Terra, São Paulo/SP (2004).

38. Kardec, Allan. *O Livro dos Médiuns*, cap. XXXI item IX. 80ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (2011).

39. Em *O Livro dos Médiuns* Kardec transcreve a mensagem original com a explicação acima. Ao publicá-la em *O Evangelho Segundo o Espiritismo* ele exclui alguns trechos e ajusta outros, visando maior clareza, como se observa na troca da palavra *systemes* pela palavra *utopies*.

40. Kardec, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. VI item 4. 86ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1982).

41. Doyle, Arthur C. *A História do Espiritualismo*, cap. 1. Ed. FEB, Rio de Janeiro, RJ (2013).



Capítulo 5

Da verdade absoluta

ao sentido da Pós-Verdade

— O que é a verdade?

Um dos mais antigos problemas da Filosofia, essa pergunta entrou para a história sem ser respondida por aquele de quem mais se esperava que lhe fosse dada uma solução definitiva. Conforme relata o apóstolo João, Jesus teria preferido o silêncio, e há quem entenda nessa possível atitude, ou nessa narrativa, uma intenção de mostrar o tamanho do enigma por trás da questão.

Por razões históricas o nosso conceito de verdade está profundamente vinculado à tradição judaica, que se mistura a partir de um determinado momento com a filosofia grega. Sob a tradição judaica contida na Torá, que integra o Velho Testamento da Bíblia Sagrada, a verdade é teológica; ela provém de Deus e reside em Deus; é uma Verdade Absoluta. Os profetas são homens por Ele inspirados para trazerem aos homens essa verdade, à qual devem eles moldar a sua existência na Terra. Sob a tradição grega, a Verdade é filosófica, e só pode ser compreendida mediante a atitude indagativa do ser humano. Foi sob essa mistura de tradições que se estruturaram as narrativas contidas nos Evangelhos, onde consta que Jesus teria afirmado ser Ele “o caminho, a verdade e a vida” e que ninguém iria ao Pai senão por ele. Seria dele, também, a afirmação de que teria vindo ao mundo para dar “testemunho da Verdade”, e que, portanto, “conhecereis a Verdade e a Verdade vos libertará.”⁴²

Na mistura que se verifica com a filosofia grega essa visão de mundo encontra uma correspondência direta na corrente que é hoje chamada de idealismo, e que pode ser muito bem representada pelo pensamento de

Platão com a sua alegoria da caverna. O homem vive imerso na ilusão das aparências; tudo o que ele vê são sombras. Mediante o ato de filosofar ele consegue sair da caverna e alcançar a verdade que existe lá fora, para além do seu mundo ilusório. A verdade está, pois, além daquilo que se vê, na dimensão da ideia e não da aparência fugaz representada pelas sombras. O objetivo da existência humana seria alcançar essa verdade transcendente, eterna, absoluta, daí a expressão “platônico” para designar algo indefinível, que somente se alcança mediante a perquirição filosófica, ou seja, saindo da caverna.⁴³ Esse idealismo platônico será fortalecido um pouco mais tarde sob influência do bispo Agostinho de Hipona (354-430), canonizado sob o título de Santo Agostinho, por sinal, um dos nomes mais presentes nos livros de Allan Kardec, e por René Descartes (1596-1650) com o seu Discurso sobre o Método e suas Meditações.

Mas há outra vertente da filosofia grega da qual o cristianismo absorveu um pouco mais tarde uma grande influência, a saber, o realismo associado a Aristóteles. Discordando de Platão, Aristóteles não via sentido em uma verdade transcendental anterior à realidade observável, da qual o mundo material fosse uma decorrência. Para ele a verdade era aquela que poderia ser deduzida do exame da realidade, dos fatos, dos objetos ou da situação. Em vez de uma verdade transcendental, para além do que poderia ser percebido no cotidiano dos homens, a verdade era uma elaboração humana resultante da observação do mundo mediante uma análise racional. Era também uma verdade absoluta, como a de Platão, mas de modo algum preexistente às coisas; ao contrário, ela seria formulada pelo intelecto humano a partir da observação da realidade material.⁴⁴ Esse pensamento será incorporado ao cristianismo sobretudo por Tomás de Aquino (1225-1274) com a *Summa Theologiae*.

Allan Kardec se ancora, do ponto de vista filosófico, em Platão e Santo Agostinho, reconhecendo a existência de uma “eterna verdade” que provém de Deus, e que pode ser revelada pelos espíritos, que estão situados em um mundo além do material, transcendente, o mundo espiritual. Ele parece, de algum modo, relacionar o mundo espiritual ao mundo das ideias de Platão. Os espíritos são os seres que podem vir do além nos trazer informações a respeito desse mundo onde reina a verdade absoluta, que não deixa de ser uma verdade teológica, no sentido judaico-cristão, a verdade de Deus. Mas isso só é possível mediante a observação do fenômeno – e aí entra, sem

dúvida, um tanto de Aristóteles –, mediante a análise racional do objeto em estudo; no seu caso, mediante a análise do fenômeno mediúnico sob suas vistas a partir de um rigoroso método científico.

Por isso que ele compreende o Espiritismo como uma espécie de “revelação” do mundo espiritual para a Terra ou, melhor dizendo, de Deus para os homens. Mas não no sentido profético, mediúnico, judaico-cristão; ao contrário, é uma revelação que foi “deduzida, pelo trabalho do homem, da observação dos fatos que os Espíritos lhe põem sob os olhos e das instruções que lhe dão, instruções que ele estuda, comenta, compara, a fim de tirar ele próprio as ilações e aplicações.” O Espiritismo é, para Kardec, uma espécie de verdade teológica, ou seja, uma verdade religiosa, mas traduzida sob o formato de uma linguagem científica.⁴⁵

Como ele compreende, a Lei de Deus, que representa essa verdade absoluta, tem sido gradativamente revelada ao homem, primeiro pelos profetas, depois por Jesus e, agora, pelos espíritos, que são as “vozes do céu”. O espírito com quem ele dialoga lhe responde usando a própria imagem da alegoria da caverna, de Platão:

628. Por que a verdade não foi sempre posta ao alcance de toda gente?

— Importa que cada coisa venha a seu tempo. A verdade é como a luz: o homem precisa habituar-se a ela, pouco a pouco; do contrário, fica deslumbrado.

Na perspectiva idealista que ele adota, essa lei está desde sempre disponível ao ser humano e pode ser alcançada através da reflexão. Ele indaga: Onde está escrita a lei de Deus? E o espírito responde: “Na consciência.”

A verdade absoluta só é partilhada pelos espíritos de ordem mais elevada, e a humanidade terrestre não poderia ter a pretensão de possuí-la, porquanto não

lhe é permitido saber tudo; ela só pode aspirar a uma verdade relativa e proporcional ao seu adiantamento.⁴⁶

Assim, a verdade que o homem pode conhecer é como as sombras observadas pelos homens que vivem dentro da caverna, na alegoria de Platão. A cada época uma parcela maior dessa verdade vai sendo “revelada” aos homens, de acordo com o seu “adiantamento” intelectual e moral, seja através dos “emissários de Deus”, seja através das descobertas da ciência.

Mas o século XIX era um período de intenso questionamento. O próprio Kardec era um crítico da religião do seu tempo e apresentava o Espiritismo como alternativa a um pensamento religioso considerado ultrapassado. Com sua proposta de “ciência espírita” ele procurava ampliar os limites da própria ciência, que começava a assentar-se com exclusividade sobre a matéria. Qualquer ideia de verdade teológica, e mesmo de verdade científica, enquanto certeza proporcionada pela ciência mediante a investigação dos fatos, era também questionada.

É assim que, na Alemanha do final do século XIX, o filósofo Friedrich Nietzsche (1844-1900) se permite questionar tudo a respeito de tudo, da frágil e, para ele, cômica existência humana aos fundamentos morais do próprio cristianismo oficial. Moral, ciência, civilização, tudo não passa, para ele, de ilusões criadas pelo homem para iludir-se a si mesmo quanto à sua insignificância. “O que sabe o homem, de fato, sobre si mesmo! Seria ele sequer capaz, em algum momento, de perceber-se inteiramente, como se estivesse em uma iluminada cabine de vidro?”⁴⁷ Sob o seu olhar perquiridor “a natureza desconhece quaisquer formas e conceitos (...) mas, tão somente um x que nos é inacessível e indefinível.”

Por “verdadeiro” compreende-se, antes de mais nada, apenas aquilo que usualmente consiste na metáfora habitual – portanto, somente uma ilusão que se tornou familiar por meio do uso frequente e que já não é mais sentida como ilusão: metáfora esquecida, isto é, uma metáfora da qual se esqueceu que é uma metáfora.⁴⁸

Influenciando de maneira marcante toda uma nova geração de pensadores Nietzsche conclui que a “verdade”, portanto, nada mais é que

um exército móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, numa palavra, uma soma de relações humanas que foram realçadas poética e retoricamente, transpostas e adornadas, e que, após uma longa utilização, parecem a um povo consolidadas, canônicas e obrigatórias.

Essa fragilidade da verdade será reconhecida não apenas no mundo da filosofia, como também no ambiente duro e frio da ciência. Karl Popper (1902-1994), reconhecido atualmente como um dos principais epistemólogos do século XX, começa por questionar essa capacidade da ciência de estabelecer uma verdade a respeito de determinados fenômenos. Nem pode ser este o papel do verdadeiro cientista. Para ele o papel do pesquisador é testar os limites da verdade estabelecida, é tentar demonstrar, mediante o princípio da “falseabilidade”, a insuficiência das explicações já formuladas. Influenciado pelo evolucionismo de Darwin, Popper entende que existe uma espécie de darwinismo das teorias, uma competição entre as diversas explicações da realidade, da qual sobrevivem apenas aquelas que melhor respondam aos questionamentos promovidos mediante o critério da falseabilidade.⁴⁹

Assim sendo, nenhum enunciado científico pode ser considerado conclusivo; a ciência perde o seu status de detentora da verdade e passa a ser compreendida como uma espécie de jogo lógico baseado em determinadas “convenções metodológicas” que nos permitem fazer afirmações a respeito dos fenômenos estudados. Suas conclusões, em vez de verdades definitivas, são apenas verdades provisórias, sempre passíveis de serem submetidas a novas verificações. O “racionalismo crítico” que ele propõe consiste em indagar sempre: será esta a melhor explicação para este fenômeno? De que modo posso demonstrar que essa explicação é incompleta, ou falsa?⁵⁰

Sob uma perspectiva diferente, Thomas Kuhn (1922-1996), outra importante referência em epistemologia, vê a ciência como uma construção sócio-histórica na qual “a competição entre segmentos da comunidade científica é o único processo histórico que realmente resulta na rejeição de uma teoria ou na adoção de outra.” Um paradigma é um modelo de explicação ou padrão de pensamento aceito pela comunidade dos cientistas por apresentar argumentos capazes de oferecer respostas às principais questões do momento. Somente quando surgem “anomalias”, ou seja, situações para as quais aquele paradigma não é capaz de oferecer uma explicação satisfatória, é que surgem “crises”, ou seja, as condições favoráveis à elaboração de um novo paradigma. Mas esse novo paradigma não consegue a adesão da comunidade científica pelo simples fato de apresentar-se como verdadeiro; ele tem que defrontar-se sempre com a intolerância a tudo aquilo que diverge da “ciência normal” até então estabelecida. Ele tem que destruir o paradigma anterior na mesma medida em que o novo vai sendo construído, inventado, abrindo espaço no pensamento científico vigente. Somente após um longo processo de elaboração é que a nova forma de pensar se estabelece.⁵¹

Assim, as “verdades” que se acham firmemente estabelecidas em um determinado momento histórico, qualquer que seja a área do conhecimento, vão sendo abaladas pouco a pouco e, a partir de determinadas circunstâncias, entram em processo de profunda crise, um verdadeiro processo de ebulição em que as novas explicações vão emergindo em meio às antigas e disputando espaço no universo das narrativas. Thomas Kuhn explica:

A transição de um paradigma em crise para um novo, do qual pode surgir uma nova tradição de ciência normal, está longe de ser um processo cumulativo obtido através de uma articulação do velho paradigma. É antes uma reconstrução da área de estudos a partir de novos princípios, reconstrução que altera algumas das generalizações teóricas mais elementares do paradigma, bem como muitos de seus métodos e aplicações.⁵²

Inevitável que isso ocorra também em relação ao Espiritismo enquanto ciência. Se Kardec entendia que o seu papel era buscar a “verdade”, naquele sentido que era vigente na sua época, rompendo com as verdades teológicas até então estabelecidas, diante desta nova ciência o papel do pesquisador espírita continua sendo o de questionar os limites das “verdades”, só que, agora, até mesmo das verdades da própria doutrina espírita. Atentos ao espírito do “racionalismo crítico”, que é a base do método elaborado por Allan Kardec, mais importante que reafirmar as verdades vigentes no meio espírita é resolver as insuficiências das explicações até então adotadas.

O próprio vocabulário kardequiano, estruturado com base em uma linguagem corrente na Europa do século XIX, vai perdendo espaço para os novos termos que vão surgindo, inspirados na Física que se constituiu em seguida e em outras correntes de pensamento, como as tradições espirituais da China e da Índia, o xamanismo e as religiões africanas. Palavras como “energia”, “meditação”, “sintonia”, dentre outras, que inexistiam no vocabulário kardequiano, fazem-se muito presentes no discurso espírita de hoje.

Mesmo algumas formulações teóricas passam a requerer maior desenvolvimento, como, por exemplo, a complexidade da interação espírito/matéria, ou a constituição física e social da dimensão espiritual. As tensões que se estabelecem entre as diferentes correntes evidenciam, sob a perspectiva de Thomas Kuhn, anomalias que sinalizam para uma situação de crise de alguns paradigmas até então vigentes no meio espírita, criando as condições históricas para a emergência de novas elaborações que ofereçam soluções e respostas mais completas, mais adequadas às discussões que ocorrem na atualidade.

Sob um olhar possibilitado pelos modernos estudos da Antropologia, vale salientar também que qualquer verdade que se analise está sempre sujeita a um determinado sistema de valores, socialmente estabelecido, e restrito àquela comunidade que o concebeu. O que é verdade para um determinado grupo não é assim compreendido por outro grupo; o que é verdade para um muçulmano pode jamais ser verdadeiro para um cristão, um xintoísta, um hinduísta ou um candomblecista. Quem estará com a razão? Por acreditarem, cada um deles, que são detentores da Verdade é que muitas vezes

justificaram-se as mais variadas formas de fundamentalismo, o que muitas vezes chegou até mesmo ao uso da violência.

Mais recentemente compreendeu-se que o conceito de verdade pode ser entendido também como uma forma de exercício de poder, como o resultado de um processo político em que uma determinada narrativa tenta impor-se às demais mediante os mais variados subterfúgios, as mais diferentes estratégias de dominação. O filósofo francês Michel Foucault (1926-1984) observa que “dentro de uma sociedade existem relações de poder extremamente numerosas, múltiplas, em diferentes níveis, onde umas se apoiam sobre as outras e onde umas contestam as outras.” Nesse processo de apoio e contestação, “estabelecemos discursos e discutimos, não para chegar à verdade, mas para vencê-la.” Como decorrência disso, o conceito de verdade está sempre relacionado ao modo como determinadas instituições a estabelecem, ou seja, ao modo como as correntes que conseguem colocar-se como hegemônicas estabelecem o que pode ser chamado de uma verdade institucional.⁵³

Por último, e talvez de um modo ainda mais desconcertante, a era da conectividade faz emergir um novo conceito, o de Pós-Verdade, entendida como uma verdade fluida que se constrói a partir da subjetividade dos próprios indivíduos na sua interação entre si a partir de elementos do senso comum. Para essa pós-verdade que se estabelece não há necessidade de nenhuma formulação racional ao modo da filosofia e nem necessidade de comprovação baseada em dados objetivos, como propõe a ciência. A imensa disponibilidade de informações proporcionada pelas mídias digitais, alidada a um forte empoderamento do indivíduo, para além do senso de coletividade, oferece ao ser humano a possibilidade de construir a sua própria verdade, que se coloca contra qualquer outra forma de verdade estabelecida e que se dá o direito de questionar, sem nenhuma necessidade de argumentação, até mesmo os resultados obtidos mediante a mais consistente perquirição filosófica ou o mais rigoroso método científico.

O Espiritismo é hoje o retrato perfeito de um campo de conhecimento em ebulição. Ampliam-se as discussões, multiplicam-se as explicações, emergem novos conceitos e novas abordagens, as disputas de poder se acentuam. Até mesmo a proposta de uma “ciência espírita”, apresentada por Kardec, não consegue ser objeto de consenso, dando origem às mais

variadas formulações. É bem o quadro descrito por Thomas Kuhn que, se por um lado traduz uma situação de crise, pode representar também a emergência de um novo paradigma, talvez muito mais abrangente do que o que se entende hoje por Espiritismo.

42. Bíblia N.T. João, 14:6 e 8:32, trad. Haroldo Dutra Dias. Ed. CEI, Brasília/DF (2010).

43. Platão. A República, livro VII. Trad. Carlos Alberto Nunes, 3ª ed. EDUFPA, Belém/PA (2000).

44. Aristóteles. Os Pensadores, vol. I. Ed. Nova Cultural, São Paulo/SP (1987).

45. Kardec, Allan. A Gênese, cap. I item 13. 26ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (2004).

46. Kardec, Allan. O Evangelho Segundo o Espiritismo, item 9 do cap. XV.

47. Nietzsche, Friedrich. Sobre a Verdade e a Mentira, pag. 28. Ed. Hedra, São Paulo/SP (2007).

48. Nietzsche, Friedrich. Sobre a Verdade e a Mentira, pag. 82. Ed. Hedra, São Paulo/SP (2007).

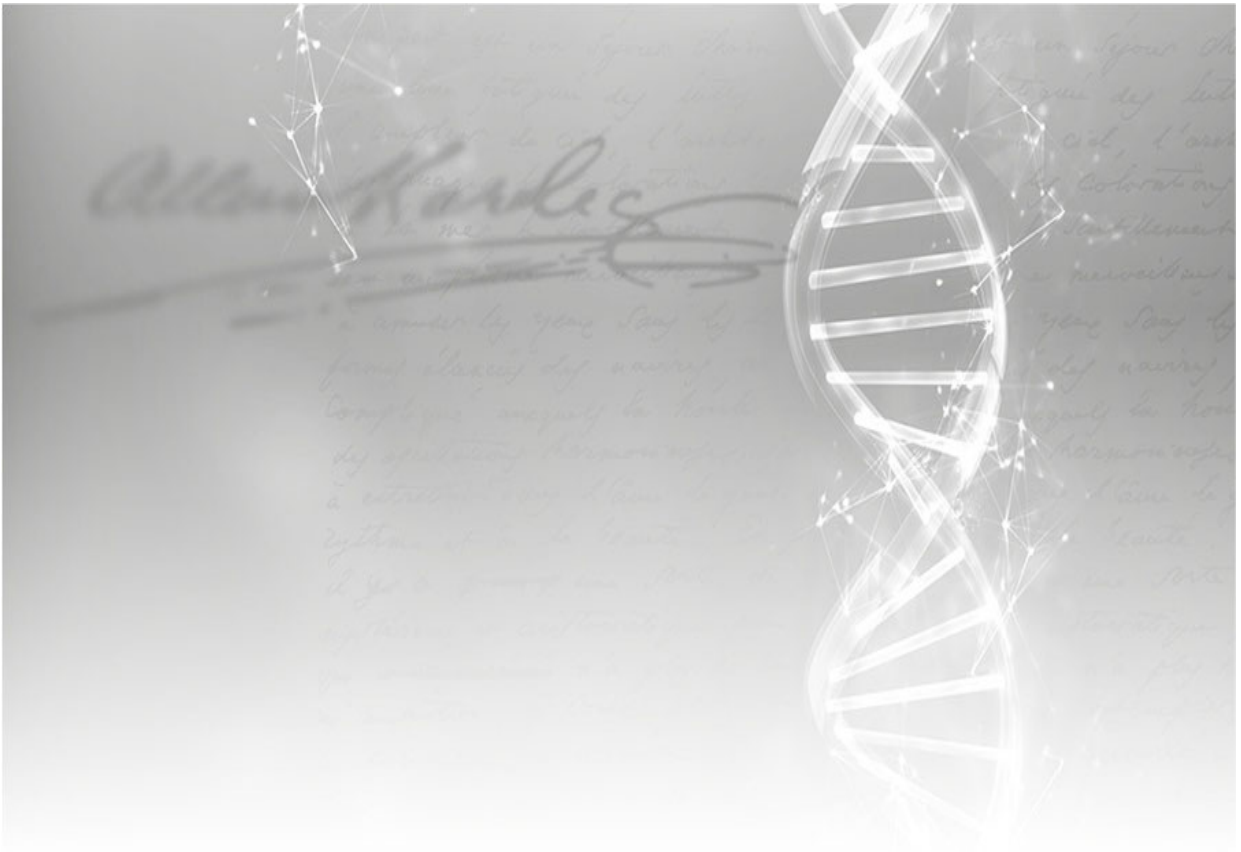
49. Popper, Karl. A Lógica da Pesquisa Científica, pag. 116. Ed. Cultrix, São Paulo/SP (1993).

50. Popper, Karl. A Lógica da Pesquisa Científica, pag. 116. Ed. Cultrix, São Paulo/SP (1993).

51. Kuhn, Thomas S. A Estrutura das Revoluções Científicas. Ed. Perspectiva, São Paulo/SP (2006).

52. Kuhn, Thomas S. A Estrutura das Revoluções Científicas, pag. 116. Ed. Perspectiva, São Paulo/SP (2006).

53. Foucault, Michel. A Verdade e as Formas Jurídicas, pag. 140 e 153.
NAU Editora, Rio de Janeiro/RJ (1999).



Capítulo 6

Unidade vs Diversidade

Para os pensadores do século XIX o progresso era como uma longa jornada em direção a uma unidade, a uma única referência de sabedoria, de moral ou de civilização. Fruto do idealismo platônico, imaginava-se que havia um ideal de perfeição, para o qual tendiam todos os seres humanos, todas as correntes de pensamento. Um dia todos se uniriam em uma compreensão universal da verdade, do que resultaria uma perfeita harmonia. Inserido nessa cultura, era assim que Kardec também via o Espiritismo, cuja consolidação o conduziria a essa unidade onde as diferenças seriam apenas devidas às questões de hábitos decorrentes das variações climáticas, geológicas ou históricas. Dialogando com os espíritos, parecia-lhe que também eles validavam essa visão:

798. O Espiritismo se tornará crença comum, ou ficará sendo partilhado, como crença, apenas por algumas pessoas?

— Certamente que se tornará crença geral e marcará nova era na história da humanidade, porque está na natureza e chegou o tempo em que ocupará lugar entre os conhecimentos humanos.

O objetivo a ser atingido era a unidade de princípios; “as divergências tendem cada vez mais a desaparecer”. Mas para isso era preciso precaver-se com relação às ocorrências do que ele chamava de “cismas”, ou seja, divisões internas que colocavam em risco esse propósito. Para fazer face a essas divisões internas Kardec propunha a criação de uma organização centralizadora que incentivasse e desse suporte aos novos estudos, e também

que promovesse congressos e eventos filosóficos e científicos de tal modo que, sem sacrifício dos princípios do “livre-exame e da liberdade de consciência”, oferecesse suporte a essa busca da unidade.

Mas, qual será a amplitude do círculo de atividade desse centro? Destinar-se-á a reger o mundo e a tornar-se árbitro universal da verdade? Alimentar semelhante pretensão fora compreender mal o espírito do Espiritismo que, pela razão mesma de proclamar os princípios do livre-exame e da liberdade de consciência, repele a ideia de arvorar-se em autocracia; logo que o fizesse, teria enveredado por uma senda fatal.⁵⁴

Essa organização centralizadora,

Fiel ao princípio de liberdade de consciência, que a Doutrina proclama como direito natural, ela respeitará todas as convicções sinceras e não anatematizará os que sustentem ideias diferentes das suas, nem deixará de aproveitar as luzes que possam brilhar fora do seu seio.⁵⁵

Contrariando essas expectativas, o Espiritismo começou a fragmentar-se ainda nas suas origens, a começar pelo roustainguismo, cujos textos foram publicados ainda no tempo de Kardec. Com a sua morte surgiram outras correntes mais místicas, mesmo na Europa, além de um Espiritismo um tanto mesclado com o catolicismo no Brasil, ou mesmo com tradições esotéricas, como foi o caso do movimento iniciado pelo ex-militar e escritor espírita Edgar Armond (1894-1982).⁵⁶ Sem contar as inúmeras divisões menos ostensivas, mas facilmente identificáveis, como os grupos de seguidores de Chico Xavier e os de Divaldo P. Franco; ou os que se identificam com a obra de espíritos como Ramatis; ou com uma aproximação com a Umbanda, como Robson Pinheiro; ou com os extraterrestres, como Wanderlei de

Oliveira, além de inúmeras outras correntes que se afirmam mais ou menos fiéis ao legado kardequiano, ou orientadas pelas ideias de Justiça Social.

Não há como negar que toda essa fragmentação faz parecer cada vez mais distante a unidade imaginada por Kardec, sobretudo quando se observam movimentos internos de competição por hegemonia entre as diversas correntes que caracterizam hoje o pensamento espírita. Como explicar essa aparente contradição?

Teorias posteriores ao surgimento do Espiritismo, como a dos sistemas, do caos e da complexidade mostraram uma lógica diferente daquela que fazia parte do imaginário positivista: ao contrário da tendência à unidade, todo sistema evolui do simples para o complexo. Se há um propósito que aponta para a unidade, há também um movimento de transformação que aponta para a complexidade, sendo tanto maior a diversidade quanto maior e mais desenvolvido o sistema. Mesmo os sistemas jovens já trazem em si alguma complexidade, que mais se amplia quanto mais o sistema amadurece; quanto mais estruturado, mais complexo. Por outro lado, sob a complexidade de todo sistema maduro vige também um sentido de ordem que lhe mantém a estrutura e a coesão internas. Isso vale para sistemas biológicos, computacionais, sociais.

O escritor espírita Eurípedes Kull considera a diversidade como o “vetor universal evolutivo”, na linha da teoria da complexidade. Analisando as correlações entre Espiritismo e genética, Kull faz uma comparação com o sistema enzimático dos seres vivos: “se houvesse perfeição no sistema enzimático não haveria diversidade” e nem evolução. O mesmo pode ser dito com relação ao Espiritismo e a tudo o que é progressivo no universo: se o Espiritismo fosse uma construção que se apresentasse como “perfeita”, não haveria diversidade interna, e qualquer evolução seria impossível.

Dentro dessa perspectiva, conflitos deixam de ser vistos como “anomalias” ou como “imperfeições do sistema”; ao contrário, rupturas, inconsistências, fragilidades, muito antes de se constituírem em problema, se constituem em possibilidades de novas elaborações. A evolução de qualquer sistema é uma desejável decorrência dos conflitos internos que, além de serem inevitáveis, são entendidos agora como indutores do crescimento.

Nas palavras de Jeni Vaitsman, socióloga da Fiocruz-IPEA, “na sociedade contemporânea, não se consegue mais, como queria o projeto universalista da ciência, da filosofia e da política, homogeneizar os diferentes sujeitos, objetos e discursos.”

O conhecimento científico não é mais tratado como “representação exata” da realidade, como “espelho da natureza”, e sim como uma forma de representação da realidade entre outras. Não se consideram mais as descrições científicas como transparentes e objetivas, mas sim construções da realidade, discursos sobre o mundo, o que os aproxima das formas de construções literárias e artísticas.⁵⁷

Mas na falta dessa compreensão e na ausência do espírito de fraternidade, começa a prevalecer, inevitavelmente, o uso de estratégias de dominação, como, por exemplo, o silenciamento das minorias tendo em vista a manutenção do poder por parte da vertente majoritária do conhecimento espírita. O que seria fator de aprimoramento em qualquer outro sistema – que são o conflito, a diversidade e as rupturas internas – passa a ser entendido como problema, motivo de divisão. Em vez de aproveitar as rupturas internas, os conflitos internos e a diversidade interna do sistema para fazê-lo crescer e multiplicar-se, o que tem sido observado é uma tendência cada vez maior à fragmentação, cada corrente desejando apropriar-se do direito a se afirmar espírita, às vezes até mesmo com a recusa das demais.

Ângela Moraes, Pós-doutora em comunicação pela UnB, analisa o modo como esse conflito se estabelece nos movimentos sociais a partir dos conceitos de “violência simbólica” e de “ética do dissenso”. Mesmo quando se promove o diálogo, “as pessoas não entram nele para aprenderem juntas, umas com as outras; as pessoas entram no diálogo para convencer o outro”. Os grupos hegemônicos usam de diferentes formas de violência simbólica, como difamação, censura, para promoverem a “morte simbólica” do outro, ou seja, o seu silenciamento dentro do campo de discursos.⁵⁸

Analisando a história do espiritualismo no mundo, Conan Doyle observa que situação semelhante aconteceu com a Igreja da Nova Jerusalém, fundada por Emanuel Swedenborg, um dos principais precursores do Espiritismo. Em sua análise ele comenta o que ocorre quando um movimento que já se acha estabelecido se recusa a aceitar que se lhe agreguem novos elementos. Foi o que aconteceu, entende ele, com o advento do Espiritismo; em vez de abrirem-se para os novos conhecimentos que lhes foram sendo apresentados os adeptos de Swedenborg se fecharam nas suas “verdades reveladas”. Embora as ideias de Swedenborg fossem extremamente semelhantes às do Espiritismo nascente – registra Conan Doyle – o ato de “exagerar cada ponto divergente e desconhecer todos os pontos coincidentes” apenas fez que “os dois corpos fossem impelidos para o franco antagonismo”; e o novo, em se colocando externo, tornou-se maior que o original.⁵⁹

Enquanto a Rádio Boa Nova divulga com euforia uma pesquisa realizada pelo pesquisador espírita Mário Fernando Prieto Peres que atesta que 50% dos brasileiros acredita em reencarnação e 70% relata algum tipo de experiência espiritual, o IBGE identifica no seu último censo de 2015 que menos de 2% dos brasileiros se afirmam “espíritas”.⁶⁰ Se essa busca de unidade não for adequadamente compreendida, incluindo dentro dela a diversidade inevitável, o Espiritismo pode fazer dela o seu fator de limitação em vez de utilizá-la como fator de crescimento e afirmação junto à sociedade, como ocorreu com a Igreja Nova Jerusalém.

Considerando o movimento espírita como um sistema complexo, qualquer proposta de unidade requer sejam respeitadas as variações internas que surgem inevitavelmente dentro do próprio movimento, como um movimento de união entre diferentes que cultivam princípios semelhantes. Com certeza vendo o cenário de um ponto de vista mais elevado, os espíritos já haviam orientado Kardec dizendo-lhe:

que importam algumas dissidências, mais de forma que de fundo! Notai que os princípios fundamentais são os mesmos por toda parte e vos há de unir num pensamento comum: o amor de Deus e a prática do bem. (...) Se é certo que, entre os adeptos do Espiritismo se contam os que divergem de opinião

sobre alguns pontos da teoria, menos certo não é que todos estão de acordo quanto aos pontos fundamentais.⁶¹

Em qualquer sistema social, se a sua diversidade interna não é reconhecida e valorizada o sistema se rompe e se fragmenta.

Nesse sentido Luiz Signates pondera: “o imaginário que eu faço de futuro, por exemplo, de uma sociedade perfeita, é uma sociedade de extrema diversidade, onde os conflitos nessa mesma diversidade não são violentos, (ao contrário) são respeitados infinitamente”.⁶²

54. Kardec, Allan. Obras Póstumas, Constituição do Espiritismo. 26^a ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1993).

55. Ibidem.

56. Souza, André R; Arriba, Célia G; Simões, Pedro. Feições Expressivas do Movimento Espírita Brasileiro, in Religare, vol. I n° 14 ano 2017 pag. 28-59, UFPB/PB.

57. Vaitsman, Jeni. Subjetividade e Paradigma do Conhecimento, in Bol. Técnico do SENAC ano 1995 v.21 n° 2.

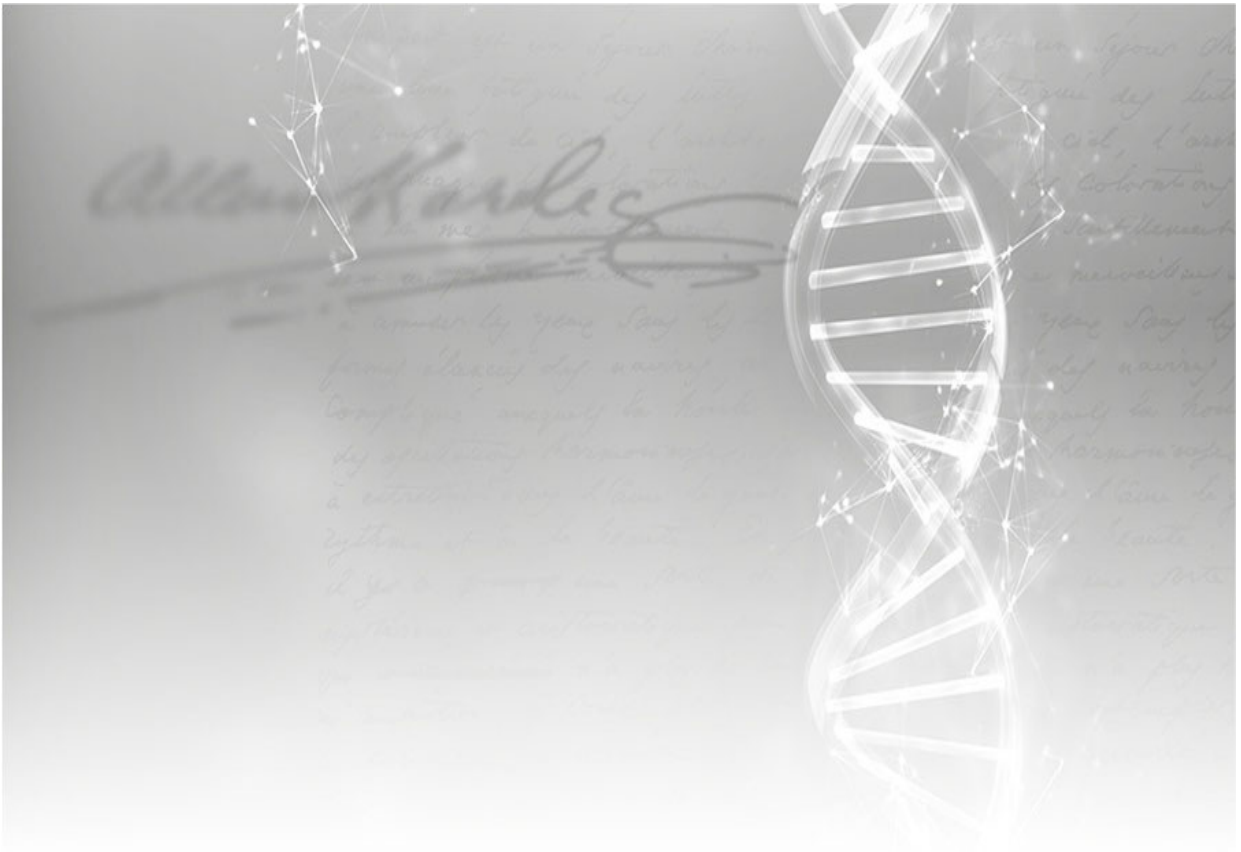
58. Moraes, Ângela T. Aportes teórico-metodológicos para análise de discursos polêmicos em interações comunicativas, in Estudos Contemporâneos em Jornalismo – coletânea, UFG/FIC, Goiânia/GO (2018).

59. Doyle, Arthur C. História do Espiritualismo, pag. 32. Ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ.

60. Divulgado no site da Rádio Boa Nova
https://radioboanova.com.br/estudo_espirita/estudo-revela-que-50-dos-brasileiros-acreditam-em-reencarnacao/

61. Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, conclusão. 54^a ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1981).

62. Signates, Luiz A. entrevista em Rev Eletr Espiritualidade e Sociedade.
Disp. em www.espiritualidades.com.br



Capítulo 7

O mito do homem racional

Uma das crenças vigentes no século XIX era a de que o homem é um animal racional, conforme havia definido Aristóteles ainda na Grécia Antiga. Especialmente com o advento do projeto de educação universal trazido pela Revolução Francesa, acreditava-se que através da educação seria possível elevar todos os seres humanos a um patamar de racionalidade que, por consequência, possibilitaria beneficiar a todos com as virtudes da “civilização”.

Por isso a razão, para Kardec, é o supremo juiz em todas as questões, “o primeiro exame comprovativo (...) ao qual cumpre se submeta, sem exceção, tudo o que venha dos espíritos”.⁶³ A força do Espiritismo “está na sua filosofia, no apelo que dirige à razão, ao bom senso”.

O Espiritismo, afirma ele,

Quer ser por todos compreendido, porque chegados são os tempos de fazer-se que os homens conheçam a verdade. Longe de se opor à difusão da luz, deseja-a para todo o mundo. Não reclama crença cega; quer que o homem saiba por que crê. Apoiando-se na razão, será sempre mais forte do que os que se apoiam no nada.⁶⁴

Kardec propõe que o ensinamento do Espiritismo “tem que ser claro e sem equívocos, para que ninguém possa pretextar ignorância e para que todos o possam julgar e apreciar com a razão”. É a conquista da razão que dá ao

homem o livre arbítrio, e pela razão o homem se torna capaz, inclusive, de distinguir as necessidades reais das fictícias, tendo, com isso, melhores condições de pautar sua caminhada no mundo material. ⁶⁵

Em decorrência da generalização de uma educação que teria como base essa supremacia da razão o mundo estaria caminhando definitivamente para uma nova era, onde não mais haveria motivos para divisões, antipatias, barreiras ilusórias baseadas no egoísmo.

Do futuro se pode, pois, julgar pelo passado. Já vemos que pouco a pouco se extinguem as antipatias de povo para povo. Diante da civilização, diminuem as barreiras que os separavam. De um extremo a outro do mundo, eles se estendem as mãos. Maior justiça preside à elaboração das leis internacionais. As guerras se tornam cada vez mais raras e não excluem os sentimentos de humanidade. Nas relações, a uniformidade se vai estabelecendo. Apagam-se as distinções de raças e de castas e os que professam crenças diversas impõem silêncio aos prejuízos de seita, para se confundirem na adoração de um único Deus. Falamos dos povos que marcham à testa da civilização. ⁶⁶

A realidade, entretanto, é caprichosa, e parece nunca obedecer a qualquer previsão.

Os movimentos que emergiram no século XX revelaram um ser humano nada racional. Em vez de se extinguirem as antipatias de povo para povo, viu-se acirrar a Guerra Fria e o mundo dividir-se em blocos; em vez de estenderem-se as mãos os povos iniciaram uma corrida armamentista sem precedentes, agora possibilitada pelo expressivo avanço tecnológico; em vez de queda das barreiras observou-se a construção do muro de Berlim separando ao meio uma cidade inteira e uma nação; ou ainda recentemente o muro que separa os Estados Unidos do México; em vez de maior justiça, viu-se o acirramento da xenofobia e do preconceito racial; em lugar do silêncio às diferenças religiosas, fundamentalismos, cristão e islâmico, se contrapondo.

Charles Darwin já havia entrevisto os limites da racionalidade quando publicou em 1872 um livro no qual estuda o modo como as emoções se impõem sobre o comportamento dos homens, de modo muito mais intenso que a razão. Em um experimento pessoal ele observou que, diante de um impacto emocional intenso, nem o mais sólido planejamento se mostra suficiente; as ações reflexas se impõem sobre qualquer intenção racional:

Aproximei meu rosto do grosso vidro de um viveiro de víboras no jardim zoológico, determinado a não me afastar caso a cobra atacasse. Mas tão logo ela se precipitou sobre mim, minha resolução de nada me valeu, e eu pulei um ou dois metros para trás com impressionante rapidez. Minha vontade ou razão foram inúteis diante de imaginar um perigo que nunca havia sido experimentado.⁶⁷

Neste ponto é que precisamos levar em conta o que Schultz chama de *Zeitgeist*, ou seja, o “espírito da época”, referindo-se ao conjunto de subjetividades que norteiam as ideias e as buscas intelectuais das pessoas em um determinado contexto histórico.⁶⁸ Não havia no século XIX clima propício para quaisquer considerações em torno das emoções ou do seu papel na vida humana; o comportamento era compreendido apenas com base na dualidade instinto e razão pelos pensadores do iluminismo. Assim, também o estudo de Darwin passou inteiramente despercebido.

Somente com a estruturação das grandes organizações, como a Ford no início do século XX, e com a busca incessante de aumentar a produtividade dos operários é que a atenção dos psicólogos se voltaria para os aspectos subjetivos do ser humano. Deve-se a uma descoberta quase acidental de Elton Mayo, um psicólogo australiano radicado nos EUA, a percepção do papel determinante de fatores subjetivos como estilo de liderança, amizade no trabalho, espírito de equipe, autonomia, ou mesmo a importância do cargo na produtividade dos funcionários. À frente de uma pesquisa desenvolvida na Western Electric Company, Elton Mayo observou que esses fatores influenciavam decisivamente na produtividade das diversas equipes que estavam sendo estudadas. Era uma retomada pelo meio

científico da constatação de Darwin, de que o comportamento do ser humano é muito mais guiado pelas suas emoções do que pela sua razão.

Já na década de cinquenta o psicólogo Abraham Maslow observou que os macacos, quando famintos, se tornavam agressivos e altamente motivados para agir, e mais dóceis depois de alimentados. A partir dessa constatação ele começou a observar também o comportamento humano, e concluiu que as necessidades fisiológicas são o primeiro fator motivador para a ação, como se fossem a base de uma hierarquia formada pelas diferentes necessidades. Ele representou essa ideia sob a forma de uma pirâmide, na qual, logo acima, vinham as necessidades relacionadas à segurança; em seguida, as de convivência (sociais); no andar seguinte as necessidades de estima, ou pertencimento e, no topo da pirâmide, as necessidades ligadas à autorrealização. Pouco a pouco se tornava evidente que a subjetividade está muito mais presente que a racionalidade no cotidiano das relações humanas e, portanto, no comportamento e nas crenças das pessoas.

Mas ainda aí a palavra “emoção” não havia conquistado o seu status atual. Na literatura espírita Chico Xavier/André Luiz já haviam se referido a uma suposta superioridade da emoção sobre a racionalidade ao associarem o amor – e não a razão – aos mais elevados potenciais de ação, em sintonia com os ensinamentos de Jesus. Em texto produzido em 1947 Chico Xavier/André Luiz afirmam que “o conhecimento pode pouquíssimo, comparado com o muito que o amor pode sempre”. Ao relatar um caso de obsessão provocado por uma circunstância de crime o autor comenta a necessidade de intervenção de uma senhora dotada de mais amplos recursos de afeto, para que o diálogo com os espíritos em conflito fosse pautado no sentimento, e não no simples emprego da razão. Ele coloca a explicação para essa escolha na fala de um instrutor espiritual:

Se o conhecimento auxilia por fora, só o amor socorre por dentro – acrescentou o instrutor tranquilamente. Com a nossa cultura retificamos os efeitos, quanto possível, e só os que amam conseguem atingir as causas profundas.⁶⁹

Também o espírito Emmanuel afirma, ainda em 1958, que “marchamos para mais altas formas de emoção e pensamento na conquista da liberdade suprema”.⁷⁰

Só um pouco mais tarde, já na década de oitenta, que a palavra “emoção” conseguirá conquistar um espaço definitivo no mundo da ciência, contrapondo-se ao domínio estabelecido até então pela inteligência cognitiva. Elaborando sua teoria das inteligências múltiplas o psicólogo estadunidense Howard Gardner considerou um conjunto de sete diferentes habilidades no seu conceito de inteligência, onde a cognitiva era apenas uma delas. Logo em seguida outro psicólogo, o jornalista científico Daniel Goleman, publicou um livro no qual estudava exatamente o impacto das emoções sobre as decisões humanas. Pessoas com elevado quociente intelectual, observa ele, costumam falhar de maneira clamorosa quando têm que lidar com suas emoções.

A partir daí instituições sérias como a universidade de Harvard passaram a dar atenção especial à emoção, sobretudo no que se refere ao seu impacto no mundo dos negócios. Constatou-se que muitas decisões de altos executivos são fortemente afetadas pelas suas emoções, abrindo caminho para estudos sobre o seu impacto no meio empresarial e sobre o modo de se lidar com elas visando atingir objetivos pré-estabelecidos.⁷¹ Analisa-se desde então a “inteligência intrapessoal”, que é entendida como sendo “a capacidade de compreender os impulsos emocionais e de controlá-los em benefício próprio”, bem como a “inteligência interpessoal”, que está associada à empatia e também à habilidade – perigosa, do ponto de vista ético – de manipular as emoções alheias.⁷²

Consagrava-se assim, no mundo da psicologia o termo “inteligência emocional”, a respeito do qual o renomado neurocientista português Antônio Damásio comenta:

As emoções foram extremamente bem-sucedidas, ao longo da evolução, em nos manter vivos. O medo fez com que nos expuséssemos menos ao perigo e tivéssemos mais chance de sobreviver. A alegria nos deu incentivo para

fazer o que precisamos para prosperar: exercitar a mente, inventar soluções para problemas, comer, nos reproduzir.⁷³

Em seus estudos sobre as emoções e suas reações no cérebro humano, Damásio havia constatado que

Emoções como a compaixão, a culpa e a vergonha são importantes porque orientam nosso comportamento moral. Se você fizer qualquer coisa que não está correta em relação a outra pessoa, vai se sentir envergonhado e terá um sentimento de culpa. Isso é muito importante porque vai ajudar a manter a sua conduta de acordo com a convivência em sociedade.⁷⁴

Isso não significa que a racionalidade tenha perdido a sua importância; ao contrário, demonstra que só ela é capaz de estabelecer controle adequado sobre as emoções quando estas vêm à tona, de modo que elas possam ser utilizadas de maneira produtiva tendo em vista uma ação consciente por parte de quem a expressa. Mas esses estudos também demonstram como mesmo mentes esclarecidas, quando acicatadas por emoções intensas como revolta ou medo, ficam sujeitas às suas injunções sobre o seu comportamento, sob a forma de reflexos condicionados que se impõem sobre a razão. Sabe-se hoje que sentimentos como culpa ou tristeza podem estabelecer bloqueios ao comportamento, muitas vezes no nível do inconsciente, cuja superação pode requer até mesmo ajuda profissional especializada.

Portanto, em vez do homem racional do século XIX, compreende-se hoje que o comportamento do ser humano é fortemente marcado pelo componente emocional, e que isso impacta até mesmo na maneira pela qual ele compreende a sua espiritualidade e a própria religião. Ritos adotados nas empresas, nos esportes, nas igrejas, muitas vezes se constituem em apelos emocionais socialmente estruturados tendo em vista definir a postura das pessoas em relação ao trabalho, ao consumo, à vida social e à

espiritualidade. Novas disciplinas, como o marketing, passaram a estudar o comportamento do consumidor visando explorar a sua dimensão emocional tendo em vista a venda dos produtos das empresas. Até mesmo a religião aprendeu a lidar com – ou a manipular – as emoções humanas tendo em vista a disputa de fiéis no que passou a ser identificado como o “mercado da fé”.

Considerar esse componente emocional pode nos ajudar a compreender melhor a ascensão dos grupos fundamentalistas no final do século XX, bem como o surgimento de movimentos contestatórios como o terraplanismo, que possui hoje no Brasil mais adeptos que o Espiritismo. Pesquisa do Instituto Datafolha realizada em junho de 2019 constatou que 7% dos brasileiros disseram acreditar que o formato da Terra é plano, enquanto apenas 2% se declaram espíritas.⁷⁵

Assim sendo, o simples apelo à razão, enquanto capacidade de raciocinar e de deduzir algo a partir da lógica, conforme proposto por Kardec e pelos espíritos, tem se mostrado impotente para a construção de uma nova consciência em uma sociedade movida por apelos emocionais. A própria Casa Espírita, longe de ser um centro de estudos, como era a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, orientado para o esclarecimento, mostra-se hoje mais como um templo de oração voltado para o consolo, com forte apelo emocional ancorado em uma abordagem terapêutica orientada para o autodescobrimento. Quando se adentra no pouco de Espiritismo que existe hoje no mundo, e que está quase restrito ao Brasil, observa-se que ele só sobrevive graças a uma vasta literatura voltada para a solução de problemas pessoais, além de um sem número de palestrantes que priorizam as questões de conteúdo emocional e psicológico, com um quase esquecimento das questões científicas e filosóficas que lhe deram origem.

Entende-se hoje que o homem racional percebido pelos pensadores do século XIX mostrou-se um mito, e que a esmagadora maioria das pessoas na Terra, por enquanto, é mobilizada mais pelo apelo emocional que pela razão. Isso implica que não será tão somente através da racionalidade cognitiva que o coração e o entendimento do ser humano será conquistado para as novas perspectivas espirituais que o Espiritismo descortina.

Kardec não estava equivocado quando propunha a “fé raciocinada” como um testemunho da supremacia da razão sobre o instinto, ou sobre as emoções, segundo os termos vigentes na atualidade. O que ele propunha era uma integração entre a dimensão racional e a emocional do ser humano, como bem pondera Antônio Damásio ao afirmar que

Os sentimentos são, portanto, fundamentais para organizar a sociedade e foram fundamentais para a formação dos sistemas moral e judicial. Mas as emoções por si só têm limites. Para vivermos em sociedade no século XXI, precisamos muitas vezes ser capazes de criticar as nossas próprias emoções e dizer não a elas. E a única maneira de ultrapassar as emoções é o conhecimento: saber analisar as situações com grande pormenor, ser capaz de raciocinar sobre elas e decidir quando uma emoção não é vantajosa. Há um nível básico em que as emoções ajudam, e se você não tem esse nível você é um psicopata. Mas há um nível mais elevado em que as emoções têm de ser não as conselheiras, mas as aconselhadas.⁷⁶

O problema é que esse nível de compreensão só pode ser atingido mediante a educação; mas não uma educação funcional, utilitarista, orientada como se dá hoje para o exercício de uma profissão, e sim aquela imaginada pelos idealistas franceses do século XIX, universal, laica, acessível a todos os seres humanos; uma “educação da alma”, como propunha Léon Denis.⁷⁷ Somente uma educação em um sentido mais amplo possibilita ao ser humano um olhar mais crítico sobre as próprias emoções, emancipando-o em relação às suas variadas manifestações de inteligência, sob o ponto de vista das inteligências múltiplas de Howard Gardner e, sobretudo, da inteligência emocional identificada por Daniel Goleman.

Na realidade, uma educação ainda muito distante da quase totalidade das pessoas na sociedade atual, ainda inteiramente orientada para a produção de bens materiais. Se Kardec, e alguns espíritos com ele, imaginavam o Espiritismo propagando-se rapidamente por todo o planeta e consolidando o novo paradigma da imortalidade da alma ainda durante o século XX, constata-se hoje que isso depende, primeiramente, da solução de graves

questões sociais como a eliminação da pobreza e da desigualdade social, o pleno acesso à educação, sem o que até mesmo a “fé raciocinada” continuará sendo uma utopia, uma possibilidade acessível a poucos.

63. Kardec, Allan. O Evangelho Segundo o Espiritismo, Introdução, item II. 86ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (2011).

64. Idem. O Livro dos Espíritos, conclusão, item VI. 54ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1981).

65. Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, questão 627 e 635. 54ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1981).

66. Ibidem, Conclusão, item IV.

67. Darwin, Charles. A expressão das emoções no homem e nos animais, pag. 44. Ed. Cia das Letras, São Paulo/SP (2000).

68. Schultz, Duane P. e Schultz, Sydney E. História da Psicologia Moderna. Ed. Thomson Learning, São Paulo/SP (2007).

69. Xavier, Francisco C. No Mundo Maior, pelo espírito André Luiz, cap. 4 e 5. 9ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1981).

70. Idem. Pensamento e Vida, pelo espírito Emmanuel, lição 11. 19ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (2013).

71. Brooks, Alison Wood. As emoções e a arte da negociação, in Harvard Business Review Brasil de 04/12/2015.

72. Vide Gardner, Howard. Estruturas da Mente – A Teoria das Inteligências Múltiplas, Ed. Artmed, Porto Alegre/RS (1994) e Goleman, Daniel. Inteligência Emocional, Ed. Objetiva, São Paulo/SP (1997).

73. Damásio, Antônio. Revista Veja, entrevista publicada na edição de 29/06/2013. Ed. Abril, São Paulo/SP.

74. Ibidem.

75. Jornal Folha de São Paulo edição de 14/07/2019

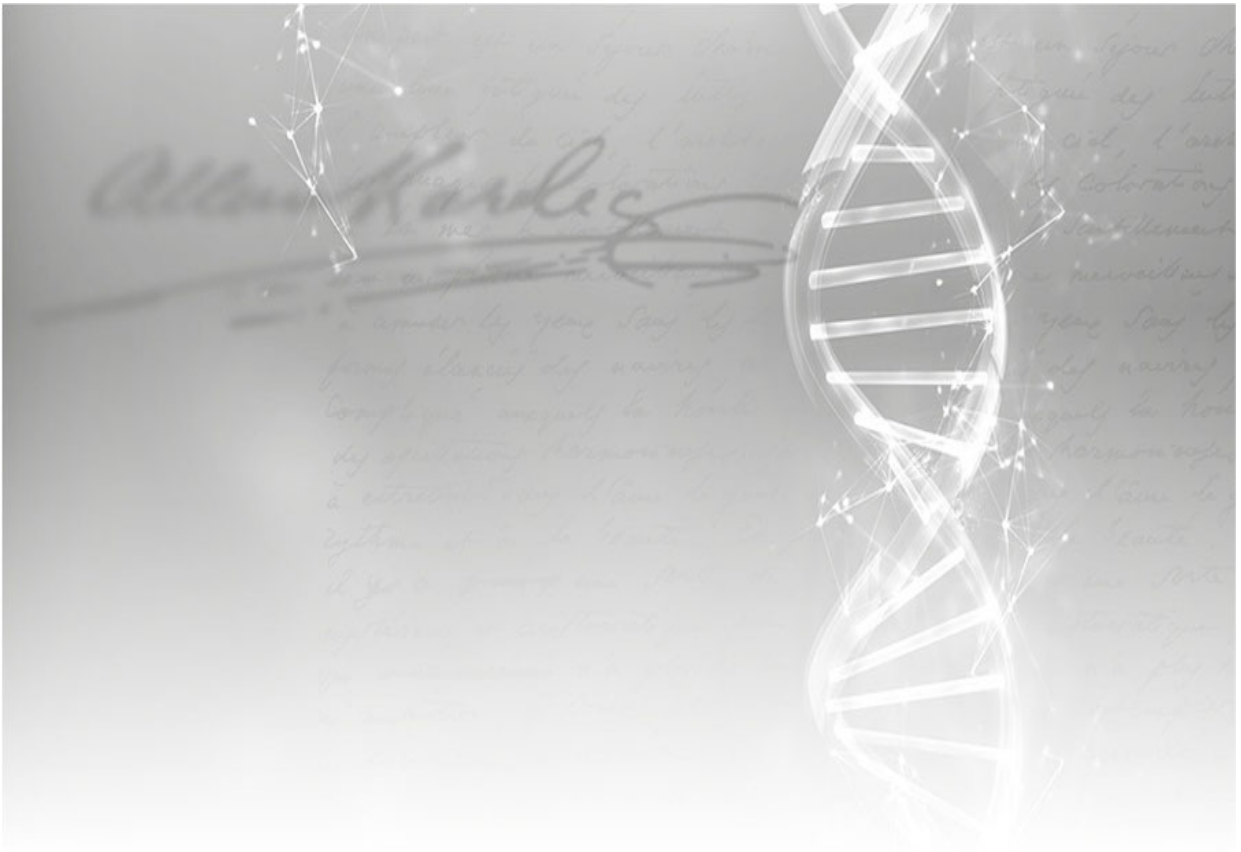
76. Damásio, Antônio. Revista Veja, entrevista publicada na edição de 29/06/2013. Ed. Abril, São Paulo/SP.

77. Denis, Léon. Socialismo e Espiritismo. Ed. O Clarim, Matão/SP (1982).



Segunda Parte

A obra



Capítulo 8

Os termos e o seu contexto

O maior equívoco que podemos cometer ao estudar a obra kardequiana é buscar nela uma verdade estática, pronta, acabada, no estilo da verdade absoluta e atemporal da filosofia de Platão. Por mais que esse conceito fosse ainda vigente na época de Kardec, ele mesmo já entrevia para o Espiritismo uma verdade dinâmica, em constante atualização. Tanto que quase dez anos depois da publicação de sua primeira obra doutrinária ele próprio apresenta na Revista Espírita novos desdobramentos do seu conteúdo, impossíveis de serem imaginados em 1857. Ao comentar questionamentos feitos por um leitor em torno de um interessante caso de “magnetização de um espírito por outros espíritos”, publicado na edição de junho daquele ano, ele faz um comentário importante para os fins deste estudo:

O Livro dos Espíritos não é um tratado completo do Espiritismo; não faz senão colocar-lhe as bases e os pontos fundamentais, que devem se desenvolver sucessivamente pelo estudo e pela observação. ⁷⁸

Esse entendimento não apenas nos autoriza, mas nos recomenda proceder sempre uma leitura racional de toda a obra kardequiana, bem como de qualquer outro texto espírita, sejam quais forem os seus autores, inclusive os de autoria dos espíritos. Kardec sempre procurou enfatizar que os espíritos que se pode, com razão, classificar como superiores, encontram prazer em fornecer explicações mais claras, em esclarecer os pontos obscuros. Daí não fazer nenhum sentido qualquer receio de, com isso, estar cometendo

qualquer heresia. Aliás, heresia é uma ideia que trazemos do nosso passado católico, mas que não se aplica, sob nenhum aspecto, ao Espiritismo.

Para bem compreender a obra kardequiana é preciso considerar, logo de início, que a própria linguagem é uma construção social que experimenta permanentes mutações e adaptações. Isso significa que até mesmo os termos e conceitos utilizados em seus livros devem ser compreendidos dentro de uma perspectiva temporal que leve em conta a dinâmica social em torno do seu uso, tanto no meio literário quanto no religioso e no científico. Essa compreensão possibilitará ao leitor desfrutar de toda a riqueza contida na literatura kardequiana sob uma perspectiva mais ampla, não restrita aos limites do texto, em conformidade com a observação paulina segundo a qual “a letra mata, mas o Espírito comunica a vida”.⁷⁹

Pedagogo criterioso que era, ao elaborar O Livro dos Espíritos Kardec começa por estabelecer detalhadamente os principais conceitos que formarão a coluna mestra da sua obra, e como esses conceitos serão traduzidos em palavras e expressões. Ele sabe que sem conceitos claros não se faz ciência e age como um cientista que deseja delimitar claramente o seu objeto de estudo. É assim que, para ser mais específico, ele propõe os termos “espírita” e “Espiritismo” visando estabelecer a diferença em relação ao espiritualismo.

Quem quer que acredite haver em si alguma coisa mais do que matéria, é espiritualista. Não se segue daí, porém, que creia na existência dos Espíritos ou em suas comunicações com o mundo visível. Em vez das palavras espiritual, espiritualismo, empregamos, para indicar a crença a que vimos referir-nos, os termos espírita e espiritismo.⁸⁰

Como se depreende claramente do texto, o critério de distinção era crer “na existência dos espíritos” e “em suas comunicações com o mundo visível”. Como não se constituía em uma religião dogmática, o Espiritismo contava entre seus adeptos “homens de todas as crenças e que nem por isso renunciaram às suas convicções: católicos fervorosos, que praticam todos os

deveres de seu culto, protestantes de todas as seitas, israelitas, muçulmanos e até budistas e bramanistas.”⁸¹

Ao estabelecer-se no Brasil, entretanto, verifica-se uma mudança nesses termos. Sob o argumento de distinguir o Espiritismo da espiritualidade africana já existente no Brasil e que, por identificar-se com os seus princípios, também se afirmava “espírita”, passou-se a fazer uso do termo “Espiritismo kardecista” como uma forma de distinguir-se da religião dos escravos. Se a parte branca da Argélia, subjugada pela França, havia sido fonte de inúmeras mensagens psicografadas, algumas das quais chegaram até mesmo a compor o corpo da obra kardequiana, a parte negra, subjugada a pretexto de “colonização”, era agora rejeitada, apesar da sua aceitação dos princípios espíritas.⁸²

A expressão “Espiritismo kardecista” foi utilizada pela primeira vez em caráter depreciativo. Foi adotada por um espírito que havia sido sacerdote católico e que criticava os “puristas” que se mantinham fiéis aos princípios de Allan Kardec.⁸³ Estes dois termos – kardecista e kardecismo – têm encontrado rejeição por parte de estudiosos do Espiritismo em razão de criar um culto em torno da pessoa de Allan Kardec, o que contraria a sua proposta de impessoalidade, e por trazer embutida a ideia de que existem diversos “Espiritismos”, e que um deles seria o “Espiritismo kardecista”.

Ocorre que a rejeição dos estudiosos não possui o condão de mudar o curso da história e nem o modo como a sociedade lida com a construção de novos termos, conceitos e significados. Assim, há muitos termos que já fazem parte da linguagem cotidiana dos próprios espíritas, que os utilizam até mesmo com intenção pejorativa, como ao referirem-se aos espíritas “chiquistas”, “divaldistas”, “roustinguistas”, ou os autodenominados “espíritas progressistas”. Essas expressões evidenciam uma diversidade de pensamentos e visões, um conflito de ideias dentro do próprio movimento espírita, um divisionismo que fragmenta, em vez de fortalecer; varas soltas, em vez de um feixe consistente; visões fragmentadas e até divergentes, sob certos aspectos, mas que poderiam estar atadas pelos fios invisíveis do diálogo e da solidariedade.

Se há hoje uma pretensão de manter o termo Espiritismo como uma identidade de grupo, como propunha Kardec, em vez de uma multiplicidade

de correntes, é necessário levar em conta a pluralidade de significados que este termo comporta na atualidade, quando ele se apresenta como um movimento religioso bem mais amplo, diversificado e plural. Mais que os termos e expressões ou denominações que vão surgindo, importa o espírito de diálogo e a busca de vivência harmônica entre as partes, sem a pretensão de superioridade e sem ações de dominação por um ou outro segmento. Ângela Moraes pondera que quando o diálogo baseado na fraternidade escasseia, retorna-se à barbárie das disputas de poder baseado na força e nas tentativas de extermínio dos diferentes.⁸⁴

Em um passo seguinte Kardec procura especificar o uso do termo “alma”, que remonta a Aristóteles, e ainda era bastante utilizado no século XIX. Faz então a distinção entre “alma”, o “ser material e individual que em nós reside e que sobrevive ao corpo”, e “espírito”, que é “o princípio inteligente do universo”.⁸⁵ Ocorre que o termo “alma”, além de ter sido gradativamente abandonado pela comunidade científica e filosófica, tem caído em desuso até mesmo no meio espírita, que tem preferido “espírito encarnado” ou simplesmente “espírito”. No meio científico fala-se hoje em “consciência”, em um sentido bastante próximo daquele proposto por Aristóteles sob o termo “alma”, e que se refere a uma consciência que tanto pode ser corpórea quanto extracorpórea, com o faz Amit Goswami.⁸⁶ Por mais que não exista ainda um consenso, é interessante não ignorar os novos termos e formas de uso que vão surgindo e, tanto quanto possível, incorporá-los ao discurso espírita, o que pode lhe dar força e sustentação no diálogo com a sociedade.

A próxima série de termos apresentada por Kardec requer cuidado ainda maior. Princípio vital, fluido vital, fluido magnético, princípio intelectual, dentre outros, são termos utilizados por Paracelso, no século XVI, e por Anton Mesmer no século XVIII e que não são mais usados no meio científico. Em alguns casos até mesmo o seu significado se perdeu ao longo do tempo, como ocorre com os termos “fluido vital” e “fluido magnético”, ou sofreu alteração profunda, como “magnetismo”, que é ainda muito usado no meio espírita com um sentido que não é mais reconhecido no meio científico. Até mesmo a prática do “magnetismo” se diversificou, e pode ser encontrada hoje sob variadas modalidades como, por exemplo, o Reiki e a “hipnose clínica”, que têm sido desconsiderados pelo meio espírita oficial. Portanto, há que se ler a obra de Kardec levando-se em conta que estamos diante de conceitos que foram sendo reformulados ao longo do tempo, ou

abandonados, sendo que novos termos estão surgindo, substituindo os antigos, que precisam ser devidamente contextualizados.

Como decorrência, também carece de atenção especial a ideia de uma espécie de “reservatório” de princípio vital de onde os seres vivos retiram a parte necessária à sua existência (questões 70 e 613). Embora este fosse um entendimento bastante difundido na época de Mesmer, e do qual Kardec se apropria, uma contextualização com a ciência atual pode descortinar entendimentos mais amplos a esse respeito. Pode-se especular, por exemplo, se a famosa equação de Einstein ($E=mc^2$), que nos permite compreender a matéria como energia condensada, não poderia nos conduzir a uma ideia melhor elaborada. Ficar presos àqueles conceitos não condiz com a visão progressiva da Doutrina Espírita.

É interessante observar, inclusive, a mudança verificada ao longo do tempo no conceito de energia, que no século XIX – e na obra kardequiana – tinha o significado moral de vigor, firmeza, determinação, muito diferente do atual significado atribuído pela Física, como sendo uma capacidade de realizar algum trabalho, como energia elétrica, energia térmica, energia hidráulica, energia cinética, energia solar, eólica, química ou nuclear. Por isso, ao utilizar hoje o termo “energia”, convém delimitar o melhor possível o significado que está sendo dado a essa expressão, que abriga hoje diversos conteúdos, tanto no mundo da ciência quanto no meio religioso. Atualmente fala-se muito no meio espírita em “energias espirituais” que lembram o Qi do taoísmo ou o prana do hinduísmo, mas que nada tem a ver com o conceito de energia utilizado no mundo da ciência.

Assim também se dá com o significado de “éter”, uma espécie de fluido invisível formado por um tipo de matéria “quintessenciada” que preencheria os espaços infinitos, o “fluido universal” ou “fluido cósmico universal” de que tratam os espíritos. Essa ideia, também originada da filosofia grega, foi utilizada tanto por Kardec quanto pelos espíritos, mas o experimento realizado por Michelson e Morley em 1887 jogou por terra aquela explicação. A pretexto de preservar intacto o texto kardequiano, há quem pretenda relacionar a ideia de “éter” ao atual conceito de energia cósmica, constituída pela infinidade de ondas eletromagnéticas que transitam pelo espaço em todas as direções. Ou seria o que a física hoje especula como sendo uma possível “matéria escura” que, embora ainda não detectada,

resulta de análises matemáticas consistentes? Quem sabe o bóson de Higgs, jocosamente apelidado de “partícula de Deus”? Não se pode perder de vista que se trata de conceitos absolutamente distintos, cada um deles em sintonia com a sua época, e que precisam ser compreendidos dentro do seu contexto.⁸⁷ Pergunta-se: há algum problema em admitir que aquela ideia de “éter” contida na obra kardequiana não mais se aplica e que por éter se entende hoje apenas um composto químico?

Qual o sentido de insistir na validade de termos já superados somente porque constam nos livros de Kardec? Nos grupos de estudos espíritas, não seria mais interessante, diante de termos como “éter”, “magnetismo”, “fluido magnético”, “fluido vital”, “fluido universal” ou mesmo “fluido”, explicar cuidadosamente o significado de cada termo dentro do contexto em que ele foi utilizado na obra kardequiana, e as inovações de significado que têm surgido dentro daquela linha de pensamento? Divaldo Franco passou a chamar de “passe bioenergético” o que era antigamente chamado de “passe magnético”, em uma substituição interessante. Há instituições espíritas que usam “passe espiritual” ou simplesmente “passe”. Algum problema com o uso desses novos termos?

Um pouco mais à frente, ainda na introdução de O Livro dos Espíritos, Kardec utiliza outro termo que se encontra hoje em plena vitalidade, e que poucas pessoas sabem que ele tem origem entre os seguidores de Mesmer. Trata-se da palavra “médium”, da qual Kardec se apropriou, e que foi consagrada no meio espírita. Atualmente esse termo tem sido utilizado até mesmo no meio acadêmico, em algumas pesquisas a respeito da fenomenologia mediúmica, graças ao esforço de alguns pesquisadores espíritas que têm levado para dentro das universidades temas que são de interesse científico, o que tem cooperado com a tão desejada aproximação entre ciência e religião.⁸⁸

Por último: na era das redes informacionais faz sentido continuar utilizando a imagem do “laço fluídico” adotada pelos espíritos na questão 344 de O Livro dos Espíritos? Seria essa informação uma expressão de alguma realidade física ou seria apenas uma expressão utilizada para traduzir uma ideia? Na falta de um termo adequado usa-se uma metáfora. Talvez por conta dessa expressão André Luiz tenha se referido a um “incômodo cordão”, um “tênuo fio”, uma espécie de “laço prateado” que liga o espírito

ao seu corpo material quando dele se afasta, seja pelo recurso do sono, seja pelo simples desdobramento ou pela desencarnação prematura.⁸⁹ Se fossem hoje escritos esses textos, talvez a comparação seria com conexões Wi-Fi, números de celulares, códigos de dispositivos ou protocolos IP – Internet Protocol – capazes de manter uma conexão ativa a qualquer distância com eficiência absoluta, mas sem nenhuma necessidade de qualquer tipo de “fio”, “cordão prateado” ou “laço fluídico”.

Não se trata de substituir os termos antigos por termos atuais, até porque um termo que entra em desuso nem sempre recebe outro em seu lugar com um significado semelhante. Às vezes a própria lógica sob a qual os antigos termos eram utilizados também cai em desuso, o que não deve ser motivo de preocupação. Com o tempo, outras lógicas e outros termos irão emergindo e não será um novo Kardec e nem os espíritos de hoje que definirão esses novos termos e essa nova lógica de análise.

Assim como na época de Kardec, o consenso científico é que fará esse trabalho, motivo pelo qual devem ser incentivados os congressos e os estudos aprofundados que tenham como objetivo manter em sintonia o Espiritismo e a ciência, conforme a sua proposta original.

[78 Kardec, Allan. Revista Espírita, Jul de 1866. Ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ.](#)

79. Bíblia de Jerusalém, 2 Coríntios 3:6. Ed. Paulus, São Paulo/SP (2008).

80. Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, intr item I, 54ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1981).

81. Kardec, Allan. Revista Espírita, mai/1859. Ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ.

82. Em O Evangelho Segundo o Espiritismo há quatro mensagens psicografadas em Argel, capital da Argélia, e duas em Constantina, uma de suas principais cidades. A França havia ocupado militarmente a Argélia em 1847.

83. Kardec, Allan. Revista Espírita, out/1865. Ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ.

84. Moraes, Ângela T. Diferentes pontos de vista doutrinários no movimento espírita. In Além das Diferenças II – Espiritismo e Diversidade Social, org por Menezes Jr. Francisco B. e Moraes, Elias I., Ed. Aephus, Goiânia/GO (2018).

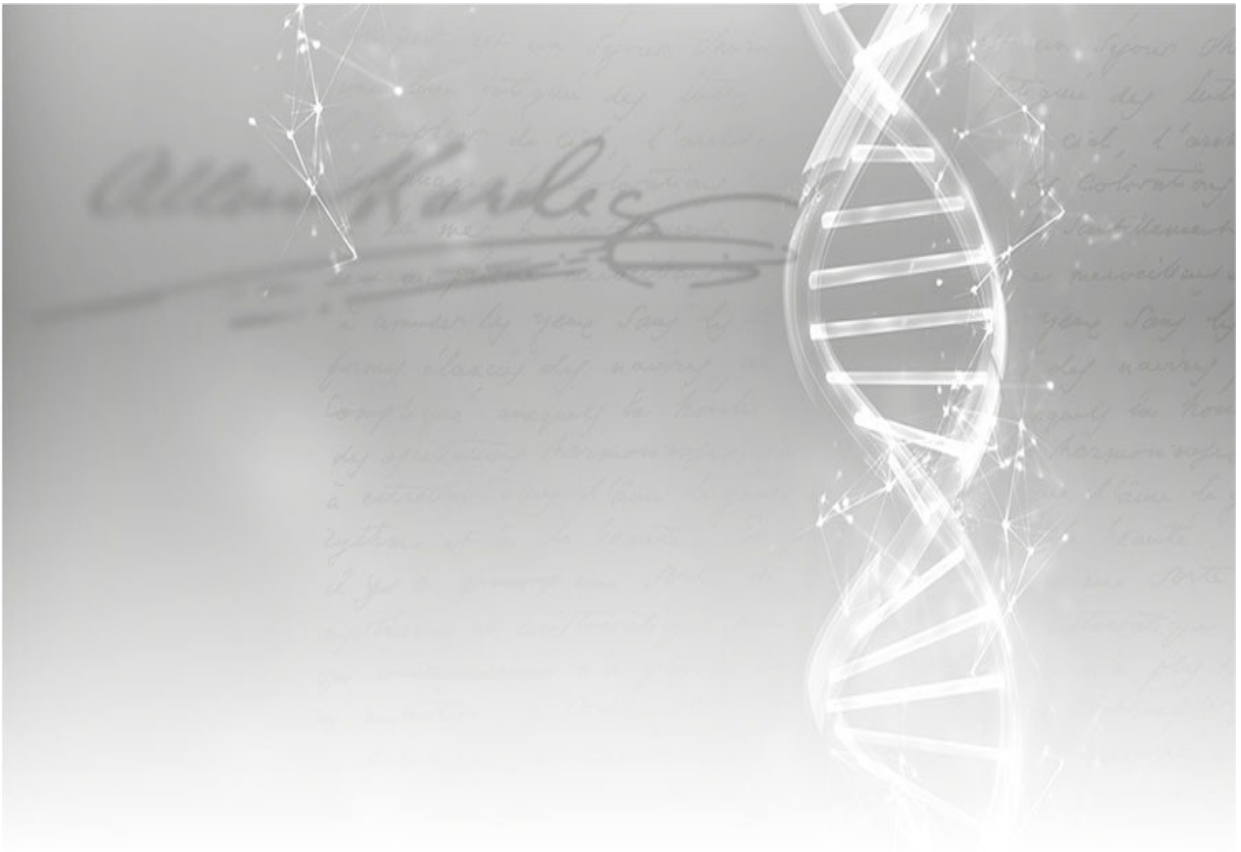
85. Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, introdução. 54ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1981).

86. Goswami, Amit. A Física da Alma. Ed. Aleph, São Paulo/SP (2005).

87. Hawking, Stephen. Uma breve história do tempo. Ed. Intrínseca, Rio de Janeiro/RJ (2015).

88. O psiquiatra e pesquisador da UFJF Alexander Moreira Almeida tem desenvolvido estudos em parceria com importantes instituições estadunidenses, tendo publicado o livro Exploring Frontiers of the Mind-Brain Relationship, em parceria com Franklin Santana Santos. Também o Dr. Sérgio Felipe de Oliveira publicou sua dissertação de mestrado pela USP em 1998 intitulada Estudo da Estrutura da Glândula Pineal Humana empregando métodos de Microscopia de Luz, Microscopia Eletrônica de Varredura, Microscopia de Varredura por Espectrometria de Raio-X e Difração de Raio-X.

89. Xavier, Francisco C. Nos Domínios da Mediunidade, pelo espírito André Luiz, cap. 21. 16ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1987)



Capítulo 9

A composição dos textos

por Kardec

Ao estudar os textos kardequianos, em especial os cinco livros estruturados por ele sob a forma do “pentateuco”, é preciso reconhecer antes de tudo que não se está diante de um texto sagrado, que exige do seu leitor uma atitude de fé, mas sim diante de um esforço consciente de análise e de compreensão de conteúdos elaborados em um contexto situado em uma época que dista de nós de mais de 150 anos.

A comparação da primeira com a segunda edição de O Livro dos Espíritos nos fornece pistas claras a respeito do critério utilizado por Kardec para compor o seu conteúdo. O modo como ele lida com as respostas ou com as mensagens obtidas dos espíritos deixa evidente que ele não se prendeu nem à literalidade do texto e nem à sua integridade. Muito ao contrário, ele corrige, recorta, altera, mistura textos diferentes, construindo um novo texto. Ele mesmo sugere mais tarde, em O Livro dos Médiuns que, a menos que caracterizem o espírito que se comunica, “lícito é corrigi-las sem o mínimo escrúpulo.” O que ele valoriza é o pensamento, a ideia, critério que estará presente em toda a sua obra.

Por exemplo, ele inclui nos Prolegômenos, desde a primeira edição de O Livro dos Espíritos, a mensagem através da qual os espíritos lhe falaram da sua missão. Para a segunda edição, entretanto, essa mensagem aparece reformulada em várias partes. A comparação do início do texto das duas edições demonstra isso com muita clareza.⁹⁰

Na primeira edição a mensagem dos espíritos inicia-se com este teor:

Ocupa-te com zelo e perseverança do trabalho que estás empreendendo com a nossa colaboração; este trabalho é também o nosso. Teremos de revê-lo juntos a fim de que não encerre nada que não seja a expressão de nosso pensamento e da verdade, sobretudo quando ele estiver concluído. Lembra-te que te ordenamos não só imprimi-la como propagá-la: ela é uma obra de utilidade universal.

Compreendeste bem tua missão; estamos contentes contigo. Agora, continua, pois não te deixaremos mais. Tem fé em Deus e avante, com inteira confiança!

Estaremos contigo todas as vezes que o pedires e tu estarás às nossas ordens sempre que te chamarmos, porque isso é apenas parte da missão que te está confiada e já te foi revelada por um de nós.

Já na segunda, “inteiramente refundida e consideravelmente aumentada”⁹¹ como ele próprio afirma, essa mesma mensagem apresenta diversas modificações quanto à forma. Apenas a primeira sentença é mantida; a partir daí se podem observar diversas alterações:

Ocupa-te com zelo e perseverança do trabalho que estás empreendendo com a nossa colaboração; pois este trabalho é o nosso. Nele pusemos as bases de um novo edifício que se eleva e que um dia há de reunir todos os homens num mesmo sentimento de amor e caridade. Mas, antes de o divulgares, revê-lo-emos juntos, a fim de lhe verificarmos todas as minúcias.

Estaremos contigo todas as vezes que o pedires, para te ajudarmos nos teus trabalhos, porque isso é apenas parte da missão que te está confiada e já te foi revelada por um de nós.

Ele ainda acrescenta os dois parágrafos finais que não constam da primeira edição:

Com a perseverança é que chegarás a colher os frutos de teus trabalhos. O prazer que experimentarás, vendo a doutrina propagar-se e bem compreendida, será uma recompensa, cujo valor integral conhecerás, talvez mais no futuro do que no presente. Não te inquietes, pois, com os espinhos e as pedras que os incrédulos ou os maus acumularão no teu caminho. Conserva a confiança: com ela chegarás ao fim e merecerás ser sempre ajudado.

Lembra-te de que os Bons Espíritos só dispensam assistência aos que servem a Deus com humildade e desinteresse e que repudiam a todo aquele que busca na senda do Céu um degrau para conquistar as coisas da Terra; que se afastam do orgulhoso e do ambicioso. O orgulho e a ambição serão sempre uma barreira erguida entre o homem e Deus. São um véu lançado sobre as claridades celestes, e Deus não pode servir-se do cego para fazer perceptível a luz.”

O mesmo acontece com a lista de nomes dos espíritos que teriam assinado a mensagem, e que só aparece a partir da segunda edição. Na primeira não consta nenhuma assinatura, e a única referência nesse sentido encontra-se no final do livro, na nota nº XVII, quando Kardec lista oito nomes de espíritos, dos que “concorreram simultaneamente a estas instruções”; no caso, às instruções contidas no livro. Na segunda edição ele apresenta outra lista, agora com dez autores espirituais, alguns dos quais não constavam daquela primeira, como será detalhado um pouco mais adiante.

Isso será observado também nas respostas que compõem o livro. Um exemplo disso pode ser observado na questão 50, da segunda edição, que é a fusão de duas respostas diferentes que constavam em um bloco de quatro perguntas sob o número 21 na primeira edição:

A espécie humana, na Terra, há começado por um só homem?

— Não.

Adão é então um ser imaginário?

— Não; todavia, ele não foi o primeiro nem o único que povoou a Terra.

Apareceram diversos homens a um só tempo na Terra?

— Já te foi dito isso, sim; e muito antes de Adão, que era o menos impuro.

Podemos saber ao certo em que época viveu Adão?

— Mais ou menos naquela que lhe atribuem: cerca de 4.000 anos antes de Cristo.

Na segunda edição tanto essas perguntas quanto as suas respostas foram reformuladas, aparecendo agora com a seguinte redação:

50. A espécie humana começou por um único homem?

— Não; aquele a quem chamais Adão não foi o primeiro, nem o único a povoar a Terra.

51. Poderemos saber em que época viveu Adão?

— Mais ou menos na que lhe assinais: cerca de 4.000 anos antes do Cristo.

Algo parecido pode ser observado também na questão 38. Na primeira edição ela aparece como parte da pergunta número 11, que não é numerada, com o seguinte texto:

Como criou Deus o Universo?

— Para me servir de uma expressão: Vontade.

Já na segunda edição a resposta está ampliada com um trecho que deve ter sido obtido mais tarde, uma vez que não consta na primeira edição:

38. Como criou Deus o Universo?

— Para me servir de uma expressão: pela sua Vontade. Nada caracteriza melhor essa vontade onipotente do que estas belas palavras da Gênese – ‘Deus disse: Faça-se a luz e a luz foi feita.’

Outro exemplo interessante pode ser visto na questão 277 da primeira edição, que será transformada na questão 615 na edição seguinte:

277. A lei de Deus é eterna?

— Sim, e imutável.

Deus poderia prescrever aos homens num tempo aquilo que lhes teria proibido em outro tempo?

— Deus não poderia enganar-se. São os homens que estão obrigados a mudar suas leis, porque elas são imperfeitas.

Segue-se um comentário de Kardec:

A harmonia que rege o Universo Físico e o Universo Moral se funda em Leis que DEUS estabeleceu desde toda Eternidade. Tais Leis são imutáveis como o Próprio DEUS.

Para a segunda edição Kardec reformulou o texto, trazendo para a resposta o que na edição anterior comparecia como comentário, ficando da seguinte forma:

615. A lei de Deus é eterna?

— Eterna e imutável como o próprio Deus.”

616. Deus poderia prescrever aos homens num tempo aquilo que lhes teria proibido em outro?

— Deus não poderia enganar-se. São os homens que estão obrigados a mudar suas leis, porque elas são imperfeitas. As de Deus, essas são perfeitas. A harmonia que rege o Universo Físico e o Universo Moral se funda em Leis que Deus estabeleceu desde toda Eternidade.

Como se vê, além de transformar o comentário em resposta à primeira pergunta ele ainda acrescenta mais um trecho, bem no meio da resposta

seguinte, onde os espíritos esclarecem que “as de Deus, essas são perfeitas”. Fica claro que a resposta foi inteiramente reformulada com textos de diferentes origens, de diferentes autores e que devem ter sido obtidas através de diferentes médiuns. O que lhe interessava era compor um sentido claro.

Outro exemplo interessante é a questão 354 da 1ª edição, que será renumerada como 948 na segunda edição.

354. Que pensar do suicídio que tem por objetivo escapar à vergonha dum ação má?

— Não o absolvo, porquanto o suicídio não apaga a falta, mas, ao contrário, ficam duas em vez de uma. Quando se haja tido coragem de fazer o mal é mister ter a de sofrer as consequências dele. DEUS julga e, segundo a causa, pode algumas vezes diminuir Seus Rigores.

Será possível que essa resposta tenha sido fornecida por um espírito que tenha sido padre na sua última encarnação? Talvez, por isso, ele se ache no poder de “absolver” ou não uma pessoa que comete o suicídio. Kardec deve ter analisado melhor essa questão, porque, para a segunda edição ele exclui esse início e aproveita apenas o restante, começando a partir do ponto que diz que “o suicídio não apaga a falta...”.

Kardec explica o seu critério ainda na primeira edição, em uma nota de rodapé que consta do início do Livro Segundo, sobre as Leis Morais, esclarecendo que os comentários se constituem em

um desenvolvimento do assunto emanado também dos Espíritos quanto ao fundo, não na forma, e afinal sempre revisto, aprovado e não raro corrigido por eles. São ideias que emitiram parceladamente em diversas épocas, resumidas em estilo mais fluente, delas excluindo-se o que formava dúplice lição com o texto da resposta precedente.

Também o capítulo que trata da Lei de Adoração, na primeira edição, foi inteiramente reformulado para a segunda edição com base nesse mesmo procedimento, ou seja, fundindo questões, e acrescentando ou suprimindo partes.

Toda a obra kardequiana foi composta segundo esse critério. Em O Evangelho Segundo o Espiritismo Kardec reestrutura por inteiro duas respostas obtidas do espírito israelita que assina por Mardoché, familiar do médium que o evoca, para compor um texto que consta como sendo uma mensagem atribuída a “um espírito israelita”. Como se vê, até o nome do autor foi omitido, substituído por um termo genérico. A entrevista com cinco perguntas e respostas foi publicada na Revista Espírita de março de 1861, e o texto reformulado consta em O Evangelho Segundo o Espiritismo como sendo o item 9 do capítulo I.

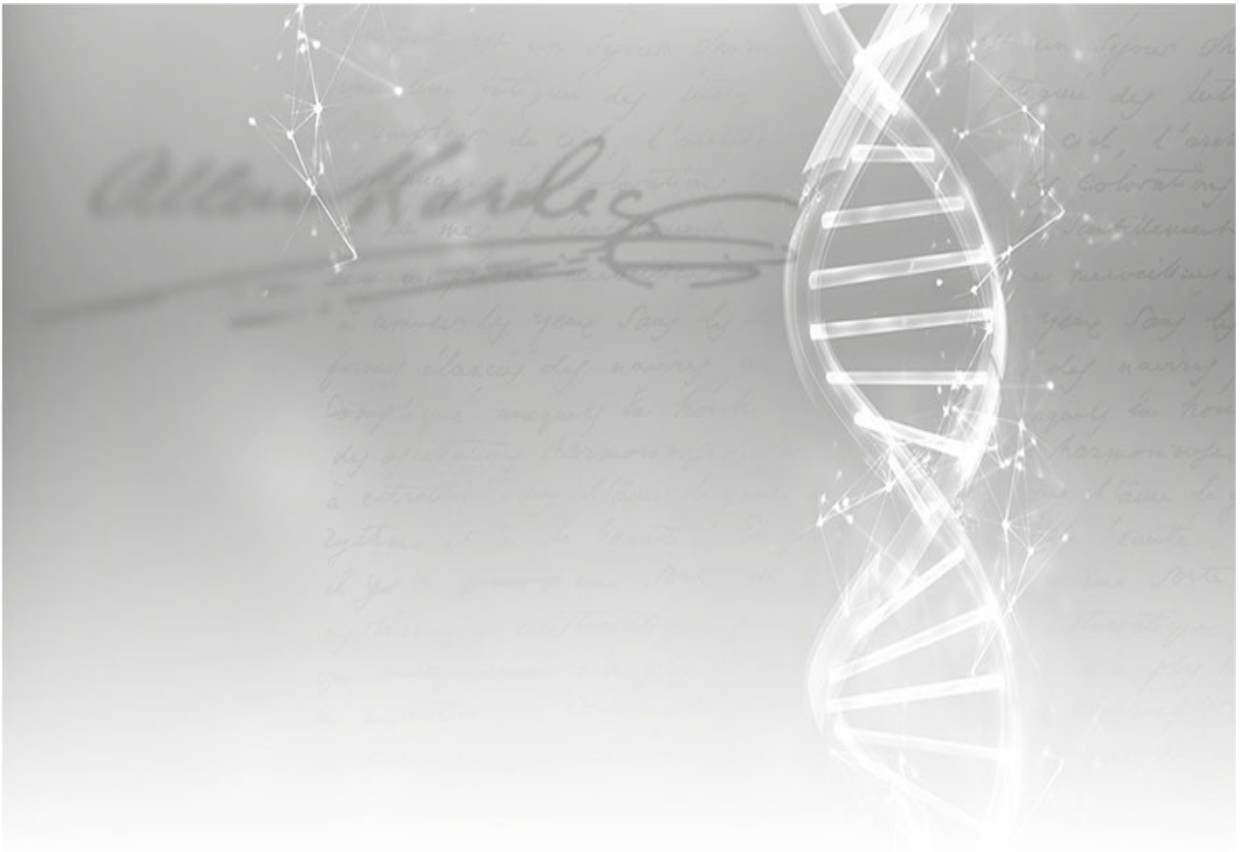
Dessa análise se pode concluir com muita segurança que Kardec preocupou-se em seus escritos mais com o conteúdo e a clareza das ideias do que com a integridade dos textos que ele obteve como resposta, ou dos ditados espontâneos recebidos dos espíritos. Se essa liberdade no tratamento do material obtido em uma determinada pesquisa poderia até ser aceita na época de Kardec, atualmente o meio acadêmico não mais a reconhece; todas as alterações precisam ser claramente explicitadas e justificadas, sem o que o texto perde a credibilidade do ponto de vista científico.

Outra conclusão importante: ao contrário do que comumente se afirma, a autoria dos livros fundantes do Espiritismo é, possivelmente, mais atribuível ao próprio Allan Kardec do que aos espíritos, entendidos de um modo geral como “superiores”. Isto, porque toda a pesquisa, estruturação, sequenciamento dos assuntos, e até a maior parte da redação parte do seu esforço pessoal, da sua inteligência, da sua criatividade. Por mais que ele próprio, talvez por modéstia, tente nos convencer do contrário, o conjunto da obra mostra que ele é mesmo o autor principal.

90. Para as comparações apresentadas neste livro utilizamos a tradução feita por Canuto de Abreu da primeira edição de O Livro dos Espíritos,

comparando-a com as atuais feitas por Guillon Ribeiro (FEB), Maria Lúcia A de Carvalho (CELD) e Herculano Pires (FEESP), que não sofreram alterações significativas em relação à segunda edição publicada por Kardec, considerada definitiva. Quando necessário, recorreremos aos originais franceses, disponíveis na Kardecpedia, ou a outras traduções, como a de Elias Barbosa e de Evandro Noleto.

91. Conforme consta na folha de rosto da segunda edição francesa publicada em 1860.



Capítulo 10

Texto doutrinário ou Literatura sagrada?

Há quem se debruce sobre a literatura kardequiana como se estivesse diante de um texto sagrado, com receio de estabelecer questionamentos, do mesmo modo como faz um crente com a Bíblia, atribuindo ao seu conteúdo um sentido de “verdade”. No caso do Espiritismo, uma “verdade” que nos teria sido “revelada” pelos espíritos superiores, verdadeiros representantes de Deus. E não é para menos, já que ele mesmo afirma que O Livro dos Espíritos “nada contém que não seja a expressão do pensamento deles e que não tenha sido por eles examinado”.⁹²

Entendeu-se, a partir daí, que seus livros seriam portadores de uma verdade transcendente, atemporal, universal; o texto teria sido revisado pelos próprios espíritos autores, e suas respostas abrangeriam um conhecimento muito acima do que seria o comum à condição humana. Se uma resposta dada a uma questão ou uma determinada abordagem não convencesse, buscavam-se significados ocultos por trás de cada expressão.

Ocorre que não era essa a intenção de Kardec. Para ele, a credence era muito mais prejudicial do que o espírito crítico. Não apenas O Livro dos Espíritos, mas toda a sua obra doutrinária era um processo de construção de longo prazo que não se resumiria ao seu tempo. Esta a razão de ter começado a elaborar todo um programa de continuidade visando o futuro do Espiritismo após a sua partida, e que não chegou a ser publicado em vida, mas que consta do livro Obras Póstumas.⁹³

Não se pretende negar aqui a transcendência do conhecimento constante da obra como um todo, na sua concepção geral; mas daí a tratar a obra

kardequiana como uma espécie de texto sagrado, inacessível à crítica humana, vai grande distância.

Os Espíritos, como o próprio Kardec adverte, não sabem tudo, e respondem às questões formuladas de acordo com os seus conhecimentos, que podem ser mais ou menos amplos e restritos a certas áreas do conhecimento.⁹⁴ É assim que ele, tão logo compreende que uma determinada resposta não está consistente com o conjunto da obra, a exclui ou altera, sem receio, como se verifica, por exemplo, com a questão 86 da primeira edição.

86. Em que momento a alma se une ao corpo?

— No nascimento.

Antes do nascimento a criança tem uma alma?

— Não.

Como vive então?

— Como as plantas.

Kardec deve ter analisado melhor e, para a segunda edição, optou por excluir essas questões e incluir, dentre outras, a de número 344, que proporciona um olhar completamente diferente a esse respeito:

344. Em que momento a alma se une ao corpo?

— A união começa na concepção, mas só é completa por ocasião do nascimento. Desde o instante da concepção, o Espírito designado para habitar certo corpo a este se liga por um laço fluídico, que cada vez mais se vai apertando até ao instante em que a criança vê a luz. O grito, que o recém-nascido solta, anuncia que ela se conta no número dos vivos e dos servos de Deus.

Há aqui uma contradição que é interessante apontar. Na questão 356 o espírito afirma que entre os natimortos “alguns há, efetivamente, a cujos corpos nunca nenhum espírito esteve destinado”, sendo que na questão 344 se afirma que “a união começa na concepção”. Seriam respostas de espíritos diferentes e obtidas em diferentes momentos?

Nesse sentido, cabe uma discussão: de fato, se a união começa na concepção, como compreender que um feto se desenvolva sem que um espírito a ele esteja ligado, por mais que isso resulte em aborto espontâneo ao final? Há, então, a possibilidade de um desenvolvimento puramente biológico? Seria esta a explicação para as elevadas taxas de aborto espontâneo, entendidas na época de Kardec como ocorrências de “natimortos”? Essa experiência faz parte do planejamento reencarnatório ou é simples decorrência da incerteza inerente à conjugação dos diversos fatores biológicos?

Além destas, há ainda outras tantas indagações que surgem em decorrência das novas possibilidades de fecundação *in vitro* e das modernas tecnologias de reprodução assistida mediante o congelamento de embriões, que podem ser mantidos vivos durante anos nessas condições. Se a ligação do espírito ao corpo se dá no momento da concepção, ela ocorre, nestes casos, dentro da proveta, no ambiente do laboratório? Como considerar a questão dos embriões não utilizados, ou congelados para um possível uso em um futuro ainda distante? Haveria um espírito hibernando junto com esse embrião? Poderia ocorrer de essa ligação somente dar-se quando o embrião se instala no útero materno? Nos casos de reprodução assistida isto só é feito 14 dias após a fecundação; isso tem levantado novas indagações a respeito do momento exato do início da vida, e já existem estudos na área da genética que sugerem outras possibilidades além do momento da fecundação.⁹⁵ Mas

isso também colocaria em discussão a detalhada descrição de André Luiz no capítulo 13 do livro *Missionários da Luz*, que será melhor explorada um pouco mais adiante.

No mínimo são questões que, se forem discutidas hoje, merecem análise muito mais minuciosa. Kardec, com certeza, se deleitaria analisando tão amplas possibilidades e não hesitaria em rever, novamente, suas conclusões, na medida em que obtivesse informações mais consistentes a respeito desses processos.

Também na segunda edição de *O Livro dos Espíritos* Kardec suprime a série de questões constantes do item 93 da primeira, em cujas respostas os espíritos esclarecem que a alma está mais situada no coração das pessoas dotadas de sentimento humanitário e mais no cérebro das pessoas mais intelectuais:

93. Qual é a sede focal da alma no corpo: o cérebro ou o coração?

— Isso varia segundo as pessoas.

Quais as pessoas que a possuem no coração?

— Aquelas cujos impulsos normais se reportam à humanitariedade.

Quais as que a têm no cérebro?

— Os grandes gênios, os literatos, políticos, etc.

Essa era uma crença da época; o espírito responde com base no senso comum. É provável que Kardec, num primeiro momento, até tenha

concordado. Entretanto, refletindo melhor, deve ter entendido que isso não fazia sentido e excluiu todas essas questões na edição seguinte.

Dá-se o mesmo com as questões 106 e 108 da primeira edição, que tratam da separação da alma e do corpo no instante da morte:

106. A separação do espírito e do corpo se opera instantaneamente?

— Sim; a alma escapa, como frágil pomba desamarrada por um abutre.

108. O espírito, ao deixar o corpo, tem imediatamente a plena consciência de si mesmo?

— Consciência imediata.

Na segunda edição este assunto recebeu uma abordagem inteiramente diferente, muito mais ampla e detalhada, cuja comparação deixaremos a cargo do leitor, que pode encontrá-la a partir da questão de número 154.

Um caso mais evidente é a questão 127, da primeira edição, na qual o espírito parece contestar a teoria da evolução das espécies, que já era bastante aceita pela comunidade científica daquela época. Cabe lembrar aqui que as ideias correntes ainda se inspiravam nas teses de Lamarck; a teoria de Charles Darwin ainda estava por ser publicada.⁹⁶

127. A alma do homem não teria sido primitivamente o princípio vital de ínfimos seres vivos da criação, que chegou, por uma lei progressiva, até o ser humano, percorrendo os diversos graus da escala orgânica?

— Não! Não! Homens somos desde natos. Cada ser vivo só progride na sua espécie e em sua essência. O homem não foi jamais outro ser senão homem.

Kardec deve ter se atentado para o fato de o espírito estar contestando uma teoria que estava obtendo plena aceitação no mundo científico de sua época. Teria ele submetido essa questão a outros Espíritos, e teriam eles respondido de outro modo, em sintonia com as ideias vigentes no mundo da ciência? Para a segunda edição ele exclui a pergunta e a resposta e apresenta uma abordagem inteiramente diferente segundo a qual “tudo se encadeia na natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo, que também começou por ser átomo.”

E ele registra em uma nota:

Os próprios Espíritos longe estão de tudo saberem e, acerca do que não sabem, também podem ter opiniões pessoais mais ou menos sensatas.

É assim, por exemplo, que nem todos pensam da mesma forma quanto às relações existentes entre o homem e os animais. Segundo uns, o Espírito não chega ao período humano senão depois de se haver elaborado e individualizado nos diversos graus dos seres inferiores da Criação. Segundo outros, o Espírito do homem teria pertencido sempre à raça humana, sem passar pela feira animal.⁹⁷

Essa análise, por dedução, abre espaço para um questionamento importante: será possível que algumas das respostas constantes da segunda edição, mesmo tendo sido considerada por Kardec como “definitiva”, não se sustentem mais diante dos conhecimentos disponíveis na atualidade?

Uma situação em que essa possibilidade deve ser considerada está contida no capítulo III da segunda edição, que trata da criação. A teoria que permeia as respostas dos espíritos é a da geração espontânea, muito em voga naquela época. A maneira como o tema se acha desenvolvido em O Livro dos Espíritos não faz muito sentido atualmente. Defender hoje a teoria da geração espontânea apenas porque ela teria sido validada pelos espíritos

superiores é expor o Espiritismo ao descrédito apenas por falta de compreensão do que significa, de fato, estudar Kardec mediante o método racional por ele mesmo proposto.⁹⁸

O mesmo se dá em relação às perguntas a respeito do personagem bíblico Adão. Até a virada para o século XX a Bíblia era compreendida como um livro de registro histórico, e seus personagens, como sendo reais. Embora Kardec, para a segunda edição, tenha suprimido parte das questões que tratam do personagem Adão – que teria sido o “menos mau” entre os homens de sua época – ele manteve a pergunta a respeito da época em que Adão teria vivido na Terra. Na segunda edição ele chega a comentar, na questão 51, que “muitos, com mais razão, consideram Adão um mito ou uma alegoria que personifica as primeiras idades do mundo”. É curioso notar que, mesmo admitindo que a figura de Adão pudesse ser apenas uma alegoria, ele manteve aquela questão, à qual o espírito respondeu que isso teria se dado há mais ou menos 4.000 a.C., o que não faz mais sentido à luz do que se sabe hoje sobre a Bíblia.

Prevalece atualmente a tese a que o próprio Kardec se refere em sua nota, a do mito; a Bíblia é hoje compreendida como um compêndio de literatura religiosa, e não histórica. Sabe-se hoje que o Gênesis, especialmente na parte que trata da criação, onde está situado o personagem Adão, é constituído pelos contos e lendas do povo judeu, com pouquíssimo ou nenhum significado histórico. Questiona-se até mesmo se o personagem Moisés teria mesmo existido ou se também faz parte desses mitos.

Isso acontece também com a questão de número 40, da edição atualmente vigente, que trata da natureza dos cometas, cuja resposta nem tem muito a ver com o sentido da pergunta. O simples fato de ele não ter excluído essas questões não pode ser motivo para se insistir na sua validade ainda hoje, quando já está claro que elas não fazem mais sentido.

Analisemos agora o argumento segundo o qual a obra kardequiana teria passado pelo crivo dos espíritos, aliás, do próprio Espírito da Verdade, e que, por isso mesmo, deve ser objeto de total credibilidade. De fato, desde a primeira edição que os espíritos afirmaram, na mensagem transcrita sob a forma dos prolegômenos, que reveriam todo o seu conteúdo “a fim de lhe verificarmos todas as minúcias” antes que o livro fosse divulgado. Na

primeira edição essa mesma recomendação consta como: “a fim de que não encerre nada que não seja a expressão de nosso pensamento e da verdade”.

Não há como deixar de concluir – e os casos acima o comprovam de maneira incontestável – que essa revisão deve ter sido de ordem mais geral, considerando o conjunto da obra, e não cada detalhe, ou cada questão em particular. Afirmar o contrário é admitir que essas questões passaram despercebidas pelos espíritos revisores, o que não faz muito sentido. Prova disso é que o próprio Kardec reformulou por inteiro o texto para a segunda edição, excluindo algumas questões, acrescentando outras, mudando inteiramente determinadas abordagens. Na segunda edição consta novamente que todo o conteúdo teria sido revisado pelos espíritos; mas não há como negar que ainda ali permanecem algumas inconsistências, como ficou evidente no caso do momento da união do espírito ao corpo.

Há que se levar em conta também o processo utilizado para a composição do livro, que era o intercâmbio mediúnico, um processo que padece de uma série de limitações que lhe são inerentes. Mesmo assim há quem defenda a existência de um significado especial, algo para além do texto, alguma mensagem simbólica, numa tentativa de manter o atributo de “verdade” ligado ao conjunto da obra. Um exame racional do seu conteúdo deixa evidente que nem mesmo Kardec tinha essa pretensão; ao contrário, ele se preocupa em deixar clara a ideia de modo a facilitar a sua compreensão mesmo às pessoas mais simples. Seu cuidado era com o conjunto da ideia, e não com as minúcias da sua composição.

Algumas pessoas acham inadmissível esse olhar crítico sobre a obra kardequiana, especialmente por parte de seres humanos encarnados, sem uma nova consulta aos espíritos. Esse pensamento não condiz com o projeto de Constituição do Espiritismo, que está contido em Obras Póstumas; ali Kardec deixa claro que ele esperava que os estudiosos do futuro assumissem essa responsabilidade, procurando sempre contextualizar a doutrina espírita de modo a mantê-la caminhando sempre lado a lado com a Ciência.

No outro extremo, há quem defenda que a obra kardequiana estaria superada, como se um ou outro ponto colocasse em dúvida todo o conjunto. Mas em que o fato de uma ou outra questão encontrar hoje explicação mais consistente compromete a integridade da obra como um todo? Estaria a

doutrina espírita restrita a essas questões, todas de menor importância? Não há nela uma ideia geral mais ampla, acima desses pormenores quase insignificantes, que precisa ser compreendida e desenvolvida? Pode-se considerar a obra de Platão superada porque alguns dos hábitos sociais que ele considerava naturais na sua época não são mais aceitos?

Há ainda os que defendem que seja procedida uma revisão na obra kardequiana retirando dela o que não faz mais sentido do ponto de vista da ciência e da filosofia contemporâneas. A estes convém lembrar que não se mexe na obra de nenhum autor, antigo ou moderno, apenas porque se descobriu um ou outro ponto em descompasso com os conhecimentos atualmente vigentes. Neste sentido a obra de Kardec merece o mesmo respeito que é devido à obra de Aristóteles, René Descartes, Isaac Newton ou de qualquer outro pensador. O que precisa mudar é a postura do leitor, que deve compreender que ela deve estudada como foi concebida, levando em conta o contexto em que foi produzida.

Atualmente, quando até mesmo a Bíblia já foi despida do seu caráter sagrado e é compreendida como literatura religiosa, qual o sentido de tentar atribuir novamente esse significado à literatura espírita apenas porque é a que nos agrada ou nos representa? Seria isso o que esperavam Kardec e os espíritos que o inspiraram?

92. Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, prolegômenos. 54ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1981).

93. Kardec, Allan. Obras Póstumas, Projeto 1868 e Constituição do Espiritismo. 26ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1993).

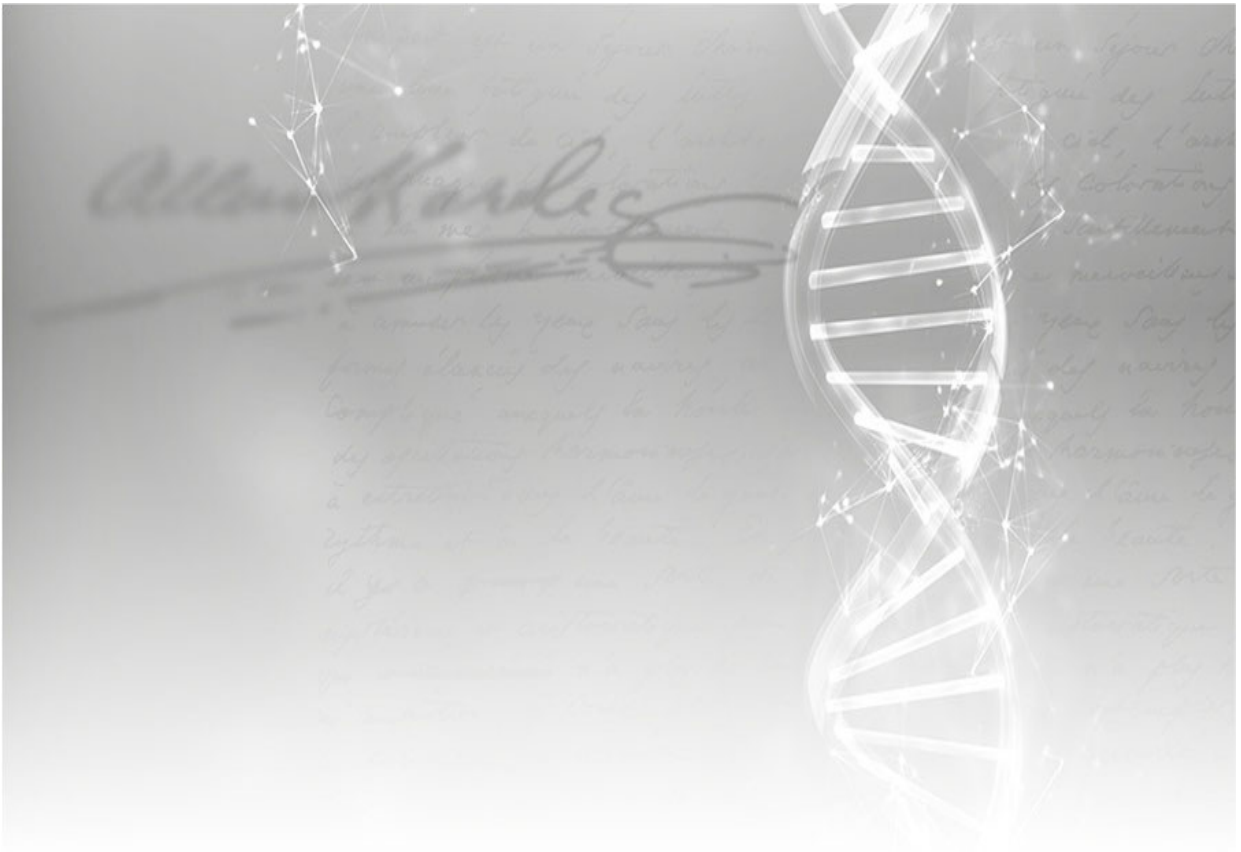
94. Idem. O Livro dos Médiuns, item 265. 80ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (2011).

95. Vide artigo publicado em 15/10/2010 na Folha de São Paulo:
<https://m.folha.uol.com.br/ciencia/2010/10/814968-cientistas-defendem-5-momentos-para-inicio-da-vida-humana.shtml>

96. Jean-Baptiste de Lamarck foi um naturalista francês que publicou em 1809 a teoria dos caracteres adquiridos, sistematizando as ideias até então esparsas sobre a evolução das espécies, entre elas a da geração espontânea, que serve de base a toda a argumentação de Kardec.

97. Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, comentário à questão 613. 54^a ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1981).

98. Ibidem, questões 44 a 49.



Capítulo 11

Kardec: filósofo, cientista ou religioso?

É inevitável que em torno de um ser humano como Kardec, com uma proposta tão ampla, uma obra tão vasta e uma contribuição social tão relevante, se construa um mito. Já se disse muito a respeito de Kardec, que ele chegou a ser médico, que foi ao mesmo tempo um cientista e um filósofo – diferenciação que inexistia naquela época – e que ele foi o fundador de uma religião. De tudo isso, o que existe de concreto e o que é fruto do desejo de exaltar o homem por trás da obra?

Pela simples leitura do texto kardequiano se deduz que ele possuía um conhecimento enciclopédico; conhecia de quase tudo um pouco, o suficiente para transitar entre as várias áreas do saber com relativa tranquilidade. Poliglota, dominava as principais línguas da Europa, além de ter traduzido livros do francês para o alemão. Em sua época inexistiam ainda os programas de especialização stricto sensu, de formação de pesquisadores, que possibilitam atualmente o aprofundamento em uma área específica, mas a sua atuação como professor auxiliar, enquanto jovem, e como educador ao longo de toda a sua vida já demonstram, por si só, um consistente hábito de estudo, que se traduziu em mais de uma dezena de livros didáticos. Seus biógrafos mostram um homem pragmático que, em vez de uma vida voltada para a simples teorização acadêmica, preferiu a atuação prática do mestre-escola, atuando no corpo a corpo da educação infantojuvenil, como fizera Pestalozzi.

Há quem pretenda ver nele um importante pesquisador do século XIX. Não haveria aí uma negação subliminar do seu trabalho de pedagogo, um tanto desprestigiado ainda na atualidade? Não consta que ele tenha publicado um

só livro de filosofia ou ciência antes de dedicar-se ao Espiritismo, nem mesmo sobre “magnetismo animal”, área à qual ele afirma ter dedicado muitos anos de estudo. Ao contrário, a lista de livros de sua autoria, enquanto professor Hippolyte Léon, deixa clara a sua escolha consciente pela área da educação. Na sua biografia publicada pela Revista Espírita logo após a sua morte, consta uma relação que remete às “suas numerosas obras de educação”, das quais o biógrafo cita “as seguintes”:

- Plano proposto para melhoramento da Instrução pública (1828);
- Curso prático e teórico de Aritmética, segundo o método de Pestalozzi, para uso dos professores e das mães de família (1824);
- Gramática francesa clássica (1831);
- Manual dos exames para os títulos de capacidade (1846);
- Soluções racionais das questões e problemas de Aritmética e de Geometria (1846);
- Catecismo gramatical da língua francesa (1848);
- Programa dos cursos usuais de Química, Física, Astronomia, Fisiologia, que ele professava no Liceu Polimático;
- Ditados normais dos exames da Municipalidade e da Sorbona, seguidos de Ditados especiais sobre as dificuldades ortográficas (1849), obra muito apreciada na época do seu aparecimento e da qual ainda recentemente eram tiradas novas edições.⁹⁹

Não constam aqui todas as publicações de Kardec, mas apenas as principais. Por exemplo, não consta na relação acima uma publicação que recebeu um prêmio da Academia Real de Arras em um concurso em 1831, que respondia à seguinte questão: Qual o sistema de estudos mais em harmonia com as necessidades da época?

Profundo humanista que era, fazia todo o sentido dedicar-se a essa área, o que o fez por duas vezes aventurar-se como pequeno empresário da educação. Não sem razão o roteirista de Kardec - O Filme o coloca em um imaginado papel de professor contratado em uma escola de ensino primário, iniciando por uma cena em que ele leciona para uma sala de educação básica.¹⁰⁰ Essa dedicação e esse empenho com relação à pedagogia foi o que o qualificou, inclusive, para o grande empreendimento do Espiritismo sob o pseudônimo de Allan Kardec, quando passou a atuar na educação do espírito.

Nascido e educado até os dez anos em uma família católica, estudou até aos dezoito em uma escola protestante, a de Henri Pestalozzi, em Yverdon, na Suíça. Diversos biógrafos relatam seu desejo de encontrar uma fórmula que conciliasse as divergências entre o Catolicismo e o Protestantismo, o que nos leva a crer que ele encontrou nos fenômenos espíritas a possibilidade desse entendimento, com um ganho adicional: tornar a religião consistente com a filosofia e a ciência, duas importantes conquistas da civilização.

Não há como negar a religiosidade que já existia em Kardec desde muito antes do seu contato com os fenômenos espíritas. Já fazia parte das suas crenças pensar que “cada um de nós tem a sua missão providencial na grande colmeia humana e concorre para a obra comum na sua esfera de atividade”. Ele já trazia em si um pensamento íntimo de realizar grandes feitos na esfera da espiritualidade, tanto que se considerava um homem em busca da “verdade”.¹⁰¹

Isso fica evidente nesse diálogo entabulado com o espírito que assina como Zérifo logo no início do seu contato com as manifestações mediúnicas, ainda em 11 dez 1855, através da Sra. Baudin:

Pela natureza da minha inteligência, terei aptidão para penetrar, tanto quanto ao homem for permitido fazê-lo, as grandes verdades acerca do nosso destino futuro?

— Sim, tens a aptidão necessária, mas o resultado dependerá da tua perseverança no trabalho.

Poderei concorrer para a propagação dessas verdades?

— Sem dúvida.

Por que meios?

— Sabê-lo-ás mais tarde; enquanto esperas, trabalha.¹⁰²

Em março de 1856 um fenômeno pouco comum lhe chama a atenção: ele ouve “pequenas pancadas” na parede, que se repetem por mais de uma hora sempre que ele retomava a escrita de *O Livro dos Espíritos*. Em sessão na casa da mesma Sra. Baudin ele consulta o espírito que se apresenta sob o nome de “Verdade” a respeito desse incidente e o espírito lhe afirma que era ele que desejava chamar sua atenção para um ponto no livro que escrevia. Então o espírito lhe aponta o local exato de um erro que ele não havia percebido.

Fenômenos dessa natureza, aliados à sua busca da verdade e à crença em que todos somos predestinados a uma determinada realização, devem ter lhe facilitado firmar convicção a respeito do conteúdo da mensagem obtida em 30 de abril de 1856 através da Srta. Japhet, que ele considera como sendo “a primeira revelação da minha missão”, a qual seria capaz de “acarretar uma profunda transformação social”. O espírito traduz o clima de insatisfação com as religiões da época quando reafirma que “deixará de haver religião e uma se fará necessária, mas verdadeira, grande, bela e digna do Criador...” E, referindo-se a ele, professor Hippolyte, o espírito o apresenta como “o obreiro que reconstrói o que foi demolido”.

Kardec admite ter se emocionado diante dessa revelação, que lhe calou fundo. Tanto que uma semana depois, em 07 de maio de 1856 ele indaga o espírito Hahnemann a respeito dessa sua “missão”, ao que obtém, através da mesma médium, a Sra. Japhet:

Sim e, se observares as tuas aspirações e tendências e o objeto quase constante das tuas meditações, não te surpreenderás com o que te foi dito. Tens que cumprir aquilo com que sonhas desde longo tempo. É preciso que nisso trabalhes ativamente, para estares pronto, pois mais próximo do que pensas vem o dia.¹⁰³

Qual o sentido de negar a motivação profundamente religiosa do trabalho de Kardec? Tanto que ele a apresenta como uma “nova doutrina” de caráter científico e filosófico, com importantes consequências morais; uma “revelação” do mundo espiritual para a Terra. Mas, homem de ciência que era, ele procura revestir o seu trabalho de uma roupagem científica, procurando estabelecer um diálogo com a ciência do seu tempo dentro do seu próprio terreno. Assim sendo, ele se ancora no pensamento dos mais importantes filósofos que o antecederam e naquilo que era possível em termos de métodos científicos à época, mas para tratar da imortalidade da alma, tema central da sua obra.

No outro extremo, e em virtude dessa sua vocação espiritual, há quem tente enfatizar na obra de Kardec apenas o caráter doutrinário religioso, em detrimento do seu aspecto filosófico e científico. Até porque houve, de fato, uma rejeição por parte do mundo acadêmico à sua obra, condenando-a ao limbo do “religioso”, sob a alegação de que seu trabalho não apresentaria a consistência metodológica requerida para um estudo científico, ou o rigor racional de um texto filosófico. Pode ser, mas esse tipo de abordagem era comum mesmo nos textos científicos de sua época, que foram aceitos sempre que o objeto de estudo e as conclusões se referiram apenas às questões de interesse exclusivamente material.

Léon Denis aponta uma prática adotada por alguns seguidores de Kardec na Europa e nos Estados Unidos que pode ter sido responsável pelo êxito dos seus detratores em negar a cientificidade da sua obra: o uso de médiuns profissionais para a realização das pesquisas em torno do Espiritismo; comprovada uma única farsa, o julgamento se estendia a todo o conjunto da ideia.¹⁰⁴

Nem sempre os médiuns que se prestavam aos fenômenos mais ostensivos aceitavam atuar gratuitamente. Muitos pesquisadores entenderam que este era um requisito inerente às suas pesquisas, e aceitaram pagar pelo “serviço”. Isso levou muitos médiuns a cometerem fraudes, às vezes consideradas “inocentes”, movidos pela boa vontade de atender àqueles que os contratavam. Inteligentemente, Kardec optou desde o início pelo caminho mais difícil, o da gratuidade do exercício da mediunidade, que ele transformou em princípio doutrinário. Talvez deva-se a isso a primeira grande mudança por ele realizada, ao ampliar significativamente O Livro dos Espíritos para a sua segunda edição, abandonando um enfoque mais científico e dando-lhe agora um enfoque mais doutrinário religioso, com o que seria mais fácil garantir a sua perenidade.

Observa-se na segunda edição o uso de textos mais longos, o que denota um uso mais amplo da psicografia, mais textos de conteúdo moral, e um abandono intencional das pesquisas mais rigorosas, dos métodos mais controlados, mais alinhados com o que se estruturava no universo da ciência. Se o que chamava a atenção das pessoas a princípio eram os fenômenos de natureza física, como materializações, transporte de objetos, escrita e voz direta, Kardec entendia que a necessidade agora seria a de buscar as implicações filosóficas, éticas e morais desses fenômenos. Por isso que, em vez de estimular os tipos de mediunidade orientados para as manifestações de natureza física, que poderiam, no máximo, comprovar a realidade do espírito, Kardec parece ter entendido que era momento de estimular aqueles voltados para os efeitos intelectuais, que poderiam dar corpo à nova doutrina que se elaborava. Daí a sua opção pela psicografia e, de preferência, a psicografia mais fluente, na qual o próprio médium tomava na mão o lápis e escrevia.

Alguns críticos acusam Kardec de ter-se afastado intencionalmente dos aspectos científicos do Espiritismo e de tê-lo transformado em um movimento doutrinário de caráter religioso. Analisando a história pelo retrovisor é possível atribuir-lhes razão, mas também é de se indagar: não foi essa a decisão mais acertada, uma vez que o tipo de estudos que estavam sendo desenvolvidos não encontrou acolhida nos meios acadêmicos? Sem o Espiritismo religioso o pensamento espírita não teria se perdido na frieza das universidades, que haviam elegido o materialismo como pressuposto

metodológico? Aliás, isso já havia ocorrido com a teoria heliocêntrica, que passou quase dois mil anos esquecida.

Em que pese os méritos do materialismo metodológico, ao qual se devem todas as mais importantes inovações tecnológicas da atualidade, nenhum cientista que tenha feito qualquer trabalho na área do espírito foi aceito; nem mesmo William Crookes (1832-1919), o laureado físico-químico inglês, que logo depois da morte de Kardec decidiu desenvolver pesquisas em torno da realidade do espírito, usando os mais rigorosos métodos de análise e diversos critérios de segurança que não deixassem dúvida quanto às suas conclusões. Pelo simples fato de ter relatado inúmeras ocorrências comprobatórias de fenômenos de materialização e uma infinidade de outros menos impactantes, concluindo pela “atuação de uma inteligência externa”, ele sofreu grave discriminação no meio científico do seu tempo.¹⁰⁵

William Crookes foi salvo pela sua grande contribuição nas áreas da Química e da Física. Hoje ele ainda é lembrado pela invenção do tubo de vácuo para estudo dos raios catódicos, que sofreram amplo desenvolvimento e tiveram extensa aplicação na tecnologia e nos estudos atuais da Física Moderna, pelo radiômetro de Crookes e por ter isolado a substância química Tálcio, de número atômico 81. Embora sendo considerado um grande experimentador, no que se refere às suas experiências nos domínios do espírito, estas foram simplesmente ignoradas sob a alegação de “misticismo”.

Ainda hoje, no meio científico, muitos cétricos olham com estranheza qualquer pesquisador que se atreva a estabelecer como objeto de análise, sob qualquer viés, os fenômenos que de algum modo atestem a existência de espíritos, ou de uma consciência extracorpórea, que é como tem sido tratado hoje o assunto. Pesquisadores não espíritas como Amit Goswami, Ian Stevenson, Hamendra Nath Banerjee, Brian Weiss, Rupert Sheldrake e Sam Parnia, entre inúmeros outros, têm sido relegados ao mundo dos místicos quando suas conclusões apenas sugerem algo relacionado ao terreno do espírito.

Quanto a Kardec, sua obra foi ignorada pelos meios científicos e relegada para o domínio do religioso sobretudo por ser este um terreno para o qual cientistas e filósofos materialistas têm transferido tudo aquilo que não

conseguem explicar quando entra em cena a variável “espírito”. A academia sequer leva em conta o pioneirismo do critério metodológico por ele adotado, representado pela observação cuidadosa de fenômenos que não podiam ser provocados a seu bel prazer, pela análise qualitativa desses fenômenos, pela abordagem consistente através de estudos de casos, como em O Céu e o Inferno e, sobretudo, pelo método do consenso, traduzido na concordância entre as informações obtidas a partir de diferentes fontes.¹⁰⁶

Kardec produziu sua obra em um momento em que já começava a se esboçar uma especialização das linguagens, procurando-se distinguir o que era científico ou filosófico do que era religioso. Mas não se pode afirmar ter sido esse o motivo pelo qual ele não obteve o reconhecimento como homem de ciência; os textos de William Crookes a respeito das temáticas espíritas se limitaram à questão científica, sem nenhum viés religioso, e mesmo assim foram relegados ao domínio do sobrenatural. Com a obra de Kardec não poderia ser diferente e ele parece ter percebido isso com muita clareza, daí os ajustes de linguagem implementados logo no início; em vez de dirigir-se à academia ele passou a dirigir-se ao coração das pessoas mais simples, dos livres pensadores.

Mesmo o comportamento de Kardec, que pode ser acompanhado pelos seus relatos na Revista Espírita, não tem como ser confundido com o de um filósofo ou pesquisador comum, que esteja apenas apresentando o fruto dos seus estudos, como fez William Crookes. Desde 1856 que ele admitia para si o papel de “missionário”, que lhe foi atribuído pelos espíritos e confirmado pelo espírito “Verdade”.¹⁰⁷ À medida que ele vai compreendendo a transcendência da ideia espírita e o seu papel transformador para a humanidade ele vai agregando ao seu trabalho científico o de líder espiritual. Isso fica evidente desde 1858, quando ele escreve na Revista Espírita, em resposta a uma carta recebida:

O Espiritismo é o laço fraternal que deve conduzir à prática da verdadeira caridade cristã todos os que o compreendem em sua essência, porquanto tende a fazer desaparecer os sentimentos de ódio, de inveja e de ciúme que dividem os homens.¹⁰⁸

Fica evidente que Kardec, em que pese seu esforço em realizar um trabalho filosófico e científico, age muito mais como um missionário, que trabalha incansavelmente em uma tarefa que lhe foi confiada. Ele se porta mais como um líder espiritual do que como um cientista ou filósofo empolgado com o impacto das suas descobertas. É essa atitude que faz com que ele afirme com segurança aos que o convidaram a encetar a viagem de 1862:

Não vou a Lyon para me exhibir, nem para receber homenagens, mas para conversar convosco, consolar os aflitos, encorajar os fracos, ajudar-vos com os meus conselhos naquilo que estiver em meu poder fazê-lo.¹⁰⁹

Soma-se à vocação espiritual do homem Hipolyte Léon a intenção religiosa dos espíritos autores, pouco preocupados com a repercussão científica ou filosófica do seu trabalho, e muito mais interessados em dialogar a respeito do sentido da vida e do viver humano. Eles desejam tocar mais o coração do que a mente dos homens, ainda hoje incapazes de perceber Deus a partir de uma perspectiva puramente filosófica, conforme apresentada na questão número um. Ao ponto de São Luís, o “presidente espiritual” da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, até mesmo recomendar deixar de lado “as questões de ciência”, no que seria, sob o ponto de vista de Kardec, uma orientação para o “porvir do Espiritismo”.

Tem-se-vos dito uma coisa muito verdadeira, que desejamos relembrar-vos: que o Espiritismo é simplesmente uma moral e que não deverá sair, nem muito, nem pouco, dos limites da filosofia, se não quiser cair no domínio da curiosidade.

Deixai de lado as questões de ciência: a missão dos Espíritos não é resolvê-las, poupando-vos ao trabalho das pesquisas; mas, procurai tornar-vos melhores, porquanto é assim que realmente progredireis.¹¹⁰

Portanto, por mais que se tente destacar em Kardec os atributos do filósofo ou do cientista, que estão muito bem caracterizados em toda a extensão da sua obra, não há como negar que a sua grande vocação, que ressalta evidente de todos os seus escritos, é a do homem religioso, profundamente humanista, comprometido com a transformação do mundo, com a construção de uma mentalidade mais espiritualizada, mais de acordo com o Evangelho de Jesus que, não por acaso, se constitui em objeto de uma de suas principais obras. Por mais que se tente afirmá-lo como homem de filosofia e de ciência, é ele mesmo quem abraça o papel de líder espiritual de um movimento cuja missão é “lenir corações aflitos, consolar, acalmar desesperos, operar reformas morais.”¹¹¹

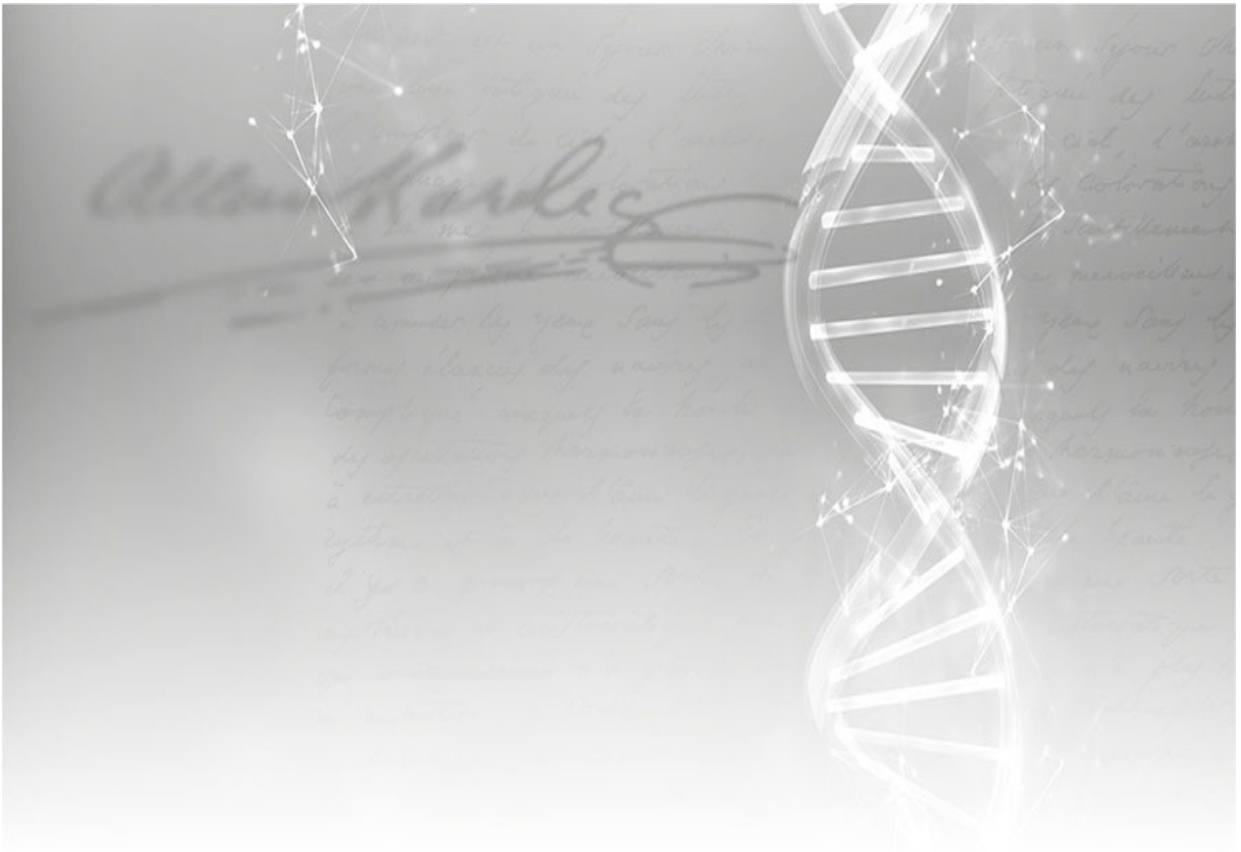
Em que pese a forte ancoragem do seu estudo na ciência e na filosofia de sua época, é tão clara a sua decisão de dar ao Espiritismo um corpo de doutrina religiosa que, ao escrever *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, ele o apresenta como uma proposta de “fé inabalável”, porque raciocinada. Em seguida ele conduz o raciocínio do leitor, apresentando a nova doutrina como uma “revelação” de Deus para os homens, terceira parte de uma sequência que começa em Moisés, passa por Jesus e se completa no Espiritismo. Ao longo do livro ele desenvolve um verdadeiro tratado de ética e moral cristã que se assenta no amor ao próximo, e faz da caridade a condição de “salvação”, em uma abordagem mais próxima das tradições católica e protestante. Ao final ele conclui com uma demonstração inigualável de religiosidade, que é o capítulo XXVIII, que leva como título “coletânea de preces espíritas”.

99. Kardec, Allan. *Obras Póstumas, biografia de Kardec*. 26^a ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1993).

100. Kardec – *O Filme*, produção de 2018 do diretor Wagner de Assis tendo no papel de Kardec o ator Leonardo Medeiros.

101. Kardec, Allan. *Obras Póstumas*, pag. 126 e 335. 26^a ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1993).

102. Kardec, Allan. Obras Póstumas, pag. 333. 26ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1993).
103. Kardec, Allan. Obras Póstumas, pag. 337. 26ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1993).
104. Denis, Léon. No Invisível, no prefácio da edição de 1911. 8ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1977).
105. Doyle, Arthur C. História do Espiritualismo, cap. 11. Ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (2013).
106. Kardec, Allan. O Evangelho Segundo o Espiritismo, Introdução. 86ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (2011).
107. Idem. Obras Póstumas, segunda parte. 26ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1993).
108. Kardec, Allan. Revista Espírita, Julho de 1858. Ed. FEB, Rio de Janeiro, RJ. Os Itálicos são de Kardec.
109. Ibidem, Julho de 1862.
110. Kardec, Allan. O Livro dos Médiuns, cap. XXXI item XVII. 80ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (2011).
111. Ibidem, item 30.



Capítulo 12

Quem são os espíritos da obra kardequiana?

É o próprio Kardec que, ao reestruturar inteiramente O Livro dos Espíritos tendo em vista a sua segunda edição, afirmará categórico: “O Espiritismo não é obra de um homem”, ou seja, ele era obra dos espíritos.¹¹² Mas quem são esses espíritos? O senso comum afirma simplesmente que eram “espíritos superiores”, termo que o próprio Kardec utiliza, como se essa expressão – espíritos superiores – contemplasse uma homogeneidade de pensamentos, de conhecimentos e de ações, uma equipe perfeitamente afinada, como uma orquestra, executando uma sinfonia mediante instrumentos impecáveis, que eram os médiuns. Seria mesmo assim? Vejamos.

Em especial na sua primeira edição, O Livro dos Espíritos era como um relatório de uma pesquisa científica realizada junto aos espíritos, no qual Kardec apresentava, em uma coluna à esquerda, as respostas obtidas às diversas questões que lhes foram formuladas e, em outra à direita, as suas considerações – também baseadas no que eles diziam – com relação a cada uma dessas respostas. Kardec não fornece nenhuma informação a respeito de como cada resposta foi obtida, se por tipologia, se mediante uso da cesta de bico ou escrita direta, pela mão do médium, mas a objetividade ou extensão das respostas fornece pelo menos uma pista nesse sentido. Ao final, um breve epílogo e uma série de notas explicativas, acrescidas do relato de diversas comunicações obtidas em circunstâncias especiais, algumas delas verdadeiras entrevistas obtidas junto a determinados espíritos especialmente evocados para explorarem um determinado assunto.

É sabido que Kardec submetia o seu trabalho à apreciação dos próprios espíritos, através de diferentes médiuns – mais de dez, segundo ele mesmo relata – visando confirmar o acerto das ideias ali expostas. Após a publicação da primeira edição de O Livro dos Espíritos ele passa a contar com uma rede muito mais extensa, de “perto de mil centros espíritas sérios, disseminados pelos mais diversos pontos da Terra”. Mesmo assim, Kardec considera que “eles foram, do menor ao maior, meios de me informar e não reveladores predestinados”.¹¹³

Ele inclusive adverte que os espíritos, mesmo os mais sábios, não são detentores da verdade. Especialmente quando se trata de questões mais delicadas, que fogem do escopo da ciência e, por isso mesmo, sem qualquer possibilidade de comprovação.

Se os interrogamos a respeito, os mais sábios respondem que não o sabem; mas outros, menos modestos, tomam a iniciativa e a postura de reveladores, ditando sistemas, produto de ideias pessoais, que apresentam como verdade absoluta.¹¹⁴

Um dado curioso, já relatado anteriormente, e que merece um detalhamento maior, agora que analisamos a questão dos espíritos autores: no final da primeira edição, após todas as perguntas, ele apresenta os nomes de oito espíritos “dentre os que animaram personagens conhecidos” e que “concorreram simultaneamente a estas instruções”¹¹⁵. São eles, João, o evangelista a quem se atribui também o Apocalipse; o sábio filósofo grego Sócrates, que dedicou sua vida à formação dos jovens e viveu até mais ou menos 400 a.C.; Fénelon, teólogo francês católico que viveu de 1651 a 1715; o padre francês Vicente de Paulo que viveu de 1581 a 1660, e que criou uma extensa obra de filantropia que sobrevive ainda hoje; Hahnemann, contemporâneo de Kardec e criador da homeopatia, que morreu em Paris em 1843; Benjamin Franklin, inventor e estadista nos EUA, que viveu entre 1706 e 1790; Emanuel Swedenborg, filósofo e médium sueco que viveu de 1688 a 1772, inspirador da Igreja da Nova Jerusalém; Napoleão I, o Bonaparte, que foi imperador na França de 1804 a 1814, militar e estadista,

admirado por ter estabelecido a hegemonia francesa sobre grande parte da Europa.

Ao elaborar a segunda edição, conforme já comentamos, ele achou por bem transferir esses nomes para o campo da assinatura do texto dos prolegômenos, agora inteiramente reformulado. Mas aí é que entra um detalhe ainda mais curioso; nessa operação ele preferiu excluir dois nomes, os de Napoleão I e de Hahnemann, e acrescentou outros quatro: o Espírito da Verdade – que alguns entenderam que seria Jesus –; o filósofo grego Platão, principal discípulo e divulgador das ideias de Sócrates; Santo Agostinho, bispo que viveu no século IV; e São Luís, o rei Luís IX de França, que reinou de 1226, quando tinha doze anos, até sua morte em 1270, e que foi canonizado em 1297 por sua generosidade ímpar, seu senso de humanidade, e por sua grande contribuição aos ideais católicos.

Outro dado interessante: na primeira edição ele se refere a Vicente de Paulo e João Evangelista pelos seus nomes, sem o título católico de santo. Já na segunda ele os apresenta como São Vicente de Paulo, São João Evangelista, assim como o faz com os novatos na obra, São Luís e Santo Agostinho. Seria isto o reconhecimento da condição elevada desses espíritos a partir da sua posição na Igreja Católica? Ou seria o resultado do desejo de facilitar a assimilação da ideia espírita pelos católicos de sua época? Não há como afirmar nada a esse respeito com um mínimo de segurança.

A propósito, referimo-nos a São Luís como “novato” porque, embora ele seja um dos principais autores espirituais, ele só participa de O Livro dos Espíritos a partir da sua segunda edição. Isso tem uma explicação histórica: a família Dufaux fez contato com Allan Kardec na noite do lançamento da sua primeira edição, em abril de 1857. A essa altura Ermance, com dezesseis anos, já havia psicografado e publicado em 1854 A história de Luís XI, ditada por ele mesmo, um livro autobiográfico de rigor histórico surpreendente, e A História de Joana d’Arc ditada por ela mesma, em 1855.¹¹⁶ A partir daí Kardec passa a estreitar relações com a família, e São Luís, mentor da médium, passa a cooperar efetivamente com suas atividades, o que resulta na segunda edição de O Livro dos Espíritos, “inteiramente refundida e consideravelmente aumentada”, a respeito da qual Kardec dirá que é uma “obra nova”¹¹⁷. Nessa “nova obra” São Luís é o autor espiritual mais presente, com várias respostas devidamente assinadas, tendo seu nome

incluído como um dos autores dos prolegômenos. Seria ele o autor espiritual dos dois novos parágrafos acrescentados àquele texto?

Quanto a Napoleão I e Hahnemann, cujos nomes foram excluídos da relação de autores a partir da segunda edição, este último consta como sendo o espírito evocado em dois registros bastante pessoais levadas a efeito por Kardec em 1856; o primeiro deles, quando aconselhou-se com ele a respeito de sua missão, e o segundo, sobre O Livro dos Espíritos, que estava em fase de preparação¹¹⁸. É curioso constatar que, por razões que se ignora, Kardec manteve como referência de Hahnemann somente a assinatura de uma mensagem em O Evangelho Segundo o Espiritismo¹¹⁹. Já com relação a Napoleão I Kardec deve ter analisado melhor a mensagem a ele atribuída e chegado à conclusão de que sua autoria não era confiável. Talvez por isso tenha decidido suprimir seu nome da lista de espíritos que cooperaram com a escrita de O Livro dos Espíritos e apenas transcrever a mensagem com a respectiva assinatura em O Livro dos Médiuns, agora considerando-a apócrifa. O caso é um exemplo concreto da dificuldade que representa a identificação dos espíritos.¹²⁰

Kardec via com muita naturalidade submeter todas as informações obtidas por via mediúnica a uma análise racional e, em caso de dúvida, adotar com tranquilidade outras informações, sem o menor receio. Não existe, para Kardec, essa perspectiva de “sacralização” dos seus textos, mesmo daqueles obtidos por via mediúnica, ou de crer que todas as respostas lhe foram dadas por espíritos “superiores”. Por mais “superior” que lhe pareça um determinado espírito, a conclusão final é sempre dele, Kardec, baseada na análise do conjunto das informações obtidas. Os espíritos são “superiores” por serem sábios, por se disporem, na maior boa vontade, a instruir os homens, mas isso não retira deles a condição humana.

Por mais que lhes sejamos agradecidos pelo devotamento que nos demonstram, pelo desvelo com que se dispõem a nos orientar e instruir, não se pode desconsiderar a sua condição de humanidade, entendimento do qual compartilha também o célebre escritor inglês Arthur Conan Doyle, para quem

Acima de tudo, o investigador deve para sempre abandonar a ideia de que os desencarnados sejam, necessariamente, entidades sábias e poderosas. Eles têm a sua individualidade e as suas limitações, assim como as temos, e essas limitações se tornam mais destacadas quando se manifestam através de uma substância tão alheia quanto a matéria.¹²¹

Se alguns deles foram exemplo de transcendência e de bondade, não há como ignorar a sua condição ainda humana. Um exemplo é o espírito apresentado nas obras de Kardec como São Luís e que se trata de Luís IX, o “bom Rei Luís” que governou a França no século XIII. Mesmo mostrando-se hábil estrategista, generoso e humanista sob vários aspectos, teve que ser repreendido pelo papa Clemente IV pela dureza das punições que aplicava aos que violavam o seu código de conduta moral. Não é pelo fato de ele se mostrar no século XIX como um espírito sábio que se pode atribuir-lhe uma condição de superioridade que desconsidere inteiramente o fato de pouco mais de 500 anos antes ele ter discriminado e perseguido os judeus, ampliado a ação da Santa Inquisição e ainda liderado duas cruzadas contra os muçulmanos. Pela sua devoção à fé católica e pela sua generosidade para com os desafortunados, quando em vida, ele foi beatificado em 1297, muito embora ele mesmo admita ter sido “um grande pecador perante Deus”. Pela sua posição singular na história e, mais ainda, pela sabedoria contida nos seus ensinamentos, Kardec o considera um “espírito superior”, mas não há como negar que se trata de um espírito que está emergindo das contradições da condição humana.¹²²

É também o caso de Santo Agostinho, o terceiro autor mais citado por Kardec. Cidadão romano nascido no norte da África no início século IV d.C, depois de uma vida que ele mesmo considerou mundana e dissoluta, converteu-se ao cristianismo e doou tudo o que tinha para os pobres, tornando-se em seguida um dos principais filósofos da Igreja Católica. Foi ordenado em seguida bispo de Hipona, pelo que tornou-se conhecido como Agostinho de Hipona.¹²³ Outro autor espiritual igualmente importante na obra de Kardec é o espírito que teria vivido como Erasto na época de Jesus, de quem só se sabe que cooperou com o esforço de Paulo na divulgação do Cristianismo e que foi alto funcionário do Templo de Jerusalém.¹²⁴

Merece ainda citação o espírito de Lamennais, ex-padre e filósofo católico, falecido em Paris em 1854, três anos antes do lançamento da primeira edição de O Livro dos Espíritos, e que psicografou diversos textos na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas a partir do segundo semestre de 1859. Por defender os princípios da democracia e a independência do estado em relação à Igreja Católica sofreu pressão tanto do rei quanto do Papa. Em virtude disso deixou a Igreja e dedicou-se à política, tendo sido eleito à Assembleia Nacional em 1848. Teve alguns dos seus textos psicográficos incluídos nos livros de Kardec, sendo um na segunda edição de O Livro dos Espíritos, que é a questão 1009, outro em O Livro dos Médiuns e mais um em O Evangelho Segundo o Espiritismo.

São vários os espíritos recém-desencarnados que escrevem mensagens em diferentes grupos mediúnicos, as quais Kardec inclui nos seus livros. Um desses casos é o espírito Lacordaire, padre dominicano reconhecido por sua atuação política e acadêmica, que havia falecido em 1861 aos 59 anos de idade, e que psicografou mensagens em pelo menos três cidades diferentes, a saber, Paris, Constantina e Havre. Três dos seus textos foram incluídos em O Evangelho Segundo o Espiritismo, e se constituem em belíssimos apelos à caridade.

E há alguns poucos espíritos “femininos”, como Irmã Rosália, que, pelo que seu texto sugere, teria sido a Irmã Rosália Rendu, freira e discípula de São Vicente de Paulo falecida em 1856 depois de uma vida dedicada às crianças pobres e aos desvalidos. E também Cárita que, evocada na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, afirmou ser a pessoa de Irene, beatificada pela Igreja Católica na figura de Santa Irene por ter sido martirizada no ano 304 d.C. em razão da sua fidelidade ao cristianismo. Há ainda uma “rainha de França”, não identificada, que lamenta ter perdido sua última existência na Terra por causa do seu orgulho em relação à sua posição social.

Portanto, é preciso compreender essa condição de “superioridade” atribuída aos espíritos por Kardec como sendo relativa à sua condição humana. São espíritos sábios porque, enquanto vivendo na Terra, demonstraram uma espiritualidade que se manifestava na sua postura na vida, quase sempre dedicada a uma causa nobre ou a uma ação relevante em favor do próximo. Pelo conteúdo de suas mensagens eles atestam uma condição de sabedoria superior ao comum dos seres humanos, mas, nem por isso se pode deixar de

levar em conta que, para Kardec, “os Espíritos não são senão as almas dos homens, despojadas do invólucro corpóreo”, e o que eles escrevem deve ser submetido ao crivo da razão e da concordância.

Quanto ao Espírito da Verdade, o entendimento de que ele seria o próprio Jesus merece ser analisado com bastante cuidado. Em Obras Póstumas Kardec relata que havia um espírito que se apresentava sob o pseudônimo de “A Verdade” e que havia se colocado como orientador pessoal do seu trabalho. Kardec o evoca como “Verdade” e, em uma mensagem psicografada pela médium Aline C, ele assina como “Espírito Verdade”. Há dois registros de que ele tenha indagado aos espíritos a respeito de outros que estivessem presentes à reunião e tanto Jobard quanto Sanson, já desencarnados, relataram ver o “Espírito de Verdade”.¹²⁵

Algo parecido já fazia parte do imaginário francês. Consta nos relatos de um dos seus maiores expoentes, o filósofo René Descartes, que ele teria sido visitado em sonhos pelo “espírito da verdade”, que ele entendia tratar-se do espírito da própria “verdade”. Segundo ele mesmo conta, isso o impressionou de tal forma que ele passou a dedicar toda a sua vida à ideia de que a matemática poderia ser aplicada a todas as ciências, inclusive à moral, de modo a produzir a certeza do conhecimento.¹²⁶ Não é de se estranhar, pois, que surgissem mensagens assinadas como sendo do “Espírito da Verdade”. Constam em O Livro dos Médiuns quatro mensagens assinadas mais ou menos deste modo, mas há também uma quinta originalmente assinada como sendo de Jesus, e que foi incluída mais tarde, com alguns ajustes e supressões, em O Evangelho Segundo o Espiritismo com a assinatura de “O Espírito da Verdade”. Ela consta no capítulo VI, item 5, junto com outras três que Kardec utiliza para justificar a sua tese do Consolador Prometido, em uma correlação direta com a profecia referente ao “Espírito de Verdade” do Evangelho de João. Além destas há ainda uma no capítulo XX a que Kardec deu o título “Os obreiros do Senhor”.¹²⁷

Não vem ao caso, aqui, avaliar se a mensagem que foi assinada com o nome de Jesus ou mesmo aquelas outras que, pela linguagem e pelo conteúdo, sugerem ser de sua autoria, são ou não autênticas; não é esta a discussão. Kardec as examinou e as considerou autênticas, ao ponto de serem publicadas. O que se discute é se o espírito que se apresentava como “Verdade”, e que orientava pessoalmente o trabalho de Kardec era ou não

Jesus. Herculano Pires entende que ele era o mesmo que havia orientado Descartes, o que também não passa de uma elucubração, sem caráter conclusivo.¹²⁸

Em nenhum momento Kardec sugere a possibilidade de que o espírito Verdade se refira à pessoa de Jesus. Sob este nome tanto há mensagens atribuíveis a Jesus quanto há outras que não apresentam nenhuma relação. O fato de ele ter publicado as mensagens atribuíveis a Jesus com o nome de “O Espírito da Verdade” apenas demonstra a sua prudência em relação à sua publicação com essa assinatura. Por mais que se considere o interesse que Jesus, enquanto pessoa, individualidade espiritual, teria na materialização desse projeto, que é como se nos apresenta o Espiritismo, a análise racional dessa hipótese nos leva a uma conclusão mais prudente, como prudente é a própria postura de Kardec.

Essa tese parece ter surgido a partir do entendimento de Emmanuel que, inspirado no Evangelho de João, apresenta Jesus como “a encarnação do Verbo”, uma espécie de divindade, mais ou menos como a figura do “Filho” da tradição católica da Santíssima Trindade, e que estaria envolvido diretamente em todas as ações que se dão na Terra; uma espécie de “governador espiritual” do planeta desde a sua criação há 4,5 bilhões de anos, razão pela qual teria orientado, ele próprio, a obra de Kardec. Antes disso, também Roustaing parece defender essa tese, uma vez que ele considera que “o Cristo está em missão na Terra para a propagação e o sucesso do Espiritismo”, conforme citado anteriormente no capítulo 4. Mas esta não é uma tese kardequiana; embora a relevância que ele atribui à pessoa de Jesus ao ponto de escrever um livro inteiro para consolidar os seus ensinamentos morais, na coletânea de preces contidas em O Evangelho Segundo o Espiritismo ele sugere orar a Deus ou aos espíritos. Emmanuel e Chico Xavier oram a Jesus como se fosse ele mesmo a Divindade, o que é uma característica bem pessoal tanto do médium quanto do seu mentor espiritual.¹²⁹

Talvez seja interessante refletir sobre algumas questões: qual a relevância dessa tese para o conjunto da doutrina espírita? Não poderia essa tese ser apenas uma maneira de tentar reforçar o sentido sacralizado comumente atribuído aos textos kardequianos, fruto de um atavismo religioso oriundo da nossa tradição católica e protestante que afirma ter sido a Bíblia escrita pelo

“dedo de Deus”? Agora na condição de espíritas, não nos seria caro pensar que a obra kardequiana possa ter sido diretamente supervisionada pelo espírito de Jesus?

Do estudo da obra de Kardec não se tiram elementos que sustentem essa afirmação. Para ser considerada como uma “revelação espiritual”, o bom senso kardequiano sugere que se leve em conta o critério da concordância, sem o que a informação será apenas a opinião de um espírito, por mais respeitável seja ele. As ilações ficam por conta de cada estudioso que forma suas conjecturas em uma ou outra direção com base nas suas crenças e nas suas preferências, mas sempre como conclusões pessoais, sem a menor condição de serem comprovadas ou refutadas e, o mais importante, sem que se constituam em afirmações feitas em nome do Espiritismo.

112. Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, item VI da Conclusão. 54ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1981).

113. Kardec, Allan. Obras Póstumas, pág. 329-330. 26ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1993).

114. Idem. Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos, jan 1862. Ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ.

115. Abreu, Silvino Canuto de. O primeiro Livro dos Espíritos, nota nº VII. Cia Ed. Ismael. São Paulo/SP (1957).

116. Maior, Marcel Souto. Kardec, A biografia, pág. 97. Ed. Record, Rio de Janeiro/RJ (2013).

117. Kardec, Allan. Revista Espírita, março de 1858. Ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ.

118. Idem. Obras Póstumas, pág. 338-342. 26ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1993).

119. Idem. O Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. IX item 10. 86ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1982).

120. Kardec, Allan. O Livro dos Médiuns, cap. XXXI, dissertação XXXI. 80ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (2011).

121. Doyle, Arthur C. História do Espiritualismo, cap. 2 pag. 42. Ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (2013).

122. Kardec, Allan. Revista Espírita, agosto de 1860. Ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ. A Wikipédia apresenta uma rica biografia, muito bem referenciada, de “Luis IX de França”.

123. Vide o livro Confissões, de Santo Agostinho. Coleção Os Economistas. Ed. Abril, São Paulo/SP (1980).

124. Vide Bíblia Sagrada em Rom 16:23, Atos 19:12 e 2 Tim 4:20.

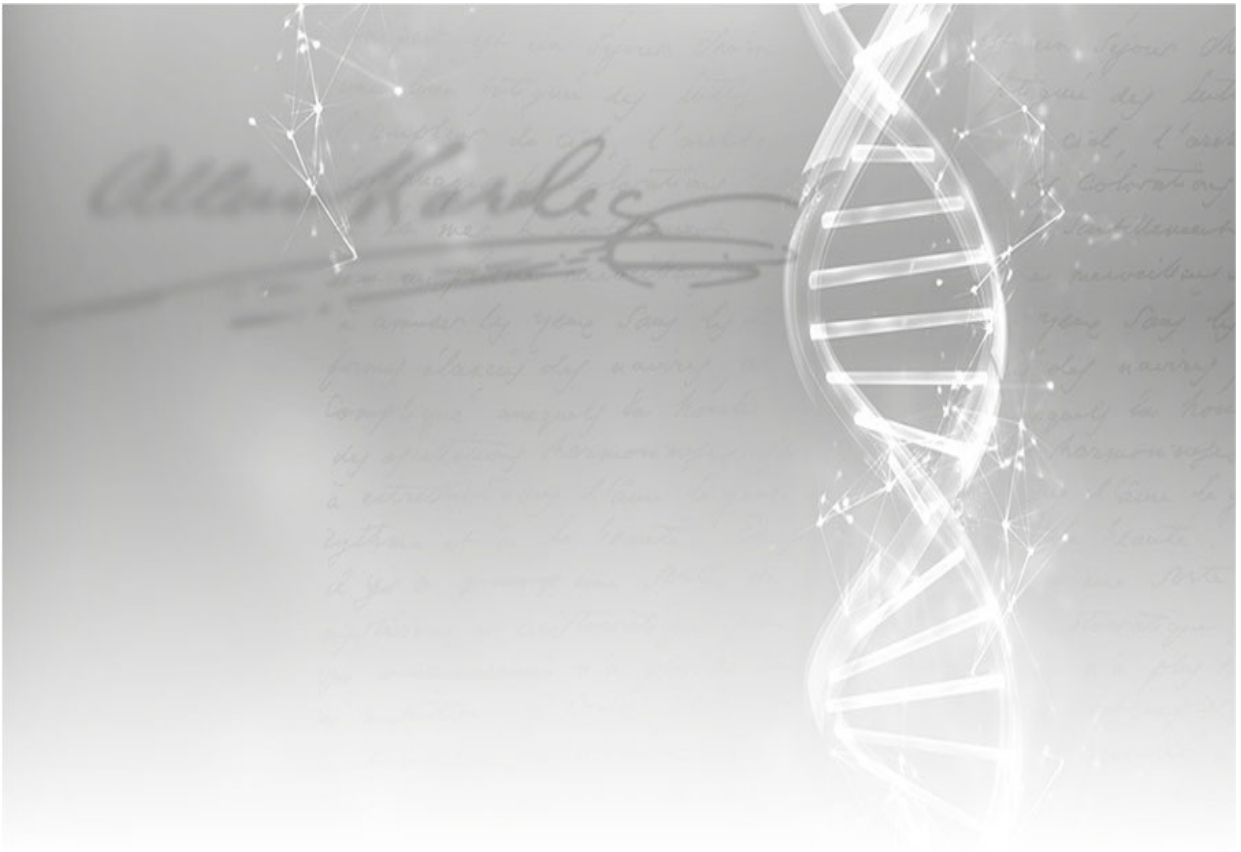
125. Kardec, Allan. Revista Espírita, março e junho de 1862. Ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ.

126. O relato desses sonhos está diluído ao longo da obra de Descartes e em documentos que relatam a trajetória de vida do filósofo. Esses sonhos foram analisados pela psicoterapeuta alemã Marie Louise Von Franz, em seu livro Sonhos: um estudo dos sonhos de Jung, Descartes, Sócrates e outras figuras históricas, publicado pela editora Vozes, São Paulo/SP.

127. Kardec, Allan. O Livro dos Médiuns, Cap. XXXI item IX. 80ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (2011).

128. Pires, J. Herculano. O Espírito e o Tempo, cap. II item I, Ed. Paideia, São Paulo/SP (1979).

129. Xavier, Francisco C. Emmanuel, pelo espírito Emmanuel, cap. II e III. Ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1981). Vide também o livro A Caminho da Luz, dos mesmos autores, ed. FEB. Rio de Janeiro/RJ.



Capítulo 13

Uma análise do método de Kardec

Referiu-se, no capítulo anterior, ao método de pesquisa estruturado por Allan Kardec. Mas em que consistia esse método? Na sua época os “filósofos e homens de ciência” – termos que ele utiliza – haviam consagrado como métodos de pesquisa a observação e o método experimental. Estava se consolidando um paradigma epistemológico que podemos descrever como sendo um materialismo lógico indutivista, quantitativo, tendo como base a análise racional. Destronando pouco a pouco a Bíblia Sagrada enquanto detentora da verdade, a ciência prosseguia “prudente e progressivamente pelos terrenos sólidos dos algarismos e da observação, sem nada afirmar antes de ter em mãos as provas”¹³⁰. A palavra “cientista” era um neologismo recente; havia sido utilizada pela primeira vez em 1833 e incluída no Dicionário Oxford, da Inglaterra, em 1834.

Graças ao novo paradigma materialista – que excluía qualquer causa metafísica para a explicação dos fenômenos, em oposição às explicações místicas até então impostas pela Igreja Católica – a ciência contabilizava inúmeras conclusões importantes, proporcionando mudanças significativas nas áreas da Astronomia, da Física e da Química. As aplicações decorrentes dessa nova forma de fazer ciência transformavam o mundo, como a invenção do telescópio, por Galileu Galilei (1564-1642), a elaboração das leis da gravitação e do movimento, por Isaac Newton (1643-1727), a decomposição dos elementos químicos, por Lavoisier (1743-1794), a invenção da pilha voltaica por Alessandro Volta (1745-1827) e o aperfeiçoamento da máquina a vapor por James Watt (1736-1819). Foi em meio a esse clima intelectual que o Prof. Hippolyte tomou contato com os fenômenos das mesas que giravam, levitavam, batiam e até escreviam, caso ela fosse pequena o suficiente para atar-lhe aos pés um lápis. “Achava-me

na posição dos incrédulos atuais, que negam porque apenas veem um fato que não compreendem.”¹³¹

Ele estava, portanto, dando atenção a fenômenos inteiramente fora da área de interesse da ciência do seu tempo, cuja explicação eram os espíritos, o que implicava na aceitação do metafísico, do espiritual, incompatíveis com o paradigma materialista vigente. Embora Kardec se refira ao método experimental, o que ele de fato aplica nesse primeiro momento é o método da observação, até porque os fenômenos em análise não se sujeitavam a qualquer tipo de experimentação sistemática.

Apliquei a essa nova ciência, como o fizera até então, o método experimental; nunca elaborei teorias preconcebidas; observava cuidadosamente, comparava, deduzia consequências; dos efeitos procurava remontar às causas, por dedução e pelo encadeamento lógico dos fatos, não admitindo por válida uma explicação, senão quando resolvia todas as dificuldades da questão.¹³²

Usando a análise lógico-racional Kardec procedia a exclusão das hipóteses que se mostravam insuficientes para explicar o fenômeno observado, como ele explica muito bem na introdução de *O Livro dos Espíritos*. Ao final, prevaleceu aquela explicação apontada pelo próprio fenômeno: os espíritos. Não havia como explicar de outro modo; todas as explicações baseadas em outros argumentos se mostravam insuficientes.

Portanto, em um primeiro momento seu método consistia na análise racional do fenômeno com base na observação levada a efeito em uma pesquisa de campo realizada junto a alguns dos grupos mais sérios existentes na época, bem como em uma pesquisa documental sobre um enorme conjunto de 50 cadernos de anotações que lhe foi entregue por um grupo de amigos. Esses cadernos, pelo que consta na primeira edição de *O Livro dos Espíritos*, continham de tudo um pouco, desde respostas curtas a perguntas formuladas pelos assistentes, até comunicações mais extensas de variados autores espirituais, através de diversos médiuns em diferentes

grupos espiritualistas da época. Algumas respostas, por serem muito curtas e objetivas, sugerem a possibilidade de terem sido obtidas mediante métodos bastante rudimentares, como a tiptologia – uso de pancadas ou sinais – ou a escrita mediante uso de lápis preso a uma mesinha ou a uma prancheta, o que era muito comum à época, segundo ele mesmo relata.

Foi dessas observações e análises que ele concluiu pela veracidade das comunicações; ele tinha observado pessoalmente as reuniões, os transes mediúnicos, as mensagens escritas mediante os mais variados processos e, examinando também aquele extenso material, via-se diante de provas concretas da realidade dos espíritos e do mundo espiritual. Mas parecia-lhe pouco comprovar a existência dos espíritos e a sua sobrevivência após a morte; eram tantas e tão relevantes as informações que eles traziam, eram tantas as implicações do que eles diziam que lhe parecia impossível deter-se ali. Era a descoberta de um mundo novo, o mundo dos espíritos, e isso tinha implicações profundas sobre a moral, a filosofia, a religião e a ética.

É bastante provável que, diante de tanta riqueza de conhecimentos, Kardec tenha resolvido estruturar um corpo de doutrina filosófico moral que fizesse face ao materialismo vigente na sua época, talvez até mesmo como contraponto à “religião da humanidade” proposta pelo seu contemporâneo Augusto Comte. Poucos anos antes, em 1852, Comte publicara o seu Catecismo Positivista, que propunha uma religião sem espíritos e sem deus, que cultuava a natureza com base no materialismo ateu.¹³³

Na medida em que se aprofundavam as suas observações Kardec constatou que diferentes comunicações obtidas sobre um mesmo assunto deixavam evidente que os espíritos não pensavam da mesma forma, sem contar as inúmeras comunicações triviais, desprovidas de profundidade e até mesmo fúteis, que ele fazia questão de excluir de pronto. Apenas como exemplo, na França os espíritos falavam com naturalidade sobre a reencarnação, enquanto na Inglaterra muitos até mesmo negavam essa possibilidade. Mesmo temas bastante comuns, como o momento em que o espírito se liga ao corpo, como já foi analisado, eram objeto de controvérsias. Faltava-lhe, portanto, um elemento fundamental: como identificar o que poderia ser considerado “verdadeiro” e o que deveria ser considerado “falso” em meio a tantas informações contraditórias?

Um dos primeiros resultados que colhi das minhas observações foi que os Espíritos, nada mais sendo do que as almas dos homens, não possuíam nem a plena sabedoria, nem a ciência integral; que o saber de que dispunham se circunscrevia ao grau, que haviam alcançado, de adiantamento, e que a opinião deles só tinha o valor de uma opinião pessoal.¹³⁴

Um século antes, analisando os fenômenos relatados – e as ideias apresentadas – pelo médium Emanuel Swedenborg, Kant, entre irônico e impressionado, já havia chegado à conclusão de que não era possível considerar aquelas pretensas manifestações dos espíritos como uma verdade, bem como também não seria racional “negar inteiramente toda a verdade nas histórias de espíritos”. Assim sendo, ponderava Kant, “ouse pôr em dúvida cada uma delas individualmente, e ainda assim dar alguma fé a todas tomadas em conjunto”.¹³⁵

Teria Kardec se inspirado em Kant para estabelecer o seu método de investigação a respeito daquele mundo espiritual a que o filósofo se referia e que estava agora diante de seus olhos? O fato é que Kardec estabeleceu exatamente esse critério como sendo a parte mais inusitada do seu método investigativo, e que se constituiria em algo inovador no mundo das ciências: o método do consenso. No seu caso esse consenso se dava mediante “a concordância que haja entre as revelações que eles façam espontaneamente, servindo-se de grande número de médiuns estranhos uns aos outros e em vários lugares”.¹³⁶

Ele mesmo explica o modo como aplicava esse critério:

Sempre que se apresentava ocasião eu a aproveitava para propor algumas das questões que me pareciam mais espinhosas. Foi assim que mais de dez médiuns prestaram concurso a esse trabalho. Da comparação e da fusão de todas as respostas, coordenadas, classificadas e muitas vezes retocadas no

silêncio da meditação, foi que elaborei a primeira edição de O Livro dos Espíritos, entregue à publicidade em 18 de abril de 1857.¹³⁷

A partir da publicação dessa primeira edição ampliaram-se as suas possibilidades de aplicar esse critério na medida em que se ampliou também a sua rede de contatos. Agora conhecido como Allan Kardec, ele começa a receber correspondência de inúmeros grupos espíritas espalhados pelas diversas partes do mundo – neste caso, do mundo ocidental –, os quais lhe enviavam comunicações obtidas junto aos espíritos nesses grupos permitindo-lhe “observar sobre que princípio se estabelece a concordância”.¹³⁸

Elevado à condição de método de pesquisa, o critério da concordância das informações lhe possibilitava verificar aquelas comunicações que apresentavam semelhança de significado e, mediante a comparação, inferir a respeito do seu conteúdo.

A esse respeito Luiz Signates comenta:

Vemos aí Kardec como um precursor de uma visão consensualista, que surge na filosofia no começo da década de 60, do século passado. É uma escola da filosofia que passa a definir a verdade como um consenso entre os especialistas. Um consenso de quem entende daquela verdade e que a torna muito sólida sob o ponto de vista social, mas relativa, pois se os especialistas mudam de ideia, e se convencem de outra, podem eliminar a anterior. Kardec prevê isso, que está dentro do Espiritismo, anunciado. Isso é Kardec como um visionário, no meu ponto de vista.¹³⁹

O único espírito com o qual Kardec parece ter sido mais complacente em relação ao critério da concordância foi o espírito que se apresentou sob o nome de Verdade, e que se colocou desde o início como inspirador e auxiliar espiritual do seu trabalho. Tudo indica que a relação estabelecida

entre eles envolvia um forte componente pessoal baseado na confiança recíproca e na cumplicidade de um projeto anteriormente traçado. Em mais de uma ocasião esse espírito demonstrou materialmente sua presença e seu cuidado com relação ao trabalho que estava sendo realizado por Kardec, que o tinha como um preposto direto de Jesus. Quanto aos demais, pelo menos segundo ele mesmo declara, ele procurava aplicar sempre o método da concordância.

Sempre esteve claro para Kardec que essa concordância não era suficiente por si só; a sua validade dependia também de as informações estarem em sintonia com as descobertas da ciência. O espírito Erasto, que não participou da elaboração de O Livro dos Espíritos, e que agora o auxiliava a compor o seu Guia dos Médiuns e dos Evocadores, depois intitulado de O Livro dos Médiuns, já o alertara que “melhor é repelir dez verdades do que admitir uma única falsidade, uma só teoria errônea”.¹⁴⁰ Sem contar a dificuldade de se atestar a identidade do espírito comunicante, ou de avaliar a interferência do médium no conteúdo de uma determinada comunicação.

Mesmo assim ele não se intimida; elabora hipóteses, arrisca explicações, propõe teorias, desbravando o universo das consequências filosóficas, religiosas e éticas da nova realidade espiritual por ele comprovada. No curto espaço de quatorze anos, quando ele percebe que uma determinada abordagem não se sustenta diante de novas explicações que vão se consolidando no mundo da filosofia e da ciência, ele próprio muda suas conclusões, altera os seus conceitos, como se deu com a teoria da historicidade da Bíblia, que começava a ceder lugar a uma nova visão baseada na sua literalidade. Já percebendo os limites do método do consenso ele propõe, ao final de sua obra, que o Espiritismo caminhe lado a lado com a ciência, pois, “se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará”.¹⁴¹

O pesquisador espírita Prof. Dr. Eduardo Lima chama a atenção para o fato de que Kardec inova também ao desenvolver uma pesquisa de natureza qualitativa mediante entrevistas realizadas junto aos espíritos, o que era bastante inusitado em uma época marcada pelo quantitativismo positivista. O resultado se constitui no livro O Céu e o Inferno, no qual ele apresenta “a situação real da alma durante e depois da morte” a partir de uma consistente análise teórica, seguida de um exame cuidadoso do extenso material

coletado nessas entrevistas. Suas conclusões são enriquecidas por quase uma centena de relatos que incluem pessoas da nobreza, médicos, cidadãos comuns, vítimas de tragédias e até mesmo mendigos de rua. O professor Eduardo Lima destaca que este é um dos exemplos em que se pode observar em Kardec “uma perspectiva epistemológica sofisticada”, sobretudo pelo seu caráter inovador, ao ponto de propor “uma singular e revolucionária união entre os paradigmas científico e religioso”.¹⁴²

Sofisticada e inovadora, inclusive, por adotar o estudo de caso como método de investigação, o que contrastava inteiramente com o espírito positivista da sua época.

Analisando hoje a obra de Kardec, passados cento e sessenta anos de sua primeira publicação, é possível identificar algumas abordagens que não mais se sustentam, o que é perfeitamente compreensível quando se considera sua obra sob o prisma por ele proposto. Aliás, este é o sentido que Kardec atribuía ao que ele chamava de “ciência espírita”; como ciência, ela estava naturalmente sujeita à progressividade que caracteriza o pensamento científico, assim como a sua aplicação aos fenômenos da vida social.

Deu-se assim com alguns pontos da “Uranografia Geral” apresentada no capítulo VI de A Gênese, bem como com a aplicação da teoria da geração espontânea, comprovadamente superada logo nas décadas seguintes. Isto ocorreu, também, com alguns tópicos de O Livro dos Espíritos, que só teriam como ser mais amplamente desenvolvidos a partir do estabelecimento dos pilares das ciências sociais que se consolidariam após a sua desencarnação. Isto fica evidente também na análise das causas da desigualdade social em O Evangelho Segundo o Espiritismo, toda baseada nos conceitos da economia do século XVIII, e que hoje merece um olhar mais atualizado.

Daí a importância da continuidade dos estudos e das pesquisas em torno dos temas que possam interessar a uma compreensão mais ampla da realidade espiritual e de suas consequências sobre a vida prática dos seres humanos em sociedade, considerando os novos paradigmas epistemológicos que vão sendo descortinados a cada época no mundo da ciência e das novas reflexões propostas no universo da filosofia. A aliança da ciência e da religião não é mais uma simples proposição filosófica; passa a se constituir

em parte importante do próprio método, que considera a ciência como uma baliza para a aplicação do critério da racionalidade e até mesmo da concordância entre as informações obtidas junto aos espíritos.

Deixemos, pois, o materialismo estudar as propriedades da matéria; este estudo é indispensável, e o será tanto de fato: o espiritualismo não terá mais do que completar o trabalho naquilo que lhe concerne.¹⁴³

Uma compreensão adequada do método de Kardec – e das suas limitações – possibilita entender que, mesmo diante da vasta produção mediúnica da atualidade, o conhecimento dos espíritos não pode ter mais do que “o valor de uma opinião pessoal”, já que eles não possuem “nem a plena sabedoria, nem a ciência integral”.¹⁴⁴ Os espíritos falam da sua experiência, trazem os conhecimentos que eles elaboraram a partir sua experiência concreta na vida terrena, enriquecidos agora pela sua perspectiva espiritual. Os conhecimentos produzidos através da mediunidade também estão sujeitos aos limites do espaço-tempo, razão pela qual não podem ser entendidos como definitivos. Dentro dessa perspectiva, também o conhecimento espírita passa a ser considerado como passível de contextualização a cada época, sempre que emerge um novo paradigma, como se verifica no mundo da ciência.

Se há quem tente hoje transformar médiuns e espíritos em oráculos, ou em detentores de uma pretensa verdade final a respeito de qualquer assunto, o estudo da obra de Kardec mostra que essa atitude não encontra respaldo na sua proposta metodológica. Ao contrário, para ele, toda produção mediúnica e todo ponto de vista manifestado estaria sempre sujeito ao critério da racionalidade, tomando-se como baliza o conhecimento científico e filosófico vigente em cada época. Encarnados e desencarnados, a maioria de nós acha-se limitada dentro de um mesmo horizonte espaço-temporal, e podemos estar ainda presos a concepções que já foram ou estão sendo superadas neste exato momento.

Além disso Kardec constatou também que mesmo os mais sábios espíritos encontram dificuldades ao transmitir, através dos médiuns, aquela parte do seu saber que transcende os referenciais comuns da vida terrena; muitas vezes faltam-lhes os termos adequados, as analogias mais pertinentes. Também os médiuns atuam dentro dos seus limites de experiência e conhecimento, razão pela qual os processos mediúnicos não substituem a necessidade de estudo e pesquisa, mediante critérios rigorosos, dos assuntos que são do domínio da ciência e da filosofia, e mesmo da moral e da ética. Daí a recomendação do Espírito da Verdade no sentido de que não basta ao médium ou ao estudante espírita amar; é necessário também que ele se instrua, de modo a evitar que ocorra com o Espiritismo o que se deu com o cristianismo, distorcendo seu entendimento mediante “erros” humanos que podem ir nele se enraizando.¹⁴⁵

Isso traz para os espíritas a necessidade de abrir mão do imaginado privilégio de uma pretensa verdade universal, ou ainda, usando termos do próprio Kardec, da “autocracia dos princípios”, reafirmando o caráter dialético e progressivo da doutrina espírita e a constante necessidade de ancorar-se na ciência, agregando a esta o seu olhar espiritual sobre os diversos fenômenos em estudo. Isso é o que constitui, segundo Kardec, uma “garantia para a unidade futura do Espiritismo e anulará todas as teorias contraditórias”. Até porque, prevendo as dificuldades que estavam ainda por vir, ele registrou que “essa observação é que nos tem guiado até hoje e é a que nos guiará em novos campos que o Espiritismo terá de explorar”.¹⁴⁶

130. Kardec, Allan. A Gênese, Cap. IV item VII. 26ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1984).

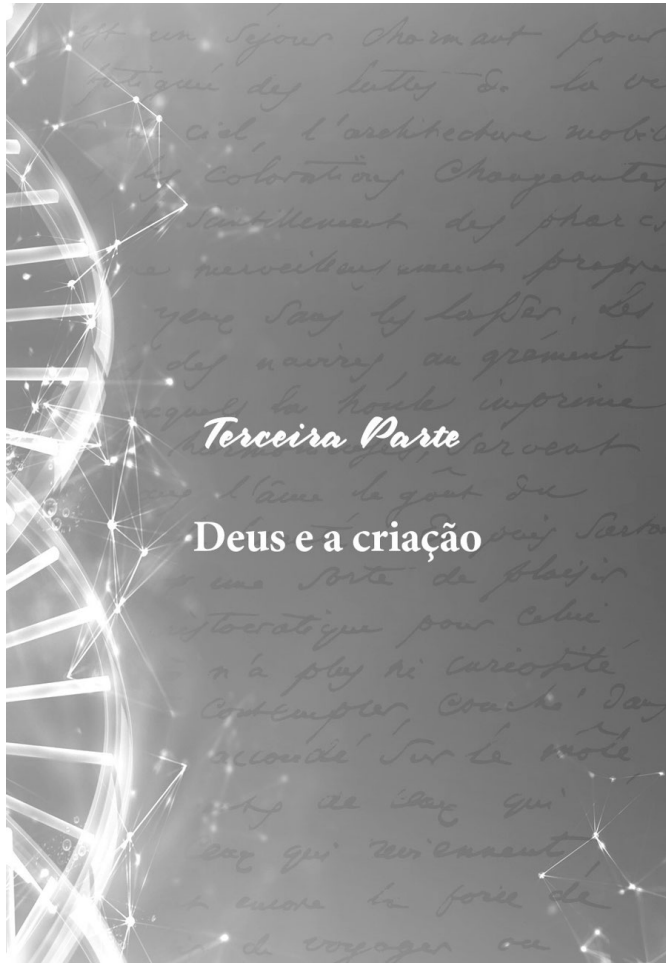
131. Kardec, Allan. Obras Póstumas, pág. 324. 26ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1993).

132. Ibidem, pág. 327.

133. Comte, Auguste. Curso de filosofia positiva; Catecismo positivista. 2ª ed. Abril Cultural, São Paulo/SP (1983).

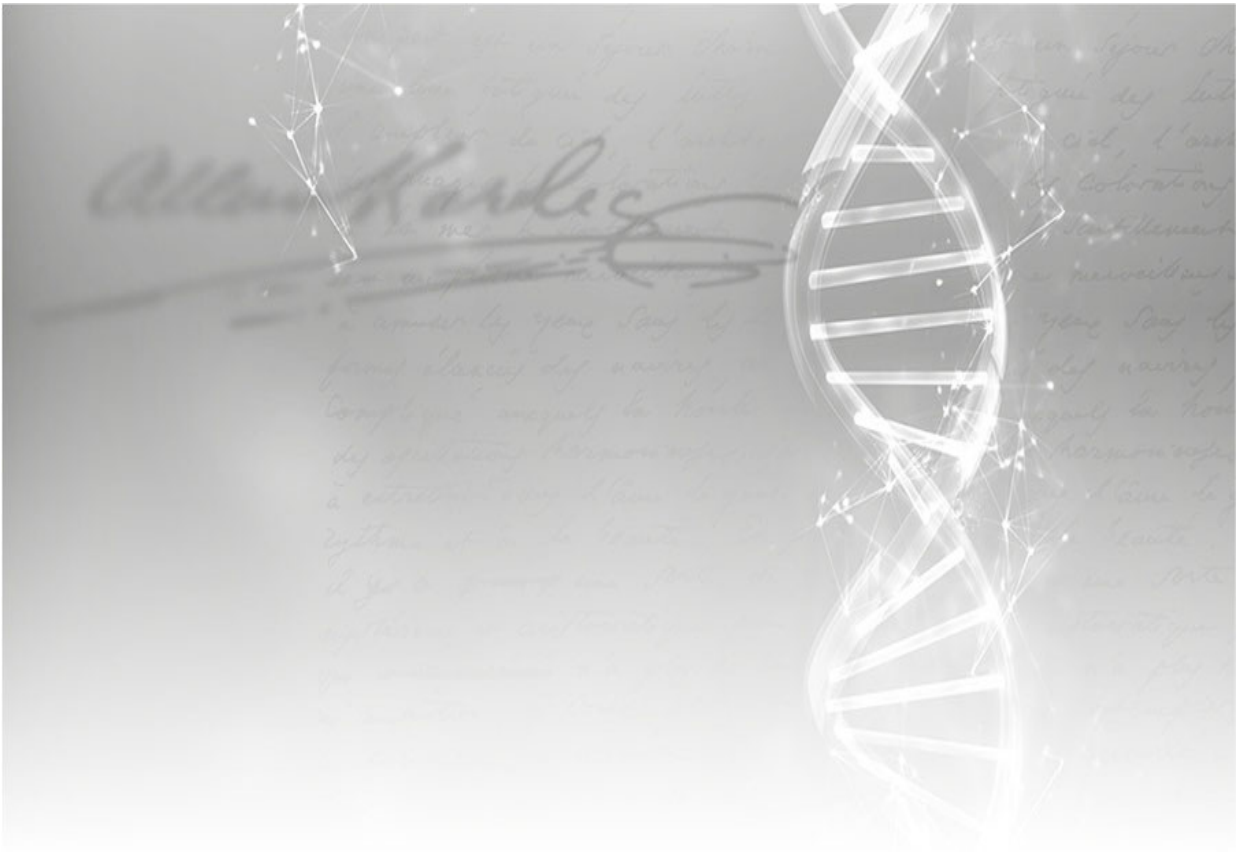
134. Kardec, Allan. Obras Póstumas, pág. 328. 26ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1993).
135. Kant, Immanuel. Escritos pré-críticos, pag. 188. UNESP, São Paulo, SP (2005).
136. Kardec, Allan. O Evangelho Segundo o Espiritismo, Introdução, item II. 86ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1982).
137. Idem. Obras Póstumas, pág. 330. 26ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1993).
138. Idem. O Evangelho Segundo o Espiritismo, Introdução, item II. 86ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1982).
139. Signates, Luiz A. Revista eletrônica Espiritualidade e Sociedade, disp em 08/01/2018 no site www.espiritualidades.com.br
140. Kardec, Allan. O Livro dos Médiuns, item 230. 80ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (2011).
141. Kardec, Allan. A Gênese, cap. I item 55. 26ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1984).
142. Trata-se do professor Eduardo André Rodrigues de Lima, coordenador do Grupo de Estudos Hermínio C. de Miranda, de Fortaleza/CE. Ele participa de um projeto de pesquisa a respeito do método de Kardec que está sendo desenvolvido pela AEPHUS – Associação Espírita de Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais em parceria com a PUC/GO – Pontifícia Universidade Católica de Goiás e manifestou esse entendimento nos diálogos dentro do grupo.
143. Kardec, Allan. Revista Espírita, Jul/1868. Ed. IDE, Araras/SP.
144. Idem. Obras Póstumas, edição de 2005 pag. 328. 26ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1993).
145. Kardec, Allan. O Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. VI item 5. 86ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1982).

146. Kardec, Allan. O Evangelho Segundo o Espiritismo, Introdução, item II. 86^a ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1982).



Terceira Parte

Deus e a criação



Capítulo 14

As visões de Deus

A tradição judaica tem na visão de Deus o começo e o fim de todas as coisas. Por isso que a sua literatura sagrada, no caso a Bíblia, começa afirmando que no princípio Deus criou o céu e a Terra e, naturalmente, tudo o que nela existe.

É exatamente por esse tema – Deus e a criação – que Tomás de Aquino começa também a sua *Summa Theologiae*, um longo tratado dividido em 3 extensas partes, e que tornou-se a principal referência literária da Igreja Católica, escrita no século XIII. Depois de uma breve introdução ele começa tratando das questões relativas a Deus, seus atributos, a Criação e a alma, na sua primeira parte. Na segunda parte ele trata da moral católica, das paixões, das virtudes e dos vícios, e termina na parte terceira com o estudo de Jesus Cristo, dos sacramentos da Igreja e do purgatório.¹⁴⁷ Esta obra é a que norteava todo o pensamento religioso da sociedade da época de Kardec.

Alguma semelhança com a estrutura de *O Livro dos Espíritos*? Kardec também começa analisando Deus e a Criação, depois os espíritos, as leis morais e, por último, as penas e gozos terrenos. Mera coincidência? Uma possível inspiração dos espíritos? A resposta mais simples e mais provável é que a estrutura da obra kardequiana demonstra a lucidez do seu autor, enquanto pedagogo, que adota como linha de raciocínio os elementos da própria tradição cultural em que se acha inserido, em sintonia com a Bíblia Sagrada e seguindo, mais ou menos, os contornos da estrutura adotada por São Tomás de Aquino na sua *Suma Teológica*.

Um consenso entre todos os comentaristas da obra kardequiana é quanto à visão universalista de Deus contida na resposta à pergunta de número um: “inteligência suprema, causa primária de todas as coisas”. Não foi sem

motivo que Kardec fez questão de colocá-la como sendo a primeira de O Livro dos Espíritos. Destaca-se, sobretudo, a perspicácia da pergunta, que não indaga “quem é Deus”, o que validaria a perspectiva antropomórfica presente na bíblia cristã, mas “que é Deus”, traduzindo uma formulação filosófica que possibilita ao espírito responder a partir de uma perspectiva impessoal.

É importante observar que a visão de Deus contida na resposta do espírito está intimamente relacionada à tradição aristotélica, traduzida na ideia do “primeiro motor”, causa e princípio de todas as coisas, e também com a concepção de René Descartes, que havia demonstrado filosoficamente dois séculos antes que Deus só pode ser a inteligência suprema e a causa primeira de tudo o que existe.¹⁴⁸

Sim, é isto mesmo: quem primeiro utilizou esta abordagem para explicar o que é Deus não foram os espíritos, mas sim René Descartes na terceira de suas “Meditações”, escritas ainda no século XVII. São dele também os “atributos da divindade” e muitos dos argumentos que Kardec usa para dialogar com os espíritos a respeito de Deus e da criação. Parece caro a muitos espíritas que Kardec tenha inaugurado esse raciocínio, mas isso não procede. Kardec valida, ao colocar desse modo a questão, uma perspectiva filosófica que já existia, e que ele julgava fundamental. Ele ratifica um ponto de vista, não o inventa.

Quando Kardec prossegue, indagando a respeito dos “atributos da Divindade”, ele está novamente tomando como base os atributos identificados por René Descartes, alguns deles presentes também em Tomás de Aquino. Neste sentido vale destacar que a resposta do espírito abre outro universo de indagações. Ante a pergunta de Kardec, se os atributos identificados na lógica cartesiana davam uma ideia completa de Deus, o espírito lhe responde que “do vosso ponto de vista, sim, porque credes abranger tudo. Sabei, porém, que há coisas que estão acima da inteligência do homem mais inteligente, as quais a vossa linguagem, restrita às vossas ideias e sensações, não tem meios de exprimir”¹⁴⁹

Parece contraditório, à primeira vista, o fato de a visão de Deus presente ao longo de toda a obra de Allan Kardec ser ainda a visão de um deus pessoal, antropomórfico, muito distante daquele Deus inicialmente apresentado na

questão número um. Isso pode ser visto, por exemplo, na resposta à pergunta número 20, onde o espírito afirma que “se o julgar conveniente, Deus pode revelar o que à ciência não é dado apreender”. Não resta dúvida de que estamos diante de uma visão de Deus ainda um tanto humano, muito distante do conceito de “inteligência suprema, causa primeira de todas as coisas”. Também na questão 725, ao afirmar que “tudo que for inútil não pode ser agradável a Deus, e o que for nocivo lhe será sempre desagradável; pois certamente Deus só é sensível aos sentimentos puros que elevam a alma para Ele”. Kardec também adota essa perspectiva antropomórfica, como no item 12 do capítulo XXIV de O Evangelho Segundo o Espiritismo, ao traduzir o pensamento dos espíritos ele afirma que “Deus castiga os servidores indignos e os corações que o orgulho e o egoísmo endureceram” com “aflições reais”, como forma de “punição” por não terem aproveitado adequadamente das faculdades que lhes foram outorgadas por Deus.

Como compreender essa aparente contradição?

Para isso é preciso ter em mente que a abordagem kardequiana foi construída a partir de uma perspectiva localizada no tempo e no espaço. Como já observado, sua abordagem está situada no século XIX e na chamada sociedade cristã ocidental, que era representada pelos países da Europa, todos eles fortemente influenciados pela tradição católica. É com essa sociedade que Kardec e os espíritos dialogam, e o fazem na linguagem própria daquela sociedade, até então um tanto distanciada das demais tradições espirituais existentes no planeta. Tivesse o Espiritismo surgido na Índia ou na China e sua concepção e estrutura seriam inevitavelmente diferentes.

Refletir sobre Deus e a criação atualmente, em pleno século XXI, requer uma perspectiva mais universalista, ou mais globalizante, que também considere o que existe a esse respeito em outras tradições religiosas, hoje todas interconectadas. A integração proporcionada pelos avanços tecnológicos verificados nos últimos cem anos nos conduziu a uma integração cultural sem precedentes. Inicialmente com a aviação comercial, que reduziu as distâncias a questão de horas, depois com o rádio e a televisão e, por último, com a Internet, reduzindo o tempo agora à questão de milissegundos.

Hoje uma criança brasileira de oito anos de idade brinca tranquilamente com outra que reside em algum país do extremo oriente – portanto, do outro lado do mundo – através do seu celular ou do seu tablet. Comunicam-se naturalmente em inglês através de um vocabulário globalizado e compartilham, em meio aos seus videogames, gibis, vídeos e perfis, suas diferentes visões a respeito do mundo e da vida e, direta ou indiretamente, de Deus. Quem se permitiu assistir a um jogo ou a um seriado infantil já deve ter percebido que em todos eles há divindades, forças espirituais, lutas mediante uso de “energias” de conteúdo espiritual, poderes paranormais. No cinema, tornou-se comum personagens com poderes especiais, como os X-Men, que muitas vezes lembram certas faculdades mediúnicas descritas na literatura espírita. Conforme os espíritos já haviam ponderado com Kardec na questão 419, o que se verifica hoje é que, ainda que usando uma linguagem cheia de fantasias, adequada ao mundo jovem, os X-Men e outros personagens do mundo da ficção podem simplesmente fazer parte de um grande projeto de divulgação dos poderes paranormais de que trata a literatura espírita, apenas que, nesta, a linguagem está estruturada segundo uma linguagem filosófico científica.¹⁵⁰

Por essa razão, fica difícil tratar dessas questões na atualidade sem levar em conta a globalização da informação, fenômeno que se materializa numa perspectiva multicultural, tornando comuns novas concepções de “poderes mentais”, espírito, matéria e energia, tempo e espaço. Estudar sobre Deus na atualidade requer levar em conta essa visão universalista, que está emergindo rapidamente nesse mundo em transformação acelerada e que precisa ser considerada se queremos continuar dialogando sobretudo com os jovens.

Segundo a tradição Judaica, após criar os céus e a Terra e tudo o que existe, “Deus disse: Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança.”¹⁵¹ O simples uso do verbo e dos pronomes no plural – “façamos” e “nossa” – já deveria despertar profundas reflexões a respeito da visão de Deus que a nossa tradição religiosa nos apresenta, por trás de uma linguagem simbólica. Como estamos imersos na nossa cultura, nem sempre percebemos que também ela é rica de símbolos e significados, de metáforas, alegorias, que nos permitem formular, cada um, o nosso entendimento a respeito de nós mesmos e da realidade à nossa volta.

Ludwig Feuerbach (1804-1872), filósofo alemão que nasceu e viveu nos mesmos anos que Kardec, estabeleceu uma associação entre Teologia e Antropologia que merece ser considerada como ponto de partida para qualquer reflexão sobre Deus, pelo menos aqui no ocidente. Usando a famosa sentença do Gênesis, ele faz uma provocação: não foi Deus quem criou o homem à sua imagem e semelhança, mas o contrário, o homem é que criou e cria Deus à sua imagem e semelhança.¹⁵² Desde então essa afirmação se constituiu na base sobre a qual se assentam os estudos da religião nos meios da filosofia e da ciência, clareando o entendimento a respeito dos motivos pelos quais existem tantas visões – e tão diferentes – a respeito de Deus. A perspectiva que ele apresenta possibilita compreender as razões pelas quais a ideia de Deus não é sequer considerada em determinadas tradições espirituais.

Cada sociedade constrói as suas explicações do mundo e de Deus a partir da sua experiência concreta. Assim, nem todas as tradições espirituais apresentam a mesma concepção de espiritualidade, de Deus e da criação.

Na Europa do século XIX o Cristianismo se afirmava como visão religiosa hegemônica, representado pelo Catolicismo e pelo Protestantismo. Islamismo, Taoísmo, Budismo e Hinduísmo eram apenas referências distantes, de povos dominados, e traduzidas localmente em minorias inexpressivas. Não é por outra razão que a visão de Deus ao longo de O Livro dos Espíritos é a visão da tradição cristã, fruto de um tempo em que não existia essa integração cultural que hoje se observa.

Atualmente, um olhar baseado nos estudos da Antropologia, como o faria Kardec, nos ajuda a compreender que não faz sentido comparar diferentes culturas, assim como também não faz sentido afirmar que uma determinada visão seria “mais correta” do que outras. Sob certos aspectos Kardec já entrevia essa percepção ao comparar os “antigos e modernos sistemas do mundo” ou as diferentes explicações sobre a gênese planetária. Em seu último livro, A Gênese, por diversas vezes ele recorre às tradições de outros povos, que não os europeus, para estabelecer correlações que ajudassem a compreender certos assuntos. Estudar essas tradições, segundo ele mesmo afirma, “é um curso completo da mais alta filosofia, como acontece com as modernas fábulas.”¹⁵³

Quando se considera que essas tradições também apresentam um elevado significado espiritual nas suas culturas de origem, também elas podem ser material de estudo tendo em vista a aplicação do método da concordância, adotado por Kardec, ao estudo do tema Deus. Esse entendimento torna possível compreender como e no que essas diferentes visões se assemelham e como se complementam e até se ampliam quando observadas em conjunto. Torna-se possível, deste modo, aproximar a resposta à questão de número um da visão de Deus de quase todas as culturas, até mesmo daquelas que não consideram a existência de Deus como o entendemos, e que têm sido, por isso, consideradas como politeístas ou até mesmo ateístas. O fato de uma tradição espiritual como o Taoísmo não ter entre os seus postulados uma figura de divindade criadora não faz dela uma concepção ateísta; apenas esse elemento não é considerado da mesma forma por razões culturais. A visão de divindade presente no Hinduísmo considera que “você pode não acreditar em nenhum deus, mas haverá sempre um deus olhando por você”, e vislumbra a existência de centenas de milhares de deuses ou deidades, um para cada grupo de devotos, porque para eles Deus é uma concepção pessoal.

O ato de simplesmente qualificar de politeísta ou de ateu uma visão estabelecida sob outros fundamentos sociais e culturais não corresponde ao que atualmente propõe uma perspectiva antropológica, já que são olhares muito diferentes sobre sociedades e culturas também diferentes. Os referenciais cognitivos de um cristão, de um muçulmano, de um taoísta e de um budista são diferentes demais para que qualquer um deles consiga colocar-se no lugar do outro e compreender o mundo a partir de outra ótica que não a sua.

O especialista em religiões indianas Heinrich Zimmer chama a atenção para uma diferença fundamental: enquanto a tradição judaica começava por perguntar o que é Deus e como ele se manifesta, a tradição indiana começava por perguntar o que é o homem e como ele se apresenta na vida. Enquanto uma tem como ponto de partida a visão de Deus, a outra tem como ponto de partida a compreensão do homem e do seu modo de existir. É natural que perspectivas tão diferentes levem a compreensões também diferentes. Enquanto aqui se busca uma “unidade” religiosa, a palavra que melhor traduz a tradição hinduísta é a “pluralidade”, ou “diversidade”. Não é por outra razão que a religião se mostra, naquela tradição, como uma prática extremamente diversificada.¹⁵⁴

Em outra vertente há também o Taoísmo, que teve origem na China de Lao Tsé, 600 a.C., e cujos ensinamentos foram registrados no livro intitulado Tao Te Ching. Nessa tradição, uma ideia fundamental é a da complementaridade entre yin e yang, um princípio que traduz harmonia, o ir e o vir, que se busca através do Tao, o caminho. Práticas como a meditação, o culto aos ancestrais, ou atividades corporais como o Tai Chi Chuan, como meio de se alcançar o equilíbrio interior, fazem parte do modo de compreender a vida e a participação do ser humano na vida, na sua busca da harmonia, da serenidade, da moderação dos desejos, da simplicidade, da espontaneidade, do “agir sem agir”, aliados a um senso de contemplação. Considerado sob a nossa perspectiva cultural o Taoísmo pode ser entendido muito mais como um modo de vida do que como uma religião, no sentido que nós atribuímos a essa palavra, mas é o modo como uma parte imensa da humanidade compreende a vida e o seu existir na vida.

Pode-se tentar um paralelo entre o que nossas tradições compreendem por Deus com aquilo que os hinduístas entendem por Brahma, ou pelo conjunto de Brahma, Vishnu e Shiva, que são para eles os deuses responsáveis pela criação, conservação e destruição do mundo, respectivamente. Ou com a ideia do Tao, da tradição chinesa. Mas essa correlação não se mostra muito produtiva, e encontra dificuldades decorrentes das diferenças culturais onde cada uma delas se desenvolveu. Mesmo a relação entre conceitos como Karma, às vezes associado às ideias de ação e reação ou de causa e efeito, ou a associação entre meditação e oração, muito comuns no meio espírita, merecem um olhar mais cuidadoso, por retratarem visões que se assentam em pressupostos um tanto diferentes.

Uma compreensão da ideia de Deus tem muito a ganhar quando integra as tradições judaico-cristãs, que estão sintetizadas na Bíblia Sagrada, às tradições taoístas, que estão consolidadas no Tao Te Ching e alguns outros escritos, bem como as hinduístas ou budistas, que estão dispersas em uma infinidade de literaturas, como as Sutas, os Mantras, o Bhagavad Gita e os Cânticos dos Vedas, dentre outras. Mais ainda se levar em conta as diferentes tradições xamânicas que somente hoje começam a ser traduzidas da tradição oral para a escrita, das quais derivam manifestações como o Candomblé, de forte presença no Brasil, e a tradição celta que deu ao professor Hippolyte o nome de Allan Kardec.

Também no meio científico há contribuições interessantes. O físico indiano radicado nos EUA Amit Goswami entende que a Física quântica abre uma nova perspectiva para a compreensão do universo e da vida. Segundo ele, não faz sentido pensar a matéria como capaz de auto estruturar-se na forma da imensidão dos fenômenos objetivos que caracterizam a “realidade”; isso requer, explica ele, levar em conta algum tipo de consciência que atue na condição de agente causal da realidade, seja no âmbito micro ou macrocômico. Ele brinca com o assunto dizendo que os místicos tentam deduzir de suas palavras que ele esteja tratando de espírito ou de Deus, mas que seu interesse é apenas enquanto uma explicação para os fenômenos físicos que ele observa.¹⁵⁵

Esse entendimento se aproxima de uma visão de Deus que já estava presente na época de Kardec desde Baruch Espinoza (1632-1677), um filósofo holandês que causou profunda impressão no meio filosófico religioso por apresentar a visão de um Deus imanente, presente em todas as coisas, pelo que foi rejeitado pelos cristãos como “panteísta”. Visão parecida é apresentada também pelo astrônomo francês e médium da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, Camille Flammarion, o mesmo que fez um discurso por ocasião do sepultamento de Allan Kardec e psicografou o capítulo VI de A Gênese. Ele escreveu um livro ao qual deu o título de Deus na Natureza. Em seu livro ele cita Carlos Linneu que, na publicação dos seus trabalhos na área da botânica, escreveu a respeito de Deus: “Não o vi face a face, mas o seu reflexo me saturou o espírito de pasmo e admiração.”¹⁵⁶

Essa mesma visão será retratada no livro A Grande Síntese, escrito pelo sensitivo italiano Pietro Ubaldi (1886-1972) sob inspiração de um espírito que ele identifica como “Sua Voz”. Ali ele apresenta uma visão de Deus como “Divindade sempre presente e continuamente operando no âmago das coisas.”¹⁵⁷ Também na perspectiva de J. Herculano Pires quando afirma que “a concepção nova de Deus, que nasce dos escombros da concepção antropomórfica do passado, é a de uma Inteligência Cósmica que preside a toda a realidade possível.”¹⁵⁸

Retomando a questão da visão antropomórfica de Deus expressa ao longo de toda a obra kardequiana, é preciso considerar que os espíritos que dialogam com Kardec são espíritos profundamente ligados à tradição católica, habituados, portanto, a essa visão. Kardec explica que eles “falam uma

linguagem compreensível às pessoas que os interrogam; quando estas estão muito imbuídas de certas ideias, eles não querem chocá-las muito bruscamente, para não melindrar suas convicções.”¹⁵⁹

Conforme observado no início deste tópico, também Kardec entende desse modo; em se tratando da visão a respeito de Deus ele escolhe, sabiamente, aquela que “deveria contribuir mais do que a outra para popularizar a doutrina”. Para ele – e para os espíritos sábios que com ele dialogam – era preferível utilizar uma linguagem que falasse ao maior número de pessoas do que a que se limitasse a um público restrito, ainda que para isso fosse necessário sacrificar em partes a ideia.¹⁶⁰

Segundo as narrativas dos Evangelhos, também Jesus parece ter preferido apresentar a ideia de Deus aos homens revestida de uma figura amorosa e aconchegante, um criador paternal, chamando-o simplesmente de Pai, o Pai Nosso que está em toda parte. Antropomórfica? Sim, mas compreensível às pessoas a quem ele se dirigia. Esta pode ser considerada, sem sombra de dúvida, como uma das características dos espíritos sábios.

O espírito Emmanuel, com sua sensibilidade de sacerdote católico habituado a falar de perto ao coração das pessoas, também recomenda essa abordagem quando pondera:

Não perguntes se Deus é um foco gerador de mundos ou se é uma força irradiando vidas. Não possuímos ainda a inteligência suscetível de refletir-Lhe a grandeza, mas trazemos o coração capaz de sentir-Lhe o amor. Procuremos, assim, nosso Pai, acima de tudo, e Deus, nosso Pai, nos escutará.¹⁶¹

Uma visão de Deus, para atender a diversidade das crenças presentes na sociedade de hoje, precisa ser, antes de tudo, uma visão plural que leve em conta o perfil de cada pessoa. Para atender àqueles que desejam filosofar sobre Deus, ampliando o seu entendimento e a sua consciência em relação à Divindade, Kardec dedicou o capítulo II do livro A Gênese, que está em

sintonia com a pergunta número um de O Livro dos Espíritos, mas para atender à maioria, que prefere ainda uma linguagem mais material, ele manteve a ideia antropomórfica de Deus, típica da religião cristã tradicional, um deus à imagem e semelhança do homem. A não ser o preconceito religioso, nada impede que alguém prefira a figura paternal do Pai Nosso apresentada por Jesus. Mas pode-se adotar também aquela de Camille Flammarion, que cada um pode aplicar à sua maneira: “não é mais, então, pela inteligência, mas pelo coração que me compenetro da existência de Deus”.¹⁶²

147. São Tomás de Aquino. Suma Teológica. Coleção completa em 5 volumes. Ed. Ecclesiae, São Paulo/SP (2009)

148. Descartes, René. Meditações – Meditação Terceira em Os Economistas. Ed. Abril, São Paulo/SP (1980).

149. Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, questão 13. 54ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1981).

150. X-Men é o nome de um grupo de super-heróis de histórias em quadrinhos da Marvel Comics, transportada para a televisão, o cinema e os videogames.

151. Bíblia de Jerusalém. Gênesis, cap. 1 v.26. Ed. Paulus, São Paulo/SP (2008).

152. Chagas, Eduardo F. A Religião em Feuerbach – Deus não é Deus, mas o homem e/ou a natureza divinizados. disponível em www.marxismo21.org em 13/01/2017.

153. Kardec, Allan. A Gênese, Vide, p.e., os caps. IV, XI e item 15 do cap. XII. 26ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1984).

154. Zimmer, Heinrich. Filosofias da Índia, compilado por Joseph Campbell. Ed. Palas Athena, São Paulo/SP (1997).

155. Vale a pena ver o programa Roda Vida, de 12/03/2001, da TV Cultura, no qual ele debate suas teses com um grupo de jornalistas. O vídeo do

programa está disponível no YouTube.

156. Flamarion, Camille. Deus na Natureza, cap. 3 da primeira parte. Ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ.

157. Ubaldi, Pietro. A Grande Síntese, cap. 63. 11ª ed. LAKE, Rio de Janeiro/RJ (1979).

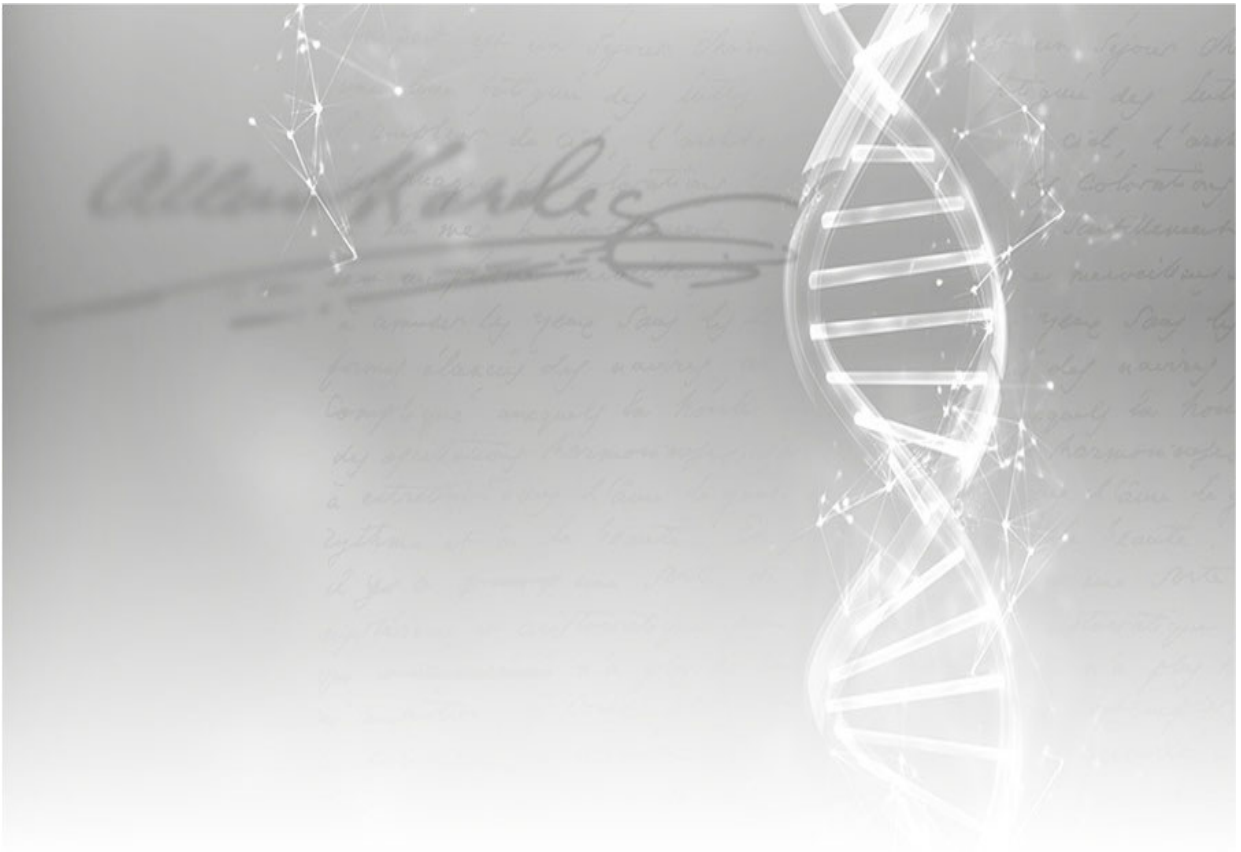
158. Pires, J. Herculano. A Agonia das Religiões, cap. 1. Ed. Paideia, São Paulo/SP (2000).

159. Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, questão 1014. 54ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1981).

160. Idem. Revista Espírita, maio de 1864, pág. 7. Ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ.

161. Xavier, Francisco C. Fonte Viva, pelo espírito Emmanuel, lição 164. Ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (2014).

162. Flamarion, Camille. Deus na Natureza, cap. 3 da primeira parte. Ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1990).



Capítulo 15

A criação: dos mitos à ciência

Os mais antigos registros históricos atestam o desejo humano de conhecer sua própria origem, o que explica a existência dos mitos a respeito da criação do mundo e da vida. Figuras como Adão, Eva e uma serpente que fala de um fruto proibido, povoam o imaginário judaico-cristão, que repete essas histórias nas aulas de catequização. Quando se leva em conta outras culturas, outras tradições espirituais, a questão assume um desenho ainda mais curioso, no qual entram figuras de deuses, animais sagrados, histórias de amor e de traição, às vezes com um traço marcante de machismo. Ao ouvir algo a respeito de Tupã e Araci, ou de Olorum, Olodumare e Oxalá, nem sempre nos damos conta de que estamos diante das histórias a respeito da criação elaboradas pelo povo guarani, uma das etnias originais da América do Sul, e das etnias Iorubá, sequestradas da África nos tempos da escravidão.

Algumas dessas histórias marcaram a literatura juvenil com personagens como Odim, o deus nórdico que é pai de Thor nas revistas em quadrinhos; ou Hércules, o semideus grego filho do deus Zeus com uma mortal. Na Índia são bastante conhecidas as divindades representadas por Brahma, Vishnu e Shiva, que representam respectivamente os fenômenos relacionados à criação, conservação e destruição do mundo e da vida. E há até mesmo histórias de deusas, uma vez que, para criar, haveria que ser fêmea, como ocorre na tradição aborígine da Austrália, ou na China antiga com a deusa Nu Kua.

Um passeio pela mitologia dos diferentes povos nos ajuda a compreender melhor a nossa própria história, aquela que tem origem na mitologia judaica, que considera tudo o que existe como criação de um deus que inicialmente se apresenta como sendo plural, mediante o pronome “nós”. Se o judaísmo se consolida mais tarde como religião monoteísta, há hoje um consenso

quanto à sua origem politeísta, que marca boa parte do Velho Testamento. Depois de ter criado os céus e a terra, a luz e as trevas, inúmeras espécies vegetais, estrelas e animais, disse Deus: “Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança, e que eles dominem sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todas as feras e todos os répteis que rastejam sobre a terra”. Isso mesmo, no plural, como se Deus fosse um ente coletivo; e não no singular, como se Deus fosse uma entidade única.¹⁶³

Mas em paralelo com a história que nos é contada pela tradição judaica há também o forte componente da tradição grega, da qual origina-se toda a nossa filosofia, inclusive a ciência que dela decorre. E também a ciência tem sua própria história, que ficou atrelada ao pensamento teológico da Igreja Católica desde a sua origem até o início do século XIX. Ao libertar-se dessas peias a ciência elaborou o mais eficiente método de investigação, análise e intervenção sobre a realidade: o materialismo metodológico. Dele se originou, para o bem e para o mal, toda a tecnologia que hoje traz conforto para boa parte do mundo, mas que, utilizada de modo inconsequente, ameaça de destruição o planeta inteiro.

Celulares, carros computadorizados, drones, naves espaciais, inteligência artificial, sem contar uma infinidade de alimentos processados, de utensílios os mais variados, são o resultado dessa vertente científica originada da tradição filosófica grega, que se tornou hegemônica até mesmo em relação à tradição judaica, de natureza espiritual.

Daí vem, talvez, o conflito entre o criacionismo e evolucionismo. A parte ligada à tradição judaica tenta, a todo custo, fazer valer a sua própria história da criação do mundo, agora firmada sobre as bases de um deus único. Para isso, entretanto, ela enfrenta a resistência da parte ligada à tradição grega, que aprendeu a construir a sua própria história a partir da observação da realidade, e que, como princípio metodológico, dispensa da sua explicação da vida e do mundo a necessidade da atuação dos deuses.

O Espiritismo emerge, no século XIX, em meio a essas duas correntes. Por um lado, filia-se à tradição grega na medida em que procura apoiar sua religiosidade e sua moral sobre as conclusões racionais da filosofia e sobre as descobertas e invenções da ciência. Por outro, filia-se à tradição judaica ao eleger o cristianismo como referência religiosa, evidente em toda a obra

de Kardec e ainda mais presente em O Evangelho Segundo o Espiritismo. Nada traduz melhor essa intenção do que o título do item 8 do seu primeiro capítulo: Aliança da ciência e da religião.

É em respeito à tradição cristã que Kardec, logo de início, dedica o item 59 de O Livro dos Espíritos – um extenso comentário de quase quatro páginas – a uma análise das concordâncias existentes entre as conclusões da ciência e a história da criação contida na Bíblia Sagrada. Ele dedica ainda os livros O Céu e o Inferno e A Gênese a esse mesmo esforço de conciliação. Do seu pentateuco, o único que não se vincula visceralmente ao cristianismo é O Livro dos Médiuns. Em O Livro dos Espíritos Jesus é citado 43 vezes.

A sociedade europeia se libertava pouco a pouco do jugo da Bíblia Sagrada, cujo mito da criação ainda era compreendido como uma narrativa histórica sobre como Deus criou o mundo e a vida. A história do povo hebreu, enquanto povo escolhido, era apenas uma parte dessa saga. Até pouco tempo antes a Bíblia definia o que poderia e o que não poderia ser aceito pela ciência. Tal era ainda a sua força no século XIX que a própria ciência, tanto quanto possível, procurava apresentar as suas descobertas em sintonia com o texto bíblico.

Não é por outra razão que no livro A Gênese, publicado em 1868, o próprio Kardec procura contextualizar os novos conhecimentos trazidos pela ciência com a tradição bíblica, relacionando os períodos da formação da Terra aos dias da criação; que um dos períodos é chamado de “período diluviano” e outro de “pós-diluviano”, e que toda essa narrativa leva o nome do livro que trata deste assunto dentro da bíblia, o Gênesis.¹⁶⁴ O próprio Kardec tem dúvida quanto ao surgimento do homem, se antes ou depois do “dilúvio”, e sugere a leitura de um livro publicado na época, intitulado O homem antediluviano. Se hoje já não há mais dúvida de que a narrativa bíblica do dilúvio é apenas um dos mitos religiosos da tradição judaica, carregada de simbologia e sem nenhuma conotação histórica, naquela época o máximo que se admitia era a possibilidade de ele referir-se a um evento localizado. Kardec pondera que “sem as descobertas da Geologia, como sem as da Astronomia, a gênese do mundo ainda estaria nas trevas da lenda.”¹⁶⁵

Como ele pretende apresentar o Espiritismo ao mundo sob a roupagem da ciência, ele não hesita em afirmar que

Os povos hão formado ideias muito divergentes acerca da Criação, de acordo com as luzes que possuíam. Apoiada na Ciência, a razão reconheceu a inverossimilhança de algumas dessas teorias. A que os Espíritos apresentam confirma a opinião de há muito partilhada pelos homens mais esclarecidos.¹⁶⁶

Essa teoria que “os Espíritos apresentam” – e que ele acolhe – está assentada na tradição grega e no seu desenvolvimento posterior levado a efeito pelos pensadores europeus, em particular por Tomás de Aquino e René Descartes. Soma-se a ela a Teoria do Céu, de Immanuel Kant (1724–1804), segundo a qual a Via Láctea era um “sistema de sóis em movimento análogo ao nosso sistema planetário”, e também aos fundamentos matemáticos elaborados por Pierre-Simon de Laplace (1749–1827) algumas décadas antes visando compreender a aparente ordem do universo.

Segundo Kant,

A matéria primitiva, espalhada no universo sob forma de vapor continha os materiais necessários a uma variedade inumerável de substâncias. No estado elástico, ela toma forma de esferas produzidas simplesmente por afinidade química das partículas que se reuniam segundo as leis da gravitação, destruindo sua elasticidade reciprocamente e constituindo assim corpos. O calor inerente a esses corpos seria suficiente para produzir o brilho luminoso próprio às maiores esferas (os sóis), enquanto ela se reduzia ao calor interno das esferas menores (os planetas).¹⁶⁷

A partir do modelo observado em relação aos anéis de Saturno, Kant imaginou todos os sistemas como sendo resultantes dessa “reunião”, mediante as “leis da gravitação”, das partículas de matéria primitiva, que resultavam na formação dos sóis e dos planetas.

Por isso Kardec afirma que a criação do mundo e da vida que os espíritos apresentam “confirma a opinião de há muito partilhada pelos homens mais esclarecidos”. Indagado a respeito do modo de formação dos mundos, o espírito lhe havia respondido que eles “se formam pela condensação da matéria disseminada no Espaço”. Daí o seu comentário:

A teoria da formação da Terra pela condensação da matéria cósmica é a que hoje prevalece na Ciência, como sendo a que a observação melhor justifica, a que resolve maior número de dificuldades e que se apoia, mais do que todas as outras, no grande princípio da unidade universal. É a que deixamos exposta acima, no cap. VI: Uranografia geral.¹⁶⁸

O capítulo VI de A Gênese foi composto a partir de uma série de mensagens atribuídas a Galileu Galilei e psicografadas pelo jovem médium astrônomo Camille Flammarion (1842–1925) aos seus pouco mais de vinte anos, e que participava com Kardec das reuniões da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. É interessante constatar que seu texto apresenta uma forte concordância com a Teoria do Céu, de Immanuel Kant:

Tais nebulosas, que mal percebemos nos mais longínquos pontos do céu, são aglomerados de sóis em vias de formação; tais outras são vias-lácteas de mundos habitados; outras, finalmente, sedes de catástrofes e de deperecimento.¹⁶⁹

Naquela época a visão que se tinha do universo era de algo permanente que, uma vez criado, mantinha-se em eterno funcionamento, como um relógio, comparação que Kardec utiliza por diversas vezes ao longo da sua obra. Entendia-se, com base em Aristóteles, que um harmonioso, inteligente e eficiente conjunto de leis universais, eternas e imutáveis, regia esse funcionamento preciso e inexorável, no qual o fenômeno da vida e até

mesmo a destruição para a renovação permanente já estavam cuidadosamente previstos.

É a partir dessa compreensão ampliada que se pode então ler com maior proveito as questões de O Livro dos Espíritos que tratam da criação.

42. Poder-se-á conhecer o tempo que dura a formação dos mundos: da Terra, por exemplo?

— Nada te posso dizer a respeito, porque só o Criador o sabe e bem louco será quem pretenda sabê-lo, ou conhecer que número de séculos dura essa formação.

Os métodos de avaliação do tempo, na arqueologia da época, eram baseados em estimativas feitas a partir da análise das camadas geológicas do solo, o que lhes proporcionava baixíssimo nível de confiabilidade. Somente em 1905 surgiria uma nova possibilidade, a do uso da taxa de decaimento radioativo do urânio para estimativa da idade das rochas. A este, juntaram-se outros, posteriormente, e em 1947 criou-se o método de cálculo do tempo baseado no decaimento radioativo do carbono-14, que permite uma precisão razoável para estimar o tempo decorrido, por exemplo, a partir da morte de um organismo vivo, desde que isso tenha ocorrido em um prazo de até 50 mil anos. Atualmente se usam diferentes elementos químicos para datação de amostras, conforme sua natureza. Para a datação de rochas é comum o uso de urânio ou potássio, cujo decaimento radioativo permite estimativas de tempo na casa dos milhões de anos.

Os sofisticados recursos de estimativa disponíveis na atualidade permitem afirmar com razoável segurança que o universo como é hoje conhecido, considerado a partir do que se imagina tenha sido o Big Bang, existe há pelo menos 13,7 bilhões de anos; que o nosso sol tem uma idade de 5 bilhões de anos e a Terra algo muito próximo de 4,6 bilhões de anos; que a vida surgiu na Terra há aproximadamente 3 bilhões de anos; que os primeiros seres

“humanos” surgiram há mais ou menos 1,5 milhões de anos e o homem atual há quase 300 mil anos.¹⁷⁰

Hoje não resta dúvida de que não há nenhuma “loucura” em tentar estimar esses diferentes tempos envolvidos na “formação dos mundos”, como quer entender o espírito que responde à questão 42. Sua resposta se limita aos conhecimentos vigentes naquela época e, por certo, essa mesma pergunta receberia hoje uma resposta inteiramente diferente; ou nem seria apresentada.

163. Bíblia de Jerusalém. Gênesis, cap. 1 v.26. Ed. Paulus, São Paulo/SP (2008).

164. Para compreender a época e os conceitos vigentes na época de Kardec é muito importante uma leitura cuidadosa dos cap. VII e XII de A Gênese.

165. Kardec, Allan. A Gênese, cap. VII item 1. 26ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1984).

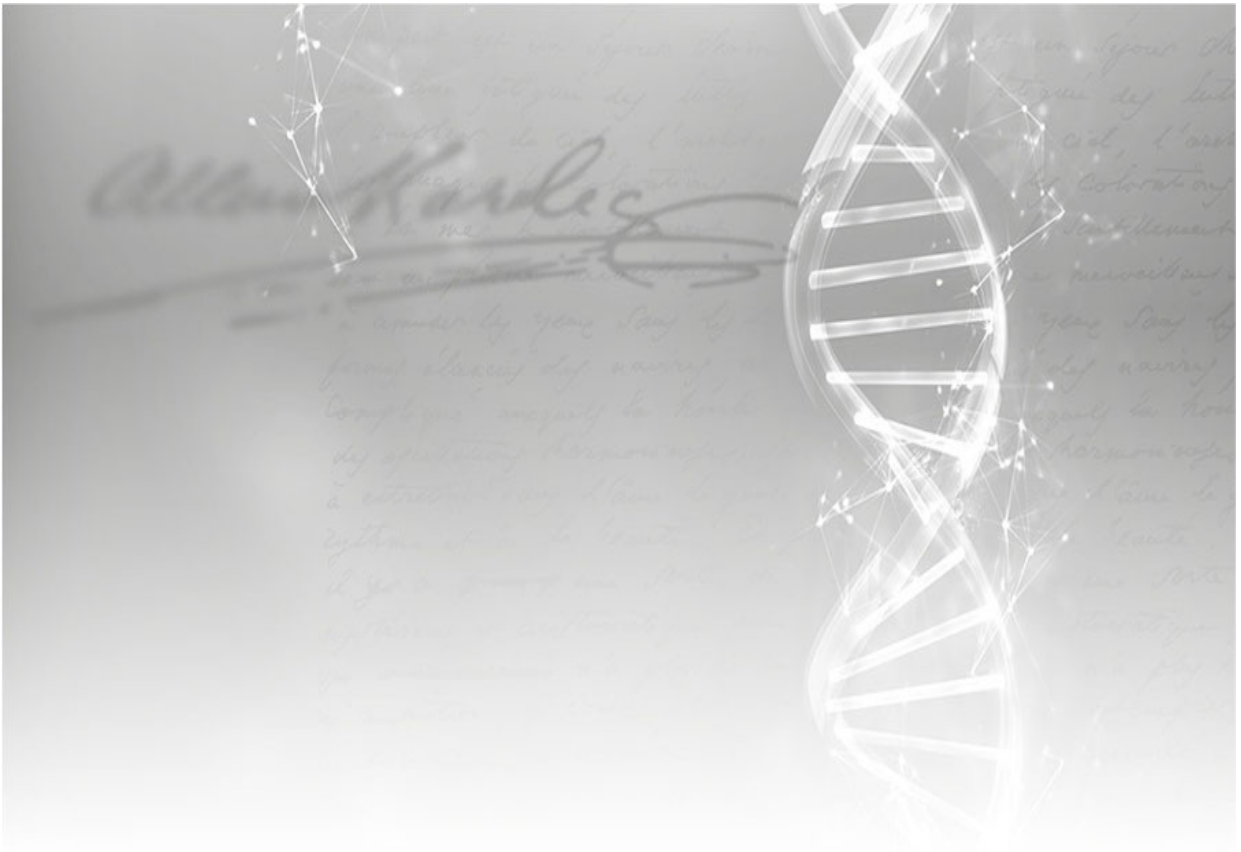
166. Idem. O Livro dos Espíritos, item 59. 54ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1981).

167. Kant, Immanuel. Apud Seidengart, Jean in A evolução das ideias cosmológicas de Kant em seus últimos escritos. Rev. Educação e Filosofia, v.27 n.especial 2013, pag. 167-190. Uberlândia/MG.

168. Kardec, Allan. A Gênese, cap. VI item 16. 26ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1984).

169. Kardec, Allan. A Gênese, cap. VIII item 3. 26ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1984).

170. Hawking, Uma breve história do tempo. Ed. Intrínseca, Rio de Janeiro/RJ (2015).



Capítulo 16

Do “impulso inicial”

ao Big Bang

O sentimento dos homens de ciência ao longo do século XIX era de euforia; eles estavam descobrindo os segredos da vida e do mundo. Era como se todas as perguntas até então represadas estivessem sendo respondidas. E Kardec participa desse entusiasmo:

No ponto a que chegou no século dezenove, venceu a Ciência todas as dificuldades do problema da Gênese? Não, decerto; mas, não há contestar que destruiu, sem remissão, todos os erros capitais e lhe lançou os fundamentos essenciais sobre dados irrecusáveis. Os pontos ainda duvidosos não passam, a bem dizer, de questões de minúcias, cuja solução, qualquer que venha a ser no futuro, não poderá prejudicar o conjunto.¹⁷¹

Seriam mesmo apenas “questões de minúcias”? Era impossível prever, naquela época, a complexidade das questões que a própria ciência levantaria a partir de então e o quanto as futuras descobertas mudariam as bases de tudo o que estava sendo tão laboriosamente construído. As décadas seguintes veriam surgir teorias tão impactantes que toda essa certeza cairia por terra; como a Teoria da Relatividade Geral, a hipótese do Big Bang e a Física quântica. Kardec não tinha como prever que conceitos sobre os quais já se haviam formado conclusões tão consistentes, como espaço, tempo, matéria, haveriam de ser inteiramente refundidos em menos de um século; que emergiria um novo significado para a palavra “energia”; que matéria e

energia passariam a ser faces diferentes de uma mesma moeda; que o tempo passaria a ser uma variável, levantando a possibilidade de uma viagem no espaço-tempo, inclusive em direção ao passado; ou que surgiriam construções teóricas como os enigmáticos buracos negros; passagens entre diferentes referenciais de espaço-tempo apelidados de buracos de minhoca; que a própria gravidade passaria a ser compreendida como uma deformação, ou consequência de uma curvatura do espaço-tempo.¹⁷²

Figuras como aquela imaginada pelo espírito que assina como Galileu Galilei no capítulo VI de *A Gênese*, em que a Terra recém-criada permanece imóvel na imensidão do infinito, em que “o tempo então ainda não saíra do misterioso berço da Natureza”, precisam ser vistas agora como expressões de uma época em que a compreensão do universo estava baseada em outras teorias que em nada combinam com a visão dinâmica de universo hoje estabelecida pela Astronomia. A visão de átomo como partícula indivisível, de matéria como algo que possui massa e ocupa um lugar no espaço; do tempo como uma medida absoluta da “sucessão das coisas” regulado pelo “balancim dos séculos”, nada disso é mais adequado para explicar esse universo em expansão contendo bilhões de galáxias, como constatado por Edwin Pawell Hubble em 1929. Foi com base na sua descoberta que George Anthony Gamov propôs em 1946 a teoria do Big Bang.

Se na época de Kardec o mundo se explicava pelas teorias apresentadas por Isaac Newton, Galileu Galilei, René Descartes e Immanuel Kant, hoje as explicações requerem a ajuda de novas teorias apresentadas na virada do século por Max Planck, Albert Einstein, Heisenberg, Louis de Broglie, Ilya Prigogine e uma enorme lista de outros cientistas. Em lugar de uma imensa máquina inteligente saída das mãos do Criador, onde tudo já se acha rigorosamente planejado, a ciência nos descortina hoje uma imensidão de bilhões de galáxias em um movimento de expansão, que indicam algo como uma grande explosão inicial, daí a expressão Big Bang. Em vez de um movimento preciso e ordenado, como o de um relógio, entende-se hoje o universo como um enorme caos. Um enorme caos dentro do qual se percebe um sentido de ordem, uma ordem subjacente, mas nem de longe comparável a uma máquina. Em vez de uma matemática exata, a ciência fala hoje em probabilidades de eventos. A antiga visão grega de Gaia, que vê na Terra um sistema vivo, retorna aos discursos, e o próprio universo passa a ser compreendido como um imenso sistema adaptativo sustentado por uma

consciência cósmica, segundo Amit Goswami, que lhe dá sentido e estabilidade, e que a inspiração religiosa associa à ideia de Deus.

Otacíro Rangel, contextualizando a primeira parte de O Livro dos Espíritos com os conhecimentos atuais, esclarece que

Na astrofísica e na astronomia modernas é constante a observação e descoberta de formação de novas estrelas, novos sistemas planetários, assim como explosões de estrelas em um universo cheio de atividade. Um exemplo dessa diversidade são as plêiades, estrelas jovens de apenas 200 milhões de anos de formação (portanto, se tiver estruturas planetárias estão ainda em formação) e o nosso sol com seus 5 bilhões de anos de vida, aproximadamente, com sua estrutura planetária consolidada.¹⁷³

Em linha com a questão 21 de O Livro dos Espíritos, na qual o espírito afirma que “Deus, modelo de amor e de caridade, nunca esteve inativo”, bem como com a questão 83 em que Kardec já compreende com clareza que há um processo permanente de criação, Otacíro esclarece que “Deus não criou o universo e sim Deus cria o Universo, pois as transformações nos mostram um Universo em evolução, implicando que ele não é uma obra acabada.”¹⁷⁴

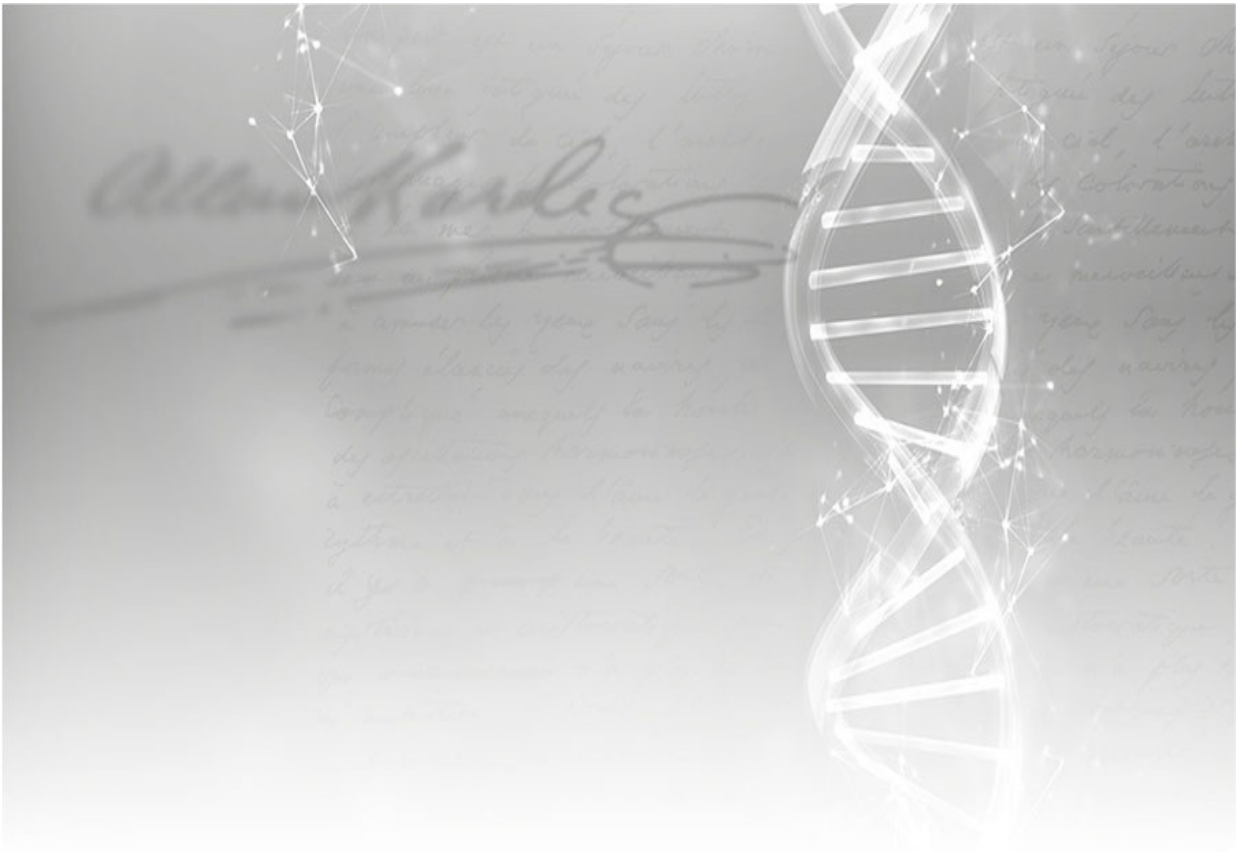
Essa visão válida, sob certos aspectos, a tradição hinduísta de Brâman, uma espécie de deus da criação; Vishnu, um deus que cuida de manter o universo em harmonia; e de Shiva, um deus da destruição, que também atua de modo permanente. Ou a visão de um eterno “ir e vir” do Taoísmo. A junção dessas diferentes concepções com a visão de Camille Flammarion, de Deus que se manifesta na natureza, nos dá uma pálida ideia mediante a qual destruição e renovação podem ser também entendidas como manifestações de Deus, ou como fenômenos através dos quais se pode contemplar o poder criador de Deus, cada vez melhor entendido como inteligência suprema e causa primária de todas as coisas.

171. Kardec, Allan. A Gênese, cap. VII item 4. 26^a ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1984).

172. Hawking, Stephen. Uma breve história do tempo. Ed. Intrínseca, Rio de Janeiro/RJ (2015).

173. Nascimento, Otaciro R. Das Causas Primárias – O Livro dos Espíritos em sua primeira parte e a Ciência de hoje, pág. 29. Ed. FEEGO, Goiânia/GO (2015).

174. Ibidem.



Capítulo 17

A “raça adâmica” e o racismo estrutural

Uma das dificuldades enfrentadas pelos pesquisadores do século XIX era a que dizia respeito a quanto tempo teria transcorrido desde a criação do mundo e do homem; a figura bíblica de Adão era muito marcante devido à forte influência da Igreja Católica sobre a cultura em geral e mesmo sobre a mentalidade científica daquela época. Uma vez que toda a educação era oferecida pela Igreja Católica, era nesse ambiente que eram formados os estudiosos e os pesquisadores, o que torna compreensíveis as referências cuidadosas ao texto bíblico presentes mesmo nos textos filosóficos ou científicos daquele tempo.

Não é por outra razão que Kardec procede toda aquela reformulação a respeito de Adão da primeira para a segunda edição de O Livro dos Espíritos; o texto bíblico era uma espécie de “verdade” que não poderia ser desconsiderada. É curioso constatar que, mesmo levantando desde o início a hipótese de que o personagem Adão pudesse representar apenas um “mito ou uma alegoria que personifica as primeiras idades do mundo”, Kardec manteve, mesmo na segunda edição, a resposta na qual o espírito apresenta Adão como um ser humano real, que teria vivido há 4.000 anos, como defendia a Igreja. Sua nota deixa evidente esse conflito:

O homem, cuja tradição se conservou sob o nome de Adão, foi dos que sobreviveram, em certa região, a alguns dos grandes cataclismos que revolveram em diversas épocas a superfície do globo, e se constituiu tronco de uma das raças que atualmente o povoam. [...] Muitos, com mais razão,

consideram Adão um mito ou uma alegoria que personifica as primeiras idades do mundo.

Dez anos mais tarde, ao escrever A Gênese, Kardec rejeitará inteiramente a resposta do espírito que apresenta um Adão histórico, abraçando definitivamente a perspectiva do mito. Agora ele já defende a existência de seres humanos anteriores ao marco mitológico representado pela figura de Adão. Para ele não resta mais dúvida: a origem humana seria bem mais antiga, em sintonia com a mitologia chinesa que falava de 30 mil anos.¹⁷⁵

Está hoje perfeitamente reconhecido que a palavra hebreia haadam não é um nome próprio, mas significa: o homem em geral, a Humanidade, o que destrói toda a estrutura levantada sobre a personalidade de Adão.¹⁷⁶

E não apenas isso; ele apresenta agora uma nova teoria, segundo a qual o personagem Adão poderia ser a representação de uma raça, a “raça adâmica”, que teria sido formada a partir de espíritos degredados de outro planeta. Tendo aquele mundo atingido um estágio mais elevado e não mais comportando espíritos ainda voltados à prática do mal, teriam sido dali expulsos, tendo eles vindo para a Terra, ainda primitiva.

Essa teoria foi apresentada inicialmente na Revista Espírita de janeiro de 1862 como uma explicação para a figura bíblica dos “anjos decaídos” que, por conta de terem pecado, perderam o direito ao paraíso. A Bíblia era uma referência importante demais para ter um de seus pilares ignorado, daí a necessidade de uma explicação por parte do Espiritismo.

É interessante observar, neste caso, o modo como Kardec procede em relação à sua própria hipótese. Ao publicar A Gênese, seis anos mais tarde, ele registra em nota de rodapé:

Quando, na Revista Espírita de janeiro de 1862, publicamos um artigo sobre a interpretação da doutrina dos anjos decaídos, apresentamos essa teoria

como simples hipótese, sem outra autoridade afora a de uma opinião pessoal controversável, porque nos faltavam então elementos bastantes para uma afirmação peremptória. Expusemo-la a título de ensaio, tendo em vista provocar o exame da questão, decidido, porém, a abandoná-la ou a modificá-la, se fosse preciso. Presentemente, esta teoria já passou pela prova do controle universal. Não só foi bem aceita pela maioria dos espíritas, como a mais racional e a mais concorde com a soberana justiça de deus, mas também foi confirmada pela generalidade das instruções que os espíritos deram sobre o assunto. O mesmo se verificou com a que concerne à origem da raça adâmica.¹⁷⁷

A sua “teoria”, antes apresentada como “simples hipótese”, vem agora bem melhor detalhada, e ele considera que ela “já passou pela prova do controle universal”, ou seja, além de ter sido bem aceita pela “maioria dos espíritas”, foi também “confirmada pela generalidade das instruções que os espíritos deram sobre o assunto”.

A raça adâmica apresenta todos os caracteres de uma raça proscrita. Os Espíritos que a integram foram exilados para a Terra, já povoada, mas de homens primitivos, imersos na ignorância, que aqueles tiveram por missão fazer progredir, levando-lhes as luzes de uma inteligência desenvolvida.¹⁷⁸

Há nessa teoria um aspecto que não se pode deixar de levar em conta, que é o conceito de “raça”, em especial o de que existiriam algumas “raças adiantadas” e outras mais “atrasadas”. Esse conceito partia do entendimento de que existiam diferenças biológicas que representavam “evolução” de uma para outra “raça”, e que se manifestava, por exemplo, na cor da pele, no formato do rosto, nas proporções corporais. As pessoas da “raça branca” se consideravam superiores às demais, às quais haviam subjugado sob a ameaça de suas espadas, mosquetes e canhões, ou capturado como se fossem animais selvagens, e submetido à escravidão.

O Dr. Kabengele Munanga, doutor em Antropologia pela USP, observa que quando Carlos Lineu (1741-1783) estabeleceu a sua classificação das espécies de seres vivos, dividindo a natureza nos reinos mineral, vegetal e animal, ele reconheceu quatro variedades do Homo Sapiens:

Americano, que o próprio classificador descreve como moreno, colérico, cabeçudo, amante da liberdade, governado pelo hábito, tem corpo pintado.

Asiático: amarelo, melancólico, governado pela opinião e pelos preconceitos, usa roupas largas.

Africano: negro, flegmático, astucioso, preguiçoso, negligente, governado pela vontade de seus chefes (despotismo), unta o corpo com óleo ou gordura, sua mulher tem vulva pendente e quando amamenta seus seios se tornam moles e alongados.

Europeu: branco, sanguíneo, musculoso, engenhoso, inventivo, governado pelas leis, usa roupas apertadas. ¹⁷⁹

Havia na época o entendimento de que os povos indígenas das Américas, da África e da Austrália, que estavam sendo “colonizados” pelos povos europeus, eram povos primitivos, desprovidos das luzes do conhecimento e distantes do avanço tecnológico da modernidade. Ao invadir os outros continentes e subjugar os seus povos a Europa estava levando a eles a “civilização” e o “progresso”. No eurocentrismo que caracterizava aquele tempo, os cientistas explicavam essas diferenças considerando-os “povos atrasados” em relação ao “adiantamento” verificado na sociedade europeia. A medida adotada para essa avaliação era o desenvolvimento tecnológico e

científico, ao qual se supunha poder associar automaticamente os conceitos de civilidade e de moral.

Olhando hoje pelo retrovisor da história é possível reconhecer o quanto de preconceito existia naquela forma de ver o mundo. Kardec, por mais que fosse um humanista que procurasse ver adiante, era também um típico pensador do seu tempo, imerso na cultura europeia novecentista. Em alguns momentos ele chega a perceber as contradições sociais existentes no preconceito de gênero, de cor da pele e de condição social, que retirava das mulheres e dos negros o direito ao voto, e de todos os três o direito à consideração social.

Os privilégios de raças têm sua origem na abstração que os homens fazem do princípio espiritual, para não considerar senão o ser material exterior. Da força ou a fraqueza constitucional em uns, uma diferença de cor em outros, do nascimento na opulência ou na miséria, da filiação consanguínea nobre ou plebeia, concluíram por uma superioridade ou por uma inferioridade natural; foi sobre este dado que estabeleceram suas leis sociais e os privilégios de raças.¹⁸⁰

Para Kardec já estava claro que o corpo é apenas um envoltório temporário do espírito em sua jornada evolutiva pela Terra; todos temos a mesma origem e a mesma destinação; “a vida corpórea não é senão um incidente, uma das fases da vida do Espírito, necessária ao seu adiantamento intelectual e moral”. Assim sendo, “o Espírito pode, sucessivamente, revestir envoltórios diversos, nascer em posições diferentes”, donde se chega “à consequência capital da igualdade de natureza, e daí à igualdade dos direitos sociais de todas as criaturas humanas e à abolição dos privilégios de raças. Eis o que ensina o Espiritismo.”

Comprovando o acerto dessa antevisão de Kardec, os estudos atuais na área da genética não encontraram nenhuma diferença significativa entre os genes dos seres humanos de diferentes etnias, como pensavam os estudiosos de sua época. Todos os seres humanos da Terra são da espécie homo sapiens

sapiens e não há entre eles qualquer diferença biológica que justifique qualquer discriminação social ou étnica. Testes de inteligência que “provavam” que os brancos eram mais inteligentes que os negros foram revisados e constatou-se que os critérios de avaliação foram estruturados de modo a favorecerem as características de inteligência das sociedades brancas, em detrimento das características de inteligência das sociedades negras.

Mas este não era um tema fácil àquela época e as próprias mensagens que vinham dos espíritos se mostravam às vezes contaminadas por essas ideias. Em março 1859 Kardec evoca o espírito que era chamado em vida de Pai César, capturado aos 15 anos na África e que, tendo sido restituído à liberdade com o fim da escravidão em 1863 nos EUA, havia falecido como homem livre no mês anterior. Uma liderança expressiva entre os negros, a notícia de sua morte havia chegado até a França.

É interessante analisar todo o artigo, onde se pode notar a presença do que é hoje chamado de racismo estrutural, que é o modo pelo qual uma sociedade naturaliza e institucionaliza, cultural e historicamente, determinados valores e modos de vida e de hierarquia social baseados em preconceitos de etnia. O próprio Pai César entende que, depois da morte, “não é mais negro”, e Kardec registra: “certamente o Espírito jamais é negro; ele quer dizer que, como Espírito, não sofre mais as humilhações a que está exposta a raça negra.” Ele indaga a São Luís, que acompanha a evocação, se “a raça negra é de fato uma raça inferior”. O mentor espiritual responde que “a raça negra desaparecerá da Terra”, pois “foi feita para uma latitude diversa da vossa.” Kardec mostra-se curioso e indaga se o Espírito de um “branco” poderia reencarnar “algumas vezes” em corpos negros. A resposta de São Luís, sem dúvida fruto da lógica social de uma época, alimenta ainda hoje, infelizmente, o imaginário de muitas pessoas no meio espírita, que acreditam mesmo que reencarnar sob uma pele negra seria uma espécie de expiação:

Sim. Quando, por exemplo, um senhor maltratou um escravo, pode acontecer que peça, como expiação, para viver num corpo de negro, a fim de sofrer, por sua vez, o que fez padecer os outros, progredindo por esse meio e obtendo o perdão de Deus.¹⁸¹

Ao analisar cuidadosamente o texto de A Gênese, em especial na parte que trata da “raça adâmica”, não há como negar que o preconceito racial da época ficou ali registrado, por maior que tenha sido o cuidado de Kardec na sua elaboração e por mais que a tenham revisado os espíritos superiores:

Adão e seus descendentes são apresentados na Gênese como homens sobremaneira inteligentes, pois que, desde a segunda geração, constroem cidades, cultivam a terra, trabalham os metais. São rápidos e duradouros seus progressos nas artes e nas ciências. Não se conceberia, portanto, que esse tronco tenha tido, como ramos, numerosos povos tão atrasados, de inteligência tão rudimentar, que ainda em nossos dias rastejam a animalidade, que hajam perdido todos os traços e, até, a menor lembrança do que faziam seus pais. Tão radical diferença nas aptidões intelectuais e no desenvolvimento moral atesta, com evidência não menor, uma diferença de origem.¹⁸²

Disso resultou, inclusive, uma denúncia por parte dos movimentos sociais negros, que formalizaram uma reclamação junto ao Ministério Público da Bahia solicitando a proibição da venda dos livros de Allan Kardec pelo fato de apresentarem elementos “supostamente discriminatórios e preconceituosos em relação a pessoas negras e de outras etnias”. Para contornar o problema as editoras que publicam as obras de Kardec no Brasil firmaram um TAC – Termo de Ajustamento de Conduta – mediante o qual se comprometeram a inserir em todas as futuras edições dos seus livros uma nota esclarecendo o “contexto histórico e a interpretação sistemática dos princípios que regem a doutrina espírita” de modo a deixar claro que se trata de uma abordagem da época, e que o Espiritismo não abriga qualquer tipo de preconceito contra qualquer etnia.¹⁸³

Entretanto, por mais que se pretenda que o Espiritismo não abrigue qualquer tipo de preconceito contra qualquer etnia, estudos realizados sobre elementos da literatura espírita demonstram que a discriminação e o preconceito

permanecem ainda nos romances e livros doutrinários espíritas travestidos de explicações questionáveis a respeito de questões graves como a desigualdade social e a própria escravidão. Deise Saraiva, analisando esse aspecto no livro *Senzala*, de Salvador Gentile, observa que

A obra *Brasil: coração do mundo, pátria do evangelho*, psicografada pelo ícone Chico Xavier, e considerada mito fundador do espiritismo no Brasil, sugere a inferioridade do negro além de relacionar uma encarnação sob a cor da pele negra, com uma culpa pregressa em outra existência que, sob a vivência negra, encontraria as chances de remissão de tal culpa. Essa nos parece ser a visão hegemônica sobre a escravidão e o negro para o espiritismo.¹⁸⁴

O mito do Adão branco, mesmo quando os estudos arqueológicos demonstram que a atual espécie humana originou-se na África, permanece vivo nas teorias espíritas mediante a ideia de que a experiência na pobreza a que os negros foram marginalizados seria uma espécie de resgate de erros passados cometidos quando na condição de brancos. Esse tipo de argumento, observa a pesquisadora, fortalece de maneira subliminar os “papéis de subalternidade relacionados ao negro, e de autoridade conferidos ao branco”, além de lançar uma cortina sobre a crueldade que a escravidão dos povos negros pelos brancos representou no curso da história e que explica, muito melhor, o porque de a maioria dos pobres de hoje serem negros e a maioria dos ricos serem brancos. Segundo a autora,

Na contramão dos estudos históricos, da sociologia, antropologia, literatura e nas discussões da sociedade civil, “*Senzala*” dá um passo pra trás: retoma argumentos de um imaginário da escravidão nacional benevolente, onde as relações raciais eram cordiais e o negro um elemento passivo do movimento histórico, reforçando a falácia da democracia racial.¹⁸⁵

Como decorrência, os conceitos de “civilização” e “progresso” nos quais se baseava a pretensa superioridade europeia também passaram a sofrer questionamentos. Haveria alguma forma de “civilização” senão a que fosse traduzida em um profundo senso de humanidade para com todos, de solidariedade e de fraternidade de uns para com os outros? Que superioridade moral poderia haver em um ser humano que escraviza outro ser humano, ou que o explora? Que moral social é essa que favorece as condições para que 1% da população retenha para si a metade de toda a riqueza produzida no mundo, deixando que os 50% mais pobres tenham que disputar entre si os míseros 5% que sobram depois de as classes ricas e médias terem se locupletado em uma competição desenfreada por abocanhar a riqueza que resulta do trabalho de todos? Que evolução é essa que torna o homem capaz de destruir o próprio ambiente no qual habita? Que progresso é esse que faculta ao homem construir artefatos bélicos suficientes para destruir o seu planeta inteiro dezenas de vezes? Seria o progresso tecnológico a medida adequada para aferir o “grau de civilização” de uma sociedade ou a evolução dos espíritos que a compõem?

Em 1947 o artista genial que era Charles Chaplin produziu um filme de humor negro no qual ele discutia o significado da moral social. O filme, baseado em um caso real, conta a história de um desempregado, o Monsieur Verdoux, que passa a cometer assassinatos de mulheres indefesas para apropriar-se dos seus pertences e prover, assim, a vida da sua família. Em paralelo ele traz também a história da ascensão de um importante empresário da indústria armamentista. Ao final, preso o assassino, emerge a reflexão: quem é o maior criminoso, o que comete crimes isolados, aqui e ali, em busca da sobrevivência, ou o que constrói artefatos que serão utilizados para destruir milhares de vidas? Enquanto o primeiro é um criminoso que a justiça do mundo alcança e pune, o segundo é entendido como empreendedor de sucesso e exemplo de cidadão.¹⁸⁶

Hoje não resta mais dúvida de que uma suposta “raça adâmica” de pele branca pode ter sido um argumento interessante no século XIX para justificar o desejo de supremacia do povo europeu sobre os demais povos, mas não encontra o menor respaldo diante dos fatos objetivos que foram sendo coletados nas pesquisas históricas e arqueológicas que se sucederam. Por outro lado, na medida em que a Antropologia começa a registrar, analisar e compreender os elementos fundantes das diversas culturas, e que a

Arqueologia identifica a África como sendo a origem comum a toda a espécie humana, começa também a se desenvolver um olhar crítico sobre o sentido prático da ideia de uma “evolução moral”, cuja avaliação está muito mais restrita à superficialidade das relações sociais de fachada, ou até mesmo às relações de dominação, e quase sempre não levam em conta a capacidade de um ser humano de causar danos a si mesmo, ao próximo e à sociedade como um todo.

Também do ponto de vista da Antropologia, há diversas outras questões que precisam ser adequadamente contextualizadas, de modo a ajustar o olhar espírita à diversidade étnica, cultural e social percebida a partir de uma compreensão ampliada da realidade mundial, agora conectada pelas modernas tecnologias, eliminando do discurso espírita qualquer ideia de supremacia, inclusive moral. Um olhar mais atual, sem as limitações do pensamento europeu do século XIX, observará que entre os chamados “povos primitivos” há muitas vezes mais espiritualidade e noções de coletividade e, portanto, de ética social e comunitária, do que na sociedade tecnologicizada e individualista do mundo moderno, representada pelos homens polidos de ternos caros que se sentam nas cadeiras suntuosas dos modernos templos dos negócios e dos governos para tomar decisões que resultam em vida e morte, sofrimento e enfermidades para milhões de pessoas.

Russel Wallace, que além de naturalista era também espírita, escreveu: “quanto mais vejo pessoas não civilizadas, melhor eu compreendo a natureza humana como um todo, e as diferenças essenciais entre o chamado homem civilizado e o selvagem tendem a desaparecer.” Essa perspectiva possibilita ao estudante de Espiritismo analisar com um olhar um pouco mais crítico algumas questões que estão marcadas por aquela visão preconceituosa em relação às sociedades tradicionais, típica do século XIX, que associava desenvolvimento tecnológico a progresso espiritual, proximidade com a natureza a “primitivismo”, e desprendimento material a “pobreza”, o que hoje não encontra mais sustentação.¹⁸⁷

175. Kardec, Allan. A Gênese, cap. XI item 41. 26ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1984).

176. Ibidem, cap. XII, item 16.

177. Kardec, Allan. A Gênese, cap. XI, comentário aos itens 43 a 49. 26ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1984).

178. Ibidem, item 46.

179. Munanga, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. Revista Inclusão Social, UFMG, Disponível em 01/06/2019 em <https://www.ufmg.br/inclusaosocial/?p=59>

180. Kardec, Allan. Revista Espírita, jun/1867. Ed. IDE, Araras/SP.

181. Kardec, Allan. Revista Espírita, jun/1859. Ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ.

182. Kardec, Allan. A Gênese, cap. XI item 40. 26ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1984).

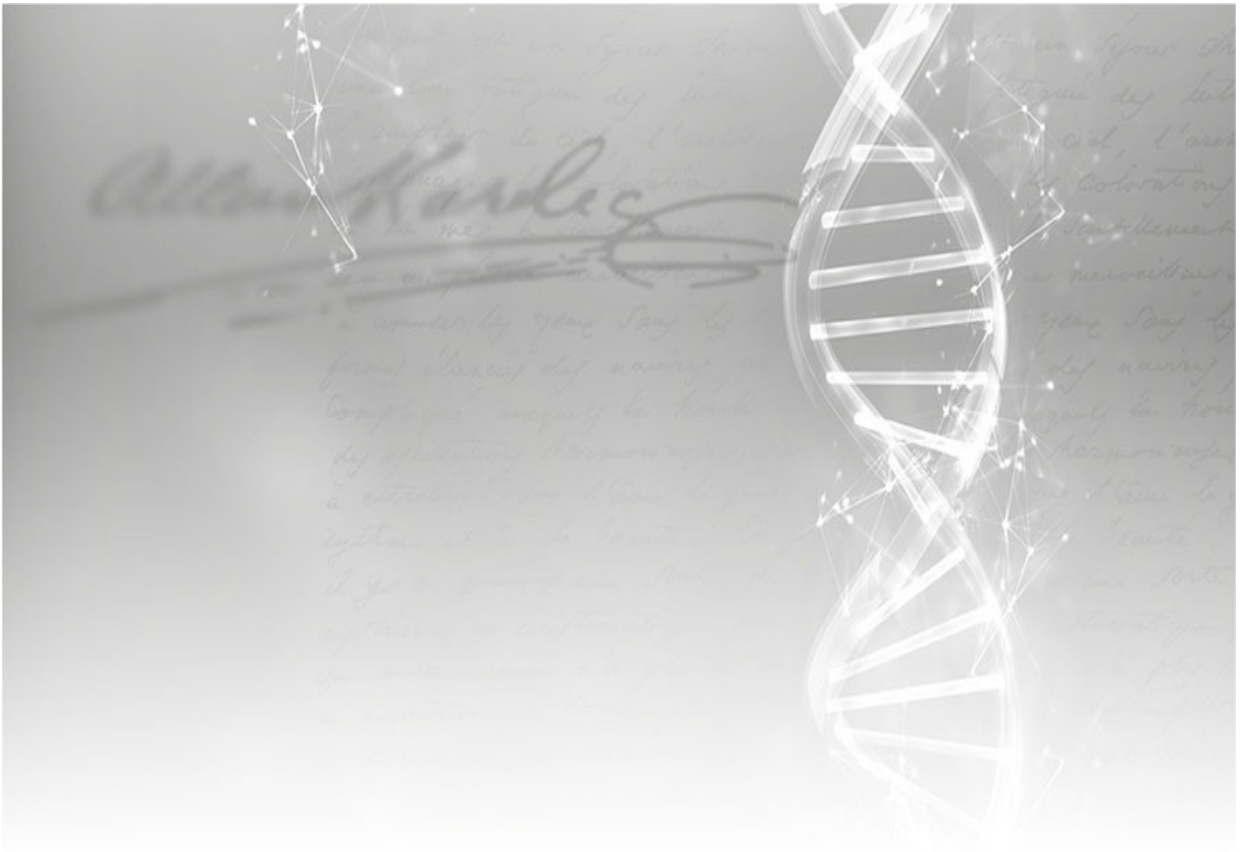
183. Procedimento Administrativo nº 1.14.000.000835/2006-12 do MP/BA.

184. Saraiva, Deise M.A.L. “Preto-Velho, Pai João”: Representação da Escravidão no Romance Espírita Senzala (1976), pag. 111. UFPE, Recife/PE (2015).

185. Ibidem, pag. 113.

186. Monsieur Verdoux (1947). Drama comédia produzido e dirigido por Charles Chaplin.

187. Em tradução livre de: “The more I see of uncivilized people, the better I think of human nature on the whole, and the essential differences between so-called civilized and savage man seem to disappear.” Consta, entre outros, no livro Infinite Tropics - An Alfred Russel Wallace Anthology, editado por Andrew Berry pela Ed. Verso, de Londres (2002).



Capítulo 18

Geração espontânea vs seleção natural

Os registros históricos da época de Kardec, incluída a Revista Espírita, deixam claro que já havia uma intensa discussão provocada pela ideia de uma origem comum ao homem e ao macaco; uma charge publicada pela revista Hornet em 1871 – dois anos após a morte de Kardec – ironizava a teoria de Darwin apresentando a sua cabeça sobre um corpo de chipanzé. Charles Darwin (1809-1882) havia publicado seu primeiro artigo a respeito do assunto em 1859, em conjunto com Alfred Russel Wallace (1823-1913), entre a primeira e a segunda edição de O Livro dos Espíritos. Mesmo assim, Kardec explica a evolução das espécies com base na teoria da geração espontânea, que era para ele objeto de convicção.

Inevitável, então, a pergunta: Como conceber que a obra kardequiana não tenha contemplado as descobertas de Darwin se este publicou seu primeiro artigo sobre o assunto logo no início dos trabalhos de Kardec?

Ademir Xavier, que mantém o blog A Era do Espírito, apresenta uma explicação interessante:

A época em que essas ideias se desenvolveram não dispunha de meios de comunicação como os que temos hoje. (...) é bastante provável que Kardec não tenha tido acesso à obra de Darwin e que, portanto, sua opinião reflete o ponto de vista conhecido entre a elite intelectual francesa da segunda metade do século XIX.¹⁸⁸

O escritor espírita Demétrio Pável Bastos apresenta essa hipótese no apêndice que elaborou para o livro Allan Kardec, de Deolindo Amorim. Ele observa que em 1860, quando da segunda edição de O Livro dos Espíritos, Kardec não havia tido tempo para assimilar as teses darwinianas, publicadas no ano anterior. Isso é o mais provável, até porque Kardec chega a admitir a hipótese de que os primeiros homens realmente tenham se “vestido da pele do macaco”, aperfeiçoando-o em seguida e moldando-o às suas necessidades. Mas, para isso, ele não considera o processo de seleção natural, que era a alma daquela teoria. Para ele essa evolução teria se dado mediante mutações sucessivas, que era o fundamento da tese do naturalista francês Jean-Baptiste de Monet, Chevalier de Lamarck (1744-1829), publicada em 1809. Essas mutações, admite Kardec, teriam ocorrido sob comando do espírito que, habitando um corpo que lhe era inferior, impôs nele uma mudança. Daí “o tronco se bifurcou: produziu um ramo, que por sua vez se tornou tronco.”¹⁸⁹

Um dado curioso, entretanto, é que mesmo os espíritos, ao dialogarem com Kardec sobre a origem da vida, também demonstram não terem assimilado aquelas novas ideias; tanto que respondem às questões 46 a 49 com base na teoria da geração espontânea, sem nenhuma menção à seleção natural das espécies ou mesmo à luta pela sobrevivência.

Embora seja uma ideia que remonta à filosofia grega, a teoria da evolução das espécies com base na geração espontânea havia sido reapresentada com uma roupagem científica por Lamarck, que inventou o termo “biologia”, e que teve enorme influência na consolidação das ideias evolucionistas. Embora a teoria da geração espontânea já tivesse sofrido diversos reveses por parte de estudiosos que procuravam refutá-la, Lamarck entendia que as espécies evoluíam a partir de mutações adaptativas que se acumulavam ao longo do tempo mediante uma inovação teórica por ele incluída, a “lei do uso e desuso”.

Em 01 de julho 1859, na arquirrival cidade de Londres, Darwin e Wallace apresentaram na Linnean Society as conclusões a que ambos haviam chegado, Darwin depois de uma longa viagem de observação em vários continentes, realizada vinte anos antes, e Wallace, após uma rica experiência como naturalista, que incluía uma demorada viagem à Amazônia e uma pesquisa nas Ilhas Molucas, na Indonésia, no ano anterior. Em seus artigos,

publicados conjuntamente, Darwin e Wallace acrescentavam um novo elemento à teoria evolucionista: eles afirmavam que as novas espécies eram o resultado de uma rigorosa seleção natural dos mais aptos mediante a luta pela sobrevivência, com a gradativa extinção das espécies menos aptas e a continuidade das mais aptas.

Essa teoria causou um grande alvoroço pela correlação que estabelecia entre as espécies animais e o homem, até então tido como o rei da criação. Pela teoria das mutações espontâneas, de Lamarck, cada ser surgia na Terra quando as condições do ambiente se tornavam propícias; o que Darwin e Wallace afirmavam é que os seres descendiam uns dos outros, estabelecendo uma ligação entre as diferentes espécies. Os críticos ironizavam, afirmando que, deste modo, o homem poderia ser, então, um descendente do macaco. O fato é que a teoria de Darwin e Wallace não foi bem recebida mesmo no meio científico.

A Revista Espírita de abril de 1865 traz um artigo que levanta a possibilidade de Kardec ter pelo menos tomado conhecimento da hipótese levantada por Darwin e Wallace. No estudo que ele apresenta sobre a destruição dos seres vivos uns pelos outros, ele procura acrescentar uma perspectiva espiritual a essa inevitável luta em que os animais se empenham pela própria sobrevivência. Mas seu discurso se concentra na importância dessa luta para o desenvolvimento das faculdades do espírito, em especial nas fases anteriores à condição humana.

É necessária a luta para o desenvolvimento do Espírito. Na luta é que ele exercita suas faculdades. O que ataca em busca do alimento e o que se defende para conservar a vida usam de habilidade e inteligência, aumentando, em consequência, suas forças intelectuais. Um dos dois sucumbe; mas, em realidade, que foi o que o mais forte ou o mais destro tirou ao mais fraco? A veste de carne, nada mais; ulteriormente, o Espírito, que não morreu, tomará outra.¹⁹⁰

Em nenhum momento Kardec relaciona essa luta pela sobrevivência a um possível processo de seleção natural que garanta a continuidade das espécies, ou às suas implicações em termos de hereditariedade. Isso não faz parte do seu campo de interesses; ele está interessado apenas nas implicações dessa luta para o “desenvolvimento do espírito”, pois, nessa luta eles amadurecem e ampliam suas “forças intelectuais”.

Mais tarde ele reproduz esse artigo por inteiro, sem maiores alterações, no livro *A Gênese* e, ao explicar o surgimento da vida ele utiliza os termos da teoria da geração espontânea afirmando que “por toda a parte a vida se manifesta, logo que lhe são propícias as condições, nascendo cada espécie desde que se realizam as condições próprias à sua existência.”¹⁹¹ Em julho de 1868, em novo artigo na *Revista Espírita*, ele deixa clara a sua convicção em relação à teoria da geração espontânea.

Há aqui um detalhe que não pode ser ignorado se realmente nos permitimos fazer uma leitura crítica da obra de Kardec: nesse novo artigo ele se refere a algumas observações que, segundo se pensava, comprovavam aquela teoria que até mesmo os espíritos haviam validado, como se podia ver em *O Livro dos Espíritos*. Por esse artigo se percebe que ele pode não ter tomado conhecimento dos experimentos realizados em 1668 por Francesco Redi e, um século mais tarde, pelo pesquisador e padre Lazzaro Spallanzani, os quais demonstravam exatamente o contrário de suas conclusões. Convém lembrar que Kardec não era biólogo, e que ele escreve como um pedagogo generalista. Logo nos anos seguintes Louis Pasteur realizou uma série de experimentos na área da microbiologia e, em 1877, John Tyndall inventou o processo de esterilização, o que levou à fabricação do primeiro aparelho esterilizador por Charles Chamberland em 1880, jogando por terra toda a longa explicação de Kardec sobre a teoria da geração espontânea.¹⁹²

O mais intrigante, entretanto, é o espírito Galileu Galilei, em texto psicografado pelo médium Camille Flammarion, continuar utilizando como base argumentativa a teoria da geração espontânea, sem nenhuma menção à abordagem de Darwin:

Muito importa nos compenetrems da noção de que a matéria cósmica primitiva se achava revestida, não só das leis que asseguram a estabilidade dos mundos, como também do universal princípio vital que forma gerações espontâneas em cada mundo, à medida que se apresentam as condições da existência sucessiva dos seres e quando soa a hora do aparecimento dos filhos da vida, durante o período criador.¹⁹³

Há quem se recuse a admitir a existência de alguns pontos na obra kardequiana que não encontram mais respaldo na ciência, como se isso a diminuísse sob algum aspecto. O próprio Kardec já havia previsto essa possibilidade ao afirmar que

Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará.¹⁹⁴

Há algum problema nisso? Nada mais simples; basta esclarecer esses pontos, sem o menor receio, nos estudos da obra kardequiana, nos congressos e eventos doutrinários que tenham por objetivo sanar as dúvidas que vão surgindo naturalmente com o avanço da ciência. Qual a utilidade de silenciar sobre eles? Negar a existência deles não teria por trás apenas uma tentativa infrutífera de sacralizar o texto kardequiano? Que ganhos o Espiritismo teria com essa insistência? Que outro resultado se pode esperar disso que não o de desacreditá-lo diante das pessoas mais esclarecidas? Além do mais, são quase sempre conteúdos absolutamente acessórios, que nem de longe afetam as suas teses principais.

Mas é bom considerar também, em sintonia com o próprio Russel Wallace, que a sua teoria da evolução das espécies através da seleção natural não responde a todas as questões; persiste ainda a dúvida quanto à formação da primeira célula viva. Como se deu o surgimento da primeira forma de vida

no planeta a partir da qual as demais possam ter evoluído? Pode ser que a questão 43 continue válida, porque ali o espírito simplesmente responde que “no começo tudo era caos; os elementos estavam em confusão. Pouco a pouco cada coisa tomou o seu lugar. Apareceram então os seres apropriados ao estado do globo.”

Em 1924 o biólogo e bioquímico russo Aleksandr Ivanovich Oparin (1894-1980) propôs que o surgimento da vida seria decorrente de um processo de “evolução” da própria matéria quando as condições físicas do planeta propiciaram a formação das primeiras moléculas orgânicas. Esse mesmo entendimento foi defendido em 1929 pelo geneticista e biólogo britânico J.B.S. Haldane (1892-1964), com sua tese da “sopa primordial”, do que gerou em 1953 o experimento de Miller e Urey mediante o qual foi possível gerar células orgânicas a partir de um composto inorgânico, reproduzidas as condições do que seria o ambiente da Terra na época do surgimento das primeiras formas de vida.

Embora os resultados desses experimentos possam ser considerados ainda um tanto limitados, eles significaram um primeiro passo em um longo caminho que está sendo percorrido pelos pesquisadores no sentido de produzir artificialmente o fenômeno até então inexplicável que é a vida. Já é possível identificar sinais inequívocos de avanços nessa direção quando revistas populares como Galileu e Exame trazem artigos a respeito de publicações de renomadas revistas especializadas, como a Science, apresentando experimentos mediante os quais têm sido possível criar células capazes de produzir sua própria energia e até mesmo uma estrutura completa de DNA, totalmente artificial.¹⁹⁵

Embora esses experimentos não tenham ainda completado o desejo dos cientistas de produzirem artificialmente a vida, uma vez que em algum ponto eles sempre dependem de uma célula viva pré-existente, seus resultados têm sido comparados aos da fissão do átomo, que possibilitou a criação da bomba atômica. Como afirmam Nogueira e Garattoni, eles podem ser “o início de uma nova era de prosperidade, saúde e desenvolvimento tecnológico para o homem – ou o começo da sua destruição”.¹⁹⁶

A esse respeito Ademir Xavier observa que

É importante considerar que as discussões sobre a gênese orgânica são complementares para a compreensão da Doutrina e seu desenvolvimento. Por isso esses pontos, assim como muitos outros, sofrem e sofrerão modificação, sem que haja impacto ao corpo principal de doutrina.¹⁹⁷

De fato, continua sendo original na análise de Kardec as implicações espirituais da luta dos seres vivos pela sua sobrevivência, e de que modo isto se explica sob o ponto de vista da doutrina espírita. No entendimento de Hebe Souza, que faz um estudo sobre um possível diálogo entre a teoria de Darwin e os estudos de Kardec,

O mais importante é saber que todo esse processo biológico de adaptação está subordinado ao ritmo do caminhar espiritual. Os seres se modificam lentamente, obedecendo aos impulsos do espírito, ou do princípio inteligente, que determina quando já está apto a passar por novas experiências.¹⁹⁸

Nesse sentido, o que efetivamente interessa ao estudante do Espiritismo é refletir, ao menos filosoficamente, sobre o significado da evolução do princípio inteligente a partir das condições iniciais da sua existência enquanto ser vivo na matéria, passando por todas as peripécias da vida animal até alcançar a condição de espírito, emancipando-se como o homo sapiens sapiens da atualidade; interessam-lhe mais ainda refletir a respeito das implicações morais e éticas que daí decorrem, até porque, para Kardec, o que realmente importa é construir uma nova visão de ser humano enquanto ser moral, pautado pela ética do espírito atemporal, para além das limitações da experiência na vida física.

É importante constatar também que estamos inseridos em um universo de conhecimentos que a cada dia se renova, trazendo novas explicações,

descortinando novos entendimentos. E quanto mais experimentos se realizam, mais os cientistas se deparam com o intrigante enigma representado pelo fenômeno biológico da vida; quanto mais obstáculos superam, mais se lhes escancara a imensidão do caminho a percorrer. Resgatando a analogia einsteiniana a respeito da vida enquanto “milagre”, talvez estejamos a caminho de compreender que o milagre da vida decorre de um outro milagre, o da inteligência que a anima. Essa discussão está posta neste momento no mundo da ciência, e será essa constatação – e o Espiritismo tem muito a contribuir nessa direção – que descortinará efetivamente para o mundo essa nova era, a Era do Espírito.

188. Disponível em 07/12/2018 em <http://eradoespírito.blogspot.com/2013/11/sera-que-kardec-leu-darwin.html>

189. Kardec, Allan. A Gênese, cap. XI itens 11 e 16. 26ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1984).

190. Kardec, Allan. Revista Espírita, abril/1865. Ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ.

191. Idem. A Gênese, cap. VII item 23. 26ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1984).

192. Carvalho, Eduardo C. e Prestes, Maria E. B. Lazzaro Spallanzani e a Geração Espontânea: os experimentos e a controvérsia. Revista da Biologia, 2012 pag. 1-6. USP, São Paulo/SP.

193. Kardec, Allan. A Gênese, cap. VI item 18. 26ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1984).

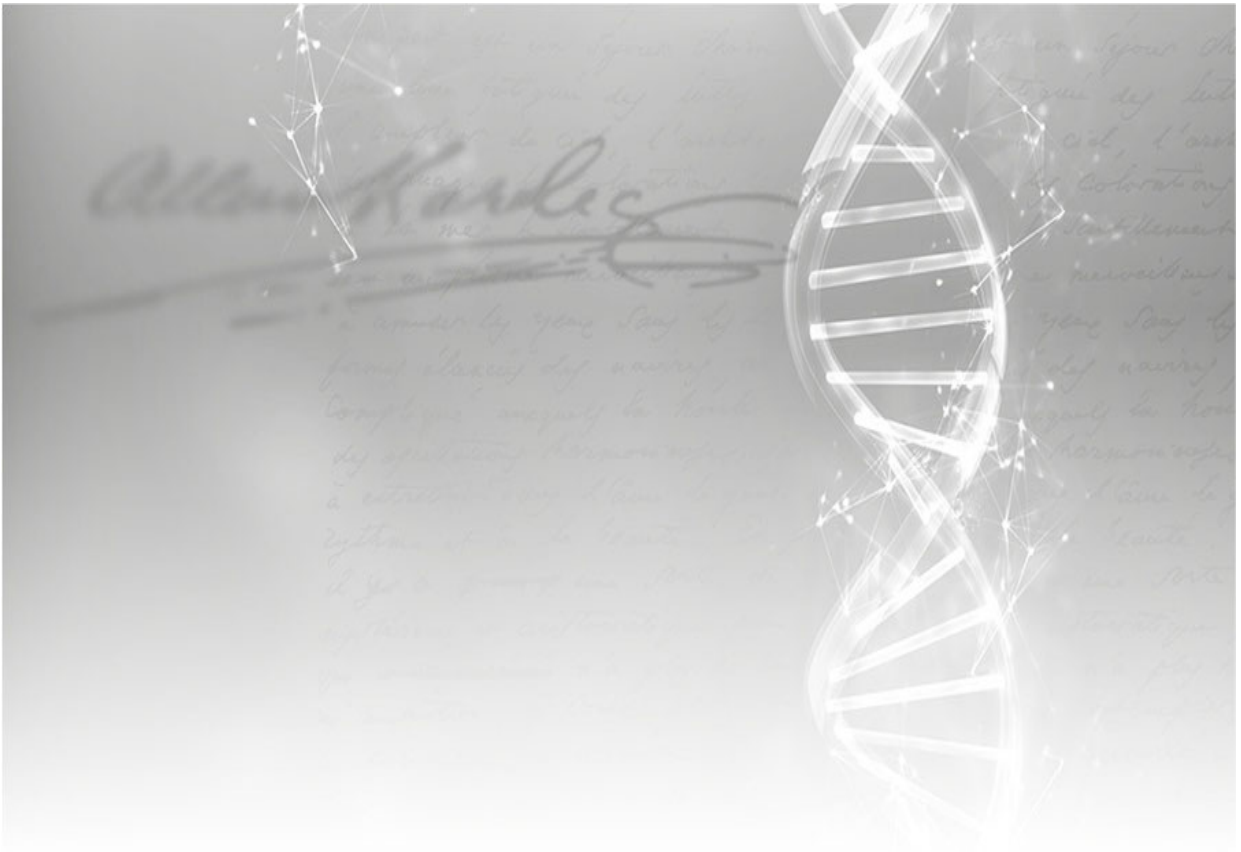
194. Ibidem, cap. I item 55.

195. Revistas Galileu da Ed. Globo, em 29/03/2019 e Exame, da Ed. Abril em 21/05/2019.

196. Nogueira, Salvador e Garattoni, Bruno. Vida Artificial, publicado na revista Superinteressante de Out/2016.

197. Xavier, Ademir. Como se deve entender a relação entre o Espiritismo e a Ciência. Disp. Em 17/11/2019 em Rev. virtual Espiritualidade e Sociedade, www.espiritualidades.com.br.

198. Souza, Hebe L. Darwin e Kardec – Um diálogo possível, pag. 193. 2ª ed. Allan Kardec, Campinas/SP (2007).



Capítulo 19

Evolucionismo vs

design inteligente

Se para Kardec o desafio se constituía em abandonar a ideia da geração espontânea em favor da teoria evolucionista de Darwin, para a religião cristã o dilema passou a ser aceitar o critério da seleção natural, que estaria em contraposição à crença no Deus criador que serve de base ao texto bíblico. Para os religiosos da época – e ainda hoje, porque Darwin abandonou o cristianismo na medida em que avançou em seus estudos – era como se a seleção natural dispensasse a existência de Deus na sua explicação da vida.

Cabe destacar aqui que o seu colega Russel Wallace, que era espírita, entendia que uma coisa não implicava na outra, o que foi motivo de desentendimento entre os dois.

Não é por outro motivo que a teoria da evolução das espécies através da seleção natural encontrou e encontra ainda hoje tantos e tão ferrenhos opositores. Nos Estados Unidos, liderados principalmente pelo Discovery Institute, associações de pais cristãos conseguiram aprovar uma lei estadual que permite aos professores ensinar o criacionismo nas escolas com base uma teoria mais religiosa do que científica, a do design inteligente, que defende que os complexos sistemas da vida são mais facilmente explicáveis pela ideia de uma inteligência criadora do que pelo processo da seleção natural.¹⁹⁹

Como é fácil observar, não se trata propriamente de uma “teoria”, uma vez que não se assenta em nenhuma análise de dados objetivos. Trata-se muito mais de um movimento de reafirmação da tradição judaico-cristã, que

considera Deus como o criador de todas as coisas. Por trás dessa teoria, que se apresenta como científica, se pode entrever uma tentativa de negação das conclusões da ciência por considerá-la materialista e ateia.

No meio espírita essa teoria recebeu o aval de diversos comentaristas sob a alegação de que ela estaria em sintonia com a explicação apresentada pelos espíritos Emmanuel e André Luiz nos seus livros *A Caminho da Luz* e *Evolução em Dois Mundos*. O editorial da revista *O Consolador* assume posição clara nesse sentido tentando estabelecer uma conciliação entre essas duas teorias:

Entre o evolucionismo de Darwin e o criacionismo bíblico, não há dúvida de que o Espiritismo ficaria sempre com o primeiro, uma vez que a evolução da alma e dos seres viventes verificou-se lentamente, no correr dos milênios, e não como narra o Gênesis. É, porém, mais que evidente que, conforme propõem os partidários da Teoria do Design Inteligente, existem no mundo estruturas biológicas complexas demais para terem surgido tão somente nas condições descritas por Darwin, pela acumulação gradual de modificações aleatórias.

Tudo nos leva, então, a crer que houve e há nesse processo a intervenção de inteligências extracorpóreas, fato que Emmanuel afirma expressamente em seu livro *“A Caminho da Luz”*, psicografado por Chico Xavier em 1938, muito antes de terem ganhado notoriedade as ideias da citada corrente de pensamento, que entende existir um “designer”, um projetista inteligente, para explicar as maravilhas da Criação.²⁰⁰

Mas a questão é bem mais complexa; na versão apresentada por esses dois autores espirituais, Deus atuando na criação é representado pelas “Inteligências Sublimes”, pelos “Gênios Veneráveis”, ou pelos “Técnicos da Espiritualidade Superior” também chamados de “Sábios Tutores” ou “Inteligências Divinas”, que sempre teriam funcionado e ainda funcionam como cocriadores, “Orientadores Divinos” da criação sob influxo da “inteligência suprema, causa primária de todas as coisas”. Mas isso não

invalidaria o processo de seleção natural das espécies. Na proposta da teoria do design inteligente o que se pretende é recolocar Deus nesse papel, bem na linha das tradições do protestantismo, que defende um Deus pessoal, que é quase um ser humano perfeito e ultrapoderoso.

Sob a perspectiva de Emmanuel e André Luiz o processo da criação pode ser entendido como um processo permanente e coletivo, em regime de cocriação, dentro do qual uma parte dos espíritos operam com conhecimento de causa e outros não, tanto no plano macrocósmico quanto na esfera microscópica. Isso não desconsidera uma interferência Divina, mas ela acontece, dentro da perspectiva kardequiana explicitada nas questões 1 e 540 de O Livro dos Espíritos, a partir dos processos naturais que se manifestam nos mundos e na vida, mediante atuação colaborativa dos próprios seres criados. Ela está presente tanto na gênese quanto na evolução permanente, sem se restringir a um ato criador único de um Deus pessoal e voluntarioso, que centraliza em si todas as mínimas ações de criação, como propõe o movimento criacionista e a teoria do design inteligente. Sob a perspectiva defendida por esses movimentos teríamos que desconsiderar Darwin e Wallace e retomar as teses de Lamarck e Aristóteles.

Quanto ao mecanismo da seleção natural, André Luiz é mais específico. Aliás, esta temática é o próprio título do seu livro, que não por acaso é intitulado Evolução em dois Mundos, ou seja, uma evolução que acontece ao mesmo tempo nos planos físico e espiritual da vida. Nesse livro o autor propõe que o processo ocorre não apenas mediante os automatismos da vida celular, mas também impulsionado pelas “Inteligências Superiores”, nas dimensões física e extrafísica da existência. É assim que

Plantas e animais domesticados pela inteligência humana, durante milênios, podem ser aí (na dimensão extrafísica) aclimatados e aprimorados, por determinados períodos de existência, ao fim dos quais regressam aos seus núcleos de origem no solo terrestre, para que avancem na roagem evolutiva, compensados com valiosas aquisições de acrisolamento, pelas quais auxiliam a flora e a fauna habituais à Terra, com os benefícios das chamadas mutações espontâneas.”²⁰¹

Trata-se de uma “revelação mediúnica”, portanto, de natureza religiosa, ou quando muito, filosófica. Daí a apresentá-la como uma “verdade” ou uma teoria científica vai longa distância, de vez que ela não apresenta a menor condição de ser testada na esfera da ciência.

Em sintonia com a questão 540 de O Livro dos Espíritos, André Luiz esclarece que o espírito humano, em seu longo período de elaboração,

atravessou os mais rudes crivos da adaptação e seleção, assimilando os valores múltiplos da organização, da reprodução, da memória, do instinto, da sensibilidade, da percepção e da preservação própria, penetrando, assim, pelas vias da inteligência mais completa e laboriosamente adquirida, nas faixas inaugurais da razão.²⁰²

Agora, como ser humano, já de posse da condição de racionalidade, caminha de experiência em experiência na conquista de mais elevadas manifestações de espiritualidade, aprendendo a se relacionar, a amar e a servir, segundo o diapasão do Evangelho.

Se o plano terrestre é o seio tépido da vida em que o princípio inteligente deve nascer, medrar, florir e amadurecer em energia consciente, o plano espiritual é a escola em que a alma se aperfeiçoará em trabalho de frutescência antes que possa desferir mais amplos voos no rumo da Luz Eterna.²⁰³

O espírito Galileu Galilei em A Gênese comenta que “há questões que nós mesmos, Espíritos amantes da Ciência, não podemos aprofundar e sobre as quais não podemos emitir senão opiniões pessoais, mais ou menos

hipotéticas”. Dentro das suas possibilidades e das possibilidades do médium, o espírito Galileu Galilei procurou contextualizar o entendimento da criação com o que havia de ciência naquele momento específico em que ele produziu o seu texto; e é o que também fazem Emmanuel e André Luiz em *A Caminho da Luz e Evolução em Dois Mundos* por volta da metade do século XX.

Portanto, há que se ter muita cautela antes de se associar o Espiritismo à teoria do design inteligente, uma vez que os fundamentos nos quais uma e outro se apoiam são absolutamente distintos e até mesmo contrários, quando se leva em conta a visão de um deus pessoal, típica da tradição protestante. Se há alguns elementos de aproximação – e a ideia de uma ação inteligente na criação é uma delas – as ideias religiosas que lhes servem de fundo, sobretudo a rejeição à ciência como se esta negasse a ideia de Deus, são claramente incompatíveis. Enquanto o criacionismo e a teoria do design inteligente negam as conclusões da ciência, o Espiritismo caminha com de braços dados com ela.

Pelo menos é o que propunha Kardec.

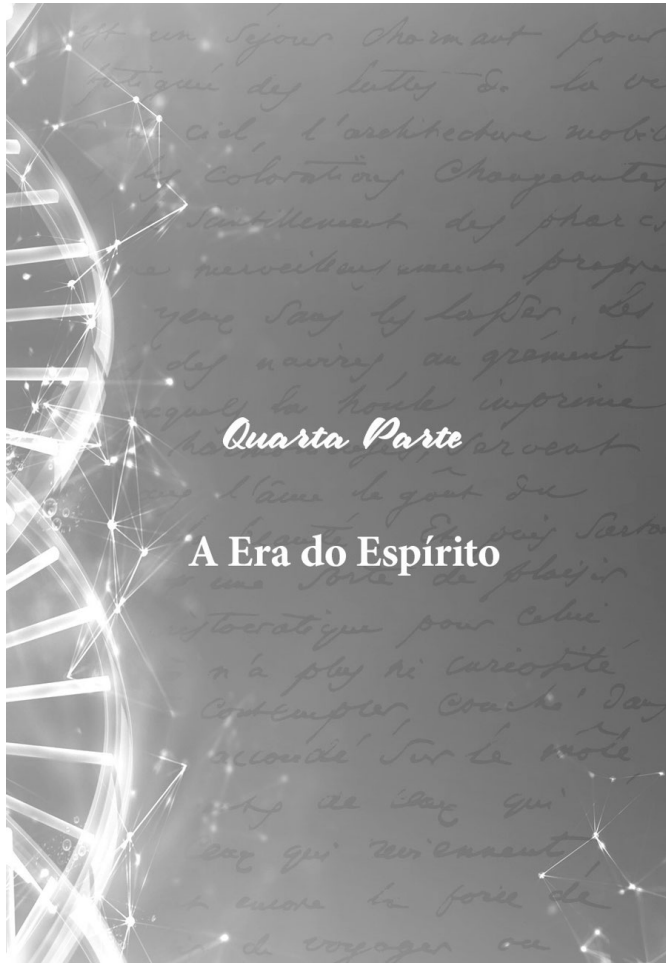
199. Revista Exame, Estado dos EUA aprova ensino do criacionismo nas escolas. 11/04/2012. Ed. Abril, São Paulo/SP.

200. Editorial da Revista Eletrônica O Consolador, Fev/2012. Disponível em 23/01/2018 no endereço <http://www.oconsolador.com.br/ano5/248/editorial.html>

201. Vieira, Waldo; Xavier, Francisco C. *Evolução em Dois Mundos*, cap. 13. 5ª Ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1979).

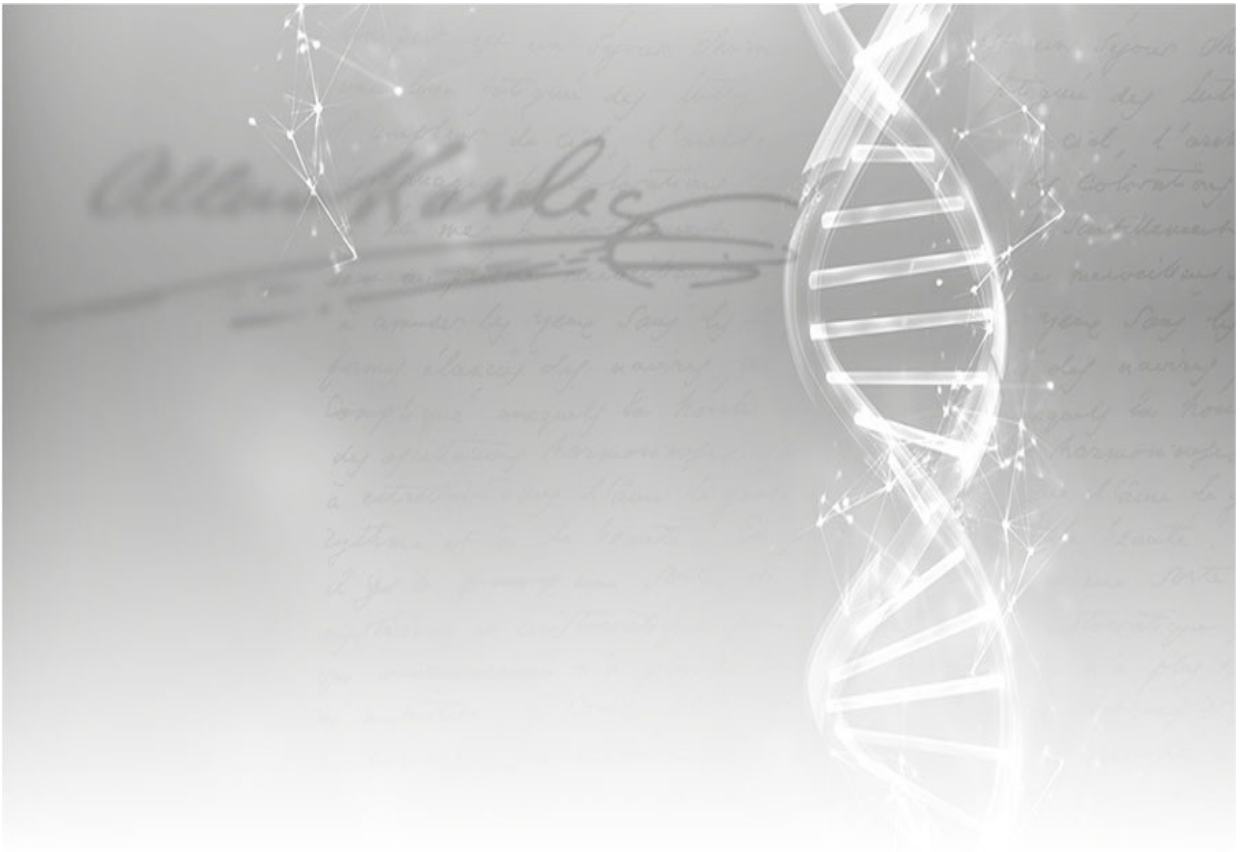
202. *Ibidem*, cap. 3.

203. *Ibidem*, cap. 13.



Quarta Parte

A Era do Espírito



Capítulo 20

Perispírito e Centros Vitais

Quando Kardec apresenta o ser humano a partir de uma perspectiva triuna, composto de espírito, perispírito e corpo material, ele não estava apresentando uma ideia nova; ele apenas reposicionava os termos, ampliando os conceitos e agregando novos significados. Perspectiva semelhante já constava nos escritos dos antigos filósofos gregos mediante termos como pneuma (sopro animador, espírito), psychê (alma, mente) e soma (corpo físico, material) que, embora com significados ainda um tanto difusos, já apresentavam, de algum modo, as bases para essa visão da tríade humana. Na tradição cristã isso também estava presente na primeira carta de Paulo aos Coríntios, em que o apóstolo faz um amplo estudo da “ressurreição” e do modo como ela se dá, para além do corpo físico, mediante o uso de termos como “corpo psíquico” e “corpo espiritual”.²⁰⁴

Também Mesmer, no final do século XVIII, já havia se referido a uma espécie de corpo “fluídico” que estabelecia a ligação entre o espírito e o corpo material, alguma forma intermediária que, com a morte, acompanharia o espírito. Mas a palavra “perispírito” é um neologismo criado por Kardec, e ela é apresentada em O Livro dos Espíritos sob uma nova roupagem: “Envolvendo o gérmen de um fruto, há o perisperma; do mesmo modo, uma substância que, por comparação, se pode chamar perispírito, serve de envoltório ao Espírito propriamente dito”. É ele o elemento “intermediário” que “liga a alma ao corpo. Tal, num fruto, o gérmen, o perisperma e a casca”.²⁰⁵

Mais tarde, ao escrever A Gênese, ele apresentará uma explicação mais detalhada:

Pela sua essência espiritual, o Espírito é um ser indefinido, abstrato, que não pode ter ação direta sobre a matéria, sendo-lhe indispensável um intermediário, que é o envoltório fluídico, o qual, de certo modo, faz parte integrante dele. É semimaterial esse envoltório, isto é, pertence à matéria pela sua origem e à espiritualidade pela sua natureza etérea. Como toda matéria, ele é extraído do fluido cósmico universal que, nessa circunstância, sofre uma modificação especial. Esse envoltório, denominado perispírito, faz de um ser abstrato, do Espírito, um ser concreto, definido, apreensível pelo pensamento. Torna-o apto a atuar sobre a matéria tangível, conforme se dá com todos os fluidos imponderáveis, que são, como se sabe, os mais poderosos motores.²⁰⁶

A linguagem que ele usa é a da época, daí ele se referir a “fluidos imponderáveis”, ou a sua derivação, como “fluido perispirítico”, ou ao “fluido elétrico”; e à própria analogia com o telégrafo, que era para ele uma invenção recente.

O fluido perispirítico constitui, pois, o traço de união entre o Espírito e a matéria. Enquanto aquele se acha unido ao corpo, serve-lhe ele de veículo ao pensamento, para transmitir o movimento às diversas partes do organismo, as quais atuam sob a impulsão da sua vontade e para fazer que repercutam no Espírito as sensações que os agentes exteriores produzam. Servem-lhe de fios condutores os nervos como, no telégrafo, ao fluido elétrico serve de condutor o fio metálico.²⁰⁷

O que Kardec pretende é dar um tratamento científico ao assunto, criando um nome apropriado e explicando em detalhes o significado prático dessa ideia a partir das suas observações junto aos fenômenos mediúnicos de sua época, mas o assunto não se mostrava assim tão simples; na questão que foi incluída sob o número 141 o espírito antecipa a complexidade do tema.

A alma não se acha encerrada no corpo, qual pássaro numa gaiola. Irradia e se manifesta exteriormente, como a luz através de um globo de vidro, ou como o som em torno de um centro de sonoridade. Neste sentido se pode dizer que ela é exterior, sem que por isso constitua o envoltório do corpo. A alma tem dois invólucros. Um, sutil e leve: é o primeiro, ao qual chamamos perispírito; outro, grosseiro, material e pesado, o corpo. A alma é o centro de todos os envoltórios, como o germen em um núcleo, já o temos dito.

Em 1890 Alexandre Aksakof (1832-1903), respeitado jornalista e pesquisador russo dos fenômenos espíritas, cita o termo “metaorganismo”, que teria sido utilizado antes pelo barão Hellenbach, para referir-se a questões relacionadas ao perispírito, que ele considerava um “corpo astral ou psíquico”.²⁰⁸ Entretanto, por mais criteriosos que tenham sido os cientistas que se dedicaram a essa área de estudos, suas conclusões não conseguiram obter reconhecimento no meio científico, ainda dominado pela tendência à negação de tudo o que possa estar relacionado ao espírito.

Em 1939 um eletricitista industrial russo, ao consertar um equipamento de um hospital, observou, acidentalmente, algumas faíscas luminosas que irradiavam da sua pele quando exposta ao campo elétrico de alta frequência gerado pelo dispositivo. Alguns relatórios da universidade apresentavam o registro desse fenômeno, que permanecia ignorado. Com a ajuda de sua esposa, agora em casa, Semion Kirlian desenvolveu o que ficou conhecido mais tarde como método Kirlian de fotografia, ou Kirliangrafia. Colocando a mão sobre o equipamento e ligando-o, uma película fotográfica registrava as irradiações multicoloridas.

Desde então, diversos institutos de pesquisa soviéticos passaram a se dedicar ao estudo do processo e de suas implicações. No que pareceu inicialmente ser a mais extraordinária descoberta, observou-se que uma folha vegetal da qual fosse amputada uma pequena parte, quando submetida à kirliangrafia, apresentava todo o seu contorno original, o que foi chamado de efeito fantasma. Isso parecia confirmar a existência de uma espécie de “duplo” dos seres vivos, a que os pesquisadores logo deram o nome de “corpo bioplasmático”, uma espécie de “Modelo Organizador Biológico”, na

expressão adotada pelo engenheiro e pesquisador espírita Hernani Guimarães Andrade (1913-2003).²⁰⁹

As pesquisas que se seguiram sugeriam a possibilidade de prever um estado enfermício antes mesmo que ele se manifestasse no seu nível fisiológico; ao que parecia, até variações de humor e de cansaço eram passíveis de registro por esse processo.²¹⁰ Algo parecido já havia sido apresentado três décadas antes, em 1907, pelo padre brasileiro Roberto Landell de Moura, que identificara em suas pesquisas uma espécie de campo energético que envolveria os seres vivos, embora sem tanto detalhamento.

Novos experimentos, entretanto, não têm conseguido obter os mesmos resultados no que se refere ao efeito fantasma, que só acontece quando a folha é colocada inteira no aparelho e é amputada em seguida. Se ela for colocada já amputada o efeito não acontece. Ao que esses experimentos indicam, o efeito fantasma é apenas a imagem decorrente de resíduos de material biológico que permanecem na chapa após cortada a folha.

O biofísico e pesquisador russo Konstantin Korotkov concluiu que a imagem resulta da ionização de gases e vapores exalados pelo objeto em estudo – no caso do dedo humano, pela pele – em decorrência de sua exposição ao campo elétrico de alta intensidade ao qual ele fica exposto durante a realização da fotografia. Mesmo assim, segundo ele, essas imagens poderiam oferecer importantes elementos para diagnóstico em medicina, o que o motivou a continuar se dedicando a pesquisas a respeito da aplicação médica da GDV – Gas Discharge Visualisation que, para ele, possibilita visualizar imagens do “biocampo” humano.²¹¹

Pesquisas realizadas em 2006 na Clínica de Enfermagem da UNAERP – Universidade de Ribeirão Preto, no campus de Guarujá, analisavam se essa tecnologia permitiria analisar aspectos ligados à saúde física e mental dos pacientes. Pelas pesquisas bibliográficas realizadas havia indicações de que ela tivesse aplicação inclusive no que se refere ao diagnóstico de câncer, mas os resultados divulgados não permitem uma afirmação conclusiva nessa direção; as avaliações são um tanto subjetivas e variam de pessoa para pessoa, sem atingir um consenso em torno dos critérios e seus significados.²¹² Mesmo assim essas informações continuam sendo

apresentadas com roupagem científica por pessoas religiosas ou por quem as utiliza com finalidade comercial.

Em outra vertente, a das informações obtidas através de comunicações mediúnicas, em 1944 o espírito André Luiz, pela mediunidade de Chico Xavier, chamou a atenção ao relatar um “sonho” no mundo espiritual, em tudo semelhante ao sonho no corpo físico estudado por Kardec. Segundo sua narrativa, ele se vê desligado do seu corpo espiritual em Nosso Lar e parte em demanda a uma região ainda mais elevada, ao encontro de sua mãe. Seria como se um corpo espiritual ainda mais sutil se desprendesse do seu perispírito, ou corpo espiritual – já que ele não possui mais um “corpo físico” – para ingressar em ambientes de outra dimensão. Apresenta-se, portanto, uma clara inovação ao que até então se entendia a esse respeito, requerendo análise mais cuidadosa.²¹³

Um pouco mais tarde, em 1958, o mesmo André Luiz associa a ideia de perispírito ao conceito de psicossoma, ao qual chama de “corpo espiritual”, que seria moldado por um “corpo mental”.

Para definirmos de alguma sorte, o corpo espiritual, é preciso considerar, antes de tudo, que ele não é reflexo do corpo físico, porque, na realidade, é o corpo físico que o reflete, tanto quanto ele próprio, o corpo espiritual, retrata em si o corpo mental que lhe preside a formação.²¹⁴

Na apresentação que faz do livro *Evolução em Dois Mundos*, Emmanuel observa que “todos os nossos sentimentos e pensamentos, palavras e obras, nele se refletem, gerando consequências felizes ou infelizes, pelas quais entramos na intimidade da luz ou da sombra, da alegria ou do sofrimento”. E André Luiz acrescenta que, após a morte do corpo físico, ele representa o veículo do espírito, “veículo físico por excelência, com sua estrutura eletromagnética, algo modificado no que tange aos fenômenos genésicos e nutritivos, de acordo, porém, com as aquisições da mente humana”.

Cabe aqui um cuidado especial: é preciso não perder de vista que o autor espiritual – ou talvez isto se deva a uma dificuldade do médium ao expressar em palavras algumas ideias fora do contexto habitual – adota algumas correlações que merecem um exame atento. Por exemplo, quando se refere à “estrutura eletromagnética” do corpo espiritual, ou seja, do perispírito. Os pesquisadores soviéticos que estudaram esse possível “corpo energético” não conseguiram encontrar nada de “eletromagnético”. Se ele existe – e o Espiritismo o confirma – “a sua natureza é inteiramente outra.”²¹⁵

Estaríamos diante de uma metáfora? É o mais provável; esse termo deve representar uma analogia, uma simples comparação na falta de termos adequados, porquanto, até o presente momento a ciência não detectou nada que possa representar qualquer confirmação dessa natureza “eletromagnética” do perispírito.

André Luiz atribui a esse corpo espiritual uma formação complexa, como se composto de várias camadas, ou vários níveis de manifestação. Isso fica evidente quando ele narra o desdobramento de um médium, a quem atribui o nome Antônio Castro, em uma sessão mediúnica. Segundo sua narrativa, já em estado de profunda concentração, o médium vai adormecendo devagarinho sob a indução mental de Clementino, um espírito que lhe presta assistência no momento específico do transe.

Do tórax emanava com abundância um vapor esbranquiçado que, em se acumulando à feição de uma nuvem, depressa se transformou, à esquerda do corpo denso, numa duplicata do médium, em tamanho ligeiramente maior.

Nosso amigo como que se revelava mais desenvolvido, apresentando todas as particularidades de sua forma física, apreciavelmente dilatadas.²¹⁶

Pela descrição depreende-se que o autor se refere a algum tipo de matriz espiritual, invisível mesmo aos olhos dos espíritos que acompanham o fenômeno, e que é de certo modo “materializada” naquela realidade mediante assimilação dessas substâncias que eram emanadas do tórax do

médium sob a forma de um “vapor esbranquiçado”. Acrescenta ainda a existência de uma espécie de “cordão vaporoso” de que tratamos no final do capítulo 8, referido em algumas tradições esotéricas e em várias descrições mediúnicas como o “fio prateado” que mantém ligado ao corpo físico o espírito, quando este se afasta do ambiente em que aquele se encontra. Kardec se refere a esse fenômeno como um “rastros luminoso, que termina no corpo.”²¹⁷

O médium, assim desligado do veículo carnal, afastou-se dois passos, deixando ver o cordão vaporoso que o prendia ao campo somático.

Enquanto o equipamento fisiológico descansava, imóvel, Castro, tateante e assombrado, surgia, junto de nós, numa cópia estranha de si mesmo, porquanto, além de maior em sua configuração exterior, apresentava-se azulada à direita e alaranjada à esquerda.

Tentou movimentar-se, contudo, parecia sentir-se pesado e inquieto...²¹⁸

É interessante que, embora sua intenção não seja teorizar sobre o perispírito, na sua narrativa André Luiz procura demonstrar a complexidade desse corpo espiritual que, no seu exemplo, não se integra adequadamente nessa primeira tentativa de estruturar-se à margem do corpo físico, o que requer uma nova intervenção do espírito assistente que auxilia o médium.

Clementino renovou as operações magnéticas e Castro, desdobrado, recuou, como que se justapondo novamente ao corpo físico.

Verifiquei, então, que desse contato resultou singular diferença.

O corpo carnal engolira, instintivamente, certas faixas de força que imprimiam manifesta irregularidade ao perispírito, absorvendo-as de maneira incompreensível para mim.

Desde esse instante, o companheiro, fora do vaso de matéria densa, guardou o porte que lhe era característico.

Era, agora, bem ele mesmo, sem qualquer deformidade, leve e ágil, embora prosseguisse encadeado ao envoltório físico pelo laço aeriforme, que parecia mais adelgado e mais luminoso, à medida que Castro-Espírito se movimentava em nosso meio.²¹⁹

André Luiz atribui ao espírito Clementino a explicação do fenômeno:

A princípio, seu perispírito ou “corpo astral” estava revestido com os eflúvios vitais que asseguram o equilíbrio entre a alma e o corpo de carne, conhecidos aqueles, em seu conjunto, como sendo o “duplo etérico”, formado por emanções neuropsíquicas que pertencem ao campo fisiológico e que, por isso mesmo, não conseguem maior afastamento da organização terrestre, destinando-se à desintegração, tanto quanto ocorre ao instrumento carnal, por ocasião da morte renovadora. Para melhor ajustar-se ao nosso ambiente, Castro devolveu essas energias ao corpo inerte, garantindo assim o calor indispensável à colmeia celular e desembaraçando-se, tanto quanto possível, para entrar no serviço que o aguarda.²²⁰

A descrição lembra o velho termo adotado por Aristóteles, do “princípio vital”, mas não parece que a questão se resolva nesse nível de simplificação. Mesmo essa manifestação tão “imaterial” ainda parece muito próxima do significado que atribuímos à palavra “matéria”, e também dotada da vitalidade característica do corpo material, tanto que, segundo a narrativa de André Luiz, e reafirmando alguns experimentos a respeito de “exteriorização da sensibilidade” realizados pelo pesquisador francês Albert de Rochas (1837-1914),

se algum pesquisador humano ferisse o espaço em que se situa a organização perispirítica do nosso amigo, registraria ele, de imediato, a dor do golpe que se lhe desfechasse, queixando-se disso, através da língua física, porque, não obstante liberto do vaso somático, prossegue em comunhão com ele, por intermédio do laço fluídico de ligação.²²¹

Vale considerar que essa complexidade, que é apenas sugerida na obra de Kardec, explica muito melhor as experiências de bilocação, de desdobramento espontâneo ou hipnótico (que Kardec chamava de sonambulismo natural ou magnético), bem como do sono e dos sonhos, em que uma parte permanece ligada ao corpo físico enquanto outra se projeta no mundo espiritual. Além disso, ela converge sob todos os aspectos para o que afirmam há milênios as tradições espirituais do hinduísmo e de outras tradições esotéricas, o que possibilita uma análise também sob uma perspectiva transdisciplinar. O próprio Kardec já admitia essa possibilidade quando pretendia explicar um determinado assunto em torno do qual não fosse possível uma análise a partir do método científico. Não são poucas as situações em que ele leva em conta, para as suas conclusões, as tradições espirituais, que são também uma forma de conhecimento.

Por ciência espírita Kardec entendia exatamente isto: um método de pesquisa que não se limite àquilo que o materialismo metodológico pode obter. Se até o presente o perispírito continua sendo inacessível aos métodos consagrados pela ciência oficial isso não impede que sejam construídas hipóteses com base nas informações obtidas por via mediúnica, aí incluídas as tradições espirituais. O Espiritismo “avança para além do ponto onde este último (o método materialista) para”. Onde o método materialista não alcança a ciência espírita lança mão do seu próprio método e prossegue, descobrindo “um novo mundo”.²²²

Nesse sentido, - e apenas nesse sentido, sem nenhuma pretensão científica – pode-se considerar o rico estudo realizado pelo também professor Carlos Torres Pastorino (1910-1980), ex-padre, filósofo espiritualista esotérico que se tornou espírita aos 40 anos de idade e que publicou, no período que vai de 1964 a 1971, uma coleção à qual intitulou Sabedoria do Evangelho. Segundo

Pastorino, as tradições esotéricas apresentam o ser humano como sendo constituído de sete “corpos”, ou sete níveis de manifestação:

- 1 – Atma, que é a centelha divina, o eu profundo, o Cristo Interno.
- 2 – Manas, a mente espiritual, sede da criação particular de cada indivíduo.
- 3 – Espírito, o indivíduo espiritual que aprende e evolui ao longo do tempo.
- 4 – Intelecto ou mente concreta, que manipula as ideias, também chamado de corpo mental.
- 5 – Corpo astral, sede dos pensamentos e emoções, desejos e ambições, prazeres e dores morais.
- 6 – Duplo etérico, sede das sensações e dos impulsos que determinam os instintos.
- 7 – Corpo físico, através do qual o espírito se manifesta no mundo material.²²³

Para as tradições esotéricas o número sete representa a ideia de totalidade, de perfeição, daí, talvez, a escolha dessa divisão em sete. Sob uma perspectiva espírita não se faz necessário limitar a explicação a esses “sete corpos”, mas considerar o entendimento de que o perispírito não é uno, indivisível, como se poderia concluir inicialmente, ao estudar o assunto apenas com base em Allan Kardec. Ao contrário, imaginá-lo como um organismo complexo, um “metaorganismo”, como sugerido por Aksakof, possibilita muito mais ampla compreensão de uma gama de fenômenos psíquicos até então desconsiderados.

Por mais que sejam informações de caráter esotérico, sem nenhuma conotação científica, o método kardequiano sugere que elas sejam consideradas dentro do domínio que ele chamou de “ciência espírita”, por enquanto inacessível aos métodos de investigação da ciência convencional.

Usando as palavras do próprio Allan Kardec, “onde a ciência materialista para, o Espiritismo prossegue”, com segurança e método, buscando descortinar novos horizontes para uma melhor compreensão da nossa condição de espíritos que transitam pela experiência da vida biológica na Terra.

É sobre essa compreensão ampliada do corpo espiritual que se constituirá a medicina do futuro.

204. Bíblia de Jerusalém, I Epístola aos Coríntios, cap. 15 v. 35 a 53. Ed. Paulus, São Paulo/SP (2008).

205. Conforme consta no comentário à questão 93 e, depois, na 135-a de O Livro dos Espíritos.

206. Kardec, Allan. A Gênese, cap. XXI item 17. 26ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1984).

207. Ibidem.

208. Aksakof, Alexandre. Animismo e Espiritismo, prefácio. 3ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1978).

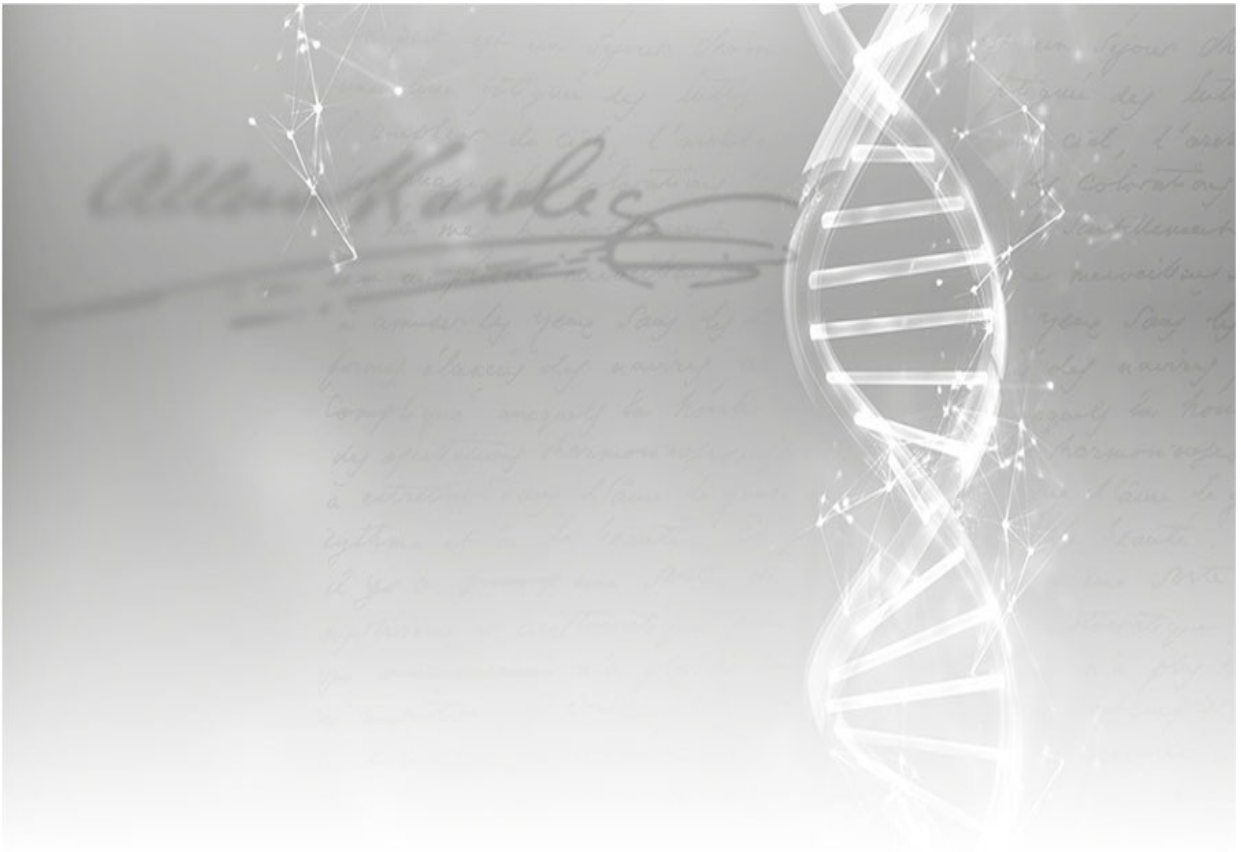
209. Andrade, Hernani G. A matéria PSI. Editora O Clarim, Matão/SP (1972). Deve-se a ele a fundação do IBPP – Instituto Brasileiro de Pesquisas Psicobiofísicas.

210. Ostrander, Sheila e Schroeder, Lynn. Experiências Psíquicas Além da Cortina de Ferro. 3ª ed. Cultrix, São Paulo/SP (1970).

211. Yakovleva, Ekaterina e Korotkov, Konstantin. Electrophotonic Applications in Medicine – GDV Electrophotography, Createspace independent publishing, Carolina do Sul – EUA.

212. Ignatti, Carmencita. Uso de Kirliangrafia (Bioeletrografia) em diagnóstico e evolução de cliente em tratamento com Toque Terapêutico. Paper de artigo apresentado no III Simpósio Internacional de Ciências Integradas da UNAERP em 2006.

213. Xavier, Francisco C. Nosso Lar, pelo espírito André Luiz, cap.36. 64ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (2019).
214. Xavier, Francisco C. Evolução em Dois Mundos, pelo espírito André Luiz, cap. 2. 5ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1979).
215. Ostrander, Sheila e Schroeder, Lynn. Experiências Psíquicas Além da Cortina de Ferro, pag.235. 3ª ed. Cultrix, São Paulo/SP (1970).
216. Xavier, Francisco C. Nos Domínios da Mediunidade, cap. 11. 16ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1987)
217. Kardec, Allan. O Livro dos Médiuns, item 118. 80ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (2011).
218. Xavier, Francisco C. Nos Domínios da Mediunidade, pelo espírito André Luiz, cap. 11. 16ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1987)
219. Ibidem.
220. Xavier, Francisco C. Nos Domínios da Mediunidade, pelo espírito André Luiz, cap. 11. 16ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1987)
221. Ibidem.
222. Kardec, Allan. A Gênese, cap. X item 30. 26ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1984).
223. Pastorino, Carlos J.T. Sabedoria do Evangelho vol. I pag. 19 e vol.4 pag.54. Ed. Sabedoria, Rio de Janeiro/RJ (1964).



Capítulo 21

Centros Vitais, ou chakras

Há ainda outro ponto que precisa ser analisado quando se trata do tema “perispírito”. Tornou-se comum no meio espírita brasileiro referir-se aos chakras das tradições indianas, aos quais André Luiz associou o conceito de “centros vitais” ou “centros psicossomáticos”, que teriam como correspondentes alguns dos plexos nervosos estudados pela fisiologia humana. Trata-se de uma assimilação verificada a partir da aproximação com as tradições do hinduísmo e que tem sido às vezes questionada por não encontrar ainda uma fundamentação em estudos consistentes nos domínios da ciência.

De fato, até hoje a ciência médica não conseguiu identificar esses “centros vitais” a que se referia André Luiz no final da década de 1950. Desde aquela época que a fisiologia já reconhecia a existência dos “plexos” – palavra originada do latim, plexus – que representam pontos de entrelaçamento da rede de filamentos nervosos e do sistema linfático, situados em diversas regiões do corpo humano. Mas o que André Luiz narra é a existência de uma espécie de centros energéticos localizados no perispírito, em uma correspondência direta com esses plexos estudados pela fisiologia. Esses “centros vitais”, segundo ele descreve, funcionam como elementos de ligação entre o corpo e o espírito nos fenômenos relacionados à vida, considerada agora sob o seu aspecto interexistencial, ou seja, físico e espiritual a um só tempo.²²⁴

Mais uma vez, como se trata de informações fora do campo da ciência, a literatura existente a respeito dessa temática se baseia tanto em informações obtidas na extensa bibliografia mediúnica produzida no Brasil pelo médium Chico Xavier quanto nas abordagens místicas que podem ter inspirado esses conceitos. Se um estudo dessa natureza pode fazer sentido sob uma

perspectiva transdisciplinar, não dispensa, entretanto, que seja realizado com método, e não apenas mediante uma fundamentação em crenças desprovidas de uma análise racional que se fundamente na ciência, como propunha Kardec, procurando ampliar o entendimento com base nessas fontes de informação.

Sob o ponto de vista da fisiologia, falar em “sete chakras” não faz nenhum sentido, uma vez que não há como traduzir o complexo conjunto de plexos sob alguma forma de classificação em sete plexos principais. A simples adoção do número sete já deveria chamar-nos a atenção para o significado esotérico dessa abordagem. As tradições espirituais é que apresentam, na sua maioria, sete “chakras principais”, correspondentes a sete plexos que fazem parte da extensa rede de filamentos nervosos e linfáticos do organismo humano.

Mesmo a literatura mística a esse respeito reporta a existência de uma infinidade de outros “chakras menores”, ou menos importantes, mas há uma ênfase no que tem sido considerado – sem nenhuma fundamentação científica ou filosófica consistente – como sendo os “sete principais centros vitais” ou principais chakras, que seriam, por ordem:

- 1 – Coronário, situado no alto da cabeça;
- 2 – Frontal ou cerebral;
- 3 – Laríngeo;
- 4 – Cardíaco;
- 5 – Solar ou umbilical;
- 6 – Sexual, genésico ou hipogástrico;
- 7 – Básico ou fundamental, localizado na base do ventre.²²⁵

O que André Luiz afirma a respeito do perispírito e dos “centros vitais” está em sintonia com o que essas tradições espirituais afirmam há alguns milênios, mas ele mesmo deixa claro que, pelo menos por enquanto, esses estudos não estão ao alcance da ciência oficial.

Estudado no plano em que nos encontramos, na posição de criaturas desencarnadas, o corpo espiritual ou psicossoma é, assim, o veículo físico, relativamente definido pela ciência humana, com os centros vitais que essa mesma ciência, por enquanto, não pode perquirir e reconhecer.²²⁶

Atualmente a temática relacionada aos chakras ou “centros vitais” já é objeto de pesquisas que procuram utilizar métodos consistentes, como as realizadas pelo Dr. Hiroshi Motoyama, que fundou em 1990 o Californian Institute for Human Science, uma instituição que se propõe a apoiar projetos de pesquisa a respeito da conexão entre corpo, mente e espírito. Mesmo assim observa-se uma grande dificuldade de reconhecimento desse campo de estudos por parte dos meios acadêmicos, mesmo enquanto ainda projetos de pesquisas, o que faz com que sejam relegados mais uma vez ao domínio da religião e do misticismo.

Um aspecto importante da contribuição de André Luiz pode ser o de proporcionar um entendimento que, pelo menos por enquanto, não nos é possível obter através dos recursos tecnológicos e dos métodos científicos atualmente disponíveis, mas que possibilita vislumbrar de maneira mais ampla o “corpo espiritual” que Kardec apresentou de maneira bastante simplificada sob o nome de “perispírito”, com um imenso campo de aplicação nas questões relacionadas à saúde humana.

Por exemplo, quando ele descreve o que chama de “centro coronário”:

Temos particularmente no centro coronário o ponto de interação entre as forças determinantes do espírito e as forças fisiopsicossomáticas

organizadas. Dele parte, desse modo, a corrente de energia vitalizante formada de estímulos espirituais com ação difusível sobre a matéria mental que o envolve, transmitindo aos demais centros da alma os reflexos vivos de nossos sentimentos, ideias e ações, tanto quanto esses mesmos centros, interdependentes entre si, imprimem semelhantes reflexos nos órgãos e demais implementos de nossa constituição particular, plasmando em nós próprios os efeitos agradáveis ou desagradáveis de nossa influência e conduta.²²⁷

Se é importante ter clareza de que essas informações não podem ser consideradas como “científicas” e sequer foram analisadas mediante o critério da concordância, também não há motivos relevantes para ignorar essa descrição, carregada de uma transcendência quase poética, que nos permite viajar pelo terreno das sensações e imaginar a beleza desses quadros espirituais que, de outra forma, continuariam sendo, para nós, inacessíveis.

Era belo sentir-lhes a vibração particular. Cada qual emitia raios luminosos, muito diferentes entre si, na intensidade e na cor. Esses raios confundiam-se à distância aproximada de sessenta centímetros dos corpos físicos e estabeleciam uma corrente de força, bastante diversa das energias de nossa esfera. Essa corrente não se limitava ao círculo movimentado. Em certo ponto, despejava elementos vitais, à maneira de fonte miraculosa, com origem nos corações e nos cérebros humanos que aí se reuniam. As energias dos encarnados casavam-se aos fluidos vigorosos dos trabalhadores de nosso plano de ação, congregados em vasto número, formando precioso armazém de benefícios para os infelizes, extremamente apegados ainda às sensações fisiológicas.²²⁸

Embora exista no meio espírita quem considere essas abordagens como mera especulação de natureza mística, não parece razoável ignorá-las apenas pelo fato de não estarem ainda assentadas em estudos científicos. Se Kardec tivesse se limitado ao que já estivesse comprovado pela ciência do seu tempo

o Espiritismo não teria nascido. Não há como negar que grande parte das suas formulações teóricas foi estabelecida sobre elementos da filosofia grega e sobre as formulações de Mesmer e dos vitalistas franceses, que também não haviam sido reconhecidas pelos pesquisadores do seu tempo. Foi por isso mesmo que ele elaborou o seu “método da concordância”, agregando aos conhecimentos da ciência do seu tempo as informações trazidas pelos espíritos e até mesmo aquelas obtidas junto às diversas tradições espirituais, sempre que se tratava de assunto fora dos domínios da academia.

Pelas implicações que os estudos relacionados a esses “centros vitais” podem oferecer para a elaboração de uma medicina mais sintonizada com a dimensão espiritual do ser humano, esta é uma área em que vale a pena investir esforços visando uma melhor compreensão, como já o fazem alguns pesquisadores mundo afora. Mas é importante que essas pesquisas sejam realizadas de maneira metodologicamente consistente, com a mesma seriedade adotada por Allan Kardec e, em seguida, pelos pesquisadores que deram continuidade aos seus trabalhos.

Serão esses estudos que nos proporcionarão, enquanto sociedade humana, entrar definitivamente na chamada “Era do Espírito”.

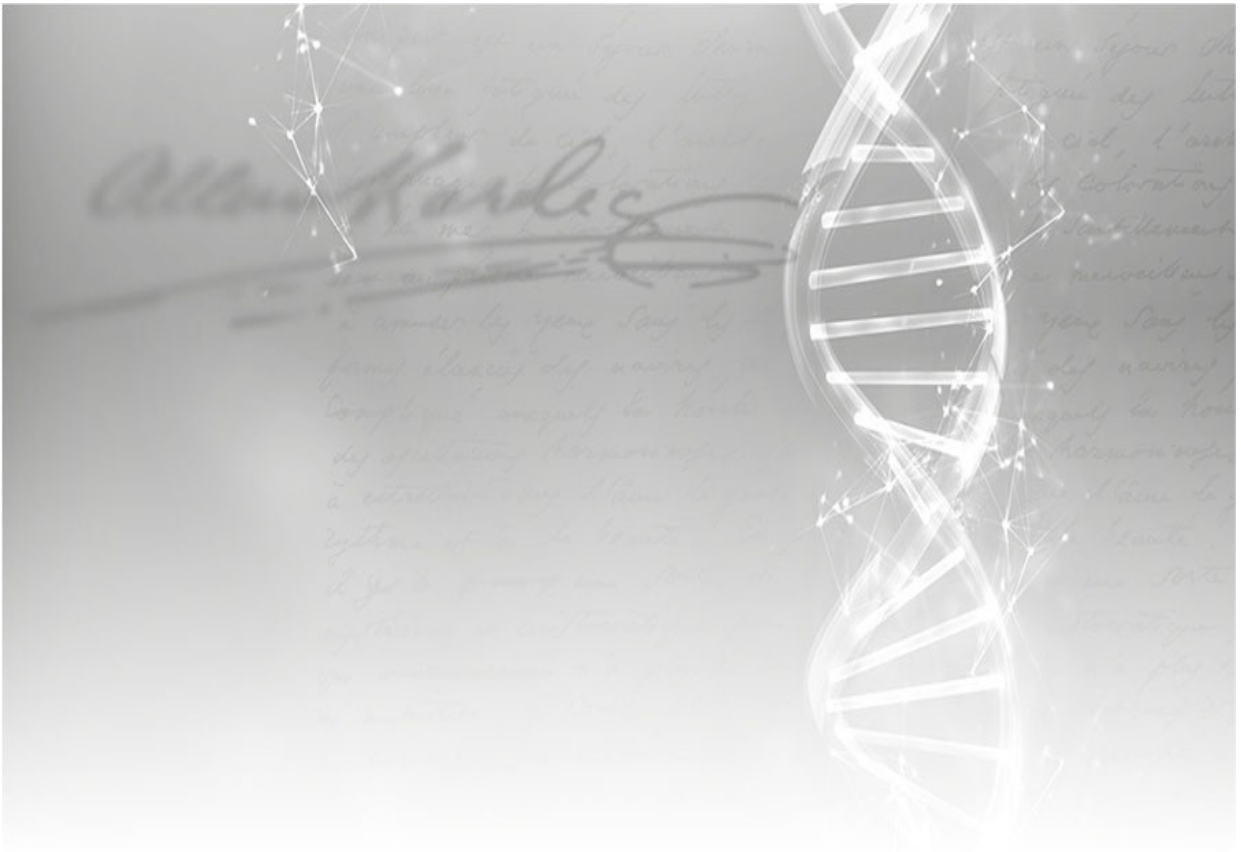
224. Xavier, Francisco C. *Evolução em Dois Mundos*, cap. 2, 5ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1979).

225. Souza, Elzio F. *Perispírito e Chakras*. Disponível em 07/03/2018 em www.acasadoEspiritismo.com.br

226. Xavier, Francisco C. *Evolução em Dois Mundos*, cap. 2, 5ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1979).

227. Xavier, Francisco C. *Evolução em Dois Mundos*, cap. 2, 5ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1979).

228. Idem. *Missionários da Luz*, cap. 1, 12ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1979).



Capítulo 22

Do magnetismo à energia biopsíquica

Na Revista Espírita de outubro de 1858 Kardec publicou uma nota a respeito da aplicação terapêutica do “magnetismo” à pessoa do Rei Oscar, da Suécia, seguida de um artigo no qual afirma que “o Espiritismo liga-se ao magnetismo por laços íntimos, considerando-se que essas duas ciências são solidárias entre si”. O nome do artigo é bastante pomposo: Emprego Oficial do Magnetismo Animal.²²⁹

O “magnetismo” era uma ciência antiga, ainda cercada de mistérios. Desde os gregos que se estudava aquela estranha força de atração que fazia unir dois pedaços de uma pedra escura, que era chamada magnetita por ser facilmente encontrada nas proximidades de Magnésia, uma cidade situada na região da lendária planície de Tessalônia, imortalizada quase mil anos antes de Cristo por Homero na sua *Ilíada*. Aquelas pedras foram utilizadas ao longo dos séculos para o tratamento das mais variadas enfermidades pois se acreditava que aquele seu estranho poder exercia alguma influência curativa sobre as pessoas doentes.

Desde o século XVI que o astrólogo e alquimista suíço Paracelso (1493-1541) havia desenvolvido toda uma técnica para aplicar o magnetismo na sua prática médica. Famoso pelas suas inovações no tratamento dos doentes, ele havia desenvolvido barras de ferro devidamente magnetizadas para atuarem sobre o magnetismo que se imaginava existir no corpo humano. Havia barras em formato de coração, barras curvas, retas, longas ou curtas, a serem usadas conforme o órgão a ser tratado. Suas técnicas tiveram continuidade com outro médico alquimista belga no século seguinte, Jan Baptist Van Helmont (1580-1644), e ainda mais tarde com o padre e

astrônomo jesuíta Maximiliano Hell (1720-1792) antes de serem consagradas por Franz (ou Friedrich) Anton Mesmer (1734-1815), um químico e médico austríaco que exerceu grande influência sobre o pensamento científico da Europa do século XIX.

Numa outra vertente, alguns sábios antigos deram maior atenção aos fenômenos físicos do magnetismo, do que resultou a invenção da bússola, que proporcionou um grande impulso nas navegações de longa distância. Desde o século I da era cristã que os chineses haviam descoberto que uma colher feita de magnetita, se dependurada pelo meio, por um fio, sempre apontava uma de suas extremidades para a mesma direção, qualquer fosse o movimento realizado com ela. Mais tarde a colher foi substituída por uma pequena chapa de ferro magnetizada, de formato comprido e, finalmente, já no início do século XIV, por uma agulha dentro de uma caixa fechada, girando livre em um pino sobre a figura da rosa-dos-ventos, estabelecendo o formato inicial da bússola de navegação.

Havia, portanto, duas vertentes de estudos que procuravam compreender os fenômenos da atração magnética; uma pelo lado dos fenômenos puramente físicos e sua aplicação ao cotidiano e outra pelas suas características miraculosas e suas possíveis aplicações terapêuticas.

O termo “magnetismo animal” está associado a uma teoria desenvolvida na virada do século XVIII por Franz Anton Mesmer, que formou-se médico pela Universidade de Viena aos 32 anos, quando apresentou uma dissertação a respeito da influência dos planetas e da gravidade sobre a saúde de seres humanos sob o título *Dissertatio physico-medica de planetarum influxu in corpus humanum*. Em sua tese ele procurava dar um tratamento científico aos conhecimentos da cosmologia e do misticismo com base na iniciante ciência experimental, apresentando a sua teoria do “magnetismo animal”.²³⁰

Vou apresentar uma teoria tão simples quanto nova das enfermidades, do modo como surgem e se desenvolvem, e substituirei os princípios incertos que até o presente têm servido de regras para a medicina por uma prática igualmente simples, geral e obtida na própria natureza.²³¹

Segundo a sua teoria, assim como acontecia com uma agulha magnetizada, que se alinhava com os polos magnéticos da Terra, também as pessoas enfermas traziam em si uma perturbação ou uma carência de “fluido magnético”. Tratá-las significava retorná-las ao equilíbrio, de modo que ficassem novamente “alinhadas” com o magnetismo da Terra e, portanto, saudáveis. Não que o “magnetismo animal” fosse da mesma natureza que o da agulha de uma bússola; não. O magnetismo animal era de outra natureza, mas apresentava comportamento semelhante. Por isso ele atribuía ao terapeuta o título de “magnetizador”, a quem cumpria atuar sobre o magnetismo animal da pessoa enferma mediante o uso dos metais ou usando o seu próprio “magnetismo”, pela imposição das mãos, tocando-as com as pontas dos dedos, insuflando-lhe o seu próprio “fluido magnético”, dentre outros métodos.

A Revista Espírita Histórica e Filosófica, sem especificar a autoria do texto, afirma que Mesmer considerava o magnetismo animal como uma decorrência da combinação de duas ciências, a astronomia e a medicina.

É menos uma descoberta nova do que uma aplicação de fatos conhecidos desde há muito tempo a necessidades sentidas em todos os tempos. Por esta expressão, magnetismo animal, eu designo então uma dessas operações universais da natureza, cuja ação determinada nos nossos nervos oferece à arte um meio universal de curar e preservar os homens.²³²

Mesmer não admitia que as enfermidades que afetavam a mente das pessoas, como a histeria e a loucura, permanecessem ignoradas pela medicina ou inadequadamente classificadas e, por isso, tratadas segundo métodos que não levavam em conta a sua verdadeira origem, que ele entendia serem distúrbios relacionados ao “magnetismo animal”. Para ele, as mesmas forças que atuavam sobre os planetas e demais astros do universo também atuavam sobre o ser humano em uma aproximação com a Astrologia.

Tais esferas também exercem uma ação direta em todas as partes que formam o corpo humano, em particular no sistema nervoso, por um fluido penetrante. Eu registrei esta ação pela intensificação e a remissão das propriedades da matéria e corpos orgânicos, como a gravidade, coesão, elasticidade, irritabilidade, eletricidade.²³³

Como Paris era o principal centro cultural da Europa no século XIX, local para onde convergiam todos os sábios do seu tempo, Mesmer entendeu de mudar-se para aquela cidade, onde estabeleceu uma clínica médica baseada nos métodos do magnetismo animal.

Mesmer chegou a Paris em 1778, introduzindo novas técnicas e ideias adaptadas ao espírito iluminista que vigorava na época. Médico formado na Universidade de Viena, anunciou sua descoberta sobre um fluido difuso no universo que penetrava e cercava todos os corpos. A doença seria gerada pelo obstáculo à circulação do fluido pelo corpo – tal substância teria propriedades semelhantes a um ímã.²³⁴

Católico fervoroso e apaixonado pela música, segundo alguns de seus biógrafos, ele procurava atender sobretudo pessoas pobres, o que evidencia o seu lado humanista. Às suas sessões eram atraídas centenas de pessoas por dia que formavam círculos concêntricos em torno de uma tina de carvalho contendo água e garrafas cheias de água, limalhas de ferro e pó de vidro, de onde saíam hastes de ferro que eram aplicadas sobre as partes enfermas dos doentes, ou nas quais as pessoas tocavam para serem “magnetizadas”. Ao redor, as pessoas tocavam com as mãos os ombros umas das outras, de modo a estabelecer o “contato”, formando uma grande “cadeia magnética”, entrando em seguida em uma situação de transe coletivo com os mais variados tipos de manifestação. Segundo relato de François Deleuze, um estudioso do magnetismo na época,

envergando um casaco de seda lilás, (Mesmer) movia-se soberanamente, parando, de vez em quando, diante de uma das pacientes mais excitadas. Fitando-lhe firmemente os olhos, enquanto lhe segurava ambas as mãos, estabelecia contato por meio de seu dedo indicador. Também operava fortes correntes, abrindo as mãos e esticando os dedos, enquanto com movimentos ultrarrápidos cruzava e descruzava os braços, para executar os passes finais.²³⁵

Não foram poucos os embates travados com os pesquisadores do seu tempo, muitos dos quais não aceitavam nem os seus métodos e nem as suas conclusões. Defendido por uns e atacado por outros, Mesmer viu-se envolvido nas mais variadas controvérsias, sobretudo entre os da sua própria classe, os médicos, que não encontravam fundamentos científicos nos seus procedimentos.

Meu objetivo então foi apenas despertar o interesse nos médicos; mas longe de ter sucesso, logo percebi que eu estava sendo tratado como excêntrico, que eu passei a ser tratado como um homem com um sistema e que minha tendência a me afastar do caminho normal da Medicina era considerado crime.²³⁶

É difícil decidir a respeito de qual das duas principais leituras é a mais pertinente: se Mesmer foi um incompreendido no seu tempo ou se ele não compreendeu bem os métodos da ciência do seu tempo e por isso não foi compreendido. Mas dúvida não resta quanto ao fato de ter sido ele um idealista e um visionário, um grande humanista, ao ponto de perseguir durante toda a sua vida o que se constituiu para ele em um ideal: transformar a medicina em uma ciência que fosse mais natural e que levasse em conta o ser humano no seu sentido mais amplo, contemplando sua dimensão espiritual. Atribui-se a ele ter reconhecido nos utensílios até então utilizados

apenas acessórios secundários, um reforço para os procedimentos, que dependiam mais do “magnetismo” do terapeuta do que desses objetos.²³⁷

Diante do ceticismo em relação às suas teses e em meio a muita perseguição ele mudou-se em 1802 para a Alemanha onde se refugiou, dedicando-se tão somente às suas curas baseadas no método que havia desenvolvido.

Naquele mesmo tempo, do lado dos fenômenos físicos, o que estava chamando mais a atenção dos pesquisadores eram os fenômenos elétricos. A bússola estava funcionando muito bem e parecia não haver muito mais o que estudar com relação ao magnetismo, até que em 21 de abril de 1820 o físico e químico dinamarquês Hans Christian Oersted (1777-1851), preparando o material para uma palestra a respeito da “corrente elétrica”, observou que uma bússola ao lado movimentava a agulha quando ele ligava ou desligava a bateria que fazia parte do seu experimento. A princípio ele não conseguiu explicar o fenômeno, mas ele realizou intensas investigações e publicou suas conclusões provando que a corrente elétrica interferia sobre a agulha da bússola, abrindo o caminho para que Michael Faraday (1791-1867) fizesse em seguida outra série de experimentos diferentes, com base nos quais lançou os fundamentos para a compreensão dos fenômenos eletromagnéticos.

É em meio a essa divisão que Kardec se situa. Talvez por ser um humanista, os experimentos puramente físicos não lhe chamaram tanto a atenção quanto os estudos relacionados ao “magnetismo animal”, que eram voltados para o alívio do sofrimento humano. Vários pesquisadores haviam dado sequência aos experimentos e aos tratamentos de enfermidades baseados nos métodos de Mesmer, sendo que Kardec cita pelo menos o barão Du Potet, diretor do Journal du Magnétisme, o Sr. Millet, diretor da Union Magnétique, além de “seus ilustres predecessores, o marquês de Puységur e o sábio Deleuze”, que prestaram relevante contribuição ao assunto um pouco antes da sua entrada nesse cenário.²³⁸

Wantuil de Freitas e Francisco Thiesen afirmam que Kardec começou a interessar-se pelo magnetismo em 1823, portanto, jovem ainda. Eles citam Anna Blackwell, que fez a tradução de O Livro dos Espíritos para o inglês, que relata que

Rivail tomou parte ativa nos trabalhos da Sociedade de Magnetismo de Paris, a mais importante da França. Ele, porém, ficaria equidistante das rivalidades doutrinárias que haviam surgido entre os magnetizadores parisienses. Soube fazer amigos nessa e naquela corrente de ideias, e um deles, o magnetizador Fortier, a quem conhecida desde muito tempo, foi quem em 1854 lhe falaria pela primeira vez das chamadas “mesas falantes”.²³⁹

É certo que Kardec dedicou-se por um bom tempo ao estudo do magnetismo, mas do “magnetismo animal” de Mesmer. Ao escrever O Livro dos Espíritos ele afirma que estudou o assunto “durante mais de trinta e cinco anos”, lendo inclusive “uma porção de livros escritos contra o magnetismo por homens de evidência”, como consta na Revista Espírita de outubro de 1858. Ao longo de toda a sua obra fica muito claro que Kardec faz extenso uso dos conceitos do então chamado “magnetismo animal”, sendo que do magnetismo físico estudado por Faraday ele utiliza apenas algumas correlações.

Logo na introdução, quando ele se refere às acusações de fraudes nos fenômenos das mesas girantes, ele está respondendo a Faraday, que havia feito alguns experimentos mediante os quais tentou provar que as mesas se moviam sob ação humana, e não sob a ação de possíveis espíritos.²⁴⁰ Mas ele refuta também algumas teorias que corriam em paralelo para explicar os fenômenos espíritas com base na teoria do “magnetismo animal”, mediante a hipótese do “sonambulismo magnético” e de outra que ele chama de “refletiva, porque faria do médium um eco dos pensamentos daqueles que o rodeiam”.²⁴¹ Estas eram as duas teorias mais consideradas na época, e eram defendidas pelos seus amigos da L’Union Magnétique que, por ocasião da sua morte, lhe prestariam honra nos seus funerais.²⁴²

Deve-se à influência de Mesmer e seus seguidores a presença na obra kardequiana de muitas expressões que não têm mais nenhuma aplicação no mundo da ciência, algumas, por terem sido consideradas obsoletas, como “magnetismo animal”, outras por terem sido substituídas por expressões mais atualizadas, que abrigam conceitos mais condizentes com o que se sabe

hoje sobre os fenômenos de que tratam, como hipnose, telepatia, consciência e inconsciente. Muitas daquelas expressões utilizadas por Mesmer no século XVIII e incorporadas por Kardec no século XIX são ainda utilizadas no meio espírita totalmente fora do contexto da ciência atual, como “magnetismo”, “magnetismo animal”, “passes magnéticos”, “sonambulismo magnético”, “água magnetizada” e “fluido magnético”, provocando um descompasso entre a linguagem utilizada no meio espírita e aquela adotada nos meios ligados à ciência e à filosofia.

Jader Sampaio, um articulista que desenvolveu uma pesquisa a respeito da influência de Mesmer sobre o Espiritismo, observa que

Kardec “redefiniu” muitos termos do magnetismo. Muitos leitores do Espiritismo acreditam que ele criou as palavras, mas não é verdade: Kardec criou conceitos novos. Palavras como espírito e médium são anteriores ao codificador. O sentido atribuído a elas por Kardec é que é singular à Doutrina Espírita; são conceitos a partir dos quais ela se constitui. Médium, para o mesmerismo, é a pessoa que se coloca sob a ação do magnetizador. Para Kardec, “todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos espíritos é, por este fato, médium.”²⁴³

É interessante destacar também que em O Livro dos Médiuns, embora o objeto de estudo seja outro – no caso a mediunidade – a linguagem que Kardec utiliza está toda embasada na teoria dos fluidos de Mesmer, e não na de Isaac Newton, que estava encontrando franca aplicação na nascente engenharia do século XIX e que prevaleceu em seguida. Isso sinaliza com muita clareza para a possibilidade de que Kardec fosse bem mais afeito às áreas voltadas para o ser humano, como a psicologia e a ciência médica, do que à física puramente material. Não é sem razão que o nome completo da sua revista seja Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos.

O conhecimento do Mesmerismo e de outras doutrinas contemporâneas a Kardec facilitam o estudo da obra do codificador e nos permite fazer leituras mais precisas. Obviamente, o sentido atual de magnetismo, postulado pela Física, difere bastante do sentido do magnetismo de Mesmer. Ignorar este aspecto é perder o sentido de muitas afirmações do codificador. Muitos enganos cometidos por leitores e comentaristas desavisados, e muitas vezes polemistas contumazes, seriam mais facilmente esclarecidos se conhecêssemos melhor as nossas raízes.²⁴⁴

Data de um pouco depois de Kardec a divisão definitiva entre essas duas vertentes de estudo, a do “magnetismo animal” e a do magnetismo como é hoje estudado, um simples fenômeno de natureza física. Os estudos de Oersted e Faraday ofereceram sustentação a inúmeras outras pesquisas que foram sendo desenvolvidas em torno dos fenômenos eletromagnéticos, dando origem ao conceito de “campo” e à elaboração de um novo significado para o termo “energia”, agora associado aos fenômenos eletromagnéticos. Na outra vertente, as teorias de Mesmer, por mais que não tenham sido reconhecidas pelo meio científico, foram o ponto de partida para o uso da hipnose como instrumento de tratamento e cura de enfermidades, para a criação do Reiki e de uma série de outras modalidades de terapias alternativas. Não sem razão, ele é considerado por alguns estudiosos da psiquiatria como precursor da Psicoterapia²⁴⁵ e até mesmo da Psicologia ou da moderna hipnoterapia, ou hipnose clínica.²⁴⁶

Deve-se a Gabriel Delanne (1857-1926), um engenheiro francês e notável continuador da obra de Kardec, uma nova orientação aos estudos do “magnetismo animal”. Foi ele quem estabeleceu, ainda no final do século XIX, uma relação entre a teoria do “magnetismo animal” e a hipnose, que era estudada à época como “hipnotismo”. Segundo suas observações, “magnetismo – ele está se referindo ao magnetismo animal – e hipnotismo não passam de denominações diferentes do mesmo fenômeno”.²⁴⁷ Também Ernesto Bozzano (1862-1943), filósofo da ciência e pesquisador dos fenômenos espíritas, chegou a essa mesma conclusão um pouco mais tarde, publicando um rico estudo sobre sugestão hipnótica intitulado *Pensamento e Vontade*.²⁴⁸ Por mais que ainda exista no meio espírita quem tente manter vivas as expressões relacionadas ao “magnetismo”, no meio acadêmico e

entre os terapeutas alternativos já existe um consenso em torno de termos como “hipnose”, “indução hipnótica”, ou “hipnoterapia”.

Mas é importante destacar que essa explicação não resolve todas as questões; há ainda uma extensa gama de fenômenos de atuação à distância, pelo pensamento, como a telepatia e outras formas de percepção extrassensorial que não podem ser explicados pela ação hipnótica do agente, e que parecem indicar uma espécie de “energia mental” ainda não detectada. Há também inúmeros relatos de pesquisadores eminentes, como William Crookes e o laureado prêmio nobel de Medicina de 1913, Charles Robert Richet (1850-1935), que se referem a uma abundante produção, por parte de alguns médiuns, de uma substância esbranquiçada, somente visível sob baixíssima intensidade luminosa de cor vermelha, que serve de suporte aos fenômenos de materialização e de manipulação de objetos materiais e que Richet batizou de “ectoplasma”. Esses fenômenos sugerem uma espécie de fluido de outra natureza que não a matéria conhecida, uma espécie de “material biopsíquico” que Mesmer chamava de “fluido vital”, e ao qual se referem as mais variadas tradições espirituais, como no hinduísmo sob o nome de “prana” e na tradição chinesa sob o nome de “chi” ou “ki”, e que a tradição grega chamava de “princípio vital”, expressão adotada por Allan Kardec.

No meio científico existe hoje uma especialidade, a Biofísica, que estuda a interface entre a Física e a Biologia, mas que não tem encontrado nada de diferente nesse sentido, seja por inadequação dos métodos de pesquisa, seja pela pouca atratividade econômica desses experimentos, agora submetidos às regras de uma sociedade centrada no capital e no interesse de lucro financeiro. Alguns estudos constataram a existência de microscópicas descargas elétricas no interior das células vivas, em particular dos neurônios, que têm nessas descargas elétricas o seu meio de comunicação. Instrumentos ultrasensíveis têm sido desenvolvidos possibilitando a análise desses campos magnéticos visando o diagnóstico dos mais variados distúrbios fisiológicos.

Assim, temos hoje a possibilidade de diversos exames como a magnetopneumografia, a magnetomiografia, a magnetoenterografia, a magnetocardiografia fetal e o magnetoencefalograma. Mas não se trata de “distúrbios nervosos”, como os apontados por Mesmer, que hoje são

entendidos como de natureza psiquiátrica. Em que pese alguns estudos recentes que propõem o uso de nanopartículas magnetizáveis para o tratamento de câncer, essas tecnologias médicas, pelo menos por enquanto, são aplicáveis apenas no diagnóstico dos distúrbios de natureza fisiológica, mas não no seu tratamento, como Mesmer propunha.²⁴⁹

Devido ao fato de essas “forças” ou formas de “energia” utilizadas para o tratamento de enfermidades não terem sido até hoje identificadas e quantificadas através dos métodos científicos atualmente vigentes pode-se afirmar que elas não existem? Não parece ser o caso. Terapeutas de variadas modalidades no mundo alternativo tem feito uso atualmente do termo “bioenergia” ou “energia biopsíquica” para se referirem a essa possível energia, ou a esse possível “fluido” presente nos seres vivos, em especial nos seres humanos, o que lembra o “magnetismo animal” de Mesmer ou o “fluido vital” de Allan Kardec. Experimentos recentes realizados na USP e na UNIFESP com o uso de terapias alternativas como o Reiki e a imposição das mãos têm demonstrado resultados que motivaram até mesmo a sua adoção pelo SUS – Sistema Único de Saúde sob o nome de “terapias integrativas”.²⁵⁰

Há ainda muitas lacunas a serem preenchidas, muito a ser estudado nessa área, sobretudo no que se refere a essas possíveis forças mentais, que é onde se encaixariam os estudos sobre hipnose e hipnose clínica, e a esses possíveis fluidos imateriais a que se referem os fenômenos de ectoplasma, as materializações e algumas outras modalidades terapêuticas que atuam na dimensão dessa possível “energia biopsíquica”. Alguns fenômenos de atuação à distância sugerem até mesmo a possibilidade de que esses fluidos ou energias supostamente “espirituais” sejam tão somente fluidos e energias constituídas de outra natureza de matéria, que atuam em uma outra dimensão de espaço-tempo, daí a explicação para alguns fenômenos que sugerem uma ação simultânea, em um paralelo com o que tem sido chamado na Física de fenômenos não-localizados.

Na medida em que o Espiritismo vai se apropriando dessa nova linguagem e desses novos conceitos, melhoram as suas possibilidades de diálogo com o mundo da academia e com os seus pesquisadores, estreitando os laços entre ciência e espiritualidade e possibilitando compreensão mais abrangente das

questões do mundo material sob a perspectiva do espírito, como era o propósito de Allan Kardec.

229. Kardec, Allan. Revista Espírita, out/1868. Ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ.

230. Figueiredo, Paulo C. Mesmer – A ciência negada e os textos escondidos. Ed. MAAT, São Paulo/SP (2000).

231. Mesmer, Franz A. Mémoire de F. A. Mesmer... sur ses découvertes. Tradução livre. Original disponível em 17/11/2019 na Biblioteca Gallica, www.gallica.bnf.fr da Bibliothèque nationale de France.

232. Ibidem

233. Mesmer, Franz A. Dissertação sobre a descoberta do Magnetismo Animal, trad. Walmor João Piccinini. Revista Eletrônica Psychiatry on line Brasil vol.22 nov/2017

234. Pimentel, Marcelo G. As investigações dos fenômenos Psíquicos/Espirituais no século XIX: Sonambulismo e Espiritualismo, 1811-1860. Revista eletrônica História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v.23 N.4 out-dez/2016, Rio de Janeiro/RJ

235. Deleuze, Joseph P. F. apud Carreiro, Antonio A. Hipnose: Mítica, Filosófica e Científica. Ed. JM, Salvador/BA (2012).

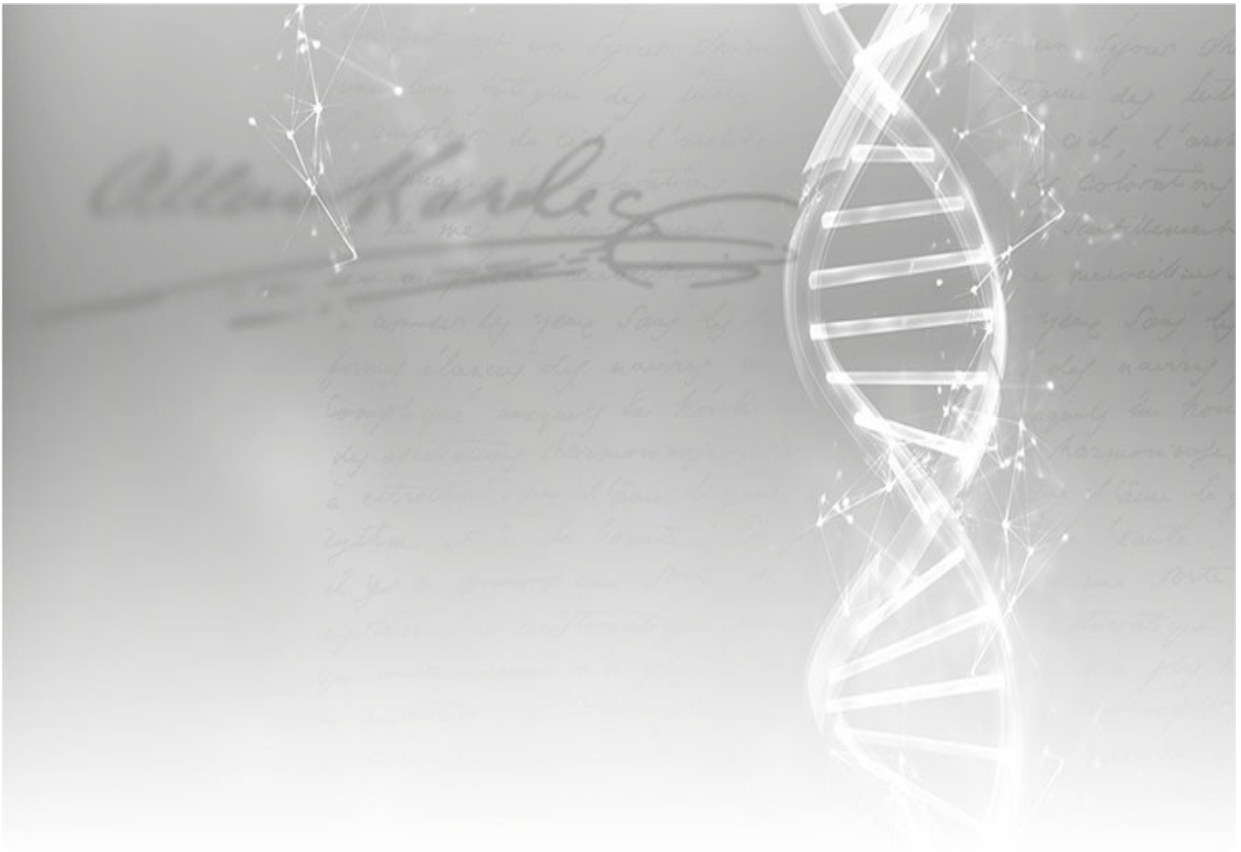
236. Mesmer, Franz A. Dissertação sobre a descoberta do Magnetismo Animal, trad. Walmor João Piccinini. Revista Eletrônica Psychiatry on line Brasil vol.22 nov/2017

237. Goldfarb, Ana M. A. Da Alquimia à Química. Ed. EDUSP, São Paulo/SP (1987).

238. Kardec, Allan. Revista Espírita, mar/1858. Ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ.

239. Wantuil, Zeus e Thiesen, Francisco. Allan Kardec o educador e o codificador, cap. 17. 2ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (2004).

240. Kardec, Allan. O Livro dos Médiuns, introdução, item XVI. 80ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (2011).
241. Ibidem.
242. Vide a Revista Espírita de maio/1869 nos recortes dos órgãos de imprensa que noticiaram a morte de Kardec.
243. Sampaio, Jader R. Mesmerismo e Espiritismo. disp. em 29/01/2017 em www.autoresespiritasclassicos.com
244. Ibidem.
245. Piccinini, Walmor J. Mesmer, Mesmerismo e História da Psicoterapia. Revista Eletrônica Psichiatry on line Brasil, nº 22 nov/2017.
246. Pimentel, Marcelo G. e outros. As investigações dos fenômenos psíquicos/espirituais no sec. XIX. Sonambulismo e Espiritualismo, 1811-1860. Rev. História, Ciências, Saúde – Manguinhos. V.23 n.4 out-dez/2016. Rio de Janeiro/RJ.
247. Dellane, Gabriel. O Espiritismo Perante a Ciência, II Parte cap. I. 5ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (2006).
248. Bozzano, Ernesto. Pensamento e Vontade, 5ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (2000).
249. Silva, Eduardo C. Desenvolvimento de Transdutor Baseado na Fase da Magnetoimpedância Gigante para Medição de Campos Magnéticos. Diss. Mestrado em Metrologia na PUC/RJ em 2010.
250. Oliveira, Ricardo Monezi. Efeitos da prática do Reiki sobre aspectos psicofisiológicos e de qualidade de vida de idosos com sintoma de estresse: estudo placebo e randomizado. Disponível em 08/07/2019 em <http://repositorio.unifesp.br/handle/11600/22764>. Vide portaria 849 de 27 de março de 2017 do Ministério da Saúde. Vide portaria 849 de 27 de março de 2017 do Ministério da Saúde.



Capítulo 23

Kardec e o “princípio vital”

Kardec encerra a primeira parte de O Livro dos Espíritos com um curto capítulo dedicado a um assunto que ainda hoje desafia a ciência: o milagre da vida. Como pode a mesma matéria contida na pedra bruta mostrar-se animada nos seres vivos? Explicação difícil que desafia os filósofos desde a Grécia Antiga e que ainda não encontrou solução capaz de conduzir a um consenso.

A esse respeito Kardec escreveu, além do capítulo IV da primeira parte de O Livro dos Espíritos, mais um tópico no capítulo X de A Gênese. Mas o conceito de “princípio vital” que ele apresenta faz parte de uma teoria que permeia toda a sua obra, e que parece ser uma mistura da teoria da alma de Platão, para quem a alma é independente e distinta do corpo material, com a terminologia de Aristóteles, que usa o termo “princípio vital” para designar uma propriedade inerente ao ser vivo, que só teria existência enquanto a vida nele se manifesta.²⁵¹

Também parece bastante evidente que Kardec tenha conhecido os estudos dos vitalistas franceses da escola de medicina de Montpellier, situada no sul da França, elaborados na virada do século XVIII para o XIX. O vitalismo era uma corrente de pensamento muito influente na sua época e que, inclusive, era a base sobre a qual se assentava a teoria da geração espontânea, da qual Kardec fez amplo uso na composição da sua obra. Essa corrente de pensamento procurava explicar a vida a partir de uma perspectiva biológica, fugindo ao mecanicismo que imperava no meio científico. Era do vitalismo que partia essa distinção entre a “alma” imortal, conforme percebida por Platão, e o “princípio vital”, que era a própria “alma” para Aristóteles.²⁵²

O que existe de concreto é que essa abordagem representava, naquela época, uma espécie de síntese do conhecimento até então firmado sobre o assunto, desde Platão e Aristóteles até Paracelso, no século XVI. Segundo a escola vitalista, é admissível que “Deus una à combinação da matéria disposta para a formação de cada animal um Princípio de Vida que subsiste por si mesmo e que no homem difere da Alma pensante”. Esse princípio vital seria o que produz nos órgãos do corpo toda a variedade de movimentos necessários às funções da vida, inclusive a sensibilidade.²⁵³

Portanto, não parece fazer muito sentido considerar como parte das possíveis “revelações” do mundo espiritual para a Terra conceitos como “princípio vital”, “fluido vital”, “energia vital” ou “elã vital”, que são termos pelos quais essa ideia era representada na época, principalmente pelos seguidores de Mesmer. A explicação mais evidente é que isso já fazia parte dos conhecimentos correntes no meio científico da época de Kardec e dos quais se utilizaram também os espíritos nas suas comunicações durante o período em que se deu a elaboração do Espiritismo.

Talvez por isso Kardec tenha começado o estudo desse tema explicando aquilo que era o entendimento vigente à sua época:

Os seres orgânicos são os que têm em si uma fonte de atividade íntima que lhes dá a vida. Nascem, crescem, reproduzem-se por si mesmos e morrem. São providos de órgãos especiais para a execução dos diferentes atos da vida, órgãos esses apropriados às necessidades que a conservação própria lhes impõe. Nessa classe estão compreendidos os homens, os animais e as plantas. Seres inorgânicos são todos os que carecem de vitalidade, de movimentos próprios e que se formam apenas pela agregação da matéria. Tais são os minerais, a água, o ar, etc.

Cabe lembrar aqui que a ordem das questões dentro de O Livro dos Espíritos é uma decisão do próprio Kardec, motivada sobretudo por uma finalidade didática, por mais que se leve em conta a supervisão realizada pelos espíritos. Por isso, é prudente considerar que o diálogo com o espírito – ou

com os espíritos – pode ter se dado em uma sequência totalmente diferente da que consta no capítulo que trata do assunto, e que ele tenha disposto as questões nessa ordem mais com finalidade pedagógica, talvez até mesmo com uma boa parte de redação própria. O fato concreto é que Kardec começa apresentando algumas perguntas e respostas que levam o leitor ao entendimento da diferença entre a matéria dos corpos orgânicos e dos inorgânicos, que é a essência do vitalismo.

61. Há diferença entre a matéria dos corpos orgânicos e a dos inorgânicos?

— A matéria é sempre a mesma, porém nos corpos orgânicos está animalizada.

62. Qual a causa da animalização da matéria?

— Sua união com o princípio vital.

63. O princípio vital reside nalgum agente particular, ou é simplesmente uma propriedade da matéria organizada? Numa palavra, é efeito, ou causa?

— Uma e outra coisa. A vida é um efeito devido à ação de um agente sobre a matéria. Esse agente, sem a matéria, não é a vida, do mesmo modo que a matéria não pode viver sem esse agente. Ele dá a vida a todos os seres que o absorvem e assimilam.

Não há como saber se o diálogo se deu exatamente desta forma ou se essa disposição atende a alguma finalidade didática, mas neste ponto ele estabelece uma correlação com outros argumentos já apresentados nos capítulos anteriores sobre os elementos gerais do universo e prossegue:

64. Vimos que o espírito e a matéria são dois elementos constitutivos do Universo. O princípio vital será um terceiro?

— É, sem dúvida, um dos elementos necessários à constituição do Universo, mas que também tem sua origem na matéria universal modificada. É, para vós, um elemento, como o oxigênio e o hidrogênio, que, entretanto, não são elementos primitivos, pois que tudo isso deriva de um só princípio.

a) Parece resultar daí que a vitalidade não tem seu princípio num agente primitivo distinto e sim numa propriedade especial da matéria universal, devida a certas modificações.

— Isto é consequência do que dissemos.

Uma leitura kardequiana da obra, ou seja, uma leitura que se permita questionar a coerência do conjunto, nos leva a indagar se, observando hoje o texto, distanciados cento e sessenta anos no tempo, não é possível constatar um quê de embaraço nessa resposta. Qual o sentido de relacionar o princípio vital ao oxigênio e ao hidrogênio? Poderia isso dever-se à falta de um conhecimento mais aprofundado de Química por parte do espírito, de vez que essas substâncias mal haviam sido identificadas no final do século XVIII? Poderia ser essa imprecisão o resultado de uma dificuldade do médium ao articular o pensamento do autor? Ou decorreria da falta de termos adequados para se traduzir uma ideia tão complexa em uma época em que esse conhecimento ainda estava em elaboração? Se a comparação entre o “princípio vital” e o oxigênio e o hidrogênio fazia parte de uma lógica possível para a época, quando ainda se começava a estudar as propriedades dessas duas substâncias químicas, hoje ela parece não fazer muito sentido.

Se o diálogo se deu, de fato, desta forma, é Kardec quem faz uma primeira tentativa de buscar um termo mais adequado, como quem procura uma expressão que esteja mais em sintonia com o entendimento da ciência do seu tempo: “vitalidade”.

67. A vitalidade é atributo permanente do agente vital, ou se desenvolve tão-só pelo funcionamento dos órgãos?

— Ela não se desenvolve senão com o corpo. Não dissemos que esse agente sem a matéria não é a vida? A união dos dois é necessária para produzir a vida.

a) Poder-se-á dizer que a vitalidade se acha em estado latente, quando o agente vital não está unido ao corpo?

— Sim, é isso.

Ainda assim, quando vai redigir a introdução de O Livro dos Espíritos Kardec prefere usar o termo “princípio vital”, talvez por ser um termo mais bem definido do ponto de vista filosófico; e ele escreve: “o princípio vital é coisa distinta e independente. A palavra vitalidade não daria a mesma ideia”. Mais tarde, ao escrever A Gênese, ele valida o conteúdo de uma mensagem assinada por Galileu Galilei, psicografada pelo jovem astrônomo Camille Flammarion, que tenta explicar melhor o assunto com base nos fundamentos da teoria da geração espontânea:

Esse fluido (o fluido cósmico universal) penetra os corpos, como um oceano imenso. É nele que reside o princípio vital que dá origem à vida dos seres e a perpetua em cada globo, conforme à condição deste, princípio que, em estado latente, se conserva adormecido onde a voz de um ser não o chama. Toda criatura, mineral, vegetal, animal ou qualquer outra – porquanto há muitos outros reinos naturais, de cuja existência nem sequer suspeitais – sabe, em virtude desse princípio vital e universal, apropriar as condições de sua existência e de sua duração.

E aqui cabe uma análise mais cuidadosa. Se em O Livro dos Espíritos o “princípio vital” é o que distingue os seres orgânicos dos inorgânicos, o espírito Galileu afirma que “toda criatura, mineral, vegetal, animal ou qualquer outra, sabe, em virtude desse princípio vital e universal, apropriar as condições de sua existência e de sua duração”. Destacamos a palavra “mineral” com itálico porque, para Kardec, na matéria inorgânica, como é o caso dos minerais, não se observaria a presença do “princípio vital”. É interessante explicitar essas pequenas contradições apenas para evitar equívocos de abordagem, tomando como verdade final o que é apenas uma tentativa de compreender um fenômeno que ainda hoje desafia o nosso entendimento.

Um dado curioso: o espírito já sinaliza com a possibilidade de outros reinos, em um entendimento que foi validado pelos biólogos em 1992 quando foi abolida a antiga divisão em três reinos e adotada uma mais moderna, contemplando apenas os seres vivos – excluídos dela os minerais – e dividida em cinco reinos: Monera, Protista, Fungi, Plantae e Animalia. A sonhada distinção do homo sapiens como um ser especial, em um “reino hominal”, não foi objeto de consenso no meio científico; o homem continua incluído no reino Animalia, a contragosto de muitos, porque, conforme a observação a Blaise Pascal, o homem é o único animal que pensa que não é animal.

Ante tudo isso, pergunta-se: faz sentido hoje cercar o termo “princípio vital” de um significado místico, como se fosse um elemento especial ainda por ser descoberto pela ciência? Não parece mais coerente com o pensamento kardequiano compreender o uso desses termos apenas como parte do contexto em que a obra foi produzida? Até porque a teoria que ele apresenta em seguida, a do “perispírito”, mostra-se muito mais consistente e adequada para explicar o modo como se opera a conexão entre o espírito e a matéria na produção do fenômeno da vida do que a do “princípio vital”.

Neste sentido, houve uma grande expectativa de que os estudos desenvolvidos a partir da descoberta do Efeito Kirlian, citados no capítulo 20, trouxessem novidades, entretanto, até o presente não há ainda estudos que permitam afirmar com segurança que a bioeletrografia tenha algo a ver com a “energia vital” ou “energia biopsíquica”, conforme tem sido divulgado.

Quando se pesquisa o assunto através dos mecanismos de busca da Internet observa-se que há inúmeros métodos terapêuticos associados a essa tecnologia, como a chamada “cura reconectiva”, que lembra em muitos aspectos as técnicas de Reiki da atualidade, ou as dos magnetizadores da época de Kardec. Alguns terapeutas, visando atribuir cientificidade aos seus procedimentos, explicam que esses íons estão relacionados a estados de humor dos pacientes, o que permitiria o uso da bioeletrofotografia para fins de diagnóstico médico, mas não há consenso nesse sentido em virtude da subjetividade dessas análises.

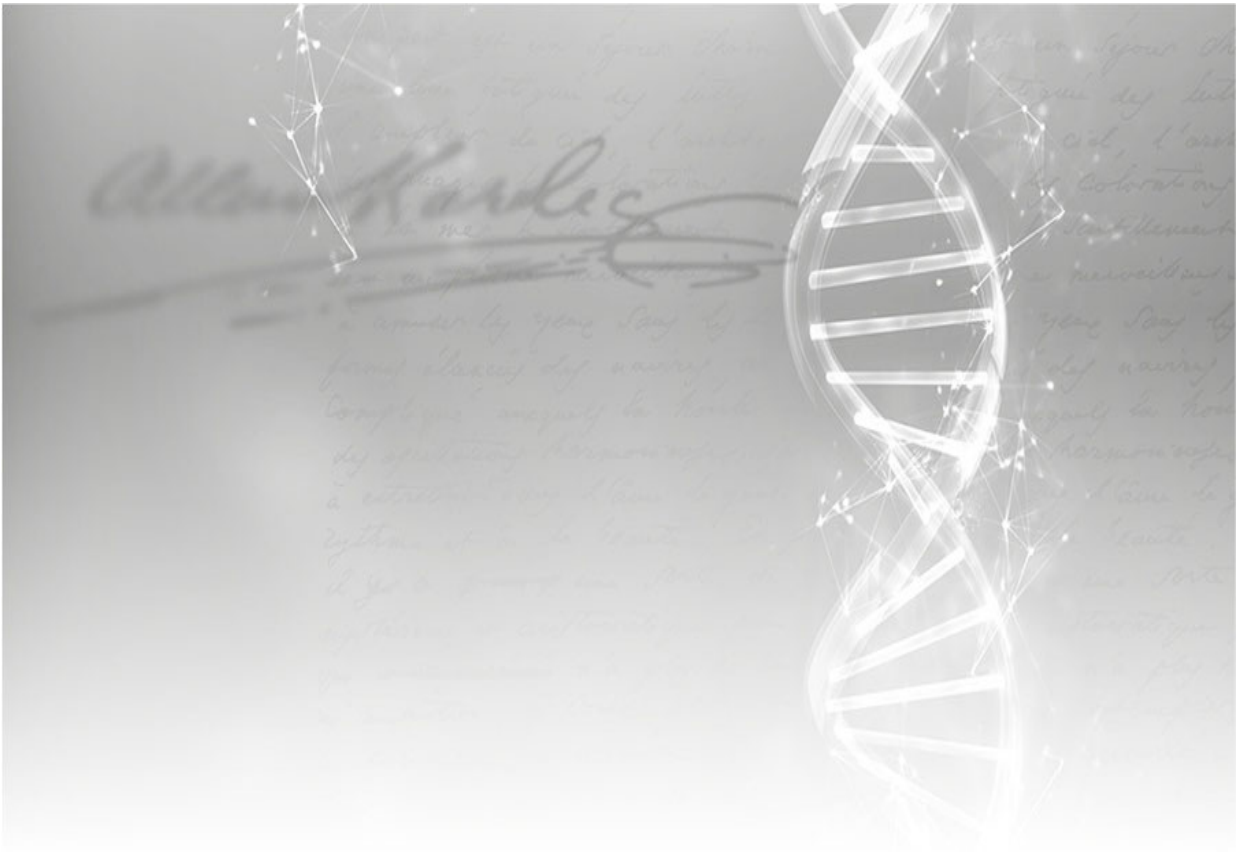
Isso não significa, entretanto, que não se possa considerar a existência dessa “energia biopsíquica” como uma informação de natureza filosófico doutrinária, uma vez que há um consenso em torno do seu uso que transcende até mesmo os limites do Espiritismo. O que, talvez, não seja mais pertinente, é insistir no uso de uma expressão que encontra resistência no meio acadêmico, como é o caso de “princípio vital”. Em vez disso, pode-se explicar nos estudos espíritas as origens desse termo sem a pretensão de fazer dessa e de outras expressões uma espécie de princípio doutrinário. Que inconveniente haveria em ampliar o uso de termos como “vitalidade” ou “energia biopsíquica” se o próprio Kardec chegou a cogitar essa possibilidade?

O mais importante é ter claro que nenhum desses termos soluciona o desafio que continua posto, tanto para a ciência quanto para o Espiritismo, que é o de tentar compreender os complexos processos físicos, biológicos, energéticos e espirituais associados ao intrigante fenômeno da vida, que continua sendo um mistério, isso para não dizer um “milagre”.

251. Aristóteles. Sobre a alma. Obras Completas, Biblioteca dos Autores Clássicos, Univ de Lisboa, Lisboa (2010). A teoria da alma de Platão é apresentada pelo próprio Kardec na introdução de O Evangelho Segundo o Espiritismo.

252. Waisse, Silvia. e outras. Raízes do Vitalismo Francês: Bordeu e Barthez, entre Paris e Montpellier. Rev. História, Ciência e Saúde Manguinhos, vol. 18 n° 3 Jul/Set 2011. Fiocruz, Rio de Janeiro/RJ.

253. Waisse, Silvia. E outras. Raízes do Vitalismo Francês: Bordeu e Barthez, entre Paris e Montpellier. Rev. História, Ciência e Saúde Manguinhos, vol. 18 nº 3 Jul/Set 2011. Fiocruz, Rio de Janeiro/RJ.



Capítulo 24

Pensamento e energia

Um pouco antes de o termo “telepatia” ser inventado em 1882 por Frederic Myers (1843-1901), Kardec já havia dedicado pelo menos dois breves tópicos da sua obra doutrinária ao que ele chamou de “transmissão oculta do pensamento”. A palavra telepatia vem do grego, tele, que significa longe, à distância, que se soma a pathos, de sofrimento, ou patheia, de afeição, e se refere ao ato de sentir ou perceber algo sobre outra pessoa, transmitir ou captar dela um pensamento ou uma ideia, mesmo estando à distância.²⁵⁴

O assunto era objeto do senso comum, que atribuía sentido aos inúmeros fatos corriqueiros em que as pessoas se viam “percebendo” os pensamentos umas das outras, à distância, e também fazia parte do universo místico, como o da sabedoria esotérica, que encontrava eco em alguns ambientes mais cultos da época. Mas havia outros motivos que devem ter influenciado Kardec a abordar esse tema. Primeiro, porque a evocação era um ato de comunicação através do pensamento; era mediante o pensamento que as pessoas evocavam os espíritos visando colocar-se em contato com eles. Além disso, os espíritos afirmavam ser esta a maneira pela qual eles se comunicavam tanto com os encarnados quanto entre si. Por último, havia entre as pessoas que estudavam o “magnetismo” de Mesmer os que não reconheciam a autenticidade das comunicações mediúnicas, e que consideravam o médium como “uma espécie de espelho a refletir todas as ideias, todos os pensamentos e todos os conhecimentos das pessoas que o cercam”. Eles atribuía as mensagens a alguma forma de influência pelo pensamento, que se verificava entre os presentes e os médiuns, pretendendo negar, com isso, a realidade dos espíritos.²⁵⁵

Era natural, portanto, que este fosse um dos temas obrigatórios na formulação dos princípios da doutrina que estava sendo elaborada, mas, por

mais que o assunto tivesse algo de óbvio, era também muito fora da área de interesse da ciência da época. Seria este o motivo pelo qual Kardec lhe dedicou tão somente três breves questões em O Livro dos Espíritos? A princípio ele apenas explora superficialmente o fenômeno:

420. Podem os Espíritos comunicar-se, estando completamente despertos os corpos?

— O Espírito não se acha encerrado no corpo como numa caixa; irradia por todos os lados. Segue-se que pode comunicar-se com outros Espíritos, mesmo em estado de vigília, se bem que mais dificilmente.

Nos experimentos realizados com base na mediunidade, Kardec já havia observado que o espírito “sente e advinha” o pensamento daqueles que com ele se sintonizam, e que a simples presença de “pessoas mal intencionadas ou antipáticas lhe produz efeito idêntico ao do contato da mão na sensitiva”, como em uma espécie de comunicação inconsciente que acontece entre os espíritos com base no pensamento.²⁵⁶

Portanto, essa ligação não se restringe à comunicação no sentido que se atribui a este termo; os espíritos são “atraídos” uns para os outros “pela identidade de pensamentos e sentimentos, assim para o bem como para o mal”. O pensamento estabelece uma espécie de “ligação” entre dois ou mais espíritos que tenham entre si elementos que os identifiquem, como, por exemplo, um interesse comum, uma relação de amor, de ódio ou de culpa. Pensamentos e sentimentos lhes proporcionariam estabelecer uma “conexão” que independe da distância ou de outros obstáculos materiais eventualmente existentes.²⁵⁷

Mais tarde, ao escrever O Evangelho Segundo o Espiritismo, ele estabelece uma relação entre a oração e a “transmissão do pensamento”; pela oração o ser humano se comunica pelo pensamento com Deus ou com os espíritos. Combinando os conhecimentos da Física da sua época com o avanço que representava o lançamento do primeiro cabo de telégrafo submarino em

1851, ele elabora, então, uma breve explicação segundo a qual o pensamento seria “uma espécie de telégrafo universal, que liga todos os mundos e permite que os Espíritos se correspondam de um mundo a outro”. Deste modo, “o pensamento e a vontade representam em nós um poder de ação que alcança muito além dos limites da nossa esfera corporal”.

Dirigido, pois, o pensamento para um ser qualquer, na Terra ou no espaço, de encarnado para desencarnado, ou vice-versa, uma corrente fluídica se estabelece entre um e outro, transmitindo de um ao outro o pensamento, como o ar transmite o som. A energia da corrente guarda proporção com a do pensamento e da vontade. É assim que os Espíritos ouvem a prece que lhes é dirigida, qualquer que seja o lugar onde se encontrem; é assim que os Espíritos se comunicam entre si, que nos transmitem suas inspirações, que relações se estabelecem à distância entre encarnados.²⁵⁸

Apenas para evitar equívocos desnecessários, cabe destacar aqui que o termo “corrente fluídica”, embora fizesse parte dos conceitos utilizados pelos estudiosos da época, não faz mais sentido atualmente. Até a metade do século XIX a eletricidade e o magnetismo ainda eram cercados de mistério e imaginava-se que existia um fluido que se movia em uma ou outra direção, daí o uso de expressões como “fluido elétrico” ou “fluido magnético”. Com o desenvolvimento dos estudos na área da Física a ideia de “corrente” foi substituída pela de “propagação de onda”, de onde André Luiz cunhou o termo “onda mental”. Das mudanças tecnológicas obteve-se o termo “sintonia”, por analogia com o rádio e depois com a TV. Do mesmo modo, começa a entrar em uso atualmente o termo “conexão”, em referência aos novos dispositivos da era digital que se “conectam” uns aos outros à distância.

Nas décadas que se seguiram o tema passou a merecer um pouco mais de atenção por parte de outros pesquisadores, alguns dos quais procuravam dar continuidade ao trabalho de Kardec. Entre estes o engenheiro francês e espírita convicto, Gabriel Delanne (1857-1926) que, sob um olhar mais

científico, estabelecia agora uma relação entre “magnetismo” e hipnose. É assim que ele observa que

A transmissão do pensamento é um fenômeno que se opera do magnetizador ao magnetizado. Em certos casos, o magnetizador não tem necessidade de enunciar mentalmente sua vontade para se fazer obedecer; basta-lhe pensar e o sonâmbulo executa a ordem que recebeu, ou responde à pergunta que se lhe fez. Aqui pode conceber-se o que se passa. Estabelece-se, pela ação magnética, uma corrente fluídica entre os dois sistemas nervosos, de sorte que as vibrações emanadas do cérebro do magnetizador impressionam, de maneira sensível, o do magnetizado, e lhe fazem nascer no espírito, as mesmas ideias do operador.²⁵⁹

Ernesto Bozzano, o grande divulgador do Espiritismo na Itália, se apropria do vocábulo “ideoplastia”, cuja criação ele atribui ao jovem filósofo espiritualista Durand de Gros (1826-1900) que teria cunhado esse termo ainda no tempo de Kardec, em 1860. Por “ideoplastia” Bozzano quer referir-se à capacidade que a mente possui de atuar sobre a matéria atribuindo-lhe formas (plastos) mediante o simples ato de pensar (do grego, *ideo*). Ele usa esse conceito para explicar os fenômenos de materialização, cujo estudo estava muito em voga naquela época. Conforme ele entende, “a matéria fluídica exteriorizada pode modelar-se sob a influência de uma vontade assaz poderosa, tal como a argila nas mãos do escultor”. De seus estudos ele conclui que “a ideia diretriz nascida na subconsciência do médium, ou na vontade de uma entidade desencarnada, exterioriza-se numa forma fluídica correspondente, que atrai a si as moléculas do ectoplasma”, do que ele conclui que “a substância viva, exteriorizada, obedece à vontade do subconsciente do médium”.²⁶⁰

Ao contrário do experimentador William Crookes, que realizava ele mesmo suas observações, Bozzano se debruça sobre a vasta literatura sobre metapsíquica da sua época e procura elaborar, a partir desses estudos, as suas teorias. Sua ênfase recai, como ocorre com quase todos os pesquisadores do tema ainda hoje, em demonstrar nesses fenômenos a participação de um ente

real desencarnado, o espírito. Mas para isso é necessário admitir que, em meio aos fenômenos considerados autênticos, há também uma grande quantidade de ocorrências de natureza anímica, ou seja, que resultam da imaginação do médium, ou de alguma forma de expressão da sua subjetividade.

Em seus estudos Bozzano analisa, por exemplo, os relatos da sensitiva inglesa Annie Wood Besant (1847-1933), uma talentosa palestrante e prolífica autora da Teosofia, que havia publicado um livro cujo título era um tanto sugestivo para os seus estudos: Formas de Pensamento. A Teosofia é um movimento de conteúdo mais místico e filosófico que surgiu mais ou menos na mesma época que o Espiritismo, tendo se consolidado em 1888 com a publicação por Helena Blavatsky do livro A Doutrina Secreta.²⁶¹ Annie Besant, como uma de suas principais divulgadoras, escreve sobre sua experiência pessoal e explica que é pelo pensamento que o ser humano cria o próprio corpo, não apenas no sentido físico, mas sobretudo no sentido “astral”. Mas não apenas o seu corpo, como tudo aquilo que ele pensa e imagina, e que assume formas ao seu redor em outra dimensão.

Annie Besant explica assim o fenômeno:

Todo pensamento dá origem a uma série de vibrações que no mesmo momento atuam na matéria do corpo mental. Uma esplêndida gama de cores o acompanha, comparável às reverberações do sol nas borbulhas formadas por uma queda de água, porém com uma intensidade mil vezes maior. Sob este impulso, o corpo mental projeta para o exterior uma porção vibrante de si mesmo, que toma uma forma determinada pela própria natureza destas vibrações. Do mesmo modo, num disco coberto de areia se formam certas figuras sob a influência de uma nota de determinada música. Nessa operação mental se produz uma espécie de atração da matéria elemental do mundo mental, cuja natureza é particularmente sutil.²⁶²

Corroborando os estudos de Kardec no seu “Laboratório do Mundo Invisível”, ela chega a referir-se a uma espécie de “matéria” que existiria no

mundo espiritual, que ela chama de “mundo astral”.

Quando a energia do homem é dirigida para o exterior, para os objetos desejados por ele, ou é empregada em atos de emoção ou paixão, esta energia tem então por campo de ação uma espécie de matéria muito menos sutil que a do plano mental: a matéria do mundo astral.²⁶³

Aqui, o uso da palavra “energia” apresenta o mesmo sentido adotado por Kardec em sua obra, e tem o significado de “vontade” ou “empenho”. Annie Besant prossegue explicando que “a força e o poder com que penetram na mente de outra pessoa, dependem da força e da nitidez do pensamento original”. Traduzindo suas ideias mediante os conceitos da Física vigente na sua época, em um esforço por aplicar a lógica matemática a esse fenômeno, ela estima que o pensamento se irradia “mais do cubo do que do quadrado da distância”, como uma espécie de “corrente de pensamento”.²⁶⁴

Tivesse escrito seu livro algumas décadas mais tarde e ela talvez utilizasse a expressão “ondas de pensamento”, em vez de “corrente”. Os termos mudam com o tempo.

Assim como no Espiritismo, a preocupação da Teosofia também era de natureza ética, o que leva Annie Besant a explicar que “um coração puro e um espírito elevado são os melhores protetores contra o assalto dos pensamentos de ódio”. Assim, “um homem que pense fortemente em coisas elevadas, emitirá vibrações que levantarão o pensamento dos demais ao mesmo nível, porém, sem que neles reproduza a mesma imagem que lhe ocupe a mente”, concluindo que “todo homem que pensa em coisas elevadas faz um trabalho de propaganda (das ideias elevadas que cultiva) sem o saber.”²⁶⁵

Como argumento, Annie Besant estabelece comparações com fenômenos observados nas pesquisas realizadas no meio científico. Não é o caso de afirmar que sejam simplesmente metáforas, mas verdadeiras transposições de explicações de uma para outra realidade. Isso retira dessas explicações o caráter científico, já que uma explicação, para ser científica, deve ser aplicada apenas e exclusivamente àquela realidade observada. Uma vez

transposta, ela deixa de ser uma explicação científica e passa a ser uma ilação. E ela tem consciência disso, e por isso afirma que

estamos persuadidos da existência de fontes de inesgotáveis riquezas científicas no fato que acabamos de citar, conquanto ainda se precisem desenvolver pacientes investigações antes de se poder afirmar de maneira categórica o significado exato destes fenômenos.²⁶⁶

Também a Teosofia foi acusada de ser preconceituosa e racista, uma vez que os relatos de Annie Besant e de outros sensitivos associava cores escuras a sentimentos “negativos” e cores claras a sentimentos “nobres”. E cabe mesmo perguntar: estariam essas associações contaminadas de algum modo pela cultura dos sensitivos? Além do mais, como essas informações eram obtidas a partir da subjetividade dos sensitivos, como testá-las em situações controladas por alguém que não fizesse parte dessa cultura?

Mesmo assim, a partir desses relatos, e sem uma base empírica adequada, Bozzano conclui que

tudo contribui para demonstrar que a faculdade de tornar visível o pensamento é uma faculdade eminentemente espiritual, que, no decurso da existência corporal, emerge de modo rudimentar e esporádico nos médiuns e sensitivos, para se tornar faculdade normal no mundo espiritual, após a crise da morte.²⁶⁷

Ao mesmo tempo, na França, inclusive trocando correspondência com Bozzano, Charles Richet criava os termos “metapsíquica” e “ectoplasmia”, procurando consolidar o caráter científico desse conjunto de estudos e experiências. Richet não era espírita; seu interesse era voltado para o estudo e a experimentação dos fenômenos de ordem psíquica, o que representou uma grande contribuição no sentido de constituir oficialmente o campo de

estudos que Joseph Banks Rhine (1895-1980) denominaria nos anos 1930 de Parapsicologia.²⁶⁸

Nas décadas seguintes as questões relacionadas à mente e ao pensamento receberiam uma nova abordagem, agora por outro caminho que não o das pesquisas psíquicas. O médium mineiro Francisco Cândido Xavier, amante dos livros e da ciência, psicografa ao longo da década de 1940 a 1960 uma série de livros atribuídos ao espírito André Luiz nos quais o autor espiritual consolida os conhecimentos até então construídos pelos pesquisadores europeus. Nosso Lar é apresentado como uma imensa construção espiritual levada a efeito pelo trabalho mental (ideoplastia) de um grupo de espíritos portugueses que, desencarnando em terras brasileiras, estabelece aqui a sua cultura também na dimensão do espírito, um verdadeiro paraíso espiritual. Do mesmo modo, mediante as “formas-pensamentos” que arrojam de si em meio ao seu estado de perturbação, os espíritos em situação de sofrimento também elaboram, inconscientemente, “verdadeiros continentes de angústia, filtros de aflição e de dor, em que a loucura ou a crueldade, juguladas pelo sofrimento que geram para si mesmas, se rendem lentamente ao raciocínio equilibrado”. Essa a explicação que ele apresenta para a figura do “umbral”, uma espécie de região espiritual sombria que circunda a Terra, semelhante ao inferno da teologia católica.²⁶⁹

Embora afirme ter sido médico em sua última experiência na Terra, em alguns livros psicografados mais ao final da sua obra ele estabelece correlações da sua temática moral com assuntos da Física. O meio científico já havia assimilado a mudança imposta pelas teorias ondulatórias na virada do século, e André Luiz lança mão, então, desses novos conceitos para explicar agora as questões do espírito com base nas ideias de “campo mental” e “ondas de pensamento” cuja velocidade, ele afirma, “supera a da luz”, algo impossível nos domínios da matéria, segundo as demonstrações teóricas apresentadas em 1905 por Albert Einstein (1879-1955).

Se Kardec se referia a uma imaginada “corrente fluídica” mediante a qual os espíritos se “atraem” uns aos outros, ou em “irradir o pensamento”, nessa nova roupagem a mente é entendida como uma espécie de centro gerador de energia mental. Sob essa nova perspectiva, “toda mente é dínamo gerador de força criativa.”²⁷⁰

Mais ou menos em linha com as narrativas de Annie Besant, André Luiz afirma que “podemos arrojarmos de nós a energia atuante do próprio pensamento, estabelecendo, em torno de nossa individualidade, o ambiente psíquico que nos é particular”.²⁷¹ Não é outra a razão pela qual os espíritos mais elevados se veem constantemente cercados pelas “vibrações radiantes dos seus pensamentos, centralizados no santo objetivo do bem”, o que se exterioriza sob a forma de uma aura luminosa, em perfeita sintonia com a resposta à questão 88-a de O Livro dos Espíritos, segundo a qual o espírito tem uma coloração que “vai do colorido escuro e opaco a uma cor brilhante, qual a do rubi, conforme o Espírito é mais ou menos puro”.

Considerando-se toda célula em ação por unidade viva, qual motor microscópico, em conexão com a usina mental, é claramente compreensível que todas as agregações celulares emitam radiações e que essas radiações se articulem, através de sinergias funcionais, a se constituírem de recursos que podemos nomear por “tecidos de força”, em torno dos corpos que as exteriorizam.²⁷²

Integrando os diversos conceitos dos pesquisadores do Espiritismo do início do século, André Luiz estabelece comparações com o processo de transmissão de imagem pela TV, que era a novidade do momento, para demonstrar como o espírito atua no processo obsessivo, primeiramente criando em sua mente as “formas pensamentos” que estão em acordo com os sentimentos que cultiva, “instilando”, em seguida, essa imagem na mente da sua vítima mediante processos de hipnose. O obsessor, assim descrito, atua como um hipnotizador, consciente ou inconscientemente, governando a sua presa.²⁷³

Assim como os espíritos já sinalizavam a Kardec que “o amor é a lei de atração para os seres vivos e organizados”, André Luiz adverte também que “o ódio recíproco opera vigorosa imantação”.²⁷⁴ Cabe aqui destacar o sentido metafórico da palavra “imantação”, que se deve aos estudos do “magnetismo animal”, que ainda encontravam eco na época em que o livro foi escrito. Ao final André Luiz conclui que “estamos ainda longe de

conhecer todo o poder criador e aglutinante encerrado no pensamento puro e simples e, em razão disso, tudo devemos fazer por libertar os entes humanos de todas as expressões perturbadoras da vida íntima.”²⁷⁵

Ao apresentar o livro de André Luiz o espírito Emmanuel elabora uma visão de ser humano comparado agora a um “turbilhão eletrônico, regido pela consciência”, imerso em um “reino de ondas e raios, correntes e vibrações” constituído de ondas eletromagnéticas provindas de todas as direções.²⁷⁶

Os anos que se seguem marcam uma reviravolta nessa área de estudos, que despertam o interesse dos governos da União Soviética e dos Estados Unidos, os quais disputavam entre si a hegemonia política no planeta, sob a chamada Guerra Fria. Se o ser humano era detentor de algum tipo de poder mental, então era preciso compreender esse poder tendo em vista o seu uso militar. Obteria vantagem quem saísse na frente.

As revistas davam conta de experiências de telepatia realizadas pelas forças armadas dos Estados Unidos a bordo do submarino atômico Nautilus – negadas enfaticamente pelo governo norte americano – enquanto cientistas russos testavam a capacidade de dois sensitivos se comunicarem remotamente estando um deles em Moscou e o outro em Leningrado, duas cidades distantes uma da outra de 700 km, ambos em câmaras blindadas. Segundo as observações levadas a efeito, “a clareza com que chega o pensamento depende da capacidade de concentração do emissor”. O desafio era “apartar a telepatia do misticismo e averiguar como (ela) funciona.” Segundo o Dr. Leonid Vasiliev, que liderava o esforço soviético, “o descobrimento da energia implícita na ESP – percepção extrassensorial em inglês – equivalerá ao descobrimento da energia atômica”.²⁷⁷

O médium Wolf Messing, que participou das experiências soviéticas, comenta:

Poucos anos atrás nada se sabia sobre as ondas de rádio. Por que não poderia a telepatia trazer-nos milagres semelhantes? Surpreende-me que cientistas não percebam, ou não queiram perceber, que a telepatia está acontecendo a todo momento em suas próprias vidas. Eles se parecem com os sábios da

Idade Média que, temendo afastar-se das doutrinas de Aristóteles, se recusavam a admitir a existência da eletricidade, embora vissem relâmpagos a todo momento.²⁷⁸

Conforme já havia concluído Kardec em relação à mediunidade, poderia dar-se que todos manifestassem em alguma medida esse tipo de poder mental, e que ele fosse, até certo ponto, passível de desenvolvimento, mas, pelo que as informações disponíveis sugerem, essas pesquisas podem ter sido abandonadas não por falta de comprovação da existência dessa “energia mental”, mas pela dificuldade de estabelecer controle sobre o seu uso. As tentativas de uso militar deixaram claro que não era possível “fazer um médium como fazemos um bom circuito de rádio”, como seria desejável, e nem treinar uma pessoa sem uma aptidão prévia – neste caso os soldados ou funcionários dos governos – para acessá-lo de modo efetivo.

O fato de essa comunicação à distância verificar-se mesmo estando ambos os sensitivos em câmaras blindadas descarta a possibilidade de que essa possível “energia mental” – ou esse imaginado campo “bioenergético” – tenha algo a ver com ondas eletromagnéticas, como sugere André Luiz; ondas eletromagnéticas não atravessam esse tipo de barreira. É mais provável que essa expressão tenha sido utilizada apenas com a intenção de estabelecer uma analogia, na falta de uma linguagem mais adequada, mas sem nenhuma associação direta.

Os registros de eletroencefalograma mostram o momento exato em que a mente dos dois sensitivos estabelece contato, de modo simultâneo, não deixando dúvida de que há algo nesse sentido, mas, até o momento, “não dispomos de um instrumento, exceto um ser humano, capaz de registrar os nossos pensamentos” quando eles se conectam à distância.²⁷⁹

Estaríamos diante de um outro tipo de energia? A que nos levará um dia o estudo do pensamento, da mente, e da atuação mental à distância? Tornou-se moda tentar explicar essas situações mais complexas usando ideias como entrelaçamento e não localidade, originadas da Física quântica, ou os campos informacionais de Sheldrake, mas fica a dúvida se isso não é

substituir algo que não se compreende por algo que se compreende menos ainda, sem nenhuma possibilidade, até o momento, de comprovação.

O que temos de concreto pelas experiências de sensitivos e médiuns das mais variadas orientações metodológicas ou das diversas tradições espirituais é que parece existir, sim, alguma forma de energia mental até agora não identificada pelos métodos experimentais reconhecidos no meio científico, através da qual ocorre a telepatia, muito bem documentados mas, até agora, inacessíveis a alguma forma de experimentação. Na mesma direção, os inúmeros relatos sugerem também a existência de algum tipo de fluido de outra natureza que não a material, que tem sido chamado de energia biopsíquica ou ectoplasma; ou talvez sejam até mesmo dois tipos diferentes de fluidos, que não são constituídos de matéria, propriamente dita, e talvez como uma condensação dessa energia mental, assim como ocorre com a matéria até então conhecida.

O fato é que há ainda muitas questões sem resposta, que permanecem desafiando os pesquisadores da atualidade e do futuro, tanto do lado do Espiritismo quanto do da ciência.

254. Frederic Myers foi cofundador da Society for Psychical Research, de Londres.

255. Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, Introdução, item XVI. 54ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1981).

256. Ibidem, questão 455.

257. Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, questão 513. 54ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1981).

258. Idem. O Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. 27 item 10. 86ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1982).

259. Delanne, Gabriel. O Espiritismo Perante a Ciência, III Parte cap. II. 5ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (2006).

260. Bozzano, Ernesto. Pensamento e Vontade, 5ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (2000).
261. Blavatsky, Helena P. A Doutrina Secreta. Ed. Pensamento, São Paulo/SP (1973).
262. Besant, Annie W.; Leadbeater, C.W. Formas de Pensamento, cap. 1. Ed. Pensamento, São Paulo/SP (1969).
263. Ibidem.
264. Ibidem, cap. 2.
265. Besant, Annie W.; Leadbeater, C.W. Formas de Pensamento, cap. 2 e cap. VI item 3. Ed. Pensamento, São Paulo/SP (1969).
266. Ibidem, cap. 4.
267. Bozzano, Ernesto. Pensamento e Vontade, 5ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (2000).
268. Richet. Charles R. Tratado de Metapsíquica. Ed. Lake, São Paulo/SP (2008).
269. Xavier, Francisco C. Nosso Lar, pelo espírito André Luiz. 64ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (2019).
270. Idem. Ação e Reação, pelo espírito André Luiz, cap. 4 e 5. 18ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1997).
271. Idem. Nos Domínios da Mediunidade, pelo espírito André Luiz, cap. 1. 16ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1987)
272. Xavier, Francisco C. e Viera, Waldo. Evolução em Dois Mundos, pelo espírito André Luiz, cap. 17. 5ª Ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1979).
273. Idem. Ação e Reação, pelo espírito André Luiz, cap. 8. 18ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1997).

274. André Luiz em Missionários da Luz, cap. 12, e em O Livro dos Espíritos na questão 888-a, ambos já citados.
275. Xavier, Francisco C. Ação e Reação, pelo espírito André Luiz, cap. 4. 18ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1997).
276. Xavier, Francisco C. Nos Domínios da Mediunidade, Raios, Ondas, Médiuns, Mentas. 16ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1987).
277. Ostrander, Sheila e Schroeder, Lynn. Experiências Psíquicas Além da Cortina de Ferro, pag.27 e 55. 3ª ed. Cultrix, São Paulo/SP (1970).
278. Ostrander, Sheila e Schroeder, Lynn. Experiências Psíquicas Além da Cortina de Ferro, pag. 69. 3ª ed. Cultrix, São Paulo/SP (1970).
279. Ibidem.



Considerações finais

Qualquer pessoa que tenha se debruçado sobre a obra de Allan Kardec para um estudo detido e cuidadoso saberá reconhecer as inúmeras questões e abordagens que se traduzem por uma profunda sabedoria, quase um texto universal, aplicável a qualquer tempo nas mais diversas situações. Mas não deixará de reconhecer, também, que há algumas poucas questões e abordagens, aqui e ali, ao longo de toda a obra, que somente se explicam quando historicamente situadas, levando-se em conta a cultura e o contexto no qual foram produzidas. É o que explica um ou outro ponto em que o racismo estrutural da sociedade europeia falou mais alto na elaboração do argumento; ou que o machismo oitocentista se fez presente; ou que os

conceitos científicos e filosóficos da época delimitam os argumentos adotados, requerendo uma nova análise sob o olhar dos estudos que foram surgindo mais tarde nas várias áreas de saberes.

Mais que esses pontos específicos, é preciso compreender o propósito da obra, que fala por si mesma, e ressalta a intenção do autor – ou dos autores – que é a de unir ciência, filosofia e espiritualidade sob um mesmo olhar, numa época em que a religião perdia a sua hegemonia e que a filosofia e a ciência tentavam, como reação, estabelecer uma nova supremacia, ignorando os apelos espirituais que sempre moveram o ser humano na sua busca de respostas aos desafios do existir na Terra. Enquanto a ciência fincava as suas bases sobre o método materialista de análise e pretendia ser a única e suficiente referência para o conhecimento humano, Allan Kardec propunha uma aliança entre a ciência e a religião, de modo a assentar sobre a segurança do conhecimento científico a busca do espiritual e do sagrado na compreensão do mundo e da vida.

Kardec fez o que lhe foi possível dentro das condições que lhe eram dadas, e fez muito. Ao longo dos breves quatorze anos dedicados ao Espiritismo ele publicou 12 títulos, sendo 7 livros,²⁸⁰ 4 livretos e 1 catálogo de orientação para a fundação de uma biblioteca espírita, além de 136 edições mensais ininterruptas da Revista Espírita, cada uma delas contendo 20 páginas. Ele ainda realizou 6 viagens, sendo que a de 1862 durou sete semanas, passando por 20 cidades onde participou de mais de 50 reuniões, ou seja, no mínimo uma reunião por dia. Houve dias em que ele participou de mais de uma reunião, fora o tempo de deslocamento entre essas cidades nas condições adversas da época que, certamente, exigia uma combinação de trechos já contemplados pelas modernas ferrovias recém-inauguradas com outros ainda cobertos por veículos de tração animal, como as carruagens e charretes.

O Espiritismo mostrou-se não apenas uma fonte de compreensão espiritual do mundo e da vida, mas também uma fonte de esperança e de consolo para milhões de pessoas, descortinando a continuidade do amor além da vida e a fatuidade da palavra morte, agora desprovida de sentido. Ao mesmo tempo, constituiu-se em uma nova possibilidade de vivência da espiritualidade sem a prisão dos dogmas religiosos, dispensando a ritualidade e unindo a racionalidade à fé. Impulsionada por essa nova visão de mundo, começa a surgir uma vasta literatura, dos mais variados matizes, motivando uma rica

produção de conteúdo espiritual no mundo das artes, do cinema, da música, facilitando ao ser humano mais amplo acesso à sua realidade de espírito imortal.

É do espírito Emmanuel, já na primeira metade do século XX, a representação que coloca a ciência e a filosofia como os vértices que servem de base a um triângulo cujos lados se erguem para formar o vértice superior, representado pela religião. Essa figura traduz de maneira singular o propósito kardequiano de proporcionar ao pensamento humano uma compreensão mais elevada da vida com base na solidez da ciência e da filosofia.

No seu aspecto científico e filosófico, a doutrina será sempre um campo nobre de investigações humanas, como outros movimentos coletivos, de natureza intelectual, que visam o aperfeiçoamento da Humanidade. No aspecto religioso, todavia, repousa a sua grandeza divina, por constituir a restauração do Evangelho de Jesus-Cristo, estabelecendo a renovação definitiva do homem, para a grandeza do seu imenso futuro espiritual.²⁸¹

O livro *O Consolador*, publicado em 1940, representou uma primeira tentativa de agregar à obra kardequiana os novos conhecimentos que se esboçavam nas diferentes áreas do conhecimento científico, entretanto, em vez do método do consenso entre os espíritos através de diferentes médiuns, conforme adotado por Kardec, ele trazia respostas do espírito Emmanuel às indagações dos participantes de uma reunião mediúnica, ou mesmo de pessoas distantes que as enviavam a eles, através do médium Chico Xavier.

Do alto de sua experiência de sacerdote católico, Emmanuel começa por situar as questões sobre ciência logo na primeira parte do seu livro, mas sem se deter, esclarece ele, “no exame técnico” dos diversos assuntos, já que não é um cientista. Com isso ele reafirma o propósito kardequiano de união entre ciência e espiritualidade. Sua intenção é buscar “tão somente a luz espiritual que se irradia de todas as coisas e o ascendente místico de todas as atividades do espírito humano.” A segunda parte é dedicada à perquirição

filosófica, fornecendo, ambas, a base segura para a construção do “edifício religioso da humanidade”, do que ele tratará na terceira e última parte.

Kardec lançou as bases; inúmeros pesquisadores lhe deram seguimento e uma legião de outros médiuns trouxeram também a sua contribuição ao edifício do pensamento espírita. Cabe aos estudiosos de agora aprofundar as discussões e análises buscando estabelecer abordagens consistentes com os problemas que se descortinam na atualidade, e que não são nem de longe parecidos com aqueles de 160 anos atrás.

Para contribuir efetivamente nesse novo tempo Luiz Signates pontua que será necessário deixar de enxergar o Espiritismo como uma verdade com “V” maiúsculo e aprender a vê-lo como uma parte importante do conhecimento humano, como uma consistente proposta construída no cotidiano da busca humana pelo entendimento da vida e do mundo que nos rodeia.²⁸²

Jeni Vaitsman observa que nesse novo modo de compreender e de explicar o mundo,

Perderam legitimidade os discursos totalizantes e universalistas. A ciência hoje não mais pretende um projeto unificador, seus discursos tornaram-se mais cautelosos ao afirmar suas verdades, ou, ainda mais radicalmente, renunciaram a estabelecer qualquer forma de verdade, ainda que provisória.²⁸³

Isso implica em abandonar no Espiritismo qualquer manifestação de apego à forma, ou à letra das suas obras estruturais, qualquer discurso de verdade inquestionável, qualquer pretensão universalista, para que ele possa afirmar-se cada vez mais como conhecimento em construção, como parte de uma sociedade extremamente plural, diversificada e complexa, sem qualquer pretensão de supremacia ou exclusividade.

Há muito o que ser estudado ainda no Espiritismo sob o olhar da ciência e da filosofia que se estabeleceram ao longo do século XX, nem sempre adequadamente apropriadas pelo discurso espírita. A maior parte da nova literatura foi quase sempre produzida mediante o recurso da mediunidade, mas sem a análise racional baseada no método do consenso proposto por Kardec. Se neste breve esforço analisamos tão somente a primeira parte de O Livro dos Espíritos, as partes seguintes representam um desafio ainda maior pela extensão das questões que abarcam.

A Psicologia constituiu-se efetivamente como ciência, descortinando o universo da psiquê humana, enquanto a Sociologia possibilitou maior clareza na compreensão dos fenômenos sociais. A Ecologia trouxe à tona questões ambientais que não se constituíam ainda em objeto de preocupação no século XIX, ao mesmo tempo em que a Antropologia proporciona hoje um novo olhar sobre os fenômenos culturais e sobre a diversidade que caracteriza a vida no planeta Terra. Emergem questões geopolíticas que não estavam ainda claramente colocadas na época de Kardec; hoje há grupos econômicos de atuação global que controlam governos de diversos países mediante a manipulação da informação, a ingerência política ou mesmo as intervenções militares tendo em vista a manutenção das condições de exploração comercial que lhes sejam favoráveis.

Sobre todas essas questões o Espiritismo pode lançar luz na medida em que agrega aos elementos materiais de análise a perspectiva do espírito, ajudando a compreender o mundo enquanto sociedade constituída nas duas dimensões da existência. Nos dizeres de Kardec, é no ponto onde a ciência se detém que o Espiritismo prossegue, ampliando o horizonte das explicações e do entendimento humano. Mas para atender a esse desafio será preciso perder o receio de aventurar-se na busca do novo, de arriscar-se na elaboração de novas abordagens. Em vez de fechar-se na clausura dos seus postulados, será necessário abrir-se para a indagação, para o diálogo inter-religioso e transdisciplinar, transformando todas as tradições espirituais – inclusive a sua própria, embora recente – em material de estudo e reflexão.

Para isso será preciso retomar o espírito crítico da doutrina, base fundamental do método de Kardec, sem o receio de enganarem-se os seus pesquisadores em um ou outro ponto ainda em estudo, correndo o risco do equívoco e desenvolvendo a humildade do aprendiz que elabora e reelabora

o argumento quantas vezes for preciso, insistindo na busca da melhor explicação. Da célebre sentença atribuída a Jesus, “conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”, pode-se deduzir o caráter libertador do conhecimento. Mediante o conhecimento o homem se liberta das amarras que o prendem aos dogmas e a toda e qualquer forma de obscurantismo, seja científico, seja religioso.

É esse espírito que possibilitará ao estudante e ao pesquisador a tranquilidade de considerar com Kardec que, diante de qualquer novo conhecimento, de qualquer nova abordagem, a Doutrina Espírita dirá sempre: “se tenho razão, os outros acabarão por pensar como eu; se estou errada, acabarei por pensar como os outros”.²⁸⁴

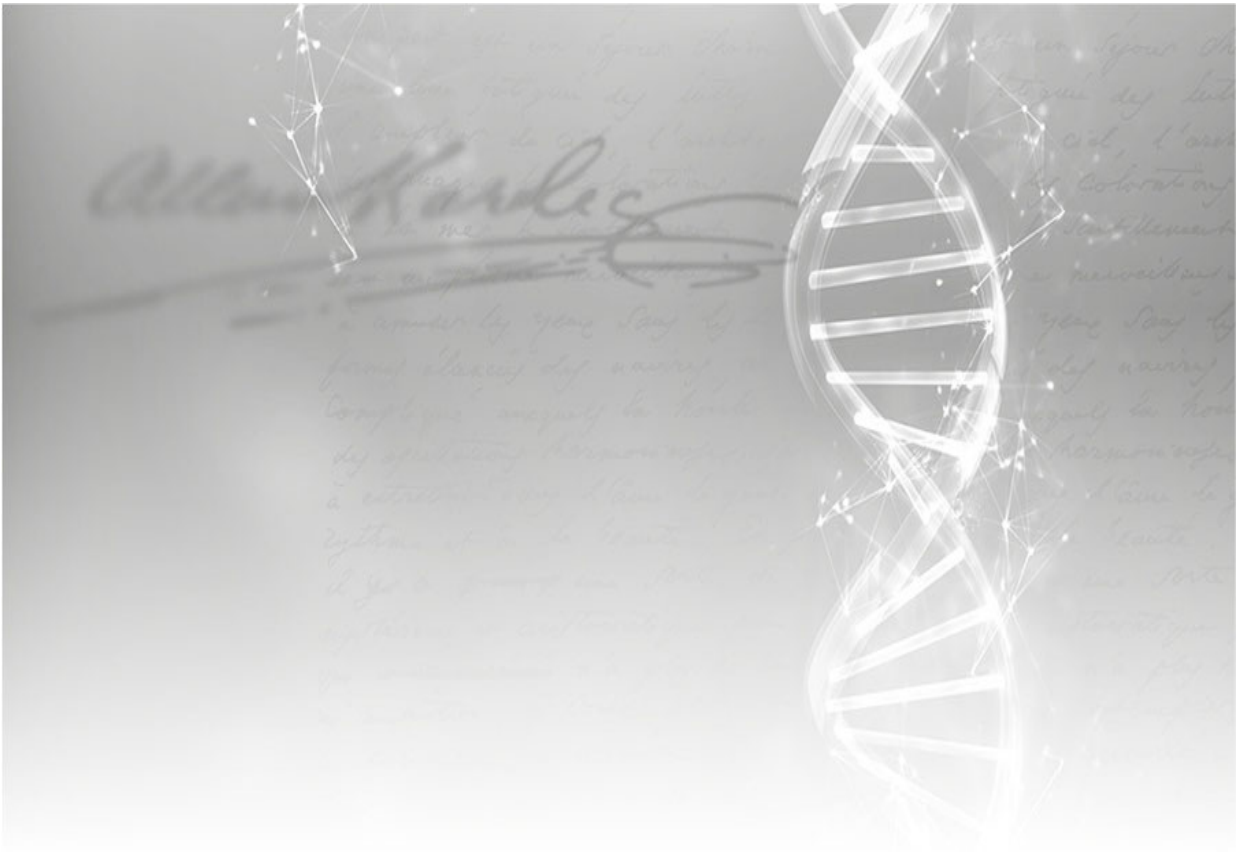
280. Como livros estão sendo considerados os cinco que formam o pentateuco, o livro que contém os relatos da viagem realizada em 1862 e a primeira edição de O Livro dos Espíritos, considerada como publicação distinta, uma vez que foi inteiramente reformulada para a segunda edição. Não se incluiu nessa contagem o livro Obras Póstumas, que se constitui em uma coletânea de textos e anotações do arquivo pessoal de Kardec.

281. Xavier, Francisco C. O Consolador, Apresentação. Ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1977).

282. Signates, Luiz A. Revista eletrônica Espiritualidade e Sociedade, disp em www.espiritualidades.com.br em 08/01/2018.

283. Vaitsman, Jeni. Subjetividade e Paradigma do Conhecimento, in Bol. Técnico do SENAC, ano 1995 v.21 n°2.

284. Kardec, Allan. Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos, Dez/1868. Ed. IDE, Araras/SP.



Bibliografia

ABREU, Canuto de. O Primeiro Livro dos Espíritos, texto bilíngue. Cia. Editora Ismael, São Paulo/SP (1957).

AMORIM, Deolindo. Allan Kardec. 4ª ed. pelos Instituto Maria e Instituto de Cultura Espírita, Juiz de Fora/MG (1981).

ARISTÓTELES. Sobre a alma. Obras Completas, Biblioteca dos Autores Clássicos, Univ de Lisboa, Lisboa (2010).

BERRY, Andrew. Infinite Tropics - An Alfred Russel Wallace Anthology. Ed. Verso, de Londres (2002).

Bíblia de Jerusalém. Ed. Paulus, São Paulo/SP (2008).

Bíblia Sagrada, trad. João Ferreira de Almeida, JUERP/Impr. Bíblica Brasileira, São Paulo/SP (1997).

BOZZANO, Ernesto. Pensamento e Vontade, ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1991).

CARREIRO, Antonio A. Hipnose: Mítica, Filosófica e Científica. Ed. JM, Salvador/BA (2012).

Comte, Auguste. Curso de filosofia positiva; Catecismo positivista. 2ª ed. Abril Cultural, São Paulo/SP (1983).

Darwin, Charles. A expressão das emoções no homem e nos animais, pag. 44. Ed. Cia das Letras, São Paulo/SP (2000).

Dellane, Gabriel. O Espiritismo Perante a Ciência. 5ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (2006).

Denis, Léon. No Invisível. 8ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1977).

Denis, Léon. O Gênio Céltico e o Mundo Invisível, Ed. CELD, Rio de Janeiro/RJ (1995).

Descartes, René. Discurso do Método, em Os Economistas. Ed. Abril, São Paulo/SP 1980).

Descartes, René. Meditações – Meditação Terceira em Os Economistas. Ed. Abril, São Paulo/SP (1980).

Doyle, Arthur C. História do Espiritualismo. Ed. FEB, Rio de Janeiro, RJ (2013).

Figueiredo, Paulo C. Mesmer – A ciência negada e os textos escondidos. Ed. MAAT, São Paulo/SP (2000).

Figueiredo, Paulo H. Revolução Espírita. Ed. MAAT, São Paulo/SP (2016).

Flamarion, Camille. Deus na Natureza. Ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1990).

Foucault, Michel. A Verdade e as Formas Jurídicas. NAU Editora, Rio de Janeiro/RJ (1999)

Franco, Divaldo P. Espírito e Vida, pelo espírito Joanna de Ângelis. 5ª ed. Sabedoria, Belo Horizonte/MG (1991).

Gardner, Howard. Estruturas da Mente – A Teoria das Inteligências Múltiplas. Ed. Artmed, Porto Alegre/RS (1994).

Goldfarb, Ana M. A. Da Alquimia à Química. Ed. EDUSP, São Paulo/SP (1987).

Goleman, Daniel. Inteligência Emocional, Ed. Objetiva, São Paulo/SP (1997).

Goswami, Amit. A física da alma. ALEPH, São Paulo/SP (2005).

Hawking, Stephen. Uma Breve História do Tempo. Ed. Intrínseca, Rio de Janeiro/RJ (2015).

Hipona, Agostinho de. Confissões – Coleção Os Pensadores, Ed. Abril, São Paulo/SP (1978).

Hobsbawn, Eric J. A Era do Capital (1848-1875). 10ª ed. Paz e Terra, São Paulo/SP (2004).

Incontri, Dora. Para Entender Allan Kardec. Ed. Lachâtre, Bragança Paulista/SP (2004).

Kant, Immanuel. Escritos pré-críticos, pag. 188. UNESP, São Paulo, SP (2005).

Kardec, Allan. A Gênese, trad. Guillon Ribeiro. 26ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (2004).

Kardec, Allan. A Gênese, traduzida da 3ª edição francesa por Carlos Imbassahy. Arquivo em pdf disponível em 15/06/2019 no link <https://www.kardecpedia.com/obra/15>.

Kardec, Allan. O Primeiro Livro dos Espíritos, trad. Canuto de Abreu. Cia. Editorial Ismael, São Paulo/SP (1957). Arquivo em pdf disponível em 14/12/2018 no link www.bvespírita.com.

Kardec, Allan. O livro dos Espíritos, trad. Guillon Ribeiro. 54ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1981).

Kardec, Allan. O livro dos Espíritos, trad. Maria Lúcia A. Carvalho. Ed. CELD, Rio de Janeiro/RJ (2011).

Kardec, Allan. O livro dos Espíritos, trad. Herculano Pires. 8ª ed. FEESP, Rio de Janeiro/RJ (1995).

Kardec, Allan. O Céu e o Inferno, trad. Guillon Ribeiro. 24ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1977).

Kardec, Allan. O Evangelho Segundo o Espiritismo, trad. Guillon Ribeiro, 86ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (2011).

Kardec, Allan. O Livro dos Médiuns, trad. Guillon Ribeiro. 80ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (2011).

Kardec, Allan. Obras Póstumas, 26ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1993)

Kardec, Allan. Revista Espírita - Jornal de Estudos Psicológicos, edições de 1858 a 1869. Ed. EDICEL, São Paulo/SP.

Kardec, Allan. Revista Espírita - Jornal de Estudos Psicológicos, edições de 1858 a 1869. Ed. IDE, Araras, SP.

Kardec, Allan. Revista Espírita - Jornal de Estudos Psicológicos, edições de 1858 a 1869. Ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ.

Kardec, Allan. Viagem Espírita de 1862. 2ª ed. O Clarim, Matão/SP (1981).

Kuhn, Thomas. A Estrutura das Revoluções Científicas. 9ª ed. Perspectiva, São Paulo/SP (2006).

Maior, Marcel S. Kardec, A biografia. Ed. Record, Rio de Janeiro/RJ (2013).

Maury, Jean-Pierre. Newton e a Mecânica Celeste. Ed. Objetiva, São Paulo/SP (2008).

MENEZES JR, Francisco B de; MORAES, Elias I, org. Além das Diferenças II – Espiritismo e Diversidade Social, Ed. Aephus, Goiânia/GO (2018).

Mesmer, Franz A. Dissertação sobre a descoberta do Magnetismo Animal, trad. Walmor João Piccinini. Disponível na Revista Eletrônica Psychiatry on line Brasil em 22/10/2019.

Mesmer, Franz A. Mémoire de F. A. Mesmer... sur ses découvertes. Original disponível no site da Bibliothèque nationale de France em 29/11/2019.

Miranda, Hermínio C. Swedenborg – Uma análise crítica. Ed. CELD, Rio de Janeiro/RJ (1991).

MORAES, Ângela T. Aportes teórico-metodológicos para análise de discursos polêmicos em interações comunicativas, in Estudos Contemporâneos em Jornalismo – coletânea, UFG/FIC, Goiânia/GO (2018).

Nascimento, Otaciro R. Das Causas Primárias – O Livro dos Espíritos em sua primeira parte e a Ciência de Hoje. Ed. Feego, Goiânia/GO (2015).

Ostrander, Sheila; Schroeder, Lynn. Experiências Psíquicas Além da Cortina de Ferro. 3ª ed. Cultrix, São Paulo/SP (1970).

Paulo, Margarida N. Indagação sobre a imortalidade da alma em Platão. EDIPUCRS, Porto Alegre/RS (1996).

Pires, J. Herculano. A Agonia das Religiões. 5ª ed. Paideia, São Paulo/SP (2000).

Pires, J. Herculano. O Espírito e o Tempo. 4ª ed. Paideia, São Paulo/SP (2003).

Platão. A República, livro VII. Trad. Carlos Alberto Nunes, 3ª ed. EDUFPA, Belém/PA (2000).

Popper, Karl. A Lógica da Pesquisa Científico, Ed. Cultrix, São Paulo/SP (1993).

Prigogine, Ilya. O Fim das Certezas – Tempo, Caos e as Leis da Natureza. Ed. UNESP, São Paulo/SP (1996).

Remond, René. O Século XIX – Introdução à História do Nosso Tempo. Ed. Cultrix, São Paulo/SP (1974).

São Tomás de Aquino. Suma Teológica. Coleção completa em 5 volumes. Ed. Ecclesiae, São Paulo/SP (2009).

Schultz, Duane P.; Schultz, Sydney E. História da Psicologia Moderna. Ed. Thomson Learning, São Paulo/SP (2007).

Sheldrake, Rupert. Ciência Sem Dogmas: A Nova Revolução Científica e o Fim do Paradigma Materialista. Ed. Cultrix, São Paulo/SP (2014).

Saint Simon, Claude-Henri de. Nouveau Chistianisme. Arquivo pdf do original disp. em 15/08/2019 no site do Instituto Nacional da Língua Francesa.

Souza, Hebe L. Darwin e Kardec – Um diálogo possível. Ed. Allan Kardec, Campinas/SP (2007).

Sousa, Marcelo J. O Espiritismo entre a Ciência e a Religião do Século XIX. UFPR/Depto de História (2004).

Stevenson, Ian. 20 casos sugestivos de reencarnação. Ed. Edicel, São Paulo/SP (1970).

Swedenborg, Emanuel. Os Arcanos Celestes. Ed. Soc. Religiosa Nova Jerusalém, Rio de Janeiro/RJ (1979).

Ubaldi, Pietro. A Grande Síntese. 11ª ed. LAKE, Rio de Janeiro/RJ (1979).

Velho, Guilherme. Psicografia – Casos Investigados. Edição independente, Recife/PE (2017).

Wantuil, Zêus; Thiesen, Francisco. Allan Kardec o educador e o codificador. 2ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (2004).

Weiss, Brian L. Muitas Vidas, Muitos Mestres. 31ª ed. Sextante, Rio de Janeiro/RJ (1998).

Xavier, Francisco C. A Caminho da Luz, pelo espírito Emmanuel. 26ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1996).

Xavier, Francisco C. Ação e Reação, pelo espírito André Luiz. 18ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1997).

Xavier, Francisco C. Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho, pelo espírito Humberto de Campos. 12ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1979).

Xavier, Francisco C. e Viera, Waldo. Evolução em Dois Mundos, pelo espírito André Luiz. 5ª Ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1979).

Xavier, Francisco C. Emmanuel, pelo espírito Emmanuel. 9ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1981).

Xavier, Francisco C. Falando à Terra, por espíritos diversos. Ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (2010).

Xavier, Francisco C. Missionários da Luz, pelo espírito André Luiz. 12ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1979).

Xavier, Francisco C. Nos Domínios da Mediunidade, pelo espírito André Luiz. 16ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1987)

Xavier, Francisco C. Nosso Lar, pelo espírito André Luiz. 64ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (2019).

Xavier, Francisco C. O Consolador, pelo espírito Emmanuel. 7ª ed. FEB, Rio de Janeiro, RJ (1977).

Xavier, Francisco C. e Vieira, Waldo. O Espírito da Verdade, por espíritos diversos. 4ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ (1982).

Zimmer, Heinrich. Filosofias da Índia, compilado por Joseph Campbell. Ed. Palas Athena, São Paulo/SP (1997).

Artigos e Dissertações

Arribas, Célia da G. Afinal, Espiritismo é Religião? Diss. Doutorado USP, São Paulo/SP (2008).

Barros, José D. Charles Fourier, os falanstérios e a crítica da civilização industrial. RIPS - Revista de Investigaciones Políticas y Sociológicas, vol. 15 nº 2 de 2016 da Universidade de Santiago de Compostela.

Brooks, Alison Wood. As emoções e a arte da negociação, in Harvard Business Review Brasil de 04/12/2015.

Carvalho, Eduardo C. e Prestes, Maria E. B. Lazzaro Spallanzani e a Geração Espontânea: os experimentos e a controvérsia. Revista da Biologia, 2012 pag. 1-6. USP, São Paulo/SP.

Chagas, Eduardo F. A Religião em Feuerbach – Deus não é Deus, mas o homem e/ou a natureza divinizados. disponível em www.marxismo21.org em 13/01/2017.

Damásio, Antônio. Revista Veja, entrevista publicada na edição de 29/06/2013. Ed. Abril, São Paulo/SP.

Gregório, Sérgio Biagi. Iluminismo e Espiritismo. Centro Espírita Ismael, disp em 07/02/2019 em <https://se-novaera.org.br/iluminismo-e-espiritismo/>

Lourenço, Eduardo Augusto. O Iluminismo e seu reflexo no Espiritismo. Artigo disponível em 16/12/2017 em www.oconsolador.com.br

Munanga, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. Revista Inclusão Social, UFMG, Disponível em 01/06/2019 em <https://www.ufmg.br/inclusaosocial/?p=59>

Nogueira, Salvador; Garattoni, Bruno. Vida Artificial, publicado na revista Superinteressante de Out/2016.

Piccinini, Walmor J. Mesmer, Mesmerismo e História da Psicoterapia. Revista Eletrônica Psichiatry on line Brasil, nº 22 nov/2017.

Pimentel, Marcelo G. As investigações dos fenômenos Psíquicos/Espirituais no século XIX: Sonambulismo e Espiritualismo, 1811-1860. Revista eletrônica História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v.23 N.4 out-dez/2016, Rio de Janeiro/RJ.

Saraiva, Deise M.A.L. “Preto-Velho, Pai João”: Representação da Escravidão no Romance Espírita Senzala (1976), pag. 113. UFPE, Recife/PE (2015).

Seidengart, Jean in A evolução das ideias cosmológicas de Kant em seus últimos escritos. Rev. Educação e Filosofia, v.27 n.especial 2013. Uberlândia/MG.

Silva, Eduardo C. Desenvolvimento de Transdutor Baseado na Fase da Magnetoimpedância Gigante para Medição de Campos Magnéticos. Diss. Mestrado em Metrologia na PUC/RJ em 2010.

Vaitsman, Jeni. Subjetividade e paradigma do conhecimento, Bol. Técnico do SENAC ano 1995 v.21 n° 2.

Waisse, Silvia. E outras. Raízes do Vitalismo Francês: Bordeu e Barthez, entre Paris e Montpellier. Rev. História, Ciência e Saúde Manguinhos, vol. 18 n° 3 Jul/Set 2011. Fiocruz, Rio de Janeiro/RJ.

Xavier, Ademir. Como se deve entender a relação entre o Espiritismo e a Ciência. Rev. virtual Espiritualidade e Sociedade, disp. em 22/03/2019 no site www.espiritualidades.com.br.

Websites

Editorial da Revista Eletrônica O Consolador, Fev/2012. Disponível em 23/01/2018 no endereço <http://www.oconsolador.com.br/ano5/248/editorial.html>

Jornal Folha de São Paulo edição de 14/07/2019 e 15/10/2010.

Lucchetti, Giancarlo; Daher, Jorge C; e outros. Aspectos históricos e culturais da glândula pineal: comparação entre teorias fornecidas pelo

Espiritismo na década de 1940 e a evidência científica atual, ano 2013 v.34 pag. 745-755. Neuroendocrinology Letters.

Portaria 849 do Ministério da Saúde publicada no DOU de 28/03/2017.

Procedimento Administrativo nº 1.14.000.000835/2006-12 do MP/BA.

Revista Galileu de 09/05/2018 da Ed. Globo, São Paulo/SP. Disponível em 27/03/2019 em <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2018/05/o-ultimo-artigo-de-stephen-hawking-vai-derreter-o-seu-cerebro.html>

Sampaio, Jader R. Mesmerismo e Espiritismo. disp. em 29/01/2017 em www.autoresespiritasclassicos.com

Signates, Luiz A. entrevista em Rev Eletr Espiritualidade e Sociedade. Disp. em 12/08/2019 no site www.espiritualidades.com.br

Xavier, Ademir. Será que Kardec leu Darwin? Disponível em 07/12/2018 em <http://eradoespirito.blogspot.com/2013/11/sera-que-kardec-leu-darwin.html>

Outras publicações da Aephus



Ciência, Espiritismo e sociedade: Coletânea 2

Coletânea de artigos produzidos para o II Fórum de Pesquisa Filosófica e Social sobre o Espiritismo, promovido pela Aephus em 2019. Temas: a produção literária de Chico Xavier, a novela Espelho da Vida, o caso João de Deus, a pedagogia de Eurípedes Barsanulfo, espiritismo e materialismo, a ancestralidade dos males morais, segurança alimentar, justiça social, sociologia espírita, o mal banalizado no movimento espírita brasileiro, caridade e salvação (pdf gratuito na página da Aephus).



Ciência, Espiritismo e sociedade: Coletânea 1

Reflexões que articularam o conhecimento espírita nas áreas de ciências sociais, filosofia, literatura, comunicação e terapia. Os artigos foram apresentados durante o I Fórum do Pensamento Social Espírita, em Goiânia, no ano de 2018 (pdf gratuito na página da Aephus).



Além das Diferenças II: Espiritismo e Diversidade

Livro que reúne artigos de diversos autores a respeito de feminismo, homoafetividade, gênero, gestão de conflitos, unificação, diálogo inter-religioso, diferentes pontos de vista doutrinários, punição e justiça divina, assistencialismo e promoção social. Este livro marcou a entrada da Aephus no segmento editorial (pdf gratuito na página da Aephus).

www.aephus.org.br

Sobre o autor

Elias Inácio de Moraes nasceu em 1957 filho de Ambrozino Inácio de Moraes, que foi uma importante liderança espírita na região do Vale do São Patrício.

Participou desde a primeira infância de atividades de Evangelização Infantil, mais tarde, da Mocidade da FEEGO, instituição onde sempre colaborou, inclusive sendo por duas vezes diretor de área. Ajudou a fundar em 1983 a Fraternidade Espírita, na Vila Mutirão, em Goiânia, tendo sido seu primeiro presidente, e desde então colabora ativamente nas atividades da instituição, em particular nos estudos doutrinários e no Apoio Pedagógico às crianças da comunidade.

Sua formação acadêmica é um tanto diversificada, e inclui um curso de Física não concluído na UFG, uma graduação em Administração de Empresas na PUC/GO, especializações em diversas áreas relacionadas ao seu trabalho na Caixa Econômica Federal e, por último, um mestrado em Sociologia, quando já era professor universitário na Universidade Salgado de Oliveira.

Atualmente dedica-se por inteiro às atividades relacionadas à Fraternidade Espírita, à AEPHUS – Associação Espírita de Pesquisas em Ciências Humanas e Sociais e à FEEGO – Federação Espírita do Estado de Goiás, além de manter um blog, páginas no Facebook e um canal no YouTube intitulados Fronteiras do Pensamento Espírita.